

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – IFCHS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA
– PPGSCA

**Práticas corporais e sexualidade: erotismo e sedução em mulheres comerciárias de
Manaus**

Manaus – Amazonas
2018

JEANNE CHAVES DE ABREU

**Práticas corporais e sexualidade: erotismo e sedução em mulheres comerciárias de
Manaus**

Tese de doutorado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia do Instituto de Filosofia Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para obtenção do título de doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia. Linha de pesquisa: Sistemas Simbólicos e Manifestações Socioculturais, sob a orientação da Professora Doutora Iraildes Caldas Torres.

Manaus – Amazonas
2018

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

A162p Abreu, Jeanne Chaves de
Práticas corporais e sexualidade: erotismo e sedução em
mulheres comerciárias de Manaus / Jeanne Chaves de Abreu. 2018
180 f.: 31 cm.

Orientadora: Iraildes Caldas Torres
Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. Mulheres comerciárias. 2. Falácia. 3. Sexualidade e erotismo.
4. Amazônia. I. Torres, Iraildes Caldas II. Universidade Federal do
Amazonas III. Título

JEANNE CHAVES DE ABREU

Práticas corporais e sexualidade: erotismo e sedução em mulheres comerciárias de Manaus

Tese de doutorado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia do Instituto de Filosofia Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para obtenção do título de doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia. Linha de pesquisa: Sistemas Simbólicos e Manifestações Socioculturais, sob a orientação da Professora Doutora Iraildes Caldas Torres.

Aprovada em 05/10/2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Iraildes Caldas Torres (Presidente)
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Prof^ª. Dra. Artemis de Araújo Soares (Membro)
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Prof. Dr. Harald Sá Peixoto Pinheiro (Membro)
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Prof. Dr. Ricardo Gonçalves Castro (Membro)
Faculdade Salesiana Dom Bosco – FSDB

Prof^ª. Dra. Solange Pereira do Nascimento (Membro)
Universidade do Estado do Amazonas – UEA

Dedicatória

- Dedico aos meus falecidos pais, Arlindo do Valle Chaves e Ceres Prudente Chaves, que sempre me incentivaram na dedicação aos estudos em épocas difíceis da nossa vida familiar. Com certeza, estariam orgulhosos da filha caçula;
- Ao meu irmão, Jander Prudente Chaves, que Deus levou prematuramente para morar em sua companhia;
- À minha irmã primogênita, Janete Chaves Lima, por ter me ensinado as primeiras letras, fazendo nascer em mim o prazer pela leitura.

AGRADECIMENTOS

Por seis anos e meio estive envolta com a pesquisa de gênero e sexualidade. Primeiramente, como aluna do mestrado e, na sequência, do doutorado. Foram quatro anos de sacrifícios e, também, de vitórias. E, a vitória principal está presente nessas páginas. Para conquistarmos a vitória e minimizarmos os sacrifícios advindos de todos os percalços que se apresentam no decurso da feitura da tese, contamos sempre com a ajuda de “anjos”. Quem são os “anjos”? São todos aqueles que nos empurraram para frente no momento em que o caminho mostrava-se cheio de pedras e obstáculos. São aqueles que nos levantaram no momento da quase desistência. São aqueles que, no momento de angústia, cederam seu tempo para nos enviar uma palavra de conforto. São aqueles ainda, que nos jogaram a corda quando já estávamos quase submergindo no fundo do poço. São inúmeras as pessoas que nos auxiliaram a chegar até esse momento. Elencá-los é quase impossível. No entanto, aproveito para agradecer aos seres especiais que estiveram bem próximos, dando-me a benção, a mão, o ombro, o colo e o abraço.

Agradeço, principalmente:

À Deus, por me proteger e me prover de saúde na árdua caminhada, na trilha do conhecimento;

À minha orientadora, Professora Doutora Iraildes Caldas Torres, concedo um deferimento especial, pelas palavras de incentivo e apoio, em todos os momentos da jornada;

À Professora Doutora Artemis de Araújo Soares, pelas palavras de encorajamento nos momentos em que eu fraquejava; por suas contribuições, por ocasião do exame de qualificação; e, principalmente, por me indicar os caminhos dos estudos do corpo e do movimento;

Aos Professores Doutores Harald Sá Peixoto Pinheiro e Ricardo Gonçalves Castro por suas orientações e norteamentos da pesquisa, por ocasião do exame de qualificação;

Ao meu esposo, Jefferson Oliveira, por compreender os choros e lamentações, quando nos momentos em que os prazos se esgotavam, eu entrava em desespero. Ele, com extrema paciência, me acalmava;

Ao meu filho, Anderson Bruno, que em meio ao seu pouco entendimento, compreendia que a mamãe precisava de silêncio e paz para produzir;

Aos meus filhos, Paula Karynne, Jean Marcelo e Andrey Michell, que mesmo afastados, lembravam de enviar uma palavra de incentivo;

Às mulheres comerciárias do Centro de Manaus, almas deste estudo, pela sinceridade e seriedade com que expuseram suas experiências de vida, num gesto de grande confiança em mim;

À Universidade do Estado do Amazonas, minha Instituição de trabalho, por conceder alguns dias de afastamento quando o calendário apertava e a entrega do projeto era emergente;

Às diletas amigas e companheiras de jornada, Karla Patrícia, Cinthia e Nara Falcão, que não mediram esforços em auxiliar-me com a cessão de um ou outro material de estudo, livros, textos e apontamentos; assim como, enviar palavras de incentivo e força para a finalização da tese;

À todos (as) que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização da pesquisa.

Um destino indelével pesa sobre a sedução, ela foi a estratégia do diabo, quer tenha sido feiticeira ou amorosa. A sedução é sempre do mal. Ou a do mundo. É o artifício do mundo.

Jean Baudrillard

RESUMO

Durante séculos, temos visto as mulheres brasileiras serem apontadas como símbolos sexuais e, o Brasil, como o paraíso do sexo. Esta pesquisa assume o propósito de verificar em que sentido é construído o discurso falacioso depreciador da imagem da mulher amazônida e o preconceito em relação ao seu comportamento, relacionado à sua sexualidade que, até hoje, perdura nas concepções forjadas, desde a época da chegada dos primeiros viajantes. Esse olhar atravessado parece ter sido incorporado pelo próprio povo brasileiro que vende, ainda nos dias atuais, a imagem da mulher brasileira seminua como um produto de exportação. Esse pejo criado no período da colonização, mantém-se vivo em pleno século XXI, principalmente, relacionado à mulher amazônida. Séculos se passaram e, ainda, é presente um pensamento equivocado sobre a mulher da Região Norte, relacionado com a sua sexualidade, sensualidade e erotismo. A grande questão que presidiu este estudo consistiu em sabermos por que a sexualidade é o elemento mobilizador da difamação da mulher amazônida. Nesse ângulo, algumas questões foram postas à nossa indagação, no sentido de esclarecermos o sentido da discursividade falaciosa sobre a sexualidade das mulheres amazônidas, tidas como quentes e fogosas ainda nos tempos atuais. O trabalho de campo assumiu as orientações da pesquisa de cunho qualitativo e a fenomenologia foi nossa bússola metodológica. Os sujeitos elencados foram as mulheres comerciárias do Centro de Manaus, pelo fato de ser o espaço onde o comércio é pulsante e as relações sociais são entremeadas de relações de poder, incluindo o assédio sexual e as relações de trocas sexuais e apadrinhamentos dos relacionamentos afetivos. Para nortear a pesquisa, utilizamos três categorias de análise que construíram os capítulos da tese abordando as questões relacionadas ao corpo, à sexualidade, ao gênero, ao erotismo e ao jogo de sedução. O estudo mostra que é perceptível um preconceito de cunho patriarcal engendrado desde a colonização sobre a sexualidade e o erotismo das mulheres amazônidas, que foi absorvido como verdade num processo histórico-cultural. É importante ressaltar que essa construção é uma falácia construída para desqualificar a mulher de raízes indígenas que, naturalmente, apresenta em seu corpo erotismo e sensualidade.

Palavras-chave: Mulheres comerciárias; falácia; sexualidade e erotismo; Amazônia.

ABSTRACT

For centuries, we have seen Brazilian women being singled out as sexual symbols, and Brazil, as the paradise of sex. This research assumes the purpose of verifying in what sense is constructed the fallacious discourse depreciating the image of the Amazonian woman and the prejudice in relation to her behavior, related to her sexuality that, until today, lasts in forged conceptions, since the time of the arrival of the first travelers. This crossed look seems to have been incorporated by the Brazilian people, who still sell the image of the Brazilian woman as a product of export. This feeling created in the period of colonization, remains alive in the XXI century, mainly, related to the Amazon woman. Centuries have passed and, yet, there is present a misconception about the woman of the North Region, related to her sexuality, sensuality and eroticism. The great question that presided over this study was to know why sexuality is the mobilizing element of the defamation of the Amazonian woman. At this angle, some questions were put to our inquiry, in order to clarify the meaning of the fallacious speech on the sexuality of the Amazonian women, considered hot still in the present times. The fieldwork assumed the point of a qualitative research and phenomenology was our methodological compass. The subjects listed were the business women of the Center of Manaus, because it is the space where the commerce is pulsating and the social relations are interspersed of power relations, including sexual harassment and the relations of sexual exchanges and patronages of the affective relationships. To guide the research, we used three categories of analysis that constructed the thesis chapters addressing issues related to body, sexuality, gender, eroticism and the game of seduction. The study shows that there is a patriarchal prejudice, since colonization, on the sexuality and eroticism of Amazonian women that was absorbed as truth in a historical cultural process. It is important to emphasize that this construction is a fallacy built to disqualify the woman from indigenous roots who, naturally, presents in her body eroticism and sensuality.

Keywords: Business women; fallacy; sexuality and eroticism; Amazon region.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I - APRESENTANDO O CAMPO DA PESQUISA.....	19
1.1 – O discurso sexista da amazonense como “mulher fácil”	19
1.2 – Comerciantes, quem somos?	31
1.3 – Mulheres em academias, corpo e erotismo.....	41
CAPÍTULO II - PRAZER E SEXUALIDADE COMO EXPRESSÃO DO HUMANO.....	54
2.1 – O prazer como arquétipo de felicidade	54
2.2 – A força vital da sexualidade como constructo	70
2.3 – O sexo como busca de afirmação do corpo	86
CAPÍTULO III – O EROTISMO COMO EXPRESSÃO DE SEXUALIDADE..	101
3.1 – O jogo de sedução em busca do príncipe encantado	101
3.2 – A moda e a roupa como forma de erotização	112
3.3 – A indústria da maquiagem e do cabelo como erotização	127
CAPÍTULO IV – A BUSCA DO PRAZER SEXUAL FEMININO: JOGOS E ARTIMANHAS.....	139
4.1 – Hortência, a amante e a outra	139
4.2 – Magnólia e a violência moral enfrentada	151
4.3 – Notas (in) conclusas.	162
4.3.1 Algumas considerações.....	169
REFERÊNCIAS.....	173

INTRODUÇÃO

Esta tese aborda as expressões do corpo e da sexualidade, assim como o erotismo e o jogo de sedução de mulheres comerciárias do Centro da cidade de Manaus, no Amazonas. O fio condutor que nos remeteu a investigar o tema em pauta está diretamente associado ao incômodo com que a imagem estereotipada da mulher amazônica como lasciva sexual causa a esta pesquisadora.

A beleza exótica e sensual, a pele de cor morena, tão diferente da tez das mulheres europeias, por certo deve ter instigado os desejos e a luxúria dos viajantes e dos colonizadores do século XVII. A história das mulheres foi escrita pelos homens e eles a escreveram denegrindo e ajuizando com estereótipos a figura da mulher, sob o manto da dominação do gênero masculino sobre o feminino.

Historicamente, as mulheres vêm sendo invisibilizadas e silenciadas. Elas sempre estiveram à margem da História da humanidade, pois ao homem cabia o conhecimento e a oportunidade de ler e escrever. Assim, ele escreveu a história a partir da visão androcêntrica, deixando de lado a história das mulheres. Ao exercer o domínio sobre as mulheres, elas foram subjugadas, humilhadas e violentadas no seu direito de ser e estar no mundo. A subjugação instalou-se e incorporou-se à cultura ocidental. Homens são educados por mulheres para dominar, e mulheres educam suas descendentes para serem submissas aos homens. Encontramos, dessa forma, um dismorfismo cultural transpondo as diferenças biológicas para o plano da cultura, estabelecendo oposições homólogas ancoradas em dicotomias que atribuem características negativas às mulheres e altamente positivas aos homens.

O objetivo geral do estudo consistiu em verificar a forma pela qual o patriarcado constrói a imagem da mulher amazônica como libertina e lasciva sexual, percebendo de que modo se dá a expressão do corpo e da sexualidade das mulheres comerciárias do Centro de Manaus, dando especial relevo ao erotismo e ao jogo de sedução que envolve o tema da sexualidade. Na especificidade da pesquisa, buscamos verificar de que forma o prazer e a sexualidade se apresentam como expressões do humano, seu arquétipo de felicidade, dando ênfase ao sexo como busca de afirmação do corpo, situando Manaus como a cidade étnica dos afetos e dos amores, dando destaque às mulheres comerciárias que aqui vivem e trabalham, pontuando os aspectos do corpo erotizado. Foi pertinente

estudar a forma como o erotismo se coloca como expressão da sexualidade, inserindo no jogo de sedução, a moda, a roupa e a indústria da maquiagem.

O corpo ou *corpus* vem ganhando destaque e notoriedade nos últimos anos. No corpo estão marcados signos sociais que expressam a cultura de um povo. Portanto, ele é mais do que um conjunto constituído de músculos, ossos e órgãos. Atuar sobre o corpo é atuar sobre a sociedade. Abreu (2015, p. 51) pontua que, “pelo corpo manifestamos aspectos de nossa existência, de nossa cultura, de nossa sociedade”.

A história de vida, a cultura, os registros e os traços de vivência no mundo estão escritos no corpo. Setenta (2008, p. 38), sinaliza que “o corpo é sempre o estado de um processo em andamento de percepções, cognições e ações mediadas. O corpo organiza suas mediações e a sua relação com o mundo, onde tanto opera a regularidade quanto o acaso”. No corpo, as histórias de vida estão marcadas perenemente.

Apesar da relativa liberdade feminina, ainda existe um desagrado com relação a exposição dos corpos que padecem com a repressão de uma sociedade baseada em valores morais judaico-cristãos. Deve-se reconhecer que avanços significativos ocorreram nos dias atuais quanto aos olhares dos sujeitos sociais com relação à maneira como as mulheres modernas expõem e aceitam seus corpos. Tal fato difere de décadas passadas, quando o corpo desnudo era motivo de escândalo. Até em frente aos maridos, as esposas deveriam mostrar recato e nunca revelar sua desnudez. A sexualidade da mulher deveria ser reprimida e encoberta sob o véu da vergonha. A partir dos anos de 1960, com a eclosão dos movimentos sociais, que atingiram vários setores da cultura é que o corpo passou a ser visto não somente pelo olhar biológico, mas também pela ótica social.

Sant’Anna (2006, p. 18), adverte dizendo que “tudo se passa como se, em nossos dias, as transformações estivessem mais na moda do que nunca, enquanto os limites do que é certo ou errado, falso ou verdadeiro, natural e artificial tivessem sido completamente relativizados”. Estudos das áreas da Educação Física, da Psicologia, da Pedagogia, da Neurociência, entre outros, procuram, através da pesquisa, decifrar a linguagem corporal que é rica em sua simbologia. Entender a linguagem corporal e a relação das mulheres com seu corpo é complexo, porque dentro da sua objetividade ela comporta uma infinidade de subjetividades. O corpo assim compreendido consistiu na primeira categoria analítica de nosso estudo.

A segunda categoria de análise aborda a sexualidade e gênero. Em épocas assaz antigas, sexualmente, as mulheres não existiam. O sexo feminino era o receptáculo do

sêmen que era considerado o líquido sagrado da vida. Perrot (2012, p. 63), especifica que “na geração da vida, a mulher não é mais que um receptáculo, um vaso do qual se pode esperar que seja apenas calmo e quente”. A sexualidade feminina era refreada e as mulheres procuravam conter seus desejos e sua libido, não obstante serem molestadas, principalmente, no período da infância pela própria parentela masculina. Ainda eram acusadas de provocar o desejo masculino como se desejassem e provocassem a investida do agressor.

As moças deveriam saber comportar-se socialmente, ser boas filhas, ter conhecimentos culinários e ser inocentes com relação aos prazeres do sexo. As mulheres que experimentassem o sexo antes do casamento eram consideradas levianas e companhia imprópria para as moças de família. Pinsky (2010, p. 610), assinala que “as moças de família eram as que se portavam corretamente, de modo a não ficarem ‘mal faladas. Tinham gestos contidos, respeitavam os pais, preparavam-se adequadamente para o casamento, conservavam sua inocência sexual”. Havia uma forte retração do desejo e do prazer do gênero feminino. Paglia (1992, p. 15), considera que “o sexo sempre foi cercado por tabu, independentemente de sua cultura. O sexo é o ponto de contato entre o homem e a natureza, onde a moralidade e as boas intenções caem diante de impulsos primitivos”. Na gênese dos estudos sobre a sexualidade das mulheres vamos perceber que, muitas das vezes, as regras foram quebradas de forma sigilosa, porque as mulheres, assim como os homens, desejam sentir prazer, desejam dar vazão à sua sexualidade. Talvez, um chamamento dos impulsos primitivos.

Erotismo e jogo de sedução é a terceira categoria analítica da presente pesquisa. No cenário amazônico, o exótico e o fantástico são temas recorrentes no imaginário global, no qual fantasia e realidade se entrelaçam. Estudamos a inocência da mulher indígena e a suposição de que por andarem despidas estavam prontas aos prazeres da carne e realizamos uma comparação com os tempos atuais, quando as mulheres que vestem *shorts*, blusas curtas e minissaias sumárias são mal vistas e condenadas pela sociedade. Elas são vitimizadas por agressões verbais, toques, olhares e falatórios maliciosos, principalmente, no espaço público. Paglia (1992, p. 15), assinala que, “liberdade sexual, liberação sexual é uma ilusão moderna. Somos seres hierárquicos. É só varrer uma hierarquia, que outra tomará o seu lugar, talvez menos palatável que a primeira”. As mulheres, ao buscarem sua liberdade, esbarram na hostilidade da sociedade patriarcal.

Desde o século XVII, os primeiros brancos que aqui chegaram, ficaram escandalizados com aquele modo de vida que eles observaram nas indígenas brasileiras, tais como: a liberdade da ausência do vestuário e a sexualidade. Esta situação levou os europeus a acreditarem e ajuizarem que aquilo era obra do diabo. Em texto de Raminelly (2010, p.20), o relato de André de Thevet assinala que as moças indígenas podiam manter relações com rapazes e aventureiros europeus sem que isso provocasse a sua desonra, e completa que: “é muito raro entre eles uma moça que se case virgem” (Id, Ib). No mesmo texto, Jean de Léry conclui dizendo que os pais não hesitavam em prostituir suas filhas. No entanto, mesmo em virtude de não serem mais virgens não ficavam difamadas e casavam normalmente. Daniel (2004, p.282), indica que “por desconhecerem os vícios da carne, os pais oferecem suas filhas aos estrangeiros e aos outros indígenas em sinal de amizade e paz”. Era comum no período da colonização o pai entregar suas filhas aos padrinhos e patrões. Essa conduta se perpetuou como sinal de amizade até meados do século XX. Talvez na atualidade, ainda seja possível encontrar comunidades que utilizem essa forma de “troca de gentilezas”, quando um subalterno, para angariar favores, oferece sua cria ao patrão. A virgindade feminina continua sendo considerada uma moeda de troca.

Viajantes europeus adotaram um discurso homogêneo ao retratarem o indígena ou mestiço destituídos de moral, como indolentes, brutos e depravados. Acreditavam que as indígenas brasileiras mostravam o sexo para provocar a lascívia e a luxúria e que as mesmas se deleitavam em andar despidas. Os religiosos as comparavam com demônios, pois viviam tentando e provocando os pecados da carne. Dabhoiwala (2013, p. 51), postula que “somente animais e povos selvagens davam liberdade irrefreada aos apetites da natureza, cristãos civilizados deviam, em contrapartida, subjugar a carne; pôr a natureza sob o governo da razão e, em suma, pôr o corpo sob o comando da alma”. Os religiosos só não perceberam que o indígena não tinha a noção de pecado e nem de temor a Deus.

No tocante ao erotismo e jogo de sedução, Torres (2005, p. 27), esclarece que “a estrutura de poder se encarregou de forjar uma imagem para as índias associada ao erotismo sexual que lembra a construção anti-feminina do judaísmo, islamismo e do cristianismo antigo, em torno do mito de Eva”. A partir de então, passaram a intervir nos hábitos e costumes do povo dessa terra introduzindo a catequização. (Raminelly, 2010, p. 14), assinala que “as descrições da mulher índia sofreram influências da tradição religiosa ocidental, como os colonizadores descreveram os nativos de acordo

com os paradigmas teológicos cristãos, observando o Novo Mundo segundo os padrões e valores muito distantes da realidade americana”.

O mito da mulher amazônica de ser lasciva sexual pode ter surgido no momento em que a Coroa Portuguesa necessitava povoar a Amazônia para dominá-la e evitar a invasão por outros povos conquistadores. Torres (2005, p. 71), revela que:

A propaganda do exotismo feminino e a suposta inclinação das índias para os prazeres sexuais, somada aos incentivos e prêmios oferecidos pela Coroa aos patrícios que contraíssem laços matrimoniais ou relações de concubinato com a mulher nativa, contribuíram efetivamente para o deslocamento de inúmeros portugueses para a Amazônia.

Dava-se início às primeiras miscigenações, à pluralidade étnica no Brasil. Ao contrair laços matrimoniais ou o concubinato, as indígenas passaram a ser consideradas mulheres cuja sexualidade exacerbada as indicavam como boas parideiras, aumentando assim as considerações e os olhares preconceituosos, pois a mulher parideira no imaginário do povo europeu tinha pouco valor, era considerada como um tipo ignorante e desprezível. Torres (2005, p. 27), assinala que “disseminava-se o mito de que as índias eram mulheres exóticas e dispostas a satisfazer a lascívia do homem branco, quando na verdade o objetivo era povoar a Amazônia”. O fato de os homens escreverem a história pode ter contribuído, significativamente, para chegarmos aos dias atuais com as mulheres ainda sob o jugo da sociedade patriarcal.

Em termos metodológicos, este estudo é ancorado na perspectiva da fenomenologia, segundo a qual é possível percebermos os sentimentos, a subjetividade e a compreensão dos diversos significados oferecidos no interior das relações cotidianas. Adotamos os procedimentos da pesquisa participante, ou seja, um tipo de pesquisa social com base empírica, concebida e realizada em estreita associação com uma ação, na qual pesquisadores e entrevistados, representativos da situação ou do problema, estão envolvidos de modo cooperativo e participativo. O *locus* da pesquisa concentrou-se no Centro da cidade de Manaus, capital do Amazonas, local onde se estabelece um comércio pulsante e um público alvo da pesquisa bastante diversificado, com indivíduos do gênero feminino de diferentes etnias, classe social e escolaridade.

No processo do trabalho de campo utilizou-se a técnica de entrevista semiestruturada com o uso autorizado do gravador, o que possibilitou a obtenção de dados subjetivos relacionados com a opinião, os valores e as atitudes dos sujeitos. O

nome de cada um dos envolvidos foi omitido substituindo-os por nomes de flores. A amostra empírica foi composta por 17 mulheres comerciárias, entre 18 e 48 anos, distribuídas da seguinte forma: 07 vendedoras, na faixa etária entre 20 a 45 anos, 05 funcionárias de academia, com idades entre 21 a 48 anos, e 05 secretárias, na idade entre 24 a 40 anos, que trabalham de segunda a sábado, nos turnos diurno e noturno. Compõem também nossa amostra 04 homens, na faixa etária de 25 a 65 anos, sendo 01 instrutor de academia e 03 taxistas, para sabermos suas opiniões acerca da discursividade falaciosa da mulher amazônida ser fácil e lasciva sexual.

Os dados foram coletados sob o aporte das técnicas de observação direta e da entrevista profunda, como sugere Bourdieu (2002), acompanhada da técnica do uso do gravador. Buscamos captar informações sobre sexo e sexualidade, envolvendo o assédio sexual e a troca de favores sexuais em meio às relações de poder no comércio de Manaus.

A tese está estruturada em quatro capítulos. No primeiro capítulo, é realizada a apresentação do campo levantando o discurso sexista da amazonense como mulher “fácil”. Abordamos a vida e os reveses sofridos pelas mulheres vendedoras no âmbito público e no ambiente de trabalho e, fechamos o capítulo, comentando e discutindo o corpo e o erotismo das mulheres que trabalham e frequentam academia de ginástica e de dança.

No segundo capítulo, o estudo se detém sobre o prazer e a sexualidade como expressão do humano, no qual nos detivemos sobre o prazer como arquétipo de felicidade e a força vital da sexualidade como constructo. E, ainda, ao final deste, remetemos a abordagem para o sexo como busca de afirmação do corpo.

No terceiro capítulo, discutimos o erotismo como expressão da sexualidade, enfatizando o jogo de sedução em busca do príncipe encantado, fantasia presente no imaginário feminino. Realizamos um percurso na história da humanidade com relação a roupa e a moda como forma de erotização, como também a indústria da maquiagem e do cabelo, preocupações emergentes de todas as mulheres e itens imprescindíveis no jogo de sedução.

No quarto capítulo, levantamos as trajetórias de sexualidade de secretárias nas falas contundentes de Magnólia, a amante traída e Hortência, no embate à violência moral enfrentada no ambiente de trabalho. Encerramos o quarto capítulo com as notas (in) conclusas, onde explicitamos que não há um diagnóstico fechado e concluído sobre se, de fato, as mulheres amazônidas são lascivas sexuais ou se é uma falácia construída

no período da colonização e que foi absorvida gerando um preconceito histórico-cultural.

Por fim, deve-se registrar a relevância social que este estudo comporta, representando um importante instrumento de contribuição à sociologia, à antropologia do corpo e aos estudos sobre a sexualidade feminina, mas, fundamentalmente, porque poderá ser um subsídio à compreensão dos problemas intersubjetivos vividos pelas mulheres comerciárias de Manaus. Essas contribuições e constatações sobre sexualidades e erotismo atingem não só as mulheres comerciárias, mas todas as mulheres que sofrem as amarras do preconceito, tanto no espaço público, quanto no privado. Liberdade para expressar a sexualidade é a palavra de ordem das mulheres da atualidade.

CAPÍTULO I – APRESENTANDO O CAMPO DE PESQUISA

O sexo foi o primeiro ingrediente de que o *homo sapiens* foi naturalmente dotado sobre o qual foram talhadas distinções artificiais, convencionais e arbitrárias.

Lévi-Strauss

1.1 – O discurso sexista da amazonense como “mulher fácil”

Manaus, a cidade sorriso, é considerada uma das cidades mais cálidas do país. Esse lugar de clima quente e úmido abriga uma população mestiça, cuja fama de cortês e amigável se expandiu pelo mundo, assim como a falácia de que as mulheres nativas estão sempre disponíveis para as atividades sexuais.

Dois grandes momentos contribuíram para elevar a cidade de Manaus a uma metrópole no molde europeu, sobretudo parisiense, mas também dos ingleses e portugueses. O primeiro ocorreu no final do século XIX e início do XX, no período conhecido como “áureo tempo da borracha¹”, cujo enriquecimento e progresso a tornou conhecida mundialmente como a Paris dos trópicos, onde foi erigida uma cidade que sonhava em ser uma metrópole assentada em edificações majestosas, como o Mercado Municipal, o Palácio da Justiça e o portentoso Teatro Amazonas. Mesquita (1999, p. 52), assinala que “em 1889, com a Proclamação da República do Brasil, encerrava-se o sistema monárquico no país, iniciando uma nova fase da política brasileira; e no Estado do Amazonas, desponta um período de prosperidade econômica que fica evidenciado pelo número crescente de obras públicas realizadas em Manaus”.

Nesse período, a cidade foi acolhendo estrangeiros de diferentes nacionalidades como ingleses, alemães, portugueses, espanhóis, italianos, franceses, turcos, libaneses, árabes, judeus, entre outros, assim como brasileiros nascidos em outras regiões. A imigração desses povos veio ampliar o mercado de trabalho, principalmente o comércio

¹Áureo tempo da borracha foi o período compreendido entre os anos de 1879 e 1912 que teve como o principal motor da vida econômica da região amazônica a extração do látex da seringueira e a comercialização da borracha. O referido período proporcionou a expansão da colonização, atração do capital estrangeiro, transformações sociais e culturais e, conseqüentemente, a riqueza e o crescimento, principalmente para alguns das cidades de Manaus e Belém. No mesmo período, o Território Federal do Acre, hoje Estado do Acre, foi adquirido pelo valor de 2 milhões de libras esterlinas da vizinha Bolívia, no ano de 1903.

de Manaus, que na época não possuía mão de obra qualificada. Alguns destes comerciantes utilizavam os membros da própria família para conduzir seus negócios, não absorvendo a força de trabalho nativa. Dias (2007, p. 36), postula que “a chegada dos imigrantes foi um dado determinante para o desenvolvimento do comércio, dos transportes, bancos e demais atividades dos serviços urbanos”.

Manaus tornava-se uma cidade que em nada lembrava o antigo Lugar da Barra do Rio Negro². Com a expansão e a modernização da cidade era preciso que houvesse um ordenamento e que os cidadãos passassem a viver e a se comportar como indivíduos sociais. Os códigos de conduta foram criados e a ordem pública foi regulamentada, ficando proibidos certos atos e atitudes na esfera pública. Essas proibições estavam circunscritas ao modo de se vestir e na maneira de se comportar nos lugares públicos, que passaram a ser vigiados. Manaus crescia e “a invenção do sistema de iluminação a gás e, [...], o uso da eletricidade, foram, sem dúvida, grandes responsáveis pela mudança de hábitos das cidades do mundo moderno, representando uma revolução nos costumes, pois ampliavam-se as possibilidades de lazer” (MESQUITA, 1999, p.105).

O centro da cidade era provido de ruas com calçamento ao estilo parisiense, canalização de águas e esgotos ao estilo inglês, casas ao estilo português, dentre outros. Era a Europa em meio à selva amazônica. O sonho do ouro era buscado por muitos e a migração de homens para os seringais amazônicos crescia junto com o sonho da riqueza. A escassez do gênero feminino nessas paragens aumentava a cobiça para com as poucas mulheres presentes nesse lugar. Torres (2005, p. 22), assinala que “no período da economia da borracha, a mulher foi preterida nos seringais amazônicos. O poder local adotou no início da migração nordestina normas de proibição de mulheres nos seringais para manter os trabalhadores presos unicamente à atividade gomífera”.

² Lugar da Barra do Rio Negro ou ainda Forte de São José da Barra do Rio Negro foi construído no reinado de João V, de Portugal, no século XVII. Localizava-se na margem esquerda do Rio Negro onde hoje se situa a cidade de Manaus. O Forte da Barra de São José do Rio Negro foi fundado em 1669 pelos portugueses. Em 1832 foi elevada à categoria de Vila Manaós em homenagem a nação indígena de nome homônimo. Em 24 de Outubro de 1848 foi elevada à categoria de cidade com o nome de Cidade da Barra do Rio Negro e somente em 05 de setembro de 1850 recebeu o nome que até hoje a intitula: cidade de Manaus, capital do Estado do Amazonas. Antes da chegada dos conquistadores e colonizadores, a região do atual Rio Negro, onde se localiza a cidade de Manaus, era habitada por numerosas tribos indígenas que se diferenciavam por sua língua, usos e costumes. A maioria subsistia da pesca e do plantio da mandioca para sua alimentação, vivia em ocas grandes e arejadas construídas com troncos de árvores e cobertas por palha. Os principais grupos indígenas que habitavam essa região eram os Manaós, Barés e os Tatumãs.

Com o tempo, a prostituição alcançou os recônditos da floresta. Morga (2015, p.80), aponta que “no Amazonas várias tentativas foram feitas para solucionar a escassez de mulher no seringal. E uma das atividades mais corriqueiras era de retirá-las a força dos bordeis de Manaus”. De acordo com esse autor:

Nos seringais do Amazonas a mulher foi objeto de olhares indiscretos, gulosos, cobiçosos. Instigou desejos desenfreados, paixões avassaladoras, amores ilícitos e disputas de intensos combates. A solidão tornava os seringueiros desejosos de afeto e sexo. O desejo de uma mulher “feia, de qualquer cor, tamanho, idade, naturalidade, espécie moral, torturava o seringueiro” (MORGA, 2015, p. 80).

No meio da floresta amazônica, tendo como companhia apenas a presença de outros homens e dos animais selvagens, a solidão era uma companhia constante. Os seringueiros sonhavam com a presença das mulheres. Na capital, os bordéis fervilhavam com a presença marcante de mulheres importadas da Europa que vinham prestar serviços sexuais aos coronéis. No aconchego do lar, as sinhazinhas amargavam suas vidas luxuosas, porém, solitárias. Lages (2015, p.82), aponta que “as mulheres oriundas da principesca burguesia amazonense gozavam de certos privilégios. Destacavam-se não somente por sua formação social, econômica e cultural, mas, sobretudo pela elegância no trajar e no uso de adornos vindos principalmente de Paris”. Para a autora:

Eram mulheres que se destacavam como donas de casa primorosas, mães amorosas e esposas dedicadas. Os lenitivos para suas almas eram as especiarias vindas da Europa, “encontravam-se luvas, sedas, botas, chapéus, sombrinhas, águas de cheiro, entre outros que confortavam a alma e o coração da mulher diante da distância, do isolamento e da solidão em que viviam de outros centros urbanos” (IDEM).

É, pois, nesse *frenesi* que Manaus se desenvolvia. Foi um período de grande desenvolvimento na Amazônia, até ocorrer a desarticulação do sistema gomífero com a perda para a Malásia. A cidade, pouco a pouco, foi sendo deixada para trás. O dinheiro já não escorria pelas mãos e vários proprietários de seringais tiveram que amargar com a falência dos seus negócios. Foi necessário aguardar mais algumas décadas, para que um novo modelo capitalista fosse implementado na região. A Zona Franca de Manaus, criada em 1967, assumiu o propósito de expansão do capital no Norte do país, em nome do propalado desenvolvimento regional.

Durante as décadas de 1970 e 1980, com o apogeu da Zona Franca de Manaus e a implantação do Polo Industrial de Manaus (PIM), o fluxo de empresários estrangeiros e brasileiros, do Sul e do Sudeste do país, vindos para trabalhar em Manaus, foi intenso. Muitos deles se estabeleceram na cidade, constituíram famílias e não retornaram às suas terras natais. Tal fato veio contribuir para fortalecer a ideia da “mulher fácil” construída no século XVIII em relação à mulher amazônica. Havia um temor das mulheres sulistas de que no Norte, seus esposos pudessem se encantar com as indígenas do Amazonas. De acordo com Torres (2005, p. 23), deve-se “captar a dinâmica de construção da imagem da mulher amazonense, a partir de uma leitura centrada em pelo menos dois períodos: o período da política pombalina, [...]; e o período da Zona Franca de Manaus, momento em que é recriada a ideia de mulher fácil”.

Existe um mito secular que informa serem as mulheres brasileiras ávidas por sexo, uma questão que se alonga no imaginário estrangeiro até os dias atuais. De acordo com Heilborn (2006, p.44):

Em vários contextos nacionais e internacionais há uma ideia de que a cultura brasileira é muito aberta, sexualmente expansiva e calorosa. Por assim dizer contaminados por uma permanente carnavalização, os brasileiros fariam de tudo na cama. A ideia de uma identidade nacional erotizada é muito difundida, uma imagem histórica e densamente construída. Para os brasileiros é uma referência positiva.

Geralmente, as brasileiras são identificadas como pessoas alegres, desinibidas, “quentes”, calorosas e festivas. Na representação sexualizada da mulher brasileira encontra-se a figura da mulata que se configura como uma mulher sexualmente liberada, quente e ferosa, exportada como bem nacional e objeto erótico e sensual. Esta mesma figura está relacionada com a mulher amazônica representada pela indígena exótica, de longos e negros cabelos, pronta para o sexo e a volúpia. Torres (2005, p. 24), chama a atenção para o fato de que “levantar questões sobre a imagem da mulher amazonense e do movimento mais amplo que funda o preconceito e a inferioridade dos povos indígenas reabre o debate da estrutura de poder não só na Amazônia, mas também no mundo ocidental”. Na estrutura do poder, a mulher encontra-se em nível inferior pelo peso do patriarcado.

Em nossa pesquisa, ouvimos 02 sujeitos taxistas condutores de veículos que prestam serviços de transporte em Manaus, para capturarmos informações sobre as mulheres amazonenses e a pecha da “mulher fácil”. Um deles transporta passageiros

que chegam ao Porto de Manaus, em embarcações fluviais, vindas dos municípios interioranos e dos estados da federação que fazem fronteira com o Amazonas. O outro condutor realiza o traslado de passageiros em táxi executivo, a partir do Aeroporto Internacional Eduardo Gomes. O primeiro, ao qual demos o pseudônimo de Girassol (43 anos), revela que ao aportar em Manaus, utilizando embarcações fluviais ou marítimas, alguns homens solicitam informações sobre onde encontrar um lugar para se divertir na companhia de mulheres. Vejamos:

É impressionante a fome que esses caras que chegam de fora vêm pra cá. Prece que aqui só tem sacanagem. Eles querem, numa noite só, experimentar as mulheres daqui. Quando eles me pedem para ver mulher, eu levo logo eles naqueles lugares bem... sabe como é! Me desculpe, bem, bem ... (pensando) escroto (isso mesmo!), para o cara sair de lá lisinho! Tem muito homem safado. Mas também, tem muita mulher esperta (Entrevista/2016).

É possível que essa busca, esse afã pelas mulheres amazonenses, esteja associado à forma e à imagem de Manaus como cidade das mulheres quentes e lascivas sexuais. Diferentemente da fala de Girassol, o segundo condutor sujeito da pesquisa, que faz o traslado a partir do aeroporto de Manaus, revela que, “geralmente, esses executivos ou empresários solicitam que os levem a um hotel, previamente reservado, comentam amenidades e solicitam informações sobre os principais pontos turísticos da cidade” (HIBISCO, 52 anos, entrevista/2016). De acordo com este informante, dificilmente algum passageiro faz referências desagradáveis às mulheres manauenses.

Observe-se que os relatos são diferentes, talvez, porque a clientela também é diferenciada, do ponto de vista cultural e nível de educação. Os próprios condutores de veículo possuem nível cultural e educação diferenciada. Girassol que transporta passageiros a partir do Porto de Manaus possui uma linguagem vulgar e não teve polidez no trato com a pesquisadora. Relatou suas considerações sobre o assunto em pauta com sorriso cínico e olhar atrevido, mesmo sabendo que se tratava de uma pesquisa. O comportamento do homem exibiu uma certa languidez, talvez com o intuito de uma abordagem mais profunda e uma conquista dissimulada. Perniola (2000, p. 42), chama atenção para o fato de que “o homem deve agradar aos deuses; é necessário que fiquem encantados, seduzidos, fascinados por quem se dirige a eles”. As mulheres que transitam no âmbito do público, desacompanhadas, na cidade de Manaus, podem sofrer assédios frequentes. Rago (1995, p.86), considera que “a ênfase na crítica do sujeito e

das identidades remete à consideração dos modos de subjetivação e objetivação que operam nas sociedades contemporâneas”. Hibisco que faz transporte de passageiros do aeroporto de Manaus apresentou uma forma educada no trato com a pesquisadora e relatou suas considerações a respeito do assunto com seriedade.

Não é necessário conhecer um sujeito profundamente para perceber como o seu corpo age, atua e comporta-se em sociedade. Para Bourdieu (2011, p. 81), o olhar “é um poder simbólico cuja eficácia depende da posição relativa daquele que percebe e daquele que é percebido, e do grau que os esquemas de percepção e apreciação posto em ação são conhecidos e reconhecidos por aquele a quem se aplica”. Em cada período histórico, são definidos os próprios padrões do que é ou não é correto e, em sociedade, há uma variabilidade de atuação dos corpos que muda conforme a cultura, a educação, o gênero e a idade do sujeito.

No caminhar da pesquisa e na busca por maiores esclarecimentos, abordamos um terceiro taxista. Boca-de-leão (64 anos), que, em princípio, não quis comentar sobre a investida do homem de fora junto às mulheres amazonenses. No entanto, optou por relatar suas impressões sobre o comportamento das mulheres atuais e daquelas de sua juventude da seguinte forma:

Antigamente, parece que as mulheres eram mais recatadas ou é impressão? Acho que, hoje em dia, as mulheres são mais sabidas. Hoje, elas são mais inteligentes, sei lá. Elas estão mais espertas pra umas coisas e pra outras, não! Não sei explicar isso. Eu acho que ambas as partes, tanto mulheres quanto homens, se atiram numa aventura amorosa sem medos de riscos. As meninas da atualidade investem no amor direto. Hoje é beijo, abraço e cama (entrevista/2017).

De acordo com o nosso informante, as mulheres atuais são muito atiradas. Elas investem em aventuras amorosas sem medo das consequências e dos riscos. É possível que as mulheres busquem o homem somente como provedores de suas necessidades básicas. Esse mesmo informante emite sua opinião sobre mulheres da atualidade nos seguintes termos:

Antigamente, as mulheres eram mais difíceis e menos enxeridas. Para a gente ver a coxa de uma mulher, era muito difícil. Só andavam com saias longas e calça comprida. Hoje em dia, elas andam com uma sainha bem curtinha e vivem mostrando a calcinha” (Boca-de-Leão, entrevista/2017).

Sant'Anna (2006, p. 4), adverte dizendo que “cada vontade de manter o corpo sob controle, por exemplo, é constituída por fragilidades e potencias, expressando especificidades e generalidades culturais”. Ou seja, não convém estabelecermos análises comparativas em termos comportamentais, entre épocas tão díspares.

O olhar de Boca-de-Leão, com relação ao modo de vestir das mulheres, revela a forma como a sociedade patriarcal, matizada pela moral burguesa, vê a mulher. Comumente as mulheres aderem aos *shorts*, *tops*, camisetas e minissaias, roupas leves para enfrentar o clima da cidade, onde o calor é constante nos 365 dias do ano. Essa forma de se vestir com trajes sumários não indica que as mulheres amazonenses estejam disponíveis ao sexo. Sant'Anna (2006, p. 19), lembra que “o corpo é escolhido como lugar de explorações e experiências as mais diversas porque é considerado a última posse que resta ao indivíduo, ou o único território no qual o ser humano pode exercer sua liberdade de transformação”.

Na sociedade patriarcal, o corpo feminino é desejado pelo homem que se utiliza da força da dominação para tentar manter sua “posse”. No despontar da adolescência, as meninas passam a ser olhadas e cobiçadas como mulheres. As transformações do corpo/menina para o corpo/mulher passam a ser o foco e o objeto de desejo do homem. Mais convictas da posse do seu corpo, as mulheres da atualidade estão lutando contra o olhar da falsa moral, mesmo que muitas necessitem da aprovação masculina. Criadas em um mundo patriarcal e machista, não conseguem se enxergar fora do foco masculino.

Outro ponto abordado por Boca-de-Leão está relacionado à influência da mídia televisiva no comportamento da juventude atual, pois tudo o que é lançado é copiado e seguido. E isso, segundo o entrevistado, contribui para o “atrevimento” dos homens. Vejamos:

A TV também dá mau exemplo. Eu acho que a TV desencaminha a juventude, fica ensinando o que não deve e eu acho que essa maneira como a mulher se veste incentiva a gente a mexer com elas, por exemplo: tá uma rodada de homens, passa uma mulher de shortinho ou saia bem curtinha, eles vão mexer. Não tem jeito! (Entrevista/2017).

O entrevistado credita aos programas de televisão a culpa de as mulheres estarem expondo seus corpos. É verdade que a televisão exerce grande influência no comportamento cotidiano dos indivíduos, principalmente, nas crianças e nos jovens, por

estarem na fase de formação dos valores, conceitos, modelos de conduta e comportamento sexual. A exposição precoce da criança às cenas de sexo e de violência pode interferir no seu desenvolvimento emocional. A televisão é o primeiro e maior contato das pessoas com o mundo externo. “Aliás, não há fenômeno atual tão abrangente, penetrante e decisivamente influente como os meios de comunicação social. Principalmente, a televisão que espetaculariza a informação” (BARBOSA, 2007, p.112).

A juventude do tempo contemporâneo é vista como livre e bem informada. Não obstante, quando o assunto é sexo, há muitas dúvidas e conflitos. Mesmo iniciando a vida sexual mais precocemente, os jovens não possuem informações suficientes sobre sexo, sexualidade e erotização. Pimentel (2010, p. 15), indica que “a sexualidade desenvolveu-se como um campo de segredos, que deviam ser incessantemente guardados, além de suscitar precaução dos atores no que se refere às práticas e ao desejo”. O não conhecimento da sexualidade gera dúvidas e atitudes precipitadas. Esse comportamento pode encaminhar o jovem a ter relacionamentos conflituosos com os outros e com a sua própria sexualidade.

A erotização está presente na televisão para a venda de bens de consumo. A sensualidade das modelos está explícita, desde a venda de sabonetes, até a venda de bebidas e carros. Um apelo ao consumidor masculino. Morin (1997, p. 42), assinala que “o erotismo da mercadoria é, acima de tudo, publicitário, e por isso está ligado à cultura de massa, que engloba os mais importantes meios modernos de publicidade (jornais, rádio, televisão)”. Em função do poder de alcance, esses meios utilizam o erotismo para vender todo e qualquer produto para atrair cada vez mais pessoas. Talvez, a televisão possa influenciar no comportamento, nos valores e nas atitudes das pessoas, além de contribuir para o estabelecimento do poder patriarcal.

Vimos que o patriarcado cria uma cultura extremamente machista e isso depende muito de sociedade para sociedade. Em algumas sociedades, o machismo é bem intenso. É o que podemos perceber na fala do sujeito de nossa pesquisa, a saber:

Eu acho também que tá faltando homem pra esse bando de mulher. Eu vejo uma história que tem dez pra cada um. Eu estou procurando as sete que me faltam! (risos). Tem muita mulher mesmo! E muito viado, também. Por isso, também, tem muita machuda, porque na falta de homem, tão se agarrando mulher com mulher. Não sei como vai ficar daqui a alguns anos, 20/30 anos. A minha sorte é que não vou estar aqui! (BOCA DE LEÃO, entrevista, 2017).

Note-se que a forma de pensar é do homem criado num ambiente patriarcal, munido de preconceito de todas as ordens, envolvendo a sexualidade das pessoas, sobretudo, aquelas do segmento LGBT. De acordo com Furlani (2000, p. 168), “tradicionalmente, nossa sociedade tem dividido os indivíduos em dois grupos em se tratando de papéis sexuais: o ‘ativo’ (homem), e o ‘passivo’ (mulher). É de se esperar que esta categorização, [...], seja reproduzida também em relação aos homossexuais”. A partir do momento em que o indivíduo se aceita e assume que a homossexualidade faz parte de sua natureza, o sofrimento íntimo acaba. O que não acaba é a dor da rejeição que a sociedade provoca em muitos homossexuais. Então, não se torna mais um problema de autoaceitação, mas um problema externo, com as pessoas do entorno.

Rotular um indivíduo como homossexual ou heterossexual apenas por suas características físicas é uma das heranças do patriarcado. Historicamente, os indivíduos com orientação homossexual, seja masculino ou feminino, sofrem as humilhações e os preconceitos de uma sociedade assentada na moral judaico-cristã. Algumas conquistas na forma da lei foram obtidas no decorrer dos anos de luta. Porém, não estão sendo suficientes para minimizar séculos de opressão. A religião cristã afirma que a orientação sexual é uma decisão tomada pelo indivíduo durante a puberdade e pode ser mudada a qualquer tempo com aconselhamento e oração. Vanrell e Alcântara (2012, p. 52), indicam que tal noção “é falha, pois se há inúmeros homossexuais que não aceitam sua orientação por terem incutido dentro de si o medo do castigo divino e sofrendo por causa dessa condição, seria um absurdo dizer que permanecem nesse estado de sofrimento por mera opção”.

As pessoas pertencentes às minorias sociais,³ como é o caso dos homossexuais, são perseguidas, humilhadas e ameaçadas na sua integridade física pela “maioria”, ou seja, a hegemônica da moral burguesa. Nas sociedades patriarcais, não há a aceitação nem o respeito pelo homossexual. Eles enfrentam desafios diários para sobreviver em meio a uma moral hegemônica de origem judaico-cristã. Seja no ambiente familiar, no trabalho, ou, na sociedade, o indivíduo homossexual é vilipendiado pelo preconceito. Giddens (1993, p. 44), considera que “os homossexuais ainda enfrentam um preconceito profundamente enraizado e, [...], uma violência aberta. Suas lutas emancipatórias

³ Minorias sociais na acepção dos estudos sociológicos são compreendidas em termos de não hegemonia, ou seja, os segmentos humanos que se encontram em desvantagem, que sofrem opressão. O termo não está associado ao numérico (Ver Torres, 2009).

encontram resistências”. Inclui-se nesta obstrução, a liberdade de ir e vir, ser e estar mulher.

Del Priore (2013, p.26), assinala que esse comportamento do homem é herança do patriarcado e que no período colonial “em uma sociedade machista, cabia à mulher e aos filhos obedecerem às ordens do chefe da família. Manter-se em casa, evitar os perigos e as oportunidades que podiam surgir na rua eram normas que deveriam ser cumpridas”, um tempo gasto também no cuidado com a prole. Certamente que Boca-de-Leão viveu sua juventude em outro tempo. Época em que as mulheres ainda não tinham conquistado alguns direitos fundamentais como a liberdade de decidir sobre o seu corpo e a sua vida. Del Priore (2013, p.105/106), ressalta que “a desigualdade de mentalidade em relação ao sexo refere-se às diferenças de geração, mas também à escolaridade”.

No tempo contemporâneo, as normas de conduta têm se modificado. As formas de ser e de agir do jovem e do adulto são muito diferentes da geração do século passado. “É uma característica dos tempos em que vivemos que se esteja precisamente acima do bem e do mal, de apenas suportar um comportamento [...] imoral ou verdadeiramente moral, de torná-lo o seu contrário e, [...] anular tanto um quanto o outro” (PERNIOLA, 2000, p. 40). Há, hoje, maior liberdade sexual dos jovens e um afastamento gradual de regras, etiquetas e convivência adquiridas no seio familiar. Isso pode contribuir para que inúmeros jovens fiquem perdidos no emaranhado das práticas sexuais iniciadas no momento do despertar da sexualidade. Louro (2010, p.69), enfatiza que muitos pensam que “[...] se deixarem de tratar desses problemas a sexualidade ficará fora da escola” e, quiçá, da família também. A ideia do deixar acontecer contribui para que as experiências sexuais cheguem mais precocemente e de forma mais confusa. Rago (2014, p. 139), indica que

Os libertários questionam a institucionalização das relações afetivas e a forma pela qual as relações sexuais se manifestam numa sociedade autoritária e repressiva de ponta a ponta. Por que essa necessidade obsessiva de enquadramento dos comportamentos sexuais, principalmente em rótulos prontos, acabados, aceitáveis ou condenáveis?

Na sociedade hodierna, há uma exacerbação da sensualidade que está intimamente ligada com a liberdade da exposição de corpos. Os jovens atuais não se dão conta da precocidade da vida sexual, se entregam às primeiras experiências sexuais sem as precauções necessárias, correndo riscos de inúmeros transtornos advindos da falta de

prevenção, tais como: a gravidez precoce e as doenças sexualmente transmissíveis. Crisântemo (36 anos), em relato, revela o seguinte: “tive filho aos 15 anos, porque não sabia que podia engravidar na primeira vez. Minha mãe não me deu instrução nenhuma. Se soubesse que eu iria sofrer tanto, jamais teria feito isso. A única coisa boa disso tudo foi meu filho” (Entrevista, 2016). Baumann (2004, p. 32), adverte que “não importam o horror e a repulsa com que recordamos ou evocamos os preços pagos e as perdas sofridas no passado, as perdas suportadas hoje e os preços a serem pagos amanhã são os que mais incomodam e magoam”.

Note-se que apesar de ser um fato passado, o mesmo continua atual, pois a gravidez precoce ainda é corriqueira. Paglia (1992, p. 15), sinaliza que “não podemos esperar entender o sexo e as identidades sexuais humanas enquanto não esclarecermos nossa atitude em relação a ela. Sexo é o natural do homem”. Para a autora, “somos apenas uma dentre a multidão de espécies sobre as quais a natureza exerce indiscriminadamente sua força” (IDEM, p. 13).

Manaus é uma cidade que recebe, frequentemente, navios transportando turistas ávidos em conhecer as belezas da Amazônia. Em relato, três comerciárias, participantes da pesquisa, foram unânimes em afirmar: quando aporta um navio com turistas elas “limpam os olhos”. As três disseram que, em Manaus, grande parte dos homens é feio e mal-educado. Uma delas, interrompendo o comentário, retrucou: “eu mesma tenho unzinho, em casa! Pensa num cara grosso e mal-educado!” (Dália, 23 anos/entrevista, 2017). Essa suposta grosseria do homem amazônico se encontra inclusive no âmbito do público. O assédio sofrido por mulheres nas ruas e transportes coletivos é um fato cotidiano, com destaque para as palavras obscenas e os deboches. Em entrevista, Tulipa (20 anos), uma das mulheres ouvidas na pesquisa, revela o seguinte:

Saí de casa a caminho de uma reunião. Entrei no ônibus e reparei que na minha frente havia um senhor bêbado. Olhou para o meu vestido e falou assim: “não aguento”. Perguntei dele: “tá doido? Me respeita!” E, ele abaixou a cabeça, dizendo que não gostava mesmo de mulher de cabelo curto e falando ainda que a minha roupa era muito curta, de forma a tentar justificar o assédio. Outro homem que presenciava tudo disse: “não discute com ele, não, que ele tá bêbado”. Depois de uns 20 minutos de discussão, o homem disse, por fim: “eu nem gosto de mulher novinha mesmo. Prefiro mais as maduras.” E eu, só respondi: “vá aprender a respeitar mulher” (Entrevista 2016).

No espaço público, as mulheres manauenses passam por grandes constrangimentos relacionados ao assédio⁴ por parte dos homens. Tulipa, não se calou. Todavia, um número expressivo de mulheres teme em denunciar o assédio com receio da represália e do constrangimento frente a uma autoridade para realizar a denúncia, principalmente, se essa autoridade for do gênero masculino. Existe uma dificuldade em caracterizar o crime de assédio sexual cujo problema encontra-se no padrão cultural que legitima os comportamentos desviantes dos homens. O assédio sexual é uma violência de caráter sexista na medida em que se estabelece através da conversão das diferenças biológicas, desigualdades, opressão, entre outras. O assédio pode ser perpetrado tanto por homens como por mulheres, tendo como vítimas crianças, jovens e adultos, de gêneros e orientações sexuais diferenciadas. Contudo, as maiores vítimas são as mulheres. O assédio viola os direitos fundamentais das vítimas, tais como: o respeito à vida, à segurança, à integridade física, moral e psicológica.

Manaus é uma cidade convidativa para os passeios, com lugares aprazíveis que podem estimular os jogos de sedução e as conquistas. Como é uma cidade de clima tropical, as pessoas buscam os passeios noturnos mais do que os diurnos. Nos passeios diurnos, são incluídos os banhos nos igarapés e nas cachoeiras. Já os noturnos, incluem as visitas aos bares e botecos, boates, casas noturnas de forró, pagode e sertanejo. Esses lugares são propícios aos encontros e à formação de pares, e, essas relações, podem ser apenas casuais ou enveredar por um amor romântico. Giddens (1993, p.60), assinala que “o romance liga a sexualidade a um futuro antecipado, em que os encontros sexuais são vistos como desvios no caminho para um relacionamento amoroso definitivo”. Conquanto, indica-se que se as mulheres querem um compromisso duradouro, devem evitar a relação sexual nos primeiros encontros. Baumann (2004, p. 31), considera que “nos compromissos duradouros, a líquida razão moderna enxerga a opressão; no engajamento permanente percebe a dependência incapacitante. Essa razão nega direitos aos vínculos e liames, espaciais ou temporais”. Mesmo que os compromissos duradouros cerceiem a liberdade das mulheres, elas desejam um amor para a vida inteira, ao lado de um homem fiel e comprometido com as responsabilidades do casamento. Contudo, a maioria acredita ser uma vã utopia.

⁴ O assédio caracteriza-se por um constrangimento realizado por uma pessoa em posição de superioridade em relação a vida ou o ato de causar um incômodo constrangedor ao outro. No artigo 216-A do Código Penal Brasileiro, a partir da lei número 10.224 de 15 de maio de 2001, o assédio é definido como conduta ou ato de: constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício do emprego, cargo ou função.

Na metrópole da selva, o clima é ideal para os habitantes andarem com roupas leves ou pouca roupa, o que proporciona a exposição de corpos dourados pelo abrasador sol amazônico. Corpos que, talvez sem a intenção do erotismo, sejam um convite às pulsões sexuais do homem, que inclusive pode ser surpreendido por uma ereção. Furlani (2009, p. 140), chama atenção para o fato de que “existem estímulos sutis, mas, altamente excitantes como uma voz sensual, um traje, os modos de agir, fantasias eróticas ou um ambiente sedutor”.

Os corpos dos amazonenses assumem a cor parda, não é nem branca nem negra ou amarela, é uma tonalidade singular. O matiz dessa cor é único e, é provável que, por sua singularidade provoque olhares lascivos e curiosos do gênero masculino. Os cabelos são diversificados e situam-se entre o liso total e o crespo. A maioria tem cabelo encaracolado. Os corpos são graciosos, comportando as pernas grossas e bem torneadas, a região glútea e os seios empinados ou em riste. Essa criatura sensual e exótica é a imagem criada da mulher amazônica que, por séculos, recebe a pecha de “mulher fácil” pronta aos prazeres da carne.

1.2 Comerciárias, quem somos?

Historicamente, o comércio surgiu na Antiguidade a partir de mecanismos de troca. Esse processo inicia-se quando determinados grupos ou povos da mesma comunidade ou de comunidades próximas trocavam entre si seus produtos. Os câmbios ou trocas remontam a períodos imemoriais. Atualmente, essa troca é feita entre o produto que se deseja e o dinheiro pago pelo valor do produto desejado.

Na Antiguidade, o sistema de trocas era feito entre os moradores de uma comunidade. Cada família possuía uma habilidade e cultivava determinado produto, a sobra desse produto era estocada, porém acabava estragando. Por esse motivo, as famílias resolviam fazer as trocas entre si para evitar o desperdício. Era assim que um produtor de milho trocava o que sobrava de sua colheita por feijão, arroz, peixes e carnes. Com a expansão do comércio para além da comunidade e as grandes navegações foi necessária a criação de moedas de troca. Goucher e Walton (2011, p.142), assinalam que “as relações comerciais foram praticadas pelas sociedades mais primitivas apesar de não haver mercadorias propriamente dita e mesmo vivendo da coleta e da caça, ainda assim, essas realizavam negociações comerciais, a troca”.

A primeira moeda de troca foi o sal, por isso o termo salário. Depois, vieram as conchas e, por fim, o ouro, a prata (moeda) e o dinheiro em papel. Com o crescimento do comércio eletrônico e a evolução crescente das novas tecnologias, as pessoas puderam realizar aquisição de bens e produtos, sem sair de casa. O dinheiro também adquiriu outras formas, tais como: cartões de crédito, de débito, cheques e *bitcoins*⁵.

O desenvolvimento do comércio contemplou os postos de trocas e, posteriormente, as lojas de comércio atacadista e varejista. Os donos desses estabelecimentos perceberam que seria impossível conduzir sozinhos as inúmeras atribuições que o comércio exigia. Foi necessário então, efetivar a contratação de um colaborador para que este o ajudasse a conduzir os rumos dos negócios. Dessa forma, chegou-se à figura do trabalhador do comércio que exerce a profissão de comerciário, que tem como patrão o comerciante, que é o dono do estabelecimento comercial. No início, somente homens eram empregados. Mais tarde, as mulheres passaram a ser inseridas nesse espaço, principalmente no comércio de roupas e acessórios femininos.

O comércio em Manaus passou por dois grandes momentos de expansão: o primeiro, no período da exploração gomífera; e, o segundo, com a criação da Zona Franca de Manaus, que foi a responsável pela imigração de estrangeiros para trabalhar no Polo Industrial de Manaus. Dias (2007, p. 36), aponta que “a chegada desses contingentes de imigrantes nacionais e estrangeiros foi fator decisivo para ampliação das atividades de comércio, transportes, bancos e outras atividades solicitadas pelos setores de serviços urbanos”. Na realidade, o trabalho das mulheres ampliou-se e modificou-se a partir das duas grandes guerras mundiais, quando foram incentivadas a deixar os seus domicílios para ocupar o lugar dos maridos, que foram recrutados para os campos de batalha. Ainda no século XX, com o comércio em alta, foi necessário contratar mão de obra. Assim, ampliou-se o mercado de trabalho para as comerciárias.

As mulheres comerciárias enfrentam uma jornada de trabalho árdua durante o dia. São ‘supermulheres’, batalhadoras, lutadoras, que ‘matam um leão por dia’⁶. Trabalham oito horas diárias enfrentando, geralmente, duas horas de trânsito intenso no ir e vir de casa para o trabalho e vice-versa. Essa jornada diária inicia no lar, pois casada, separada, mãe solteira ou não, é a última a dormir e a primeira a acordar. Poder-se-ia dizer que é uma vida sem repouso. Muitas desistem do emprego por não suportar

⁵ *Bitcoins* é uma moeda, assim como o real ou o dólar, mas bem diferente dos exemplos citados. Ela não existe fisicamente, é totalmente virtual.

⁶ Matar um leão por dia é uma expressão que simboliza a luta diária, os objetivos difíceis e contínuos. A necessidade de dar o melhor de si todos os dias.

as inúmeras horas em pé, a humilhação por parte de alguns clientes e o abuso de poder por parte de determinados padrões. Foucault (1979, p.147), indica que “na verdade, nada é mais material, nada é mais físico, mais corporal que o exercício do poder”. De acordo com esse autor:

Se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, do recalcamento, à maneira de um grande superego, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil. Se ele é forte, é porque produz efeitos positivos a nível do desejo e também a nível do saber (FOUCAULT, 1979, p.148).

Poucas conseguem estudar, acalentando o sonho de uma vida melhor, um salário mais digno, uma promoção ou outro trabalho mais auspicioso para que pudessem realizar o sonho da casa própria, por exemplo. Com mais “acesso à educação e à profissionalização, as mulheres tiveram de se dividir entre os papéis da casa e os da rua. Ora mãe, ora profissional. Nos dois, deveria se sair bem, desdobrando-se como podia entre duplas, quando não triplas jornadas de trabalho” (DEL PRIORE, 2013, p. 156).

Ao sair de casa para o trabalho, na esfera privada as mulheres acumularam os serviços domésticos dos quais não se desvencilharam, acarretando assim a dupla jornada de trabalho. Algumas dessas mulheres encaram essa sobrecarga com resignação e com um certo determinismo, como se essa fosse sua condição social. Del Priore (2013, p. 90), assinala que “a conquista da autonomia profissional, a evolução dos modelos familiares, o controle da procriação transformou sua imagem e situação social”. A mesma autora acrescenta que, “entre casais, a partilha de tarefas ainda é uma doce utopia; as mulheres consagram-se três vezes mais que os companheiros às atividades domésticas” (DEL PRIORE, 2013, p. 90).

A jornada diária da mulher comerciária inicia por volta das cinco horas da manhã, quando prepara o café da família e o almoço dos filhos, para então enfrentar a jornada de trabalho no comércio, depois de uma longa viagem de transporte coletivo, nem sempre de boa qualidade e com conforto. No trajeto até o trabalho, as mulheres comerciárias enfrentam no ônibus os empurrões, as “cantadas”, o esfregamento de genitálias dos homens em seus corpos, entre outros abusos. Dentre todos os aborrecimentos enfrentados no cotidiano, o assédio sexual é o que mais as incomoda. Os assédios vão de um simples olhar malicioso aos toques disfarçados e um cínico “desculpa, minha senhora”. Em relato, Dália (23 anos) revela que:

Estava indo para o trabalho quando senti alguém se esfregando na minha bunda. Olhei para trás com a cara bem feia e um cara, até bem novo, disfarçou, olhando para o lado. Esse jogo durou até eu chegar no meu ponto de descer. Com muita raiva, aí, olhei pra trás e perguntei: Já gozou? Se não gozou, perdeu a oportunidade. E desci! Ainda ouvi o povo dizer: “Bem feito! Tarado!” E outras coisas (Entrevista/2016).

Poucas mulheres têm a coragem ou a iniciativa de reagir à violência física, moral, sexual, patrimonialista ou psicológica. Algumas, com o receio de represália por parte dos próprios homens, se calam ou se intimidam. No caso de Dália, há a presença de três tipos de violência praticada pelo passageiro dentro do transporte coletivo: a violência física, a moral e a sexual. Para um número significativo de homens falar palavrões, pegar ou encostar na mulher, sem sua devida permissão, dirigir-lhe palavras obscenas, entre outras, não é assédio, não é violência. Observe-se que a violência contra a mulher é algo naturalizado, basta ser mulher para o homem “atacar” e, isso, é natural ou normal. Com relação ao estupro e ao assédio sexual, ambos são práticas estabelecidas desde a Idade Média. Perrot (2012, p. 76), assinala que “o estupro coletivo era uma prática usual dos bandos de jovens, um ritual de virilidade. Fenômeno análogo, mas estigmatizado, ocorre em bairros populares na atualidade”. A mesma autora indica que o “assédio sexual já era corrente, principalmente no trabalho. As moças da criadagem, operárias e camponesas eram molestadas tanto pelos patrões quanto por seus filhos” (PERROT, 2012). Fato comum até os dias atuais. A violência física e o feminicídio encontram-se presentes, diuturnamente, nos principais noticiários do Brasil.

Além da violência física e sexual, as mulheres comerciárias enfrentam a violência moral no seu dia a dia. Um sorriso sarcástico e desdenhador do patrão, palavras chulas, levianas e humilhantes de certos maridos, compõem o leque de violência moral. Uma das mulheres comerciárias sujeito da pesquisa, em entrevista revela que:

Todo dia quando saio para trabalhar meu marido fala um monte de coisa para me humilhar. Diz que minha roupa parece de puta. Não gosta que eu use maquiagem, vive falando que uso a saia muito curta, a calça muito apertada, que já sou velha, que meu cabelo tá feio, essas coisas. Faz de tudo para que eu me sinta mal (CRISÂNTEMO, entrevista/2017).

Alguns homens exercem o poder destruidor tão vil que com apenas um olhar eles são capazes de desestruturar as mulheres. De acordo com Bourdieu (2011, p. 50),

“a força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como por magia, sem qualquer coação física; mas essa magia só atua com o apoio de predisposições colocadas como molas propulsoras, na zona mais profunda dos corpos”. Crisântemo, além de trabalhar durante o dia, frequenta uma faculdade particular onde cursa enfermagem, à noite. Praticamente todo o seu salário é gasto para pagar a sua faculdade, o pouco que lhe sobra é insuficiente para os gastos com as despesas de casa e seu uso pessoal. Vejamos:

Um dos grandes problemas de quem trabalha no comércio são as despesas que temos, porque o salário não dá conta. Nós, vendedoras, temos que nos apresentar bem, estar sempre bem maquiada, com a farda limpa e bem passada, cabelos arrumados, unhas bem feitas. Devemos estar sempre bem apresentáveis e com um sorriso no rosto desde a manhã até a noite (Entrevista/2016).

“O aspecto simbólico é fator estruturante das sociedades. E o poder também vai se estruturando de forma simbólica” (BOURDIEU, 2011, p. 34). No exercício das atividades comerciais, quando além de apresentar aos clientes o produto de qualidade e atendimento qualificado, a vendedora necessita estar apresentável para ser visualizada e aceita com prazer por um cliente em potencial. Foucault (1979, p.146), assinala que “o poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo”. Destaque-se que no mercado de trabalho, a mulher é mais cobrada por sua aparência física do que os homens. Bourdieu (2011, p. 118), considera que:

Enquanto que, para os homens, a aparência e os trajes tendem a apagar o corpo em proveito de signos sociais de posição social (roupas, ornamentos, uniformes etc.), nas mulheres, eles tendem a exaltá-los e dele fazer uma linguagem de sedução. O que explica que o investimento (em tempo, dinheiro, em energia) no trabalho de apresentação seja muito maior na mulher.

Estar bem apresentada no local de trabalho é regra primordial para sobreviver como comerciária. Todavia, as mulheres das classes pauperizadas só permanecem nesse mercado quando o empregador fornece o uniforme. Sem este, é impossível manter-se bem trajada. O salário ínfimo não oferece as condições mínimas para prover as necessidades dessas trabalhadoras.

Buscando-se respostas com relação à sexualidade e aos assédios sofridos no âmbito do trabalho, recorreremos aos relatos de um dos sujeitos da pesquisa. Vitória Régia (20 anos) é possuidora de uma beleza tipicamente amazônica, exótica, possui uma tez de cor morena bronzeada, longos cabelos negros e lisos até a cintura, esguia e alta para os padrões locais, cintura fina, quadris com medidas proporcionais ao resto do corpo, pernas e coxas bem torneadas, uma bela mulher! Por sua beleza estética, essa comerciária se destaca entre as demais. Em entrevista, ela revela que sofre assédios em todos os espaços, tanto nas ruas quanto no local de trabalho e, também, nos lugares públicos e eventos que frequenta. Participou de um concurso de beleza bem conhecido em nossa cidade, foi vendedora em algumas lojas, fez um comercial para a televisão e tentou a carreira de manequim e modelo. Em relato Vitória Régia revela o seguinte:

Não vou ser falsa, sei que sou muito bonita, pois onde vou os homens só faltam me comer com os olhos. Me orgulho de ser bonita e, às vezes, fico cansada com essa perseguição. Sei que abuso do meu poder de sedução e provooco mesmo os homens só pra depois dar pernada neles. Ainda não encontrei nenhum que eu amasse e, na maioria das vezes, só faço brincar com eles. Querida, quero um homem bom e rico, que eu não precise trabalhar. Se Deus me deu essa beleza foi para eu aproveitar. Meu sonho é ser rica e vou conseguir! (Entrevista/2017).

Percebe-se na narrativa de Vitória Régia alguma imaturidade e certa arrogância. Utiliza-se de sua beleza como moeda de troca e não vai medir esforços para conquistar seu objetivo maior: ser rica! Usa sua sensualidade e sua beleza para seduzir. Em Scott (1992, p.77), compreendemos que:

A sexualidade está para o feminino assim como o trabalho está para o marxismo: é aquilo que mais nos pertence o que, todavia, nos é abstraído. A objetivação sexual é o processo primário de sujeição das mulheres. Ela liga o ato com a palavra, a construção com a expressão, a percepção com a efetivação, o mito com a realidade. O homem fode a mulher; sujeito verbo objeto.

Note-se que Vitória Régia utiliza sua beleza para encontrar um homem rico que a leve ao altar. Busca um objetivo que pode até ser perigoso. Contudo, mesmo correndo riscos, ela está totalmente voltada para a efetivação dos seus planos: casar. Para Del Priore (2013, p. 97), “casar, foi e é o sonho de muitas mulheres. Para alguns pesquisadores, ainda hoje o casamento oferece as brasileiras um papel que as realiza”.

As mulheres ainda sonham com o véu, a grinalda, o príncipe encantado e o felizes para sempre.

A nossa entrevistada parou de estudar no primeiro ano do ensino médio, acreditando ser um desperdício gastar tempo com estudo se pode ganhar dinheiro com sua imagem. A primeira vez que arrumou um emprego tinha 15 anos, queria ter “suas coisinhas” e os pais não tinham condições econômicas para prover suas necessidades. Foi contratada como vendedora em uma boutique de um *shopping* de Manaus. Naquele emprego, iniciou o seu sonho de se tornar rica. Aquela plêiade de mulheres elegantes e bem cuidadas que frequentavam a loja lhe causava um grande fascínio. Nos finais de semana, tal loja promovia desfiles para exposição de suas roupas em condomínios e hotéis de luxo. No início, ela começou a ir a esses eventos para auxiliar nas trocas de roupas das manequins. Depois, foi convidada pelo proprietário da boutique a participar desfilando. Fez alguns treinamentos e chegou a desfilar. Depois, descobriu que o dono da loja usava suas meninas para encontros amorosos com clientes preferenciais.

Por meio de seu relato, soubemos que as mulheres que desfilavam para essa boutique ganhavam até R\$ 1.000,00 (hum mil Reais) pelo pacote (desfile e encontro sexual), o que era uma quantia bastante significativa se comparada ao salário que recebiam: um salário mínimo para um mês de trabalho árduo. Na época do acontecido, Vitória Régia ficou apavorada, pois ela ainda era muito jovem e não entendia direito aquele sistema. Segundo ela própria, o patrão nunca a ofereceu para nenhum cliente, porque era menor de idade. Mas, acredita que sua imagem atraía olhares maliciosos daqueles homens. Ela não tinha noção de seu poder de sedução e confessa que ficou tentada a experimentar. Pensava que aquele dinheiro iria resolver muita coisa na sua vida. Vasconcelos (1971, p.110), considera que:

A sexualidade é uma forma de expressão, liga-se estreitamente à sensibilidade constituindo, com ela, essa atividade essencialmente humana que é o erotismo. [...]. Os ritos da sexualidade, a corte amorosa, a provocação sensual se manifesta no olhar, nos gestos, enfim em toda a corporeidade.

Vitória Régia trabalha em uma grande loja de cosméticos e no seu local de trabalho foi convidada por um cliente “caçador de talentos” a participar de um grande concurso de beleza, em nossa cidade. Venceu as primeiras etapas, mas não chegou às finais. O sonho de ganhar um carro e mudar de vida não se concretizou, pois ela acha que houve manipulação dos resultados. Conforme seu relato, ela nos confidenciou que

meninas mais feias que ela seguiram em frente, porque saíram com os patrocinadores do programa. Churchland (2004, p.101), explica que “a maioria das explicações que emitimos são apenas esboços de explicação. Ao ouvinte é deixada a tarefa de completá-los com o que se deixou de dizer”. No mundo de quem perde e quem ganha, o perdedor sempre procura um meio de justificar o seu fracasso.

Nossa entrevistada sabe muito bem o que quer e não quer de qualquer jeito, quer da forma que ela idealizou: namorar e casar com pompas e circunstâncias. A entrevistada comentou ainda que se deixou enganar quando tinha 19 anos e isso ainda está muito vivo na sua memória e no seu coração. “Nossa existência interpessoal minada de experiência está sendo completamente transfigurada, envolvendo todos nós naquilo denominado de experiências sociais do cotidiano, com as quais as mudanças sociais mais amplas nos obrigam a engajarmos” (GIDDENS, 1993).

Vitória Régia não acredita nos homens e nas suas falsas promessas, por isso sua maior diversão no momento é brincar com eles, deixá-los loucos por ela e depois abandoná-los, até encontrar um que esteja à sua altura, que haja amor recíproco e, principalmente, que seja rico. Em épocas passadas, essa entrevistada poderia ser considerada leviana, ou “aquelas com que os rapazes namoram, mas não casam. Deveriam, inclusive, ser evitadas pelas boas moças para que estas não fossem atingidas por sua má fama e seus maus exemplos” (PINSKY, 2010, p. 612). No tempo atual, existe a compreensão de que “ela sabe o que quer!” Talvez uma mulher determinada e decidida. Uma identidade individual que caracteriza as mulheres modernas. Barbosa (2007, p. 27), assinala que “a relação constante da herança cultural com a estrutura social, regida por uma série de valores determinados, possibilita ao ser humano fazer algumas escolhas, a concretizar seus desejos, assim como se defrontar com frustrações e insatisfações”.

A entrevistada revela que nunca sofreu assédio mais sério, recebe muitos olhares e gracejos provocativos sobre sua beleza, contudo acha que não é assédio, mas sim um elogio à sua beleza. Gosta de ser elogiada e isso faz bem para o seu ego. Sente muito prazer em ser elogiada, não se chateia com essas gracinhas. Vejamos: “Faço é rir!” (Entrevista/2017). Em relato, nos conta que: “sinto necessidade de ser o centro das atenções. Às vezes, me programo e tento contar quantos elogios eu levo. Também gosto de postar fotos no *instagram* e no *facebook* para ver quantas curtidas recebo. Adoro!” (Entrevista/2017). Nesse contexto, Duarte (2004, p.43), assinala que “a afirmação de um critério mundano de ‘satisfação’ e ‘prazer’ como justificação da vida humana é um dos

traços mais característicos da inflexão moderna da cultura ocidental e certamente se associa ao processo de requalificação do erotismo”.

Ao conhecermos Margarida (27 anos) não pudemos deixar de realizar uma comparação entre ela e Vitória Régia. Margarida é uma moça tímida e faz de tudo para manter-se longe dos olhares dos outros. Trabalha atrás de um balcão, como caixa de uma drogaria. Ao iniciarmos nossa entrevista percebemos que ela se colocou atrás do caixa sentada e olhando para baixo. Compreendemos em rápida análise que o balcão servia de escudo para esconder sua timidez. No primeiro encontro não conseguimos que ela relatasse quase nada. Portanto, deveríamos ter calma e paciência para colher algum dado. No segundo dia de encontro, conseguimos que ela relatasse um pouco da sua família e da sua infância. Em relato, Margarida esboça o seguinte:

Sou de Santo Antônio do Içá. Vim para Manaus para tomar de conta de uma menininha (ser babá). Nessa época, eu tinha 12 pra 13 anos e meu sonho era estudar. Enquanto estive como babá eu até conseguia ir para a escola à noite. Depois, os meus patrões não puderam me pagar e tive que deixar o emprego. Foi muito difícil pra mim deixar aquela casa, gostava muito dos meus patrões e amava a garotinha como minha filha. Quando saí de lá, já estava com quinze anos e fui oferecida para trabalhar na casa de uns parentes da minha ex-patroa. Essa experiência foi muito ruim e não gosto nem de falar (entrevista/2017).

Na cultura amazônica, mesmo nos dias atuais, as meninas adolescentes nascidas nos municípios e comunidades interioranas são doadas aos parentes ou padrinhos que moram na cidade grande com a promessa de estudo e emprego. No entanto, ao chegarem ao seu destino, essas meninas sofrem a exploração laboral e sexual. Torres e Oliveira (2012, p. 41), sinalizam que “as várias culturas da Amazônia sempre foram mobilizadas para dar respaldo à prática de troca das mulheres e meninas ou, ainda, continuam doando-as como mimos e presentes a seus amigos, visitantes, compadres ou até mesmo desconhecidos”. A história dessas meninas é reprisada por décadas.

Na primeira entrevista, Margarida não se dispôs a falar mais nada e com muita cautela perguntamos se podíamos procurá-la mais uma vez, caso ela se sentisse à vontade. Percebemos em seu olhar uma vontade implícita de relatar mais alguma coisa, que algo a estava incomodando. Deixamos passar mais ou menos uma semana e retornamos ao campo. Ao nos ver, esboçou um sorriso enigmático, que não sei se dizia: “olha! Ela voltou” ou: “caramba! Ela voltou!”. Independentemente do que dizia aquele sorriso, entramos, cumprimentamos a dona do estabelecimento comercial e, com a

anuência da proprietária, sentamos ao lado de Margarida. Discretamente, a proprietária deu-nos licença para que fôssemos para a parte de trás da drogaria. Com uma piscadela da proprietária, percebi um olhar cúmplice que me dizia: “vá em frente! Ela precisa desabafar”. Então, perguntamos a ela: “deseja terminar a sua fala?” Ela nos olhou e disse: “vamos logo, antes que eu me arrependa”. Vejamos:

Bom, professora, naquele dia eu não tive coragem de contar, mas, agora estou mais ou menos preparada. Quando fui trabalhar na casa dos parentes da minha ex-patroa, o marido da mulher começou com confiança pro meu lado. Era só eu ficar sozinha na cozinha que ele chegava devagarinho por trás. No início, ele só alisava o meu braço. Às vezes, passava o pé dele nas minhas pernas e só. Com o tempo, ele passou a me pegar por trás e se esfregar em mim. Por fim, eu estava no quarto dormindo e ele entrou, tapou minha boca e disse pra mim ficar quieta, não falar, não gritar e não contar nada pra ninguém (choro) e, assim, forçada, ele me estuprou (entrevista, 2017).

Considerado crime hediondo, o estupro é uma realidade palpável na vida das mulheres. “A maioria dos estupradores se consideram moralistas, tanto que a mulher estuprada é uma mulher que mereceu o seu ato porque já não era moral. Tratava-se de uma mulher em condições de ser violada por sua falta de moralidade” (SEGATO, 2010, p. 51). Trata-se de homens amorais assentados na cultura patriarcalista. A mesma autora acrescenta que “embora a agressão seja sexual nesses atos, eles não têm a sexualidade como motivação, não tem a satisfação sexual como finalidade. Trata-se da ordem do poder” (SEGATO, 2010, p. 55). Prosseguindo com o relato, Margarida revela que, após a violência perpetrada contra seu corpo, ela teve a seguinte reação:

Fiquei muito tempo debaixo do chuveiro querendo tirar aquela lama de cima de mim e pensando no que ia fazer. Antes de amanhecer o dia pequei minhas coisas e fui embora. Fiquei andando pelas ruas um tempão, depois comecei a bater nas portas atrás de emprego. Mas, quem ia empregar uma pessoa sem nada? Mas ainda tem pessoa boa nesse mundo. Consegui uma casa, era de uma professora e ela me disse que não poderia pagar um salário, mas eu teria oportunidade de voltar para o estudo e foi o que fiz. Sou muito grata a essa pessoa, foi um anjo que Deus colocou na minha vida! (entrevista/2017).

História como a de Margarida é muito comum em nossa sociedade. Meninas que chegam dos municípios interioranos cheias de sonho e que são ludibriadas na cidade grande. O desconhecimento, a falta de instrução, a baixa condição econômica dessas famílias pode ser o agente potencializador desse fenômeno. “Quanto mais baixa for a

instrução, mais vulnerável é a mulher frente a esse risco social. Outro fator é a condição socioeconômica das mulheres que possuem baixo nível de instrução” (TORRES e OLIVEIRA, 2012, p. 93).

Destaque-se que a timidez de Margarida (27 anos) se agravou com o estupro e, somente, em 2015 ela encontrou um rapaz que lhe inspirou confiança e, atualmente, encontra-se casada e sem filhos. Disse-nos que nunca sofreu assédio sexual no trabalho e que se sente feliz no atual emprego. Percebe-se que a felicidade, para muitos, consiste em ter um teto para morar, um colchão para dormir, um prato de comida para amainar a fome e um abraço aconchegante para relaxar.

Na atualidade, há um temor por parte das mulheres em serem assediadas. Algumas se defendem denunciando o autor, que dificilmente é punido. Geralmente, o agressor recebe uma advertência e fica livre para continuar as investidas contra as mulheres. Algumas vítimas do assédio sexual, por temor e por vergonha, deixam passar em branco o ocorrido e não tomam qualquer atitude. E qual é a culpa delas? Ser mulher!

1.3 Mulheres em academias, corpo e erotismo

No templo do culto ao corpo o “deus” todo poderoso é o corpo perfeito e, nele, a beleza estética corporal reina absoluta. Na ânsia de agradar ao seu amo e senhor que é o corpo perfeito, seus seguidores fazem sacrifícios inimagináveis. Os corpos naturais e comuns são escravizados em nome da ditadura da beleza. Nunes (1987, p.112), indica que “os corpos livres somente serão livres para novas formas de prazer e gratificação quando abolirem os pesados signos de morte que pesam sobre suas entranhas”. Esses signos de morte são as amarras sociais que os prendem às convenções e estereótipos dos modismos em voga.

A perquirição do corpo perfeito comparado à imagem dos deuses gregos Afrodite e Apolo assenhora-se da mente dos aficcionados pela corpolatria⁷. As academias de Manaus foram tomadas de sobressalto por mulheres e homens ávidos em

⁷ Corpolatria é uma espécie de “patologia da modernidade” caracterizada pela preocupação e cuidados extremos com o próprio corpo. Não exatamente no sentido da saúde, mas particularmente no sentido narcisístico de sua aparência ou embelezamento físico. Para o corpolatra, a própria imagem refletida no espelho se torna obsedante, incapaz de satisfazer-se com ela, sempre achando que pode e deve aperfeiçoá-la. Sendo assim, a corpolatria se manifesta como exagero no recurso às cirurgias plásticas, gastos excessivos com roupas e tratamentos estéticos, abuso do fisiculturismo (musculação, uso de anabolizantes, etc).

adquirir, em curto espaço de tempo, o corpo idealizado. Os fanáticos usuários da academia passam até seis horas por dia se exercitando, na ânsia de conquistar uma silhueta admirável e admirada. É a emergência na conquista do corpo almejado e propagado pela mídia televisiva e aclamado nas redes sociais. Del Priore (2013, p.253), considera que “os corpos verdadeiros, os reais, correm por sua vez, desesperados atrás dos modelos sonhados. Longe estamos dos tempos em que os corpos robustos eram benquistos e bem-vindos”. Longe estamos do período renascentista onde os corpos das matronas eram sinônimos de beleza. Era um tempo do corpo mais: mais seios, mais ventre, mais ancas. Hoje vivemos na ditadura da magreza e do corpo sarado⁸.

Na corrida em perseguição ao sonhado corpo perfeito, os clientes dos templos de adoração de corpos não medem esforços para conquistá-lo. Geralmente nas academias consideradas de primeira linha, existe o espaço “*fitness*”⁹ onde são comercializados diversos produtos para aumentar o potencial dos exercícios físicos e diminuir o tempo de espera para a aquisição do corpo idealizado. É vendido, então, todo tipo de fórmulas e energéticos para turbinar a musculatura num tempo breve. A palavra de ordem é não à massa gorda e, sim, à massa magra. Nesse contexto, criam-se dietas das mais variadas possíveis, como a dieta da lua, da sopa, do limão, balanceada, dietas líquidas, entre outras, com restrição de calorias para promover o emagrecimento.

As dietas preferidas e com o maior número de adeptos são as *lowcarb*¹⁰ (baixo ou zero carboidrato) e a de jejum intermitente¹¹. Alguns indivíduos conquistaram, em até um ano, a perda de até 40 kg de peso ao adicionar em seu cotidiano, uma dessas duas dietas, de forma natural, sem a utilização de drogas. Todavia, dificilmente as

⁸ Corpo sarado – termo utilizado na musculação para designar um corpo bonito e saudável, utilizando apenas alimentação, treino e descanso.

⁹ *Fitness* – é uma palavra de origem inglesa e significa “estar em boa forma física”. O termo é, normalmente, associado à prática de atividade física e se refere ao bom condicionamento físico ou bem estar físico e mental. A palavra é formada a partir da junção de “*fit*” (boa forma) e “*ness*”, um sufixo que transforma adjetivos em substantivos, designando um estado, uma condição.

¹⁰ Dieta *lowcarb* é uma dieta baseada em uma redução do consumo de carboidratos simples na alimentação, como arroz branco, macarrão e pão. Para compensar a redução no carboidrato, deve-se aumentar a ingestão de proteínas como carnes e ovos, e de gorduras boas, que estão presentes em alimentos como abacate, castanhas, azeite e peixes como sardinha e salmão. Essa dieta é bastante eficiente para fazer emagrecer porque o metabolismo passa a funcionar melhor com o aumento das proteínas e da gordura boa na alimentação, ajudando também a reduzir a inflamação do organismo e a combater a retenção de líquidos (Tatiana Zanin-Nutricionista).

¹¹ Jejum intermitente é um método de emagrecimento que visa intercalar períodos de jejum com períodos de alimentação. O objetivo é fazer com que o corpo utilize os estoques de gordura e com isso haja uma perda da massa gorda. Os períodos em que a alimentação é permitida são chamados de janelas de alimentação (idem).

peessoas têm paciência para aguardar todo esse tempo. Então, preferem arriscar suas vidas com o consumo de anfetaminas, de anabolizantes e de injeções de hormônio do crescimento e testosterona. Fraga (2006, p.63) sugere que:

A engenharia genética, cirurgia a laser, transplantes, silicones, alimentos transgênicos, esteróides anabolizantes compõem um instrumental contemporâneo diversificado, que vai redimensionando um corpo numa velocidade espantosa, ao mesmo tempo em que o torna radicalmente contingente.

Além de todo o aparato tecnológico, os sujeitos com um maior poder aquisitivo buscam na medicina estética a solução para seus problemas. Nesse caso, a solução mais procurada é a lipoaspiração ou a plástica abdominal e glútea para conquistar-se a barriga tanquinho¹² e o bumbum empinado. Feitosa (2004, p.251), esclarece que “beleza e feiura não é questão de gosto de cada um. Está na época em que se vive. A preocupação com as transformações do corpo para se adequar a [...] padrões reflete um contexto, em que a medicina está dando condições para produzir esse corpo idealizado”.

Ao longo da história da humanidade, o corpo vem sendo parte indissociável da cultura dos povos. Do corpo estudado pela anatomia ao corpo social, as ciências investem em perscrutar os seus mistérios. As razões da repentina irrupção do corpo nas ciências do homem devem ser buscadas, nas transformações políticas e nas mutações sociais dos anos de 1960/70. Courtine (2013, p.15), prescreve que “o corpo sem dúvida, não sustentou as promessas de revolução das quais se podia esperá-lo portador. Mas, sem dúvida alguma, ele conservou as lutas sociais e as inspirações individuais deste momento histórico”. Este é um momento único na história da atividade física, em que um público significativo se preocupa com a prevenção de doenças, enquanto que outro público preocupa-se unicamente com a beleza estética das transformações corporais. Vivemos uma época de culto ao corpo perfeito, “mas o corpo é também diretamente mergulhado num campo político, as relações de poder operam sobre ele uma influência imediata; elas investem contra ele, o marcam, o adestram, o supliciam, o constroem a trabalhos, o obrigam a cerimônias, cobram dele signos” (COURTINE, 2013, p. 16).

A mídia impressa e televisiva, assim como as redes sociais são disseminadoras do culto ao corpo perfeito, criando nos sujeitos as ansiedades e a insegurança na esfera

¹²Barriga tanquinho – nomenclatura do mundo *fitness*, atualmente utilizada para designar um abdômen que se conquista com muita academia, onde os músculos formam gomos, parecidos com o tanque de lavar roupas (antigo).

pública. Isto contribui para criar indivíduos dependentes do julgamento do outro. Então, o indivíduo passa a ser visto em sua aparência e não na sua “essência” ou naquilo que o indivíduo é em sua identidade. A domesticação e modelagem do corpo assumem primazia sobre a constituição da pessoa enquanto ser social e histórico. De acordo com Rabinow (1991, p.85), “toda cultura se transforma em prática de remodelamento técnico da natureza. Base para superação de todos os problemas humanos advindos da separação entre cultura e natureza”. Na história do corpo, as modificações antinaturais começam a acontecer por volta da década de 1960, quando iniciam as campanhas “seja sempre jovem”. O culto à beleza é imperativo e a intensa exploração comercial dos corpos é iniciada de forma acirrada. Os artistas passam a utilizar seus corpos para denunciar coações sociais, sexuais e identitárias.

A procura por um corpo belo não encontra barreiras, apesar dos riscos e perigos. Busca-se o corpo perfeito que possa impressionar a sociedade, na medida em que a aparência é um dado importante no âmbito da moral burguesa e das forças de mercado. Goffman (1985, p. 38), sugere que “pode-se chamar de ‘aparência’ aqueles estímulos que funcionam no momento para nos revelar o *status* social do ator”.

Mulheres precavidadas vêm buscando um modelo corporal que as afastem da imagem frágil e anoréxica, tão sonhada por modelos e manequins. A nova mulher deseja um corpo mais vibrante e atlético e essa conquista é alcançada de forma natural com a prática da musculação, caminhadas, corridas e alimentação balanceada. Bourdieu (2011, p. 83), considera que “a prática intensiva de um determinado esporte determina nas mulheres uma profunda transformação da experiência subjetiva e objetiva do corpo”. A atividade física, a busca da liberdade de ir e vir, os desafios do mercado de trabalho vêm mudando o perfil corporal da mulher. Esse corpo pode estar influenciando o surgir de uma mulher mais determinada, convicta de sua posição na sociedade, adepta da liberdade pessoal.

As mulheres que frequentam as academias de ginástica e de musculação têm como objetivo principal o emagrecimento e as transformações corporais. As consideradas magras exercitam-se em busca de um corpo com maior definição muscular. As mulheres com mais tecido adiposo, com índice de massa corpórea acima da tabela, são consideradas obesas e buscam no exercício físico um corpo mais esbelto. O corpo feminino sempre foi marcado por preocupações de natureza estética. A apresentação pessoal é motivo de orgulho para a maioria das mulheres. “O corpo humano era, e permanece para nós, coberto de signos, mesmo se a natureza destes, o

olhar que os decifra, a posição de quem os interpreta e a intenção de que os exprime se modificaram historicamente” (COURTINE, 2013, p. 78).

Um dos sujeitos da pesquisa, Amor Perfeito (26 anos), em relato revela o seguinte:

Você não acredita, mas eu já pesei mais de cem quilos. Tive uma adolescência muito triste, porque eu era rejeitada e sofria *bullying*¹³ por causa do meu excesso de peso. Sentia necessidade de afeto e carinho, mas até isso era difícil, porque as pessoas se afastam da gente. Parece que a obesidade é doença contagiosa (entrevista/2017).

Goellner (2010, p. 37), indica que a partir do século XVIII “o corpo retilíneo, vigoroso, elegante, educado e comedido nos gestos traduzia o pertencimento a burguesia da época, enquanto o corpo volumoso, indócil, desmedido, fanfarrão e excessivo era representado como inferior e abjeto ao que se desejava produzir”. Passasse a dividir os corpos em magros (belos) e gordos (feios), os excluídos pela sociedade burguesa.

O problema da obesidade prejudicou intensamente o desenvolvimento social de Amor Perfeito, a saber:

Fiquei tão gorda que não saía de casa para nada. Ir pra escola era um tormento. Entrar no ônibus, nem pensar. Morria de medo de não passar na roleta. Passear, dançar, nada disso eu tinha coragem de enfrentar. Minha vida se resumia às quatro paredes do meu quarto, pois, até em casa, minha mãe enchia o meu saco. Minha vida amorosa e sexual não existia. Passei muitos anos da minha vida sem saber o que era beijar. Então, não tinha amigos e nem namorado. Vivia só (entrevista/2017).

Goellner (2010, p. 39), assinala que “a individualização das aparências produzida a partir da valorização por vezes exacerbada da imagem transformada em performance tem levado os indivíduos a perceberem que o corpo é o local primeiro da identidade”. A obesidade é uma doença crônica e Amor Perfeito, mesmo tendo emagrecido 48 quilos, terá que fazer tratamento preventivo a vida inteira, para não ocorrer a recidiva. Prosseguindo em seu relato, nos conta que:

¹³ O termo surgiu nas escolas americanas e tem origem na palavra inglês *bully*, que significa valentão, brigão. É uma situação que se caracteriza por agressões intencionais, verbais ou físicas, feitas de maneira repetitiva, por um ou mais alunos contra um ou mais colegas.

A primeira coisa que fiz quando estava em processo de emagrecimento foi procurar uma academia. Estou aqui há quase dois anos e, nesse lugar, encontrei a felicidade, a mim mesma e o amor da minha vida, o meu porto seguro, que me ajudou a chegar onde estou. “Nós, eu e ele, temos orgulho do meu sucesso (entrevista/2017).

Percebe-se a dependência afetiva e emocional ainda presente no corpo da entrevistada. No mundo globalizado e com as informações chegando aos domicílios em tempo real, a moda e toda a indústria da beleza se impõem de forma agressiva aos consumidores em que o “eu quero”, “eu preciso” e “eu posso” funcionam como um dispositivo. Essa é uma exigência que se impõe tanto em tempos de guerra, quanto em tempos de paz. Sobretudo nesses últimos, “quando costumamos achar que está tudo bem, que está tudo “numa boa”; quando recebemos informações de todos os lados, sem tentar, nem ao menos, analisá-las, e terminamos por engolir qualquer coisa” (DEL PRIORE, 2013, p. 281).

O veículo de comunicação de massa que mais dissemina o poder do consumo é a mídia televisiva, seguida da enxurrada de propagandas de venda de bens e consumo nas redes sociais. As pessoas estão presas a uma sociedade que escraviza e mata, pois todos os dias, presencia-se através das notícias vinculadas nos meios de comunicação, jovens e adultos não medindo esforços para acumular bens, independente da forma que se processa essa conquista. No tempo presente, pessoas trocam seus aparelhos celulares todos os meses, somente com a intenção de exibirem o último modelo lançado no comércio. O consumo exacerbado de bens gera as mesmas ansiedades provocadas pela busca do estar belo. O acúmulo de bens é uma exigência também da sociedade. É preciso ter para ser incluído.

Há uma velocidade de respostas breves, sendo, pois, necessário correr: correr para ser e correr para ter. Independente de gênero, a corrida exibicionista é fato, vide o vício das *selfies*, marca presente do narcisismo¹⁴. O narcisismo impera no mundo

¹⁴ O termo narcisismo é derivado de Narciso, que segundo a mitologia grega, era um belo jovem que despertou o amor da ninfa Eco. Mas Narciso rejeitou esse amor e, por isso, foi condenado a apaixonar-se pela sua própria imagem refletida na água. Narciso acabou cometendo suicídio por afogamento. Posteriormente, a mãe Terra o converteu em uma flor (narciso).

Na psicanálise é um conceito que define o indivíduo que admira exageradamente a sua própria imagem e nutre uma paixão excessiva por si mesmo. Está relacionado com o autoerotismo. O narcisismo consiste em uma concentração do instinto sexual sobre o próprio corpo.

Os indivíduos narcisistas são frequentemente fechados, egocêntricos e solitários. Sigmund Freud explicita que o narcisismo é uma característica normal em todos os seres humanos. Está relacionado com o desenvolvimento da libido (com o desejo sexual, eros). O narcisismo se transforma em patologia, ou seja, passa do estado normal para o doentio, quando entra em conflito com ideias culturais e éticas, tornando-se excessivo e dificultando as relações normais do indivíduo no meio social.

fitness. O espelho que reveste as paredes dos salões de ginástica, dança e musculação, que na sua origem servia para que os praticantes realizassem as autocorreções dos exercícios, perderam essa função. Hoje, é exclusivo para fotografias do tipo “faça você mesmo”. Alguns instrutores se deixam empolgar com a própria imagem e se esquecem de prestar atenção no aluno que, muitas vezes, está executando o exercício de forma inadequada. Esse despreparo pode levar o aluno a graves lesões. As mais comuns são as distensões e luxações, assim como alguns problemas posturais e de coluna vertebral.

Outra função dos espelhos nos salões das atividades físicas é o de facilitador das paqueras e relacionamentos, com as trocas de olhares através da imagem refletida no espelho. Dessa maneira, alguns relacionamentos são iniciados. Em entrevista, Flor (48 anos) chama atenção para o fato de que:

É incrível como as relações afetivas e sociais são construídas aqui dentro. Os olhares entre os que se paqueram, geralmente, no início são através dos espelhos. Não importa a distância que separa esses corpos, como aqui é tudo espelhado, um pode estar bem longe do outro, mas o espelho aproxima, porque onde quer que estejam um vai ter a visão do outro (Entrevista/2017).

Dependendo da resposta do outro, o processo de aproximação pode ser iniciado a partir desse momento. Ressalte-se que as mulheres manauaras conseguem, com facilidade, iniciar uma amizade. Elas são extremamente simpáticas e muitas pessoas confundem esse comportamento com o oferecimento. Seu jeito de ser carinhoso e afetuoso pode ser confundido como lascividade da chamada “mulher fácil”. Para Ramos (2003, p. 108), “a mulher amazonense alcançou uma liberação sexual bem nos moldes que defendia o movimento feminista. A sua liberalidade é consequência das suas particularidades culturais”. Ou, melhor dizendo, “a mulher amazonense não conquistou na verdade, a liberação sexual através do movimento feminista, mas sim do reflexo cultural em que ela está inserida” (IDEM, p. 108).

No âmbito das academias de ginástica e de musculação há uma diferença de público significativa. O público da manhã, em geral, é formado por pessoas da meia idade que vão malhar antes de se deslocar ao trabalho, pois certamente não terão tempo no decorrer do dia para ir à academia. Nesse mesmo horário, também encontramos o público aposentado. No período entre o final da manhã e o início da tarde há um arrefecimento de público, talvez provocado pelo calor excessivo da tarde. É, pois, a

partir da segunda metade da tarde que ocorre uma invasão de jovens, que é justamente o público que sustenta o empreendimento. Conforme Vaz (1999, p.190):

Durante o capitalismo de produção, o corpo entrava no mercado como força de trabalho. Pesquisava-se o corpo como força a ser domada e preservada. Atualmente, vivemos um capitalismo da super produção, onde o que faz problema é consumir o que se produz em excesso comparativamente a necessidade. Desde então, o corpo entra no mercado como capacidade de consumir e ser consumido.

O desfilarm de corpos de homens e de mulheres nas academias chega ao nível de um concurso de beleza, haja vista a qualidade e a diversidade dos trajés utilizados. Calças extremamente colantes, apresentando bumbuns avantajados à base de próteses de silicone, assim como seios volumosos, em riste. Shorts curtíssimos, capazes de exibir coxas e pernas torneadas com músculos em hipertensão. Nos pés, há o destaque para os tênis de marca onerosa. O público das academias *locus* de nosso estudo é constituído de clientes com alto poder aquisitivo pertencente à classe média alta. Le Breton (2011, p. 254), preconiza que “o corpo é um belo objeto cujos melhores efeitos é preciso saber tirar”. E, acrescenta, dizendo que:

Se o mima, acaricia, massageia, se o explora como um território distinto a conquistar, ou melhor, como uma pessoa a seduzir. O corpo torna-se uma propriedade de primeira ordem, objeto (ou, antes, sujeito) de todas as atenções, de todos os cuidados, de todos os investimentos (com efeito, também aí é preciso preparar o porvir), cuidar bem de seu “capital” saúde, fazer prosperar seu “capital” corporal sob a forma simbólica da sedução (LE BRETON, 2011, p. 254).

Homens e mulheres investem capital financeiro para estarem bem apresentados nesse círculo narcísico, onde há uma necessidade de ser notado e apreciado. Nesse espaço de atividades físicas, mas também de conquistas amorosas, homens investem na sedução, sem muitos circunlóquios. “Essa nova erótica deve, [...], reger-se por noções independentes de uma prejudicial crítica ou metafísica. Entre estas, melhor que a noção de fascínio, muito ligada a magia sedutora do olhar e aos seus poderes maléficis, chama atenção a palavra charme” (PERNIOLA, 2000, p.41).

No entanto, se as mulheres tiverem comportamento idêntico ao do homem ficarão mal vistas. É preciso discrição por parte do gênero feminino. De acordo com Strathern (2006, p.74), “as mulheres vem ocupar um espaço público, mas o fazem ainda

se distinguindo contrastivamente dos homens”. Na investigação de campo, percebemos que as mulheres ainda são retraídas no quesito de assédio ou abordagem ao gênero masculino. Elas preferem a paquera à distância, através das trocas de olhares, não obstante, haver outras que investem na conquista. “As mulheres do século XXI são feitas de rupturas e permanências. As rupturas empurram-nas para frente e as ajudam a expandir todas as possibilidades, a se fortalecer e a conquistar. As permanências, por outro lado, apontam fragilidades” (DEL PRIORE, 2013, p.7).

No mundo das academias, respira-se erotismo e sensualidade. Os corpos malhados, suados e energizados exalam sexualidade, existe uma atmosfera de prazer. A endorfina¹⁵ liberada provoca a sensação de bem-estar e alegria contagiando os frequentadores desse espaço social. A música ambiente provoca uma sensação de liberdade, de estimulação dos sentidos e de percepção de sensações prazerosas. O odor que emana nesse lugar é uma mistura de cheiros de perfumes, desodorizantes corporais, desodorizantes de ambiente e suor. Essa mistura de cheiros chega a ser inebriante. O mundo *fitness* é provocador e viciante. A visão dos corpos, o ambiente, os cheiros, a música e todo o contexto provocam nos frequentadores, sensações prazerosas e um convite ao prazer. Com relação à contextualização desse espaço como “templo do corpo”, Dama da noite (21 anos) revela que:

No meio das academias percebo diversas formas de relacionamentos afetivos entre homens e mulheres. É muito comum ver casais malhando ao mesmo tempo. É muito comum ver homens traindo suas esposas no ambiente da academia. Lembro-me bem de ver homens com alianças no dedo paquerando mulheres que vão sozinhas para a academia. Vejo também os mesmos com aliança no dedo dando em cima de outros homens (Entrevista, 2017).

Observe-se que há um tom de censura no comentário de Dama da Noite, talvez herança de uma educação normatizada pela moral judaico-cristã ou ainda resquícios de uma moral ajuizada sobre uma disciplina doméstica exacerbada. Vaz (1999, p. 188), recorda que:

O cristianismo, para nossa memória de homens do final do século XX, resume a atitude de recusa: cabia ao homem descobrir-se como mais

¹⁵ Endorfina – conhecido como o hormônio do prazer, além da sensação de bem-estar, ao ser liberado na prática da atividade física alivia dores, relaxa o organismo, melhora a memória, o bom humor, aumenta a resistência física, a disposição física e mental, tem efeito antienvelhecimento, entre vários outros benefícios.

do que seu corpo, descobrir-se como alma que deve lutar contra os desejos para escapar da morte e conquistar a eternidade bem-aventurada. Hoje, porém, o corpo começa a habitar o campo de nossa liberdade.

Ao ouvirmos outro sujeito da pesquisa que trabalha na mesma academia, percebemos que as relações afetivas dentro desse espaço são bem assimiladas por muitas pessoas, e que os casos amorosos, geralmente, não permanecem em sigilo. Entretanto, existe um código de ética entre eles que evita que ali dentro ocorram conflitos. Já ocorreram casos de os parceiros descobrirem traições e até escândalos foram provocados, tudo resolvido com civilidade. Sobre escândalos, Miosótis (23 anos), revela que “os encontros flagrados, geralmente, são com os parceiros praticando sexo oral. Este fato é comum acontecer nos banheiros e no estacionamento da academia” (Entrevista 2017). Cancela e Santos (2010, p. 131), chamam a atenção para o fato de que “reflexões ao dessencializar a noção de corpo nos ajudam a ir mais longe nas discussões sobre a relação entre corpo, práticas sexuais e identidades sexuais”. Pode-se dizer que a prática do sexo oral nos dias atuais é utilizada por parte de ambos os gêneros e por pessoas com diferentes orientações sexuais. Nossa entrevistada segue seu relato nos seguintes termos:

Conheço aqui também donos de empresas do segmento *fitness*, que fazem amizade com as alunas mais bonitas, adicionam elas em grupos de redes sociais, compartilham fotos de nudez e, após isso, marcam encontros com as mesmas para concluir o ato, visto que sendo casado, com filhos e tudo mais não poderia estar fazendo isso (Miosótis, entrevista/2017).

O erotismo e o jogo de sedução apresentam-se muito fortes no âmbito das academias de ginástica e de musculação. As relações afetivas iniciadas nesse ambiente são frequentes, intensas e não duradouras. Del Priore (2014, p. 175), assinala que a partir da década de 1960 “o direito ao prazer tornou-se norma. E norma cada vez mais interiorizada. Apenas conformando-se a essa regra seria possível sentir-se feliz, alegre e saudável”. Nos diversos relatos coletados, percebemos que são aventuras passageiras, não obstante, já terem ocorrido alguns casos de uniões e casamentos. Há os flertes que duram alguns dias de sondagem e outros em que o paquerador não espera para chegar junto ao objeto de desejo. Esse tipo de abordagem ainda assusta alguns dos assediados. Com relação aos assédios, Cravo (25 anos), revela o seguinte:

Estava malhando braços quando percebi um rapaz que me olhava insistentemente. Da máquina de braços fui fazer exercícios de pernas. Então, o rapaz se aproximou e perguntou se podíamos alternar a máquina, o que é muito comum em academia. Falei que não havia problema. Me apresentei a ele e ele a mim e, por alguns momentos, ficamos malhando em silêncio. Fiquei com vontade de mijar e fui ao banheiro, qual não foi minha surpresa ao vê-lo entrar em seguida. Fiz de conta que estava tudo normal e continuei a mijar. Ele ficou do meu lado mijando também. Então ele balançou o pênis que já estava em ereção. Então, eu fui para dentro do *box*. Assim que entrei ele começou a empurrar a porta, aí eu gritei: porra! Será que eu não posso cagar sossegado nesse caralho? Aí, ele gritou: porra cara, tu veio pra cá, eu pensei que tu estava me chamando. Eu respondi: tu é doido, porra! Ele pediu desculpas, disse que tinha me entendido errado e se retirou. Confesso que não fiquei surpreso, isso é muito comum lá na academia. Você aceita ou não (entrevista, 2017).

Sabe-se que esse tipo de assédio é frequente, tanto com casais heterossexuais quanto com homossexuais, não obstante alguns não apreciem esse tipo de abordagem, não há grandes conflitos quando a investida não resulta em aprovação entre os pares. Hoje, vive-se a sexualidade de forma mais libertária. As amarras da moralidade estão aos poucos se desfazendo. “A humanidade sempre buscou formas de regulamentar as condutas amorosas, conjugais e sexuais” (FURLANI, 2009, p. 178). O autor nos diz ainda que:

As concepções atuais daquilo tido como ‘certo’ ou ‘errado’ na sexualidade humana, dos relacionamentos afetivos e amorosos permitidos e tidos como normais, as concepções acerca da noção de masculino e feminino, da ideia de homem e mulher, entre outras, são construções históricas e poderiam ter sido concebidas diferentemente em outros tempos (FURLANI, 2009, p. 179).

A maior liberdade sexual veio contribuir para que as pessoas falem e exibam sua sexualidade com maior liberdade. Del Priore (2014, p. 236), lembra que “antes encerrada em espaços restritos e secretos, onde se exercia o controle disciplinar e repressivo sobre a sociedade, a sexualidade tornou-se pública. Hoje o sexo se ostenta. Divulga-se o corpo e a alma, sem meios-termos”. Atos sexuais parecem ser frequentes nas academias, que passa a ser um lugar de “pegação” e, às vezes, até de promiscuidade. De acordo com Cravo:

Um dos lugares requisitados dentro da academia são os vestiários onde tive oportunidade de presenciar homens alimentando seus prazeres carnis no momento do banho com outro homem. Como vejo

também instrutores de academia, paquerando mulheres casadas. Lá é onde a busca pelo corpo perfeito, às vezes, é desvirtuado para o uso do mesmo, com fins promíscuos (Entrevista 2017).

As relações sexuais fora do ambiente reservado para tal fim, reservam aos seus praticantes a delícia da aventura e da adrenalina ativada nos corpos no momento de ser surpreendido por olhos indiscretos. É crescente o número de adeptos dessa forma de relacionamento sem que isso seja considerado promiscuidade. Vaz (1999, p. 187), assinala que “vários de nós experimentaram nos anos recentes uma imensa mudança de valores. Estamos deixando de ser o que somos. Cabe, então, comparar a sociedade contemporânea com a sociedade moderna para estimar este deslocamento de nós mesmos”. De acordo com Furlani (2009, p. 174), “a questão em si, passa pela necessária e vital separação da vivência sexual com os aspectos da ordem moral”.

Não são só o sexo e os encontros casuais que movem as academias de ginástica. Existem também os usuários que estão preocupados com a manutenção da saúde através da prática saudável da atividade física. As relações construídas nesse espaço não são somente casuais e inconsequentes. Trata-se de mais um espaço de estabelecimento de encontros e relações interpessoais que podem redundar em amor romântico. Conforme Del Priore (2013, p. 106):

Tudo indica que o século XXI será um laboratório amoroso. O desafio será fazer o amor durar e, com ele, o desejo. As experiências poli amorosas revelam que somos capazes de amar mais do que uma pessoa ao longo da vida. A vida privada vai tomando espaço à vida pública e nos ensinando a cultivar sensibilidades novas. E, na fragilidade do efêmero, somos convidados a elaborar novas respostas.

No templo de culto ao corpo, outras relações são formalizadas: amizades são construídas, negócios são planejados, a política é discutida, conselhos são dados, trocas de informações disponibilizadas e tristezas percebidas. Alguns usuários procuram esse espaço como forma de fugir da depressão. A convivência com outras pessoas, mesmo que forçada e a prática da atividade física, contribui para que alguns indivíduos que estejam passando por um período de atribulações encontrem nesse convívio uma motivação para saírem do estado de marasmo no se encontram, mesmo que aparentemente. Perniola (2000, p.146), sinaliza que “a pura aparência, ela designa precisamente o velho conceito metafísico segundo o qual a aparências oculta o ser e este nunca pode nem sequer aparecer”.

Geralmente, nas grandes academias, os encontros para “bate papo” com a intenção de colocar a conversa em dia se dão na lanchonete. O excesso de informações é típico da sociedade atual globalizada, que se mistura com a irreverência dos espaços informais. Freitas (1999, p. 145), reitera que “o corpo diz, por si só, uma série de coisas, inclusive algumas que as pessoas nem sempre estão podendo dizer. O corpo é um instrumento de comunicação; ele é uma das máquinas informacionais de consumo e lazer no cotidiano urbano”.

Nos espaços não formais, as relações de amizade ou amorosas são comumente sinalizadas. O corpo é o veículo da primeira comunicação entre os pares. É por ele e com ele que essas relações são efetivadas. O corpo é o veículo pelo qual a relação do sujeito com o mundo se estabelece. “Herdamos e construímos, a cada dia, um meio sociocultural que vigia a sexualidade alheia na tentativa de coagir as ações individuais e enquadrá-las nos modelos hegemônicos e permitidos, inventando inúmeras representações sexuais através de diversos discursos” (FURLANI, 2009, p. 178).

A academia de ginástica é um espaço público, onde a diversidade de pessoas se relaciona de forma pacífica. Nesse ambiente democrático há a liberdade para a integração dos diversos tipos de indivíduos que convivem em irmandade, de forma que comportam no seu meio as diferentes orientações sexuais, sem que haja conflitos de qualquer espécie. É um lugar onde respira-se sensualidade, sexualidade e erotismo exalados por corpos que são veículos de desejos e de paixões.

CAPÍTULO II – PRAZER E SEXUALIDADE COMO EXPRESSÃO DO HUMANO

Nenhum prazer é em si um mal, porém certas coisas capazes de engendrar prazeres trazem consigo maior número de males que prazeres.

Epicuro

2.1 O prazer como arquétipo de felicidade

A ética de Epicuro tem como fim único a felicidade. A busca do bem maior deve ser contínua e por toda a existência, necessitando de sacrifícios para alcançá-la. Esse filósofo nasceu na ilha grega de Samos, em 341 a.C. A busca eterna do humano é fugir da dor e buscar o prazer. Epicuro classifica o prazer em dois tipos: o primeiro é o prazer em movimento, o qual relaciona-se ao prazer carnal que é efêmero e provoca grande sofrimento no corpo e na alma, conforme o olhar holístico do pensador. O segundo é o prazer em repouso que corresponde ao bem maior, o que realmente é prazer, pois remete os homens ao estado de equilíbrio com a sensação de calma e de paz, um prazer mais demorado, um enlevo.

O filósofo em carta a Meneceu deixa claro qual é o seu conceito de prazer. Vejamos:

Quando então dizemos que o fim último é o prazer, não nos referimos ao prazer último dos intemperantes ou aos que ignoram nosso pensamento, ou não concordam com ele, ou o interpretam erroneamente, mas ao prazer que é a ausência de sofrimentos físicos e de perturbações da alma. Não são, pois, bebidas nem banquetes contínuos, nem a posse de mulheres e rapazes, nem o sabor de peixes e iguarias de uma festa farta que torna doce uma vida, mas um exame cuidadoso que investigue as causas de toda escolha e de toda rejeição (Epicuro, 2002, p. 43-44).

Observe-se o que ocorre quando se instala a desarmonização entre o corpo e a alma. Epicuro reitera que sentimos a falta do prazer quando ele está ausente e a alma encontra-se em perturbações. Logo, a harmonia corpo/alma não é percebida, pois o corpo está tomado de tensões. A presença do prazer só é possível quando corpo e alma estão em equilíbrio. Ou seja, quando o corpo está desprovido de dores e a alma sem

perturbações o prazer se instala como um estado de espírito em equilíbrio. Isso é perceptível no indivíduo, pois sua aura se transforma e seu corpo expressa o seu estado d'alma. O filósofo indica que as dores e os prazeres da alma são maiores e mais intensos do que as dores e os prazeres do corpo, pois as dores e os prazeres do corpo são presentes e as dores e os prazeres da alma são perenes.

Epicuro indica que o recolhimento e a reflexão estimulam a busca do prazer e o contato com a natureza, que o afastamento da vida pública e das multidões é o caminho certo para a felicidade. Os prazeres da carne não configuram um caminho para a felicidade em Epicuro, que o considera de menor porte, efêmero e incapaz de promover a enlevação da alma. Os prazeres mundanos só trazem dor e sofrimento.

Em Aristóteles, o prazer não é bom na medida em que é um processo de preenchimento do vazio. Para este filósofo, nem todos os prazeres são bons e nem todos são maus, porque mesmo que todos fossem maus para alguém ou em algum momento pode ser considerado bom. Somente aqueles atos e sensações produzidos através da dor não se configuram como prazeres. O filósofo em destaque alia o significado de prazer ao processo de cura. Assinala que quando o indivíduo se liberta de algum mal ou dano ele é envolvido por uma sensação de prazer. A atividade de fato prazerosa é parte de nossa natureza. A atividade pensamento, por exemplo, é prazerosa quando não envolve qualquer deficiência ou estado contrário à natureza.

O sentir prazer não é uma atividade, é uma finalidade para Epicuro. Não há prazer ruim que produza doenças. Para este filósofo, até pensar é ruim para a saúde, pois alguns pensamentos prazerosos podem se tornar doloridos. Jovens, crianças e adultos pensam e constroem na sua imaginação pensamentos que dão prazer. Grandes pensadores e filósofos construíram frases e pensamentos sobre o prazer a partir de suas vivências e experiências.

Aristóteles visualiza o prazer na realização de um trabalho e considera que quando o indivíduo preenche seu tempo com atividades que aprecia, esse tempo passa sem que seja percebido, pois o trabalho é leve e realizado com prazer. Já o inverso, demanda em horas prolongadas de sacrifício e sofrimento.

Por toda a existência, indivíduos buscam o prazer e fogem da dor. As recompensas sociais, os paraísos e os infernos vividos baseiam-se na ação desses dois fatores. Desde que a vida se manifesta, o prazer e a dor encontram-se presentes no humano. Abreu (2015, p.74) sinaliza que “geralmente somos criados com prazer,

nascemos pela dor, vivemos atrás do prazer, muitas vezes sofrendo dores, e morreremos com dor para ter o prazer da vida eterna”. De acordo com Husserl (2006, p. 2):

Observamos o que é vivido pelos outros fundados na percepção de suas exteriorizações corporais. Essa observação por empatia é, por certo, um ato intuente, doador, porém não mais originariamente doador. O outro e sua vida anímica são trazidos à consciência como estando ‘eles mesmos ali’, e junto com o corpo, mas, diferentemente deste, não como originariamente dados.

O prazer é inerente ao ser vivente. As sensações prazerosas expressas pelo corpo de quem às sente parecem causar mal-estar no outro que as percebe. Parece que há um código que não permite que as pessoas estejam lânguidas, a felicidade e o prazer de poucos pode ser motivo de inveja de muitos. Percebe-se no corpo do outro sensações desagradáveis provocadas pela felicidade da pessoa que lhe é próxima. Churchland (2004, p. 126), considera que “o que a percepção exige [...] é que nossa faculdade de julgar esteja em contato causal sistemático com o domínio a ser percebido, de um modo tal que possamos aprender a fazer, [...], julgamentos espontâneos, não inferidos, mas apropriados, sobre esse domínio”. A dor é algo que vinculamos a um processo ruim, por isso a evitamos a qualquer custo, da mesma forma com que não medimos esforços para sermos envolvidos pela sensação de prazer.

Como humanos, procuramos sempre sentir prazer mesmo que este prazer seja algo temporário. O prazer carnal que é descurado por Epicuro por ser efêmero e trazer consequências desastrosas, geralmente leva o indivíduo a um estado de dor, mas esses mesmos indivíduos apostam nesse tipo de prazer, porque acreditam que aquela suposta futura dor, vale o prazer gerado no momento. Quando os indivíduos são abordados por sua consciência e por terceiros sobre a vivência do amor carnal e a dor que ele provoca posteriormente, geralmente retrucam dizendo que devemos viver o prazer e a alegria hoje, que não importa o amanhã. Esse prazer efêmero é visto como menor, um desprazer, tanto por Epicuro quanto por Aristóteles, com óticas similares, porém diferenciadas. Os prazeres corpóreos estão intimamente ligados com os abusos, tais como: as práticas sexuais exacerbadas, o uso de drogas, o fumo, a gula, as bebidas alcoólicas, as traições, o consumismo exagerado e as orgias.

As práticas sexuais exacerbadas são características da ninfomania ou parafilias, mas alguns corpos amantes e apaixonados no início das relações querem estar junto num afã do prazer. Quando essas relações são motivadas tendo como base o amor, o entrelaçamento de

corpos, o enlevo dos sentimentos e o encontro de almas, geralmente tornam-se perenes e a construção de uma família é a consequência provável. Porém, quando a relação acontece apenas para satisfazer os desejos da carne, uma gravidez indesejada e não planejada pode resultar em arrependimento, e quando a prevenção não é realizada, a mulher geralmente engravida e arca com um pesado ônus. Essa situação é recorrente no mundo adolescente quando os hormônios estão em plena erupção e a prevenção é esquecida num tempo de AIDS e doenças sexualmente transmissíveis que grassa a vida de muitos.

Os vícios, por si só, provocam danos à saúde dos indivíduos. Não obstante, esta preocupação não é acionada na ocasião do ato sexual, o que vale é o prazer gerado no momento presente. Ter prazer e fugir da dor é o que todos almejam. A busca pelo prazer, muitas vezes inconsciente, faz parte da alma humana, assim como a busca da felicidade. Internamente, o indivíduo possui as coisas que podem lhe proporcionar prazer.

No ato sexual, quando se busca dar vazão aos prazeres da carne, as insatisfações com relação a atuação do gênero masculino nas relações sexuais são verbalizadas por um número expressivo de mulheres. Essas insatisfações vão desde a ausência dos jogos sexuais preliminares até o pós-coito. Algumas omitem as suas preferências nas preliminares e não indicam os pontos onde os carinhos e toques se apresentam mais prazerosos. Em vez de sentir prazer, alguns toques mais bruscos acabam por machucar algumas mulheres e essas mulheres se mantêm caladas e, em estado de sofrimento, suportam a dor. Abreu (2015, p. 6), chama atenção para o fato de que:

Sabemos que o clitóris e o bico das mamas são extremamente sensíveis, e, alguns homens os manipulam de forma violenta ensejando que isso seja prazeroso para as mulheres. Esse ato é doloroso, mas as mulheres não verbalizam isso para o homem. Então, esse momento que seria de prazer, se transforma em sofrimento e, muitas vezes, sem que o homem perceba, ele está machucando a mulher.

Geralmente, esse sentimento de medo da reação do macho é uma constante nas mulheres que se subjugam aos homens. Um diálogo aberto e ponderado seria a solução para muitas dores. As mulheres empoderadas já não passam por esse tipo de sofrimento. As relações destas são compostas de diálogos abertos, com concordância de ambas as partes, havendo pois, cumplicidade entre o casal em que a busca do prazer é mútua e as indicações do caminho a percorrer são imprescindíveis para juntos atingirem o orgasmo. Com a omissão destas informações, um momento de prazer supremo que é o orgasmo propiciado no ato sexual passa a ser esperado com certa ansiedade e resistência. É

preciso que as mulheres dos novos tempos possam ser contaminadas pelo arquétipo de Afrodite.

Na mitologia grega, Afrodite nasceu da união entre o céu e o útero fértil do mar quando o pênis do deus castrado Urano caiu no mar formando uma abundante espuma que originou a Deusa do amor, da beleza corporal e do sexo. “É considerada também a deusa das prostitutas, possuiu vários amantes, casou-se com Hefesto (Deus do fogo), mas, sua grande paixão foi Anquises. Na mitologia romana Afrodite é Vênus” (GRAVES, 2008, p. 137). Afrodite aquece-se e ama a si mesma, impele as mulheres a exercerem funções criativas e produtivas, é o arquétipo da mulher apaixonada, é envolvida emocionalmente com o trabalho e identifica-se com a música, a escrita, a dança e o ensino. A empatia com crianças é um traço distintivo dela, mas prefere as paixões sem a prole. Porém, quando ela é agraciada com a maternidade, seu olhar compreensivo e sem julgamentos, torna os filhos seres probos e levados ao sucesso.

Mulheres afrodíticas são perigosas para as outras mulheres, pois fatalmente são visualizadas por homens em virtude do seu magnetismo. Elas governam o prazer, o desejo, o amor, a beleza, a sensualidade e a sexualidade, utilizando-se disso como arma para seduzir o gênero oposto. É esta deusa da paixão que pode tornar sereno o coração masculino ou enlouquecê-lo. Essa mulher é voluntariosa e amiga dos amantes, representa a doçura dos apaixonados, a languidez dos desejos e o idílio da entrega de corpos. Johnson (1993, p. 13) explica que “os mitos foram alvos minuciosos de muitos psicólogos, como Jung, por exemplo, que, ao estudar as bases estruturais da personalidade humana, soube dar-lhes atenção particular e neles encontrar a expressão de padrões psicológicos básicos”.

Ao falarmos de Afrodite e da feminilidade da deusa, não podemos deixar de buscar Psiquê que significa Alma e é a personificação do mundo interior. Diferentemente de Afrodite, Psiquê nasce de uma gota de orvalho do céu que cai sobre a terra. Johnson (1993, p. 23) revela que “a natureza de Psiquê é tão magnificente, tão fora desse mundo, tão original e pura, que é adorada, mas não cortejada”. Adversa à natureza de Afrodite, Psiquê não encontra um companheiro. “Quando uma mulher se vê só e incompreendida, quando percebe que as pessoas são afáveis para com ela, mas mantem um certo distanciamento, acaba descobrindo o seu lado Psiquê” (JOHNSON, 1993, p.24). Toda mulher carrega em seu corpo e em sua essência o arquétipo das duas deusas. Uma revelam mais fortemente o lado Psiquê e, outras, o Afrodite.

As mulheres inseguras são o oposto do arquétipo de Afrodite. O desconhecimento do próprio corpo e da sexualidade, a vergonha do companheiro, a falta de conhecimento e a ignorância em perceber que isto é um mal e que precisa ser tratado com ajuda profissional, faz com que algumas mulheres dos novos tempos, sejam incapazes de sentir o prazer do orgasmo. Não obstante, muitas delas estão tentando acreditar que isso é possível e a busca do prazer sexual, independente da forma como se apresente, é um objetivo a ser conquistado. Lírio (45 anos) em relato, revela o seguinte:

Tinha 15 anos quando me casei. Fiquei grávida do meu primeiro namorado e tive que casar. Quando me entreguei a ele, pensei que ia sentir uma coisa muito gostosa, já que quando nos beijávamos eu ficava muito excitada e ele também. Nosso namoro foi ficando cada vez mais íntimo até que transamos. Bom! Essa transa não foi lá essas coisas, mas gostei. Transamos várias vezes antes de casarmos, mas todas pareciam a mesma coisa. Eu queria experimentar outras coisas, mas tinha vergonha de dizer. Ficamos casados por 15 anos e tivemos um casal de filhos. Hoje, vivo só e já tive alguns namorados, mas acho que com nenhum deles eu cheguei a ter realmente um orgasmo (Entrevista/2017).

O orgasmo e o ato sexual pleno é o desejo do ser humano, e essa busca independe de orientação sexual, pois muitas mulheres e homens não necessitam do gênero oposto para sentir o orgasmo. Eles podem utilizar outros meios, tais como a companhia de uma pessoa do mesmo gênero, o sexo solitário através da masturbação, ou qualquer outra forma de relação que venha lhe proporcionar prazer. Essa afirmação é bem visível na fala de Ametista (38 anos) que nos relatou o seguinte:

Não tenho vergonha e não escondo minha orientação sexual. Tenho orgasmo como qualquer outra pessoa e tenho certeza que as mulheres que transam comigo não sentem nenhuma falta de piroca. Eu sinto o corpo delas tremer de prazer. Dou mais prazer a uma mulher do que muito macho escroto que não sabe fazer uma mulher feliz (AMETISTA, 2013)¹⁶.

As mulheres sofreram por anos a ausência do orgasmo. Eram proibidas de senti-lo na medida em que o prazer cabia à mulher mundana, aquela que servia para prover o homem de suas necessidades sexuais. A mulher sofria com a forma fria com a qual era tratada na cama. Um momento que seria reservado à felicidade do casal acabava se tornando motivo de pânico e medo por parte das mulheres. Elas se sentiam como se estivessem sendo estupradas, eram submetidas de forma rude ao prazer sexual do homem.

¹⁶ Ver Abreu (2015).

Até pouco tempo elas não eram estimuladas sexualmente, o sexo era uma obrigação de esposa. Essa situação acabou por inibir qualquer resposta erótica por parte da mulher, tornando o sexo mais uma tarefa a ser desempenhada pelo gênero feminino. Elas abdicaram de sua realização como mulher plena em favor da maternidade. Apesar de terem constantemente relações sexuais com os maridos, poucas sentiam o prazer orgástico. Livre de vários tabus, atualmente a mulher está apostando na sua sexualidade e busca, junto a um companheiro (a), exercitar práticas de jogos eróticos com o intuito de encontrar o caminho que a fará conquistar, enfim, a plenitude.

No reino animal, antes da cópula, é necessário o jogo da sedução ou da dança do acasalamento. Com o indivíduo humano não é diferente, os jogos eróticos antecedem o ato sexual. Nesse contexto, Roveratti (2012, p. 241) indica que “a resposta sexual divide-se em quatro fases: desejo, excitação, orgasmo e resolução”. Na primeira fase está o desejo que é comparado a um estado de fome, e a idealização do objeto que irá satisfazer esse afã, às vezes é acompanhado de fantasias sexuais até a visualização do ato. A excitação consiste no sentimento de “eminência” de realização, satisfação imediata do desejo provocando alterações fisiológicas. Nessa fase no homem, ocorre a ereção peniana e prontidão para a penetração. Na mulher, ocorre a vaso congestão pélvica, a lubrificação e expansão vaginal. Enfim, a turgescência da genitália, momento em que a vagina estará pronta para a penetração fálica. Na fase orgástica ou clímax do prazer sexual, ocorre a tensão sexual e a contração rítmica dos músculos do períneo e dos órgãos reprodutores. No homem, existe uma sensação de inevitabilidade ejaculatória, seguida da ejaculação do sêmen propriamente dita. Na mulher, ocorrem contrações da parede do terço inferior da vagina. Em ambos, o esfíncter anal contrai-se ritmicamente.

Na fase de resolução, ocorre o relaxamento muscular e bem-estar geral. Roveratti (2012, p. 242), assinala que “durante esta fase, os homens são fisiologicamente refratários a outra ereção e outro orgasmo, por um período variável de tempo”. As mulheres podem ser capazes de responder a uma estimulação adicional quase que imediatamente, satisfazendo-se com múltiplos orgasmos. Saffioti (2004, p. 32), explica que o prazer do orgasmo é registrado em apenas um ponto do cérebro masculino, ou seja, o *septum*¹⁷. Nas

¹⁷ Septum - é uma estrutura do sistema nervoso central situada no encéfalo e pertence ao cérebro.

mulheres, são três os pontos em que esse registro ocorre: *septum*, *hipotálamo*¹⁸ e *amígdala*¹⁹. Dir-se-ia que as mulheres desfrutam da triplicação do prazer do orgasmo.

Roveratti (2012, p.262), considera que “a maioria dos transtornos orgásticos femininos são adquiridos ao longo da vida, pois uma vez que aprende a atingir o clímax, uma mulher raramente perde essa capacidade”, a menos que problemas físicos ou psicológicos como os conflitos de relacionamento ou estupros venham intervir neste caminho. Os distúrbios mais sérios que ocorrem nas mulheres e que provocam a *anorgasmia* são as *dispareunias*²⁰ que podem ter causas orgânicas ou psicológicas. As mais comuns são: lubrificação vaginal insuficiente, infecções vaginais ou do trato urinário, tecido vaginal com cicatrizes, endometriose ou aderências, atrofia vaginal pós-menopausa, privação de estrogênio durante a lactação, doenças infecciosas de origem genital ou urinária, má formação congênita, irritações causadas por contraceptivos como preservativos, DIU (dispositivo intra uterino), diafragma e a vaginite senil, que é comum nas mulheres da terceira idade.

O prazer que declinava ou arrefecia com a chegada da menopausa vem, paulatinamente, crescendo com a aplicação de hormônios bioidênticos de estradiol, testosterona e progesterona. O uso dessas substâncias acaba com os temíveis fogachos, lubrificam a vagina e reacendem a libido das mulheres da meia idade e terceira idade adulta. O retorno do prazer que havia desaparecido nas relações sexuais de mulheres na menopausa é reaceso com a aplicação desses hormônios. Essas substâncias trouxeram para muitos casais os reencontros, os namoros e os prazeres de outrora. Anteriormente, sem as terapias de reposição hormonal, as mulheres no período da menopausa, eram acometidas por um distúrbio do desejo sexual hipoativo, ou seja, a frigidez. Nesse distúrbio, a mulher não tem desejo sexual, não ocorre à lubrificação, o que dificulta a penetração.

Tanto nas relações heterossexuais como nas homossexuais, o ápice do encantamento e da sublimação do amor entre o casal se concretiza com a relação sexual e o orgasmo. Esse orgasmo pode ser conquistado de várias formas e maneiras diferentes, a

¹⁸ Hipotálamo - é uma região do encéfalo dos mamíferos localizado sob o tálamo, formando uma importante área na região central do diencéfalo, tendo como função regular determinados processos metabólicos e outras atividades autônomas.

¹⁹ Amígdala do cérebro - As aferências do hipotálamo provenientes da amígdala seguem duas vias. Uma é a via da estria terminalis (ou estria medularis), que liga a amígdala aos núcleos pré-óptico, anterior, ventro-medial e arcuados. A outra via, que é filogeneticamente mais recente, estabelece a ligação entre a amígdala e a área hipotalâmica lateral e a área posterior do tálamo - via amigdalofugal ventral.

²⁰ Dispareunias – dor durante a relação sexual

dependem da sincronia e da harmonia do casal. No momento em que a relação sexual entre um casal se inicia, as carícias e os afagos vão se tornando mais ousados. Vanrell e Alcântara (2012, p. 54), assinalam que na relação sexual homoafetiva entre o gênero feminino, ocorrem às mesmas fases da relação heterossexual, a saber:

Beijos demorados, ardentes, sempre com contato lingual; depois retirada progressiva das roupas no “calor” da ação (esse despir pode ser cada uma por si, ou recíproco, ou apenas por parte da virago); admiração, verdadeira avaliação dos corpos nus, entrelaçamento em abraços, toques e carícias percorrendo os corpos, beijos, lambidas (banho de gato²¹), roçado dos sexos entre si, cunilíngua.²² e, enfim, o orgasmo.

Os temas relacionados ao sexo e a sexualidade, em todas as épocas, foram marcados por uma aura de mistério, de pecado e de suposta profanação moral. É fato que o sexo está presente em todos os seres vivos, a fim de que através das relações sexuais, da cópula, acasalamento ou coito, ocorra a preservação das espécies. A relação sexual no contexto fisiológico e biológico é uma necessidade inerente ao ser vivo, sendo considerada uma forma natural de multiplicação e de preservação destes. Souza (1999, p. 124), considera que “a sexualidade está marcada por esta condição simbólica do humano, que não há nada no psiquismo comparável a tendência sexual total, que presentifique ali a função da reprodução”.

Nessa ótica, e à luz da cientificidade, esta necessidade inerente aos seres deveria ser aceita com naturalidade, porém, inúmeros tabus e preconceitos relacionados às questões sobre sexo e sexualidade estão arraigados aos indivíduos, notadamente naqueles que foram educados nos preceitos da moral cristã. As pessoas concebem o sexo e a sexualidade como algo feio, ruim, degradante e imoral. Sexo e sexualidade são construções sociais, assumem contornos e variância de acordo com a moral e a cultura das sociedades e seus processos históricos, pois, o que pode ser condenado por uma sociedade em determinado tempo, pode ser legitimado em outro. Funari (1995, p.13), indica que:

²¹Banho de gato – sessão de lambidas por todo o corpo, com parada nos pontos mais sensíveis do corpo.

²² Cunilíngua ou *cunnilingus*) - é uma prática de sexo oral que consiste na estimulação da genitália feminina com a língua e a boca, principalmente o clitóris e a entrada da vagina.

Embora, frequentemente, envolva em um feixe de valores morais e conservadores, essa temática tem sido fundamental na determinação de vivências e práticas cotidianas nos usos e costumes, na intimidade e nas expressões amorosas, que não apenas interessam as individualidades, mas a toda uma coletividade.

Na atualidade, vários temas considerados tabus ou mitos estão sendo questionados e, até suplantados, não obstante, muitos indivíduos das sociedades ocidentais relutam em aceitar publicamente suas escolhas e, muitas vezes, assiste-se o discurso genérico e preconceituoso perante a sociedade. Mas, na intimidade da alcova, esses discursos moralistas são esquecidos e isso gera uma falsa informação sobre sexo e sexualidade. A moral está condicionada no indivíduo como um conjunto de valores e regras reguladas pela igreja, família ou grupos sociais. Trata-se conforme Foucault (1979, p. 27), de um modo de sujeição que é “a maneira pela qual o indivíduo estabelece sua relação com essa regra e se reconhece como ligado à obrigação de pô-la em prática”. Há por parte dos indivíduos uma conduta hipócrita entre as discussões acerca do tema e o envolvimento íntimo nas relações. Torna-se difícil identificarmos o que está realmente sendo praticado e quais tabus estão sendo ultrapassados. Estar-se-á diante de uma moral judaico-cristã de repressão dos desejos e da suposta impureza do sexo. Com relação à repressão dos desejos há pessoas que adotam a castidade como regra a ser seguida por toda a vida. Para Foucault (2014, p. 22), “essa extrema virtude era a marca visível do domínio que exerciam sobre eles próprios”. Dabhoiwala (2013, p.22), assinala que:

Os estóicos, uma das correntes mais influentes da filosofia Greco-romana, já desconfiavam do sexo de um modo geral, como um prazer ignóbil e perigosamente corruptor. A mesma desconfiança em relação ao sexo como algo bestial e aviltante perpassava as escrituras hebraicas. Embora o Velho Testamento louvasse o casamento como instituição social e religiosamente indispensável, e às vezes (no Cântico dos Cânticos) celebrasse o erotismo conjugal, sua mensagem predominante era que as relações sexuais eram impuras (DABHOIWALA, 2013, p.22)

Após séculos vividos sob a opressão e o estigma de que o sexo, mesmo praticado entre marido e mulher, deve ser feito apenas para a procriação, a partir da década de 1960, com a descoberta da pílula anticoncepcional, ocorreu maior liberdade no âmbito privado, mas no espaço público, pouca coisa mudou. As pessoas que assumem algumas práticas sexuais fora do padrão aceito pela sociedade ainda são mal vistas,

principalmente se são as mulheres. Todavia, essas opiniões não influenciam ou prejudicam essas pessoas que geralmente estão convictas de suas escolhas. Furlani (2009) postula que, “há uma nítida influência da mídia no que diz respeito aos comportamentos sexuais”. Estes são moldados no conjunto dos valores sociais, nas variações linguísticas, nas manifestações artístico-culturais, na moda, na construção das noções de gênero, nas formas de relacionamentos entre indivíduos e família, nos papéis sociais de homens e mulheres, nas novas descobertas científicas e tecnológicas, na maior acessibilidade aos métodos contraceptivos e explosão da indústria do sexo (real ou virtual), entre vários outros aspectos.

A busca da felicidade por parte dos indivíduos passa, também, pela prática do sexo mais livre de preconceitos, pois seus corpos sentirão um prazer maior e a busca do orgasmo mais acessível para o gênero feminino. Inclui-se na prática do sexo livre, a relação sexual com vários casais ou grupos, necessitando pois, ser bem compreendida para ser praticada de forma saudável e não doentia. O sexo saudável é aquele que é praticado em todas as suas formas, porém sem humilhar ou submeter a jogos sexuais o outro sem a sua permissão. O sexo doentio está relacionado aos jogos sexuais impostos e forçados pelos parceiros ou grupos e que estão relacionados às perversões sexuais ou parafilias²³. O relato contundente de Pérola (19 anos) chama a atenção para este fato ao dizer que:

Já sofri todo tipo de flagelação e humilhação, apanhei de cinturão, fui penetrada por objetos dos mais variados como vela ou cabo de escova, por exemplo. Mordidas, arranhões, queimaduras de cigarro... (pausa). Até xixi uma vez o cara quis que eu tomasse, aí foi demais. Apanhei, bati e fui embora (Entrevista, 2013).²⁴

As perversões sexuais denominadas parafilias são atitudes ou formas de sentir prazer sexual diferentes das práticas socialmente aceitáveis. Esses comportamentos são considerados desviantes quando se tornam o único meio de se chegar ao orgasmo.

Deve-se reconhecer que somente uma pequena parcela da população é praticante das parafilias. Destaque-se que algumas práticas que eram consideradas perversão

²³ Parafilia é um padrão de comportamento sexual no qual a fonte predominante do prazer não se encontra na cópula, mas em outra atividade. Em determinadas situações o comportamento sexual parafilico pode ser considerado perversão ou anormalidade. Existem muitas práticas que podem ser consideradas como parafilia ou não, sendo assim é impossível elaborar um catálogo das parafilias. As mais comuns são: o sadismo, o masoquismo, o exibicionismo, o voyeurismo, o fetichismo, a urofilia, entre outras.

²⁴ Ver Abreu (2015).

sexual como o sexo homoafetivo, na atualidade, foi descartado da lista de parafilias. Não é regra, mas, em geral, o gênero masculino é o que mais comumente investe nessa prática. Geralmente, a mulher é mais propensa a observar os cânones de moralidade em face de sua formação judaico-cristã revestida de patriarcado. Ela tem medo de que não seja entendida pelo homem nas suas investidas na busca do prazer, então se resguarda e se conforma em manter uma atitude passiva nas relações sexuais.

Dentre as práticas parafilicas mais praticadas constam: o exibicionismo, cujo prazer consiste em exhibir os genitais em locais públicos para pessoas estranhas. A reação de surpresa da pessoa desperta excitação e prazer sexual, sem que seja necessário o coito. O fetichismo, cujo prazer se encontra no objeto eleito para promover o orgasmo, e esse objeto pode ser uma calcinha, um sapato, uma luva, que serve tanto para a masturbação, ou usada pelo parceiro (a) no ato sexual. Fetichismo transvéstico, quando homens heterossexuais necessitam vestir roupas femininas para se masturbar ou realizar o ato sexual. Frotteurismo que está relacionado a homens que necessitam esfregar seus órgãos genitais sem o consentimento da outra pessoa para obter prazer em locais com grande concentração de pessoas (RODRIGUES, 2012).

Dentre tantas práticas, o ato pedofílico é o mais rechaçado pela sociedade por envolver crianças. Consiste em toques, carícias na genitália e sexo oral, sendo a penetração menos comum. A utilização de fotos e vídeos de menores com o intuito de excitar e masturbar, veiculado via internet nas redes sociais, é considerado pedofilia. O masoquismo, sadismo e o sado masoquismo só são consideradas práticas parafilicas quando são a única forma de prazer do indivíduo. O masoquismo consiste na necessidade de o indivíduo ser submetido ao sofrimento físico, emocional ou moral para obter o prazer sexual. O sadismo implica em infligir sofrimento (físico, emocional ou moral) ao outro, promovendo a excitação e o prazer em quem o pratica. Já o sadomasoquismo implica na ação das duas parafilias. Por fim, o voyeurismo, ato que consiste em observar as pessoas na sua intimidade, é o que provoca excitação e prazer no *voyeur* (aquele que observa).

Durante as fases iniciais do crescimento e do desenvolvimento humano, podem ocorrer alterações psicológicas nos indivíduos e entre estas, as parafilias. Pessoas que apresentam tais comportamentos desviantes, geralmente não buscam tratamento espontaneamente. Isto ocorrerá somente quando seu estado comportamental gerar conflitos com seus pares ou com a sociedade, ou ainda, quando são denunciadas e presas. Somente com esses eventos são levadas aos consultórios psiquiátricos trazidas

contra sua vontade. O tratamento dependerá da avaliação do caso específico de cada paciente através de medicação e terapia e, em geral, não se consegue uma boa resposta. Ou seja, é muito difícil ter melhoras nesses casos.

Os jogos sexuais, que são práticas utilizadas para “apimentar” as relações, têm como objetivo a busca pelo prazer mútuo e, mesmo praticado em grupo, deve ser de interesse geral a busca pelo prazer saudável. Nessa relação saudável, corpo e mente devem estar concentrados na busca do prazer mais intenso, excitante e divertidos. Os jogos sexuais podem ser utilizados como ferramenta para melhorar a vida sexual de um casal ou par. Algumas relações desgastadas com a rotina e os problemas da vida a dois, como filhos, dificuldades financeiras, entre outros, podem levar ao desgaste no sentir prazer nas relações, tornando-se um ato automático levando o casal ou par a enveredar cada vez mais para o sexo anorgásmico²⁵.

A sexualidade não pode ser considerada uma “coisa” um “objeto” e, sim, algo inerente aos seres vivos. Nunes (1987, p.11), assinala que “cada vez mais a sexualidade se vê tratada como objeto, quer no submundo social, [...], ou quando comentado por pessoas que [...] são tão desinformados que podem ser enquadrados no perfil de ignorância, proibição e temor que o sistema [...] cria e educa”.

A educação sexual de crianças e adolescentes é premente. Ainda na atualidade vemos esse público tratando o tema como se fosse algo indigno. Quando o tema é pautado nas escolas, é recebido com gracejos e deboches. Faz-se necessário considerar que os professores não se encontram preparados para lidar com as sutilezas de uma temática tabu, condenada por algumas religiões e motivo de protestos nas redes sociais. No âmbito doméstico, é possível diagnosticar que os pais mantêm o assunto sexualidade sob o manto do mistério. Não há a devida seriedade no trato de um assunto vital para o entendimento da sociedade.

A inserção de temáticas como as novas constituições familiares vem gerando dúvidas e muitos preconceitos em todos os níveis. É necessário gerar reflexões e novas formas de discussões sobre a sexualidade envolvendo crianças e jovens, a fim de que as

²⁵ Anorgasmia é uma inibição recorrente ou persistente do orgasmo, manifestada por sua ausência ou retardo após uma fase de excitação sexual adequada em termos de foco, intensidade e duração. Não se considera anorgasmia se a pessoa é capaz de atingir o orgasmo através de masturbação. É a disfunção sexual mais comum junto com a falta de desejo. Pode ter fatores biológicos correlacionados, assim como fatores psicológicos, pode apresentar sentimentos de culpa em relação à atividade sexual, à deficiência feminina em assumir o papel erótico, o medo de engravidar, traumas relacionados ao sexo, como por ter sofrido algum abuso sexual, ter tido relações dolorosas. A anorgasmia entre os homens é menos frequente.

novas gerações possam lidar de forma saudável com a sua sexualidade. Nunes (1987, p. 14) considera que,

Posicionar-se contra uma reflexão sobre a sexualidade é uma atitude que implicitamente reforça a educação tradicional, sistemática, que educa o homem para o poder e o machismo, que engendra os mitos de inferioridade da mulher, que estabelece os tabus, as proibições e os medos sobre o sexo.

De acordo com Louro (2011, p.85), “todas as formas de sexualidade são legítimas, mas também frágeis, talvez possamos compreender melhor o fato de que diferentes sujeitos, homens e mulheres, vivam de vários modos seus prazeres e desejos”.

As mulheres, em sua grande maioria, se furtam das reflexões sobre sexo, tributárias que são de uma cultura androcêntrica, que as excluem de assuntos envoltos em tabus, considerados coisa de homens. Alberoni (1988, p. 82), considera que “o homem é fisicamente mais forte que a mulher. Possui músculos mais fortes, uma estrutura óssea mais robusta, em geral é mais alto. Durante milênios foi caçador e guerreiro. Por isso é mais agressivo. Ama a competição e a luta, os esportes violentos”.

O tema sexo é do homem, a mulher bem-educada não deve comentar ou falar pornografias. A menina é educada para não falar, discutir ou se posicionar sobre o assunto sexualidade. As estruturas educacionais estão embasadas numa sociedade falocrática, mulher fala de moda e amenidades, homem comenta e discute economia e sexo. Deve-se reconhecer com Vasconcelos (1971, p.75), que “cada indivíduo é fundamentalmente neutro se o considerarmos no nível de uma sexualidade propriamente humana”. Ser homem e ser mulher são criações da vida social, é ela que diferencia. Beauvoir (1949) é enfática em afirmar que não nascemos mulher, nos tornamos mulher. É patente, então, o fato de que “ser homem” ou “ser mulher” é uma constituição, exclusivamente, sociocultural.

A construção do “ser mulher” tem início no seio familiar. As formas como pais e mães educam e criam suas filhas será determinante para essa construção que vai se solidificar grandemente no âmbito escolar. Na escola, os grupos sociais vão ser divididos a partir da adolescência de forma sexuada. A tendência da escola é moldar as condutas dos gêneros: meninas separadas dos meninos em grupo, recebendo educação com defectibilidade de gênero, tal como iniciou na família. A escola deveria ser considerada o espaço de discussão sobre sexualidade, mas acaba sendo o lugar de repressão. É assim que meninas e meninos vão desenvolver atitudes de enfrentamento

para afirmar-se como sujeito pertencente a uma sociedade. Isso vai gerar ansiedade e essas ansiedades vão desde a apresentação de um corpo dito “apresentável” e modelo criado pela mídia, passando por atitudes ditas rebeldes como adotar um corte ou uma tintura diferente no cabelo, tatuagens e *piercings*²⁶, como também ser o mais inteligente ou o mais estranho.

No crescimento e no desenvolvimento humano, a infância pode ser compreendida em três fases, conforme assinala Bueno (2013, p.76):

A primeira fase como “corpo vivido” e engloba o período do nascimento até os três anos de idade e recebe esse nome por indicar uma fase em que o indivíduo está no mundo, porém, não tem consciência de sua vivência neste. A segunda fase recebe o nome de “corpo percebido” que abarca a faixa de idade dos três aos oito anos. Nesta fase, a criança já se percebe no mundo como também o outro. A terceira e última fase da infância que abrange a faixa de idade dos oito aos doze anos, recebe o nome de corpo representado momento em que o indivíduo já vive, percebe e representa seu corpo.

A partir desta fase, as pessoas passam a ser atores vivendo ao longo da vida e do dia várias identidades. Em casa, podem ser um tipo de sujeito. Na escola, outro. E, em sociedade, outra pessoa. As representações sociais vão fazer parte do teatro de cada indivíduo, cada um representa vários papéis no cotidiano de suas vidas. Para Hall (2002, p.13), “o indivíduo não é composto por uma identidade única, fixa ou permanente, mas de várias identidades, as quais são definidas historicamente e não biologicamente”.

Desde a infância, as mulheres são educadas para atuarem como “princesinhas”, pois, ao nascer, o seu mundo é “cor de rosa”. Viverão num castelo, serão princesas e aguardarão o príncipe encantado. É sempre o homem que virá ao seu encontro e que escolherá sua princesa. Jamais a princesa deverá buscar seu príncipe. A menina tem sua sexualidade reprimida desde o nascimento. Até a higiene de um bebê do gênero feminino é feita com muita cautela e somente a mãe deve fazê-la, pois o pai ao executar essa tarefa poderá ser tomado por desejo sobre a filha. O inverso não ocorre. Mães higienizam seus filhos varões sem desenvolver pulsões e desejos. Por volta dos dois anos de idade, a criança começa a se tocar e o local que lhe dá prazer ao toque é sua genitália, e isso é parte da natureza humana. Os adultos encaram essa fase com muita preocupação e reprimem com aspereza essa atitude infantil. Essa primeira repressão, vai

²⁶ Piercing é uma forma de modificar o corpo humano, normalmente furando-o a fim de introduzir peças de metal esterilizado.

fazer toda a diferença na sexualidade desses indivíduos. Essa é uma das questões sérias e que levam vários adultos a ter problemas com sua sexualidade para o resto de suas vidas.

É assim que as crianças adentram a Escola, com a ideia de que sexo é imoral, é impuro, incorporando ao seu próprio vocabulário oral e gestual ideias errôneas sobre sexo e sexualidade. Com as mesmas dúvidas, crianças e adolescentes se desenvolvem tendo o sexo e a sexualidade envoltos num véu de mistério. A busca pelas respostas se dá, aleatoriamente, no campo das descobertas do corpo, forjando-se como sujeitos de si no plano do sexo e da sexualidade. Trata-se da reprodução de uma sociedade assentada em relações simbólicas, cuja moralidade guarda sintonia com crenças e preceitos religiosos. A moral cristã estabelece normas de condutas para esses sujeitos. Em Foucault (1979, p. 26), compreendemos a moral como “um conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos, como pode ser a família, as instituições educativas, as igrejas”. Nesse contexto, Foucault (1998, p. 26), esclarece que, vivendo num mundo regido por regras e deveres:

Entende-se igualmente o comportamento real dos indivíduos com relação as regras e valores que lhes são propostos: designa-se, assim, a maneira pela qual eles se submetem mais ou menos completamente a um princípio de conduta; pela qual eles obedecem ou resistem e uma interdição ou uma prescrição; pela qual eles respeitam ou negligenciam um conjunto de valores; o estudo desse aspecto moral deve determinar de que maneira, e com que margens de variação ou de transgressão os grupos se conduzem em referência a um sistema prescrito que é explícita ou implicitamente dado em sua cultura, e do qual eles tem uma consciência mais ou menos clara.

O sexo é sempre o ponto fulcral de uma relação. Este é o motivo de encontros e desencontros, de paz e guerra, de amor e ódio. Assim, não se pode viver o sexo pela metade. É necessário a entrega para a satisfação plena. A busca do prazer sexual e da satisfação pessoal do indivíduo ao longo dos milênios vem sendo um dos motivos de maior desagregação e de violência entre a raça humana. É uma herança dos instintos animais, a busca da preservação da espécie e a sobrevivência dos genes dominantes.

2.2 A força vital: um planar sobre sexualidade e sexo

O estudo da sexualidade é relativamente recente no campo da ciência. Mas, assuntos sobre sexo sempre estiveram presentes na discursividade do mundo da vida, acompanhando o *homo sapiens sapiens*²⁷ desde a pré-história. O tema da sexualidade se apresenta nas pinturas rupestres encontradas nas cavernas, onde foram identificadas representações de práticas sexuais que vão do sexo oral ao sexo anal, passando pela zoofilia e as formas variadas de posições para um maior prazer no coito, assim como a prática sexual entre indivíduos do mesmo sexo, a homossexualidade.

No período paleolítico, achados indicam que a cópula ou a união com várias mulheres (poligamia) era permitida ao macho dominante. No período neolítico, essa prática é substituída mais predominantemente pela monogamia, pois as sociedades vão organizando o seu sistema moral e aprimorando a formação de suas instituições até chegar ao modelo de constituição familiar que conhecemos na atualidade. Os homens, de predadores passam a ser provedores, de nômades a se fixar mais na terra, passam a cultivá-la e a domesticar e criar animais para seu sustento. É certo que essas sociedades eram ágrafas e os estudos das pinturas e gravuras deixadas como registros foram amplamente pesquisados e analisados por estudiosos da arqueologia.

Deste período, um achado importante que devemos considerar é a Vênus de Willendorf (Áustria) datada de até 40 mil anos atrás. Esta estátua representa uma mulher de nádegas, seios e vagina avantajados, uma representação da fertilidade e da opulência. Marquetti (2013, p. 89), indica que “as Vênus de Willendorf, Vestonia, Lespuque e a Dama de Laussel apresentam uma hipertrofia dos caracteres sexuais secundários acompanhados por uma atrofia ou esboço dos demais membros: mãos, pés, parte inferior das pernas, além da ausência de rosto”.

Nessa época, a Europa vivia a Era Glacial e os indivíduos obesos pelo percentual de gordura acumulada teriam maior resistência às intempéries. Nas interpretações atuais, os pesquisadores relutam em utilizar a palavra Vênus, pois,

²⁷*Homo sapiens* é o nome dado à espécie dos seres humanos, de acordo com a classificação taxonômica. Esta é uma expressão latina que significa literalmente “homem sábio” ou “homem que sabe”. Estima-se que os primeiros *Homo sapiens* tenham aparecido entre aproximadamente 300 mil e 100 mil anos atrás, na atual região do leste africano.

A principal característica que marca o *Homo sapiens* é a sua capacidade de pensar e raciocinar, qualidade esta que é única entre os seres desta espécie. Além disso, o *Homo sapiens* é conhecido por suas complexas estruturas sociais e sistemas de comunicação.

preconceituosamente, as formas corporais da pequena estátua não condizem com o título de Vênus que simboliza as mulheres belas. No campo do estudo do corpo, há reguladores que indicam que corpos podem ser considerados aptos ou inaptos, aceitos ou não aceitos nas diversas sociedades e culturas. Campos (2003, p.51), considera que:

As ciências sociais, em particular a Antropologia, insiste muito na busca de uma perspectiva epistemologicamente orientada para a construção de um conhecimento sobre o outro ser humano que fosse mais positivo, neutro, científico ou isento de preconceitos. Isto porque, nesse processo de construção de identidade e da imagem do corpo do outro, o saber local se impôs sobre o saber científico, se tornando dessa forma um conhecimento ideológico, genérico, etnocêntrico, aspirando ser o único portador de cientificidade.

Na sociedade de consumo dos tempos atuais o tipo de corpo considerado padrão ideal ao desempenho sexual são os magros, esbeltos e atléticos. Furlani (2009, p. 21), considera que “isso é um mito da nossa sociedade capitalista, e como tal, na discussão desse mito, aspectos de ordem econômica, política e sociocultural são acionados”. O erotismo e os jogos de sedução também já faziam parte da conquista amorosa, pois homens e mulheres pintavam seus corpos e utilizavam enfeites de ossos e penas para atrair seus pretendentes.

Nas antigas civilizações, os relacionamentos entre homens e mulheres eram livres, não havia a obrigação do casamento. Os filhos eram obrigatoriamente da mãe, sem importar quem era o pai. Com o tempo, foram sendo acumulados os bens e, por conseguinte, a criação dos clãs, surgindo neste contexto, as primeiras propriedades privadas. Com essa nova forma de organização familiar, tornou-se necessário que o relacionamento sexual ocorresse entre um casal para que os filhos nascidos dessa união herdassem os bens acumulados dos pais. As uniões foram tornando-se monogâmicas e as famílias iam sendo organizadas com linhagem sanguínea paterna, surgindo assim, as primeiras sociedades patriarcais. O sexo passou a ter a função de procriação e a mulher passou a ser submissa aos prazeres masculinos. As raízes ocidentais são herdadas do povo hebreu, que possui fortes princípios morais, legais e religiosos. Eles consideravam o casamento divino, e se homens e mulheres mantivessem a virgindade até o casamento eram exaltados. Caso contrário, eram execrados.

Na antiguidade clássica grega os estudos de Platão indicavam a presença da figura mitológica de Eros²⁸, o deus do amor e dos apetites sexuais, sendo Eros o responsável pela atração entre os corpos. Eros representa a força vital da vida e do seu nome se originam as palavras erótico, erotismo e zonas erógenas.

Na Roma antiga, historiadores analisaram os grafites, as pinturas e os afrescos encontrados nos sítios arqueológicos da cidade de Pompeia, que foi soterrada por torrentes de lavas, fragmentos sólidos e gases tóxicos provocados pela erupção do vulcão Vesúvio no dia 24 de agosto de 79 d.C. Esses estudiosos descobriram que a sexualidade era algo natural e positivo na sociedade romana e estava ligada com a religião e os deuses. Lendas sobre incesto e traição entre eles faziam parte da história da sexualidade em Roma (SOUZA, 1981, p. 113). Aos homens cabia a origem da vida através do líquido sagrado, o sêmen, por esse motivo o falo era um símbolo usado em amuletos para dar boa sorte e proteger da ação diabólica dos maus espíritos. O falo era também adorado em celebrações e procissões por toda Roma.

²⁸ Afrodite, a deusa do amor e da beleza, tramou contra Anquises fazendo-o pensar que ela fosse uma mortal, filha de rei da Frígia. Conduziu-o para o pico de uma montanha e copularam, dessa união nasceram Eros (Amor) e Ânteros (Amor recíproco). Eros (Eρως), na mitologia grega é o deus do amor e do erotismo, era um dos Eroles. Hesíodo em sua Teogonia, considera-o filho de Caos, portanto um deus primordial. Além de o descrever como sendo muito belo e irresistível, levando a ignorar o bom senso, atribui-lhe também um papel unificador e coordenador dos elementos, contribuindo para a passagem do caos ao cosmos.

Eros está sempre à espreita dos belos de corpo e de alma, com sagazes ardis. É corajoso, audaz e constante. Eros é um caçador temível, astucioso, sempre armando intrigas. Gosta de invenções e é cheio de expediente para consegui-las. Encantador, poderoso, sofista. Sua natureza não é nem mortal nem imortal; no mesmo dia, quando tudo lhe sucede bem, floresce bem vivo e, no momento seguinte, morre; mas depois retorna à vida, graças à natureza paterna. Mas, tudo o que consegue pouco a pouco sempre lhe foge das mãos. É volátil e fugidivo.

Eros era muito solitário e, por isso, mimado. Haveria de crescer se tivesse um irmão. Ânteros nasceu pouco depois e Eros começou a crescer e tornar-se ainda mais belo e robusto. Eros casou-se com Psiquê, com a condição de que ela nunca pudesse ver o seu rosto, pois isso significaria perdê-lo. Mas Psiquê, induzida por suas invejosas irmãs, observa o rosto de Eros à noite sob a luz de uma vela. Encantada com tamanha beleza do deus se distrai e deixa cair uma gota de cera sobre o peito de seu marido, que acorda. Irritado com a traição de Psiquê, Eros a abandona. Esta, ficando perturbada, passa a vagar pelo mundo até se entregar à morte. Eros, que também sofria pela separação, implora para que Zeus tenha compaixão deles. Zeus o atende e Eros resgata sua esposa e passam a viver no Olimpo, tornando-a imortal. Com Psiquê, teve Hedonê, o prazer.

Nas pinturas pompeanas Eros é sempre retratado como um garotinho alado, de cabelos louros, com aparência de inocente e travesso que jamais cresceu (simbolizando a eterna juventude do amor profundo). Portando um arco e flecha e até mesmo com uma tocha acesa. Sempre pronto a atingir, de forma certa, suas flechas "envenenadas" com amor e paixão. Os alvos sempre sendo a região do coração e do fígado KERÉNYL (1993).

Nesse mesmo período, as Vestais, que eram sacerdotisas escolhidas entre crianças de 06 aos 10 anos, exerciam o sacerdócio durante 30 anos. Elas tinham que se manter virgens para agradarem a deusa Vesta. Em Roma, a prostituição era legalizada, pública e generalizada. Entretanto, eram proibidas as relações sexuais com mulheres casadas, virgens aristocráticas e adolescentes de nascimento livre. A sociedade romana aceitava e achava natural a relação entre um aristocrata mais velho e um escravo, e não aceitava de nenhuma forma uma relação homossexual entre cidadãos romanos. Essa última prática citada era severamente punida.

Na Antiguidade, muitos mitos e tabus foram criados na Grécia. Acreditava-se que o simples contato com uma mulher menstruada faria o vinho ficar azedo e as árvores não produziram mais frutos. Na Grécia, assim como em Roma, os casamentos eram monogâmicos e a bigamia considerada ofensa civil, e é dessa época que vemos registros dos primeiros divórcios. A legislação tinha lei diferenciada para homens e mulheres. Eram punidos com a morte os seguintes casos: adultério cometido pela esposa, incesto e relação sexual entre uma mulher e um escravo e no caso de estupro, se a mulher não gritasse por socorro ela era queimada viva. Ao homem não cabia essas punições (SOUSA, 1981, p. 122).

No Egito, o adultério comprovado era punido com a castração para os homens e a perda do nariz para as mulheres. Na Grécia, Roma e no Egito, a prática do sexo solitário, ou seja, a masturbação, também era considerada natural. De acordo com Furlani (2009, p.135), “textos egípcios e sumérios apontam a masturbação como um ritual religioso, baseado no sêmen como fertilizante natural”.

Até os dias de hoje a masturbação é considerada pecado e motivo de vergonha para quem a pratica, principalmente, se for uma mulher. Abreu (2015, p. 85), adverte que “a masturbação não é uma doença ou vício, pecado ou safadeza, historicamente foi transmitido de geração em geração como um ato pecaminoso, e isso tem gerado inúmeros traumas, tornando-se uma forma cruel de repressão da sexualidade”.

Tanto na Grécia, quanto em Roma, as prostitutas eram divididas em classes. As de classe alta tinham boa educação, treinamento intelectual e cultural; as de classe média, constituídas, geralmente, por imigrantes, eram tocadoras de flautas e dançarinas, especialistas em sexo oral e ginástica acrobática; as de classe baixa, eram vendidas pela família, ganhavam mal e tinham poucos direitos. As prostitutas romanas eram registradas e pagavam impostos, eram proibidas de usar a cor violeta e a estola que eram vestes das senhoras aristocráticas e, por isso, geralmente, usavam roupas estampadas. O

que as diferenciava também das outras mulheres era a cor do cabelo que deveria ser tonalizado de amarelo ou vermelho. Talvez seja dessa época, o mito de que mulheres de cabelos rubros ou loiros sejam consideradas perigosas e cheias de fogo para o sexo.

Durante a Idade Média, as mulheres ruivas foram acusadas de praticar a bruxaria, pois o cabelo vermelho as indicavam como adeptas dos ensinamentos de satã. Com relação às loiras, a cor dos cabelos ficou bastante marcada na década de 50, quando a mídia rotulou Marilyn Monroe como o grande símbolo sexual. Esse mito ficou relacionado aos ideais de liberdade, personalidade forte e emocional frágil, relacionando-a com mulheres de pouco teor cognitivo. O cabelo louro aderido por uma quantidade significativa de mulheres, inclusive morenas e negras, é relacionado às mulheres mais sedutoras, sensuais, erotizadas e com maior liberdade para os prazeres sexuais.

No período da Idade Média, o sexo e a sexualidade passam a fazer parte da perseguição dos clérigos, de forma que a única forma de permissão seria o sexo conjugal, ou seja, com a cópula entre o homem e sua esposa legítima, aquela que tinha sido educada nas rígidas leis da moral cristã, com o intuito único e exclusivo da procriação. O sentir prazer no ato sexual poderia gerar crianças pervertidas sexualmente. Essa contenção dos prazeres da carne era imputada tanto aos homens quanto às mulheres, mas os homens burlavam com mais facilidade essas leis e tudo era permitido e menos punido, e, os próprios sacerdotes, como homens, eram pegos nas “transgressões sexuais”, sem sofrer danos.

Em toda a Europa, leis eclesiásticas referentes ao sexo e ao casamento foram elaboradas e endurecidas, dirigidas igualmente aos clérigos e laicos, reis e camponeses. Foi, pois, nessa época, que ocorreu uma grande campanha para que fosse proibido o casamento para os clérigos, assim como a obrigação do celibato.

A noção de que o desejo corporal era vergonhoso e pecaminoso passou a ser a máxima da época, pois só por pensar em sexo já era considerado pecado mortal temido por todos, tanto que a simples higiene corporal por meio do banho também era considerada como um ato pecaminoso, pois ao tocar-se o indivíduo poderia ser tentado a praticar a masturbação. O corpo nu era motivo de vergonha, por isso as mulheres recatadas tomavam banho vestidas e mantinham as relações sexuais também vestidas com camisolas, que possuíam um furo na altura da genitália. Mulheres que copulavam

nuas eram indignas. “No coito a única posição permitida era a “missionária”²⁹, em que a mulher assumia a posição de submissão, ou seja, embaixo do homem, o que a impedia de movimentar-se” (ABREU, 2015, p. 57).

A penitência mais comum utilizada para punir os pecados da carne era ser surrado em público e repetidas vezes perto da igreja, da paróquia e do mercado, aos olhos de toda a comunidade. Também foram instaurados rituais de punição cívica para prostitutas, cafetinas e adúlteros. Dabhoiwala (2013, p.28), lembra que os “infratores graves eram conduzidos numa longa procissão pública pela cidade, vestindo trajés simbolicamente degradantes, acompanhados de um grande estardalhaço de panelas e bacias”.

Um dos expoentes mais ferrenhos desta causa foi Santo Agostinho (354-430), bispo de Hipona, após sua juventude com uma conduta duvidosa para a época, se lança como defensor do celibato, contra os desejos da carne. De acordo com Dabhoiwala (2013, p. 25), Agostinho passou a ver a luxúria como o mais perigoso de todos os impulsos humanos, uma consequência direta da queda. De acordo com este autor:

Os sentimentos sexuais não eram de forma alguma um bem, mas sim uma punição infligida por Deus a Adão e Eva e seus descendentes, uma marca indelével de seu estado pecaminoso e corrompido. Afinal, a luxúria tinha um incomparável poder de sobrepujar a razão e a vontade humana: quando excitados, homens e mulheres não podiam nem mesmo controlar as inquietações de sua própria genitália (DABHOIWALA, 2013, p.25).

No Renascimento, há uma busca da estética e o corpo vem ser apresentado nas obras de arte de forma natural, ou seja, o corpo nu. Neste período, destacam-se as obras de Michelângelo e Leonardo Da Vinci. É dessa época a famosa pintura da capela Sistina, pintada por Michelangelo, que foi obrigado a colocar vestes em seus anjos nus. São desse período também as estátuas do Discóbolo, o Pensador e Davi, obras apreciadíssimas pela beleza de suas formas esculpidas nos mínimos detalhes dos músculos do corpo de homem nu. O corpo despido passa a ser apreciado tanto em pinturas quanto em esculturas e, já não é somente o corpo masculino. As matronas também passam a ser retratadas nuas ou usando véus para cobrir as partes pudendas.

No período romântico, o comportamento correto dos amantes, apaixonados e enamorados era morrer de amor. Nessa época, vários homens e mulheres cometeram

²⁹ Posição para a cópula atualmente conhecida como ‘papai-mamãe’.

suicídio em nome de um amor impossível. No mesmo período, cresceu o número de seresteiros e alcoólatras. De acordo com Baumann (2004, p.12), “o amor pode ser tão atemorizante como a morte. Só que ele encobre essa verdade com a comoção do desejo e do excitamento”. Encontrar o amor eterno, o romantismo de outrora ainda é o sonho e o desejo da maioria das mulheres, mesmo com o avanço do amor livre e com a liberação sexual.

A sexualidade, como ciência, surgiu da Filosofia e, para entendê-la, precisamos enveredar por estudos relacionados à neurociência, à biologia, à sociologia, à antropologia e à psicologia. Somente a partir da década de 1980³⁰ é que vão aparecer os primeiros escritos e os primeiros pesquisadores dessa temática. Não obstante, percebemos que esses estudos científicos continuam incipientes e o tema continua revestido de tabus, mitos e mistérios. A nossa raiz socioeducativa da moral cristã no Ocidente pode ser a causadora dessa contenda.

O tema da sexualidade é recorrente nas mídias e, geralmente, é aclamado e com recorde de público e leitores quando alguma nova produção é lançada. Filmes, vídeos, novelas e livros que abordam a sexualidade com lassidão e luxúria tornam-se sucesso imediato. A sexualidade cálida e plangente, o sexo com amor, a ternura e o bem querer são coisas do romântico, aquele que deveria ter vivido no período do Romantismo. Sexo e amor na atual realidade estão separados. Parece quase impossível conviver com os dois juntos, pois o sexo com amor é doce demais para aplacar o sangue fervente do sexo carnal.

Decretar o fim do amor romântico seria o mesmo que pôr fim às relações entre os casais que ainda aspiram por um casamento com bases sólidas, mesmo que o “felizes para sempre” seja uma ilusão. Ainda há, por parte das mulheres, o sonho do casamento na igreja, o vestido branco, o bolo alto e a festa monumental com o objetivo de, talvez, criar uma família, com trocas de carinho e gentilezas. O palpitar dos corações só acontece no amor romântico. Baumann (2004, p.11), comenta que amar “significa abrir-se ao destino, a mais sublime de todas as condições humanas, em que o medo se funde ao regozijo num amálgama irreversível. Abrir-se ao destino significa, [...] admitir a liberdade no ser: aquele que se incorpora no outro, o companheiro no amor”.

Com relação ao amor passageiro, ou sexo casual, Baumann (2004, p. 11-12), assinala que é como uma mercadoria:

³⁰ Um marco desse período é a obra em 3 livros “A História da Sexualidade”, de Michell Foucault.

Um produto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a experiência amorosa à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade sem suor e resultados sem esforço.

No final do século XIX, aprender a arte de amar era a promessa dada às mulheres, não era preciso amar o consorte. Com o casamento, elas aprenderiam a amar os seus esposos. As mulheres eram tratadas como mercadorias de favores e trocas. Nesse período, acirravam-se as divisões de classes sociais e a burguesia se apartou do povo num momento em que era importante a privacidade familiar. D’Incao (2010), aponta para o fato de que a chamada família patriarcal brasileira era comandada pelo pai detentor de todo poder sobre a mulher, os filhos, os agregados e os escravos. O todo poderoso habitava a casa grande e dominava a senzala. A presença feminina nos lares burgueses era a garantia de um lar organizado, limpo e asseado, e os filhos gerados nesse ambiente seriam educados dentro das normas de etiquetas europeias.

A mulher era educada para ser guardiã do lar e da família, ser pura, casta e estar totalmente a serviço do seu esposo. De acordo com D’Incao (2010, p.230), “considerada base moral da sociedade, a mulher de elite, a esposa e mãe da família burguesa deveria adotar regras castas no encontro sexual com o marido, vigiar a castidade das filhas, constituir uma descendência saudável e cuidar do comportamento da prole”. Na alta classe social era usual a abertura de suas casas para receber outros ricos, nos grandes bailes e saraus, o que, geralmente, servia de encontros para futuros compromissos entre filhos e filhas da burguesia. Noivados e casamentos eram arrançados, o que causava expectativas e alimentava os sonhos de muitas moças da época que esperavam a oportunidade de participar das grandes festas para serem cortejadas por um “bom partido”. O sonho de ser Cinderela era uma constante na cabeça das jovens pertencentes às camadas sociais pauperizadas. D’Incao (2010, p. 232), sugere que o casamento entre famílias ricas e burguesas era usado como um degrau de ascensão social ou uma forma de manutenção do *status* (ainda que os romances alentassem, muitas vezes, uniões “por amor”).

As meninas eram educadas por suas genitoras e/ou preceptoras para serem boas esposas e mães, pois era tudo o que a sociedade da época esperava de uma moça bem-criada. Daí o surgimento da expressão “moça de família”, que povoa até hoje o

imaginário social. A principal função dessa moça era mostrar para a sociedade o quanto ela era feliz ao lado do homem, que geralmente os pais tinham escolhido para ser seu esposo. Para Araújo (2010, p. 53), “se, no espaço público a esposa era contida e recatada, na intimidade da alcova ela dava liberdade às suas emoções, dores, frustrações e fantasias”. A igreja bem que tentava domar os pensamentos e os sentimentos. Muitas vezes, até com algum sucesso, mas nem todo mundo aceitava passivamente tamanha interferência quando o fogo do desejo ardia pelo corpo ou quando as proibições passavam dos limites aceitáveis.

Desde sempre, a sociedade androcêntrica tenta a todo custo controlar a sexualidade feminina. As mulheres que eram pegas em transgressões das leis morais e religiosas, ou ainda, em atitudes ditas levianas, passavam a ser molestadas inclusive pelos párocos das igrejas, que as abordava dentro do confessionário quando as mesmas iam em busca de um perdão pelo seu suposto pecado. Eles se aproveitavam da confissão do “pecado” e as assediavam descaradamente. Araújo (2010, p. 60-61), ilustra esse fato dizendo que,

Em 1792, um vigário foi surpreendido em Goiás ‘atracado na moça com tão cega fúria, que lhe rasgou a saia’; ela gritou, pessoas acudiram, mas o padre justificava-se dizendo que aquela mulher casada ‘vivia com bastante lassidão nos costumes contra a castidade’ e ele, descontrolado, viu-se de repente tocando nas suas partes pudendas tendo-a confessado.

As mulheres mais destemidas e libertárias procuravam seus amores na clandestinidade por não terem em casa o carinho, o amor e o respeito necessários dentro do casamento. Os maridos as consideravam “bonequinhas de luxo”, mimadas e intelectualmente inferiores. Para Telles (2010, p. 406), a situação de ignorância em que se pretende manter a mulher é responsável pelas dificuldades que ela encontra na vida criando um círculo vicioso, “como não tem instrução, não está apta a participar da vida pública e não recebe instrução porque não participa dela”.

Elas sofriam caladas e, muitas vezes, vingavam-se da indiferença marital com a traição, às vezes deliberada, e às vezes com a esperança, enfim, de encontrar o grande amor de suas vidas em um mundo cheio de atrações, que existia fora das suas quatro paredes. O adultério ou o abandono do lar deixavam marcas perenes nessa mulher frente à sociedade. Araújo (2010, p. 59), lembra que “o adultério, com efeito, assombrava os homens como um fantasma que podia aparecer nos lugares e nos momentos mais

inesperados, aterrando suas mentes sempre apavoradas com o estigma de marido que não satisfaz sexualmente a mulher”. Parece que a preocupação maior do marido não era a perda do amor e do respeito da esposa, mas o estigma de homem que não era suficientemente “macho” para satisfazer a mulher. Conforme Soibet (2010), o código penal brasileiro de 1890, penalizava a mulher que cometia o adultério, e ao homem restava à honra ferida e o direito de puni-la com a morte.

Ao homem adúltero não cabia pena, pois é da natureza do macho a posse de várias fêmeas. Para Giddens (1993, p.16), “um único ato de adultério por parte de uma esposa era ‘uma violação imperdoável da lei da propriedade e da ideia de descendência hereditária’ e a descoberta punha em ação medidas altamente punitivas”. O adultério por parte dos maridos, ao contrário, era amplamente encarado como uma fraqueza lamentável, mas compreensível.

Frente às agruras do casamento de suas mães, a esperança de encontrar o príncipe encantado no coração das jovens crescia cada vez mais, e o sonho de cada uma delas era que suas vidas fossem iguais às das heroínas que protagonizavam os romances e as novelas da época. Trancadas em seus quartos se guardavam para aquele que seria o amor de sua vida e, juntos, viveriam seu grande amor para sempre. Dificilmente esse sonho era concretizado e o que as aguardavam era um casamento arranjado pelo pai. Na noite de núpcias, a moça se deparava com um homem estranho dando início a um tempo de rotinas de cuidados com a casa, com os filhos, com tédio conjugal, com solidão e com noites insones e mal dormidas, enquanto os maridos se divertiam nos cabarés. Atente-se para o fato de que,

[...] o amor conjugal pode existir. Mas é um golpe de sorte ou o triunfo da virtude. O amor se realiza mais fora do casamento: amplamente tolerado para os homens, cuja sexualidade seria incoercível, é muito menos tolerado para as mulheres, cujo adultério é passível de ser levado aos tribunais, enquanto o dos maridos, só pode ser condenado se praticado no domicílio conjugal (PERROT, 2012, p. 47).

No início do século XX, em razão da relativa liberdade que haviam conquistado, às mulheres já era permitido frequentar cafés, salões e teatros, mas, eram constantemente vigiadas pelos homens da família (pai, irmãos, cunhados, primos etc.). Apesar dessa rígida vigilância elas eram constantemente molestadas pela própria parentela masculina. Diversas crianças, pré-adolescentes e adolescentes tiveram a sua

primeira conjunção carnal com pessoas de sua confiança e próximas a elas, tais como: padrasto, pai, tios, primos e irmãos, como revela Jade (31 anos), a saber:

Não me lembro bem como tudo começou. Eu era bem pequena tinha uns 6-7 anos, talvez menos. Eu estava deitada na cama da minha mãe esperando a hora do almoço. Nessa época, o meu avô paterno morava lá em casa. Nesse dia, ele se sentou na cama e colocou meus pés em cima da coxa dele, ele contava muitas histórias da vida dele no interior e eu gostava de ouvir. Então, ele começou a contar uma dessas histórias. Ele contava a história e acariciava meus pés e pernas, as carícias foram subindo até chegar na minha florzinha (risos). Ele arriou minha calcinha e ficou brincando com o meu clitóris. Sei que não foi só uma vez e isso só parou depois que ele foi passar uma temporada na casa dos outros filhos. Como ele era viúvo, vivia pulando de galho em galho (Entrevista 2013)³¹.

É perceptível que o cerne da pedofilia encontra-se no âmbito das relações familiares, parentela ou pessoas próximas. O universo da criança é constituído por jogos e brincadeiras que, juntamente com a escola, serão a base para estes indivíduos em desenvolvimento. Esses dois mundos são inerentes ao período da infância e todas as crianças deveriam estar inseridas nele sob a proteção do Estado e da família, não obstante os diversos problemas sociais que afetam a sociedade.

Indiferentes ao universo infantil, o pedófilo invade o mundo da criança maculando sua inocência, invadindo sua sexualidade ainda em formação. O pedófilo age em suas investidas com instintos primitivos e perversidade, causando inúmeros traumas na criança ou, em alguns casos, levando-a a óbito. Pimentel (2010, p.32) considera que,

No século XX, outras qualidades prescritivas foram paulatinamente agregadas à matriz da infância: roubada, negada, vitimada. Mitos também foram acrescentados: lugar da espontaneidade, esperança, sendo o melhor período da vida, futuro de cada nação. As crianças vivas continuavam tratadas como minoria e sem direitos jurídicos. Tornavam-se objetos de uso submetidos ao gozo dos adultos, sobretudo os familiares.

Ao comentarmos sobre criança, remete-se o olhar para a inocência, brincar e estudar. Esquece-se o sujeito e seus direitos. “O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente,

³¹ Ver Abreu (2015).

abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais” (cf. ECA, art. 17)³².

Ambos os gêneros são vítimas da pedofilia. Todavia, o gênero feminino sofre com mais frequência à investida pedófila. As consequências advindas desse assédio podem acarretar danos irreversíveis na sexualidade da mulher vítima dessa violência.

As mulheres eram educadas para serem mães e esposas exemplares. As prendas domésticas faziam parte do currículo escolar. As mulheres deveriam ser bem prendadas, ou seja, realizar as atividades de bordar, coser, cozinhar, lavar, engomar, pois esses atributos eram indispensáveis à formação de uma excelente esposa e mãe. Educadas exclusivamente para o matrimônio, essas mulheres eram mestras em saber educar os filhos e atender as mínimas vontades e necessidades do seu par. Após o horror da 2ª Guerra Mundial, o Brasil enfrenta a modernização da moral e dos bons costumes. Aos poucos, as mulheres iam conquistando seus espaços na sociedade, mas ainda eram obrigadas a se guardarem virgens para o casamento. Não passava na cabeça de nenhuma mulher dessa época a ideia de não se casar, pois o medo de “ficar para titia” era um fantasma à espreita. O casamento era, pois, a forma de obter o sexo, uma espécie de permissão da moral societária para a transa. Conforme Pinsky (2010, p. 619),

[...] o grande medo da maioria das moças era ficar solteira. O problema não era apenas a solidão, às mulheres de família não era permitido amenizá-la com aventuras amorosas ocasionais, teriam de se preocupar também com seu sustento já que, sem marido, iriam se tornar um peso à família e sofreriam com o estigma de não terem cumprido com o destino feminino.

Nos anos “dourados”, os casamentos arranjados já não eram tão comuns e as moças e os rapazes podiam escolher livremente o seu consorte, desde que esses pertencessem ao mesmo nível social. A busca pelo “bom partido” era uma verdadeira caça ao tesouro, assim como as moças de “boa família” eram disputadas pelos rapazes. D’Incao (2010, p. 234), assinala que “a virgindade feminina era um requisito fundamental. Independentemente de ter sido ou não praticada como um valor econômico e político, sobre o qual se assentaria o sistema de herança de propriedade que garantia linhagem da parentela”. As meninas deviam saber comportar-se socialmente, serem boas filhas, ter conhecimentos culinários e serem inocentes com relação aos prazeres do sexo. Aos varões caberia ser bons provedores do lar, educados e

³² Estatuto da criança e do adolescente.

trabalhadores, e, poderiam divertir-se sexualmente, desde que fosse com as profissionais do sexo.

As moças que experimentassem o sexo antes do casamento eram consideradas levianas e eram tidas como companhia imprópria para as moças de família. Segundo Pinsky (2010), eram raros os homens que admitiam sem problemas a ideia de casar-se com moça deflorada por outro. Quando alguma menina cometia essa “contravenção” era considerada imprópria para o casamento e sofria a dor do preconceito de não ser virgem e, apesar de experimentar o sexo antes de contrair matrimônio, muitas dessas mulheres, passaram pela vida sem sentir o prazer do orgasmo. Giddens (1993), lembra que as garotas mais sexualmente ativas eram depreciadas pelas outras, assim como pelos próprios homens que buscavam “aproveitar-se delas”.

Até por volta dos anos 1960, não se falava em prazer ou orgasmo feminino. A cópula no casamento servia apenas para o prazer do homem e para a procriação. Com a descoberta da pílula anticoncepcional essa realidade começa a esvanecer e as mulheres passam a buscar o prazer do orgasmo através de relações sexuais, sem medo da gravidez.

A liberdade sexual culmina com os primeiros escritos sobre o orgasmo feminino. O orgasmo caracteriza-se por um intenso prazer físico acompanhado por ciclos de rápidas contrações musculares dos músculos pélvicos, que rodeiam o ânus e os órgãos sexuais associados a outras ações involuntárias em outras partes do corpo, como espasmos e uma sensação de euforia geral. Para Reich (1989, p. 136), “[...], o orgasmo apresenta-se como um pico rápido de excitação seguido ou não de ejaculação e com rápida queda na sensação de prazer”. Uma vez que os órgãos sexuais tem a mesma origem embriológica em ambos os sexos, a sensação é equivalente para homens e mulheres. Nas mulheres, as contrações musculares causam expulsão de líquido através da vagina, caracterizando a ejaculação feminina. É um período de grande relaxamento e queda da pressão arterial, devido a liberação da prolactina. Há também redução temporária das atividades do córtex cerebral. Flor de Lis (27 anos), a esse respeito nos revela que “quando sinto orgasmo, é uma mistura de um fogo queimando por dentro, é muito gostoso, dá vontade de pôr tudo dentro. Sei lá! É intenso e prazeroso, sem contar que na hora do orgasmo a gente perde o medo de tudo, parece que a gente tá morrendo” (entrevista, 2017).

Nos dias atuais, a situação da anorgasmia feminina não sofreu grandes mudanças. Percebemos que as mulheres continuam com dificuldades em atingir o ápice

do prazer nas relações sexuais. Diversos motivos são apontados, tais como: o parceiro não ajuda, a educação rigorosa prejudica a mente, a vergonha do companheiro, a pressa do companheiro, a falta de intimidade, o desconhecimento do próprio corpo, e tantas outras queixas apresentadas, principalmente, por mulheres recém-iniciadas nas atividades sexuais, por casadas e, também, as que têm filhos. O tipo de educação das mulheres fundadas numa moral cristã e o desconhecimento do seu próprio corpo parecem ser as principais causas da ausência do orgasmo na vida sexual das mulheres. Algumas mulheres afirmam que primeiro tiveram que conhecer o próprio corpo através da masturbação para depois ter intimidade e falar para o companheiro qual era a melhor posição e quais as carícias que mais prazer lhes causava. Com a prática, elas atingiram o orgasmo. Falar da ausência do orgasmo é frustrante para o homem, que acredita que as mulheres devem, obrigatoriamente, sentir prazer quando o macho é viril. Os homens não entendem que para a mulher atingir o orgasmo é necessário paciência e companheirismo por parte do companheiro. É necessário muita intimidade e confiança no parceiro para que ambos não saiam machucados. Em relato, Crisântemo (36 anos) revela o seguinte:

Fui falar com meu marido que não gostava de algumas coisas que ele fazia e ele ficou magoado. E quando falei que gostaria que ele fizesse de um determinado jeito, ele achou que eu estava tendo caso com outro. Foi muito difícil contornar aquela situação. Depois disso, desisti de tentar um diálogo com ele. Agora toda vez que a gente transa, ele pergunta se o outro fazia melhor! É um idiota! Nossa relação a partir daí ficou insuportável! (entrevista, 2017).

O corpo feminino é considerado frágil e mais suscetível aos reveses da vida e às tentações, enquanto que o corpo masculino deve ser forte e másculo o suficiente para ser capaz de enfrentar as mais duras intempéries e adversidades. Conforme Soibet (2010, p.289), “[...], a honra da mulher constitui-se num conceito sexualmente localizado do qual o homem é o legitimador, uma vez que a honra é atribuída pela ausência do homem, através da virgindade, ou pela presença masculina no casamento”. Essa concepção impõe ao gênero feminino o desconhecimento do próprio corpo e abre caminhos para a repressão de sua sexualidade. Decorre daí o fato de as mulheres manterem com seu corpo uma relação matizada por sentimentos de culpa, de impureza.

As mulheres quando atingem o clímax, levam uma grande vantagem em relação aos homens, porque o orgasmo vaginal provoca uma sensação de plenitude. Elas conseguem manter os espasmos ou contrações vaginais por até cinco minutos.

Alguns homens, em virtude de ejaculação precoce, podem frustrar o orgasmo na mulher. Varella (2010), explica que ejaculação precoce é aquela que ocorre antes ou logo após a penetração, sem que o homem tenha controle sobre o evento e só pode ser considerada uma disfunção se ocorrer frequentemente. Algumas mulheres não conseguem expor aos homens as posições ou carícias que podem levá-las ao orgasmo.

Observe-se que ainda parece haver uma estreita relação entre o comportamento das mulheres atuais com relação às mulheres do século passado, pois a submissão ao gênero masculino ainda é muito forte, principalmente, relacionada à sexualidade. Contudo, o dualismo entre os gêneros, fortemente presente nas sociedades patriarcais, parece estar próximo de sua derrocada. Deve-se reconhecer, com efeito, que já há certo avanço no processo de despatriarcalização, advindo com a luta dos movimentos feministas. A primeira onda surgiu com o direito ao voto pelas mulheres, num movimento que durou de 1890 até 1934 quando, finalmente, esse direito foi adquirido. Meyer (2010, p.12) considera que,

É claro que a luta pelo direito ao voto agregou muitas outras reivindicações como, por exemplo, o direito a educação, a condições dignas de trabalho, ao exercício da docência e, nesse sentido, deve-se ressaltar que a história, em geral, se refere a um movimento feminista no singular, mas que já é possível visualizar, desde ali, uma multiplicidade de vertentes políticas que fazem do feminismo um movimento heterogêneo e plural.

A segunda onda aconteceu por volta das décadas de 60 e 70 do século passado, nos países do ocidente e, principalmente, na França, com as manifestações de maio de 1968. Essas manifestações tiveram como base intensos debates e questionamentos acerca de problemas políticos e econômicos. No Brasil, destaca-se o movimento de mulheres contra a ditadura e a favor da redemocratização. Meyer (2010, p.12), indica que,

A segunda onda remete ao reconhecimento da necessidade de um investimento mais consistente em produção do conhecimento, com desenvolvimento sistemático de estudos e de pesquisas que tivessem como objetivo não só denunciar, mas, sobretudo, compreender e

explicar a subordinação social e a invisibilidade política a que as mulheres tinham sido historicamente submetidas.

As ondas vieram abrir o caminho para que, no século XXI, o controle da sexualidade feminina já não se apresente tão forte como antigamente. A mulher de hoje, nas sociedades ocidentais, já possui o direito de escolha, inclusive de escolher seu parceiro, que pode ser homossexual, bissexual ou heterossexual. O modo e o lugar da prática do sexo saíram do âmbito doméstico e as mulheres liberais frequentam regularmente os hotéis e motéis e já não escondem as suas preferências. A mulher moderna trabalha, estuda, cria sozinha os seus filhos e é independente, financeiramente e emocionalmente. Muitas se relacionam, normalmente, com dois ou mais homens sem serem consideradas prostitutas. Outras fazem questão de se relacionar com homens mais jovens e orgulham-se de os manter financeiramente, sem que isso lhes cause constrangimentos. Ressalve-se que essas mulheres são condenadas por suas atitudes por parte de uma sociedade de moral burguesa. Contudo, como geralmente são donas do seu próprio “nariz”, geralmente não se incomodam com os comentários preconceituosos.

A adolescente do século XXI inicia suas práticas sexuais cada vez mais cedo e sem a devida orientação, apesar da mídia divulgar intensamente os riscos de doenças sexualmente transmissíveis, da AIDS e da gravidez precoce. Há nesse grupo uma ansiedade em buscar e sentir prazer, em virtude de os hormônios sexuais entrarem em atividade mais precocemente. É crescente o número de meninas de 11/12 anos grávidas e isso ocorre mais frequentemente nas classes pauperizadas e com pouca instrução. O prazer orgástico feminino necessita de conhecimento de si própria, tanto no âmbito físico quanto no emocional. Muitos jovens mantêm relações sexuais somente por diversão, sem amor, sem compromisso, sem prazer.

Os comportamentos relacionados às questões da sexualidade sofreram mudanças tão radicais no seio da juventude nas últimas décadas, que deixaram os pais confusos, sem saber como abordar ou indicar os caminhos para que essa mudança ocorresse naturalmente. Em décadas passadas, os conceitos de certo e errado, ou, o que é permitido ou proibido na sexualidade eram claros e obedecidos pela maioria dos jovens. Porém, regras são para ser discutidas e quebradas, o que podia ser moralmente correto em uma determinada época, pode não ser aplicado na atual conjuntura.

Antigamente, as famílias não tinham muitas dúvidas em saber o que era certo ou errado; o que podiam permitir ou não. Na atualidade, vivemos momentos de incertezas e

de indagações, um momento delicado para a construção de valores relacionados à sexualidade. Tentamos cultivar alguns valores que não fazem parte do cotidiano dos jovens como, por exemplo, o respeito mútuo, a dignidade, a moralidade. Foucault (2014, p. 30), considera que na moral sexual,

A ênfase é colocada na relação consigo que permite não se deixar levar pelos apetites e pelos prazeres, que permite ter, em relação a eles, domínio e superioridade, manter seus sentidos num estado de tranquilidade, permanecer livre que qualquer escravidão interna das paixões, e atingir a um modo de ser que pode ser definido pelo pleno gozo de si ou pela soberania de si sobre si mesmo.

Numa época de liberdade é difícil para o jovem a contenção dos desejos, pois conforme esclarece Baumann (2004, p.12), “desejo é vontade de consumir. Absorver, devorar, ingerir e digerir – aniquilar. O desejo não precisa ser instigado por nada mais do que a presença da alteridade”. Essa presença é desde sempre uma afronta e uma humilhação. O desejo é o ímpeto de vingar a afronta e evitar a humilhação. Cercado por uma infinidade de informações, o jovem se vê perdido num turbilhão de conceitos e de regras que não lhes são inteligíveis. Da mesma forma, os pais estão igualmente perdidos, assim como professores e educadores. Ajudar o jovem a ter a capacidade de desenvolver um espírito crítico reflexivo é uma proposta de equacionar o problema. Contudo, esse caminho é pedregoso e íngreme e, na maioria das vezes, fadado ao fracasso. Para lidar com a sexualidade do adolescente, necessitamos lidar com a nossa própria sexualidade, o que poderá contribuir para resolvermos a sexualidade reprimida, escondida e não resolvida.

Deve-se ter claro o fato de que sexualidade é um conjunto de sensações eróticas, físicas e psicológicas, presentes em toda a área física do corpo, como sensações prazerosas que atingem todos os órgãos dos sentidos. Ela se manifesta desde a infância, até o final da vida. Já o sexo, é o estado biológico de uma pessoa. Esta determinação é baseada na aparência da genitália externa (vagina/mulher) e (pênis/homem). Excetuamos, nesse caso, os hermafroditas verdadeiros.

2.3 O sexo como busca da afirmação do corpo

“Já nascemos perdendo!”. Com esta frase iniciamos um discurso comum ao gênero feminino e reforçamos este enunciado ao constatarmos que algumas mulheres

vão mais além daquilo que está à sua volta, quando veementemente falam: “na outra encarnação quero nascer homem”, porque é muito difícil ser mulher. Historicamente e culturalmente, fomos criadas para o sofrimento. Mulher e fragilidades caminharam juntas na história da humanidade. Aquelas que se destacaram e romperam com alguns dogmas instituídos, foram consideradas lésbicas ou tiveram que se manter sob o véu do mistério, adotando identidade masculina como George Sand, e a romanesca Diadorim³³, entre outras.

O sistema reprodutor é apenas um conjunto de órgãos que funcionam igualmente para homens e mulheres. Nas mulheres, é formado pela vulva (parte externa), vagina, útero, trompas e ovários. Nos homens, é formado pelo pênis e testículos (parte externa), vesícula seminal e ureteres. Ambos funcionando normalmente, estarão aptos para a fecundação de um novo ser a partir da puberdade, que é a fase do início da adolescência, que pode variar em meninos (mais tardia) e meninas (mais cedo). Na cópula, há o encontro dos órgãos sexuais masculino e feminino, e o homem, ao liberar os espermatozoides, no momento da ejaculação esse irá se juntar ao óvulo liberado pelos ovários da mulher. Caso a mulher esteja no período fértil, esses órgãos são estimulados para a concepção, e, se não houver a fertilização, o óvulo será expulso através da menstruação. Cientificamente, toda essa estrutura funciona mecanicamente, independente das questões morais, sociais, culturais, emocionais, econômicas ou afetivas. Bourdieu (2011, p. 20), considera que “a diferença biológica entre os sexos, [...], e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode [...] ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e principalmente na divisão do trabalho social”.

Não obstante, os estudos de gênero³⁴ mostram que nessa ação biológica não há o prevalecimento de um gênero sobre o outro. Então, concluímos, mais uma vez, que a decantada superioridade masculina é uma construção estritamente social. Podemos considerar que ambos possuem as mesmas condições para atuar em qualquer ramo da

³³ Diadorim é a personagem-chave do romance de Guimarães Rosa “Grande Sertão Veredas”, é tida como homem durante quase toda a narrativa. Na infância, conhece Riobaldo ao fazer uma viagem de travessia do Rio São Francisco. Por essa época, já vivia disfarçada de menino e dizia chamar-se Reinaldo. O tempo os afasta e quando Riobaldo reencontra Reinaldo/Diadorim algum tempo depois, aceita juntar-se ao bando de Joca Ramiro, motivado pela presença dela no bando, cujo pai era líder. Riobaldo apaixonou-se profundamente por Diadorim, o que provoca nele vários sentimentos contraditórios e de repressão, já que a paixão homossexual era uma relação impossível de ser aceita no meio jagunço. Nas últimas páginas do romance o narrador conta que, depois de sua morte, quando o corpo é despido e lavado, descobre-se que Diadorim/Reinaldo era uma mulher.

³⁴ Ver Scott (1991); Matos (2009); Torres (2005).

atividade humana, em igualdades de condições. Pode-se dizer que a superioridade masculina só é maior quando relacionada à força física, e uma grande parte da população masculina utiliza desse recurso para submeter e tornar vitimizada a mulher. O temor da violência faz com que as mulheres se mantenham numa zona de “conforto”, preferindo o silêncio ao ter que lutar por seus direitos e aguçar a ira do homem violento. Ao discorrer sobre a violência física contra a mulher, buscamos em Saffioti (2004, p. 17), o conceito de violência doméstica, segundo o qual esse tipo de violência assenta-se na ruptura de qualquer forma de integridade da vítima: integridade física, psíquica, sexual, moral. Dentre todas as formas de violência, talvez a psíquica e a moral, sejam as que mais provocam marcas indelévels no corpo de suas vítimas. Trata-se, conforme Saffioti (2004, p. 19), de feridas da alma que podem ser tratadas como as do corpo. Todavia, as probabilidades de sucesso, em termos de cura, são muito reduzidas e, em grande parte dos casos, não se obtém êxito. Quando o primeiro ato violento é perpetrado pelo homem é necessário que a mulher tome uma atitude de ação, buscando reagir de alguma forma contra esse ato. Do contrário, essa atitude de machismo desenfreado pode tornar-se um ato natural e passa a fazer parte do cotidiano da vítima. O que poderia ter sido um ato passageiro torna-se um fator de geração de expectativa, pois a vítima ficará temendo e aguardando quando será o próximo ataque. Esse fato tem características claras de tortura psicológica.

Observe-se que dor e sofrimento estão presentes na vida das mulheres. Ao nascer uma menina, a primeira tortura física impingida à ela é furar as orelhas para a colocação de brincos. No vestuário, é o mesmo sofrimento: laços de fita enormes adornam a cabeça, que deve estar amarrada fortemente com uma fita de elástico que repuxa seus cabelos. Mamães, tias, vovós (mulheres) vão insistir em adotar esse adorno, porque deixará a menininha muito mais bonequinha. A partir de então, a vida da menina vai estar associada à representação social, estará sempre num lugar de destaque no lar e, preferencialmente, que esse lugar seja o de boneca, ou seja, um objeto. Não é admissível a uma menina estar sem camiseta. Mas, meninos podem trajar apenas cuecas. Caso a moçoila esteja usando trajes esportivos menores, como shorts, camisetas e minissaias coladas, ela estará convidando os homens a estuprá-la. Esse tipo de moral burguesa quer dar a entender que o corpo da mulher não lhe pertence, que seu corpo é do mundo, seu corpo é dos outros, seu corpo é do homem.

A mulher, em todas as épocas, tenta através do seu corpo agradar ao homem e estar em destaque na sociedade machista. Sacrifícios extremos são feitos em nome da

beleza estética corporal para que seja apreciada como objeto de desejo. Mulheres disputam a preferência masculina e colocam-se à venda como bem de consumo. As mulheres desta época, investem horas em academias, gastam o que não possuem em salões de beleza e economizam uma vida inteira para se submeter a cirurgias plásticas. Podemos destacar ainda, os inúmeros gastos com cremes embelezadores, *shampoos*, e remédios para combater celulites, estrias, flacidez, obesidade, queda de cabelo e outras. Uma indústria que não entra em crise e está voltada para o gênero feminino. Goellner (2010, p.29) considera que,

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas.

O corpo feminino vem sofrendo modificações conforme os modelos sociais em diferentes épocas. Na Grécia antiga, o ideal de corpo era o da deusa do amor e da beleza Afrodite. Na Idade Média, o corpo era motivo de pecado e era preciso castigá-lo para a elevação da alma. No Renascimento, o modelo de corpo era aquele cujas mamas eram volumosas e um ventre proeminente e amplo que garantia um refúgio confortável para os filhos que seriam gerados.

A partir do século XVIII até meados do século XX, o estilo corpo violão³⁵ entra em cena juntamente com a moda dos espartilhos, que deixam as mulheres com dificuldades para respirar. Todavia, o importante era satisfazer o gosto masculino. Na década de 1950, a moda da saia rodada e cintura marcada deixam as mulheres com um ar fino e elegante, o *glamour* eclode nas telas do cinema e se expande nas metrópoles do mundo. A elegância da mulher é extremamente valorizada. Surgem os grandes estilistas e a cidade de Paris, na França, torna-se o celeiro da moda mundial. Ser mulher e feminina estava na moda. De acordo com Goellner (2010, p.28),

³⁵ Corpo violão é um termo utilizado para definir uma mulher que tem o corpo com curvas definidas como as do violão: quadril largos, cintura bem fina e um busto mediano proporcional ao quadril. Seria a mulher com as medidas de: noventa centímetros de quadril, sessenta centímetros de cintura e noventa centímetros de busto.

Pensar o corpo como algo produzido na e pela cultura é, simultaneamente, um desafio e uma necessidade. Um desafio porque rompe, de certa forma, com o olhar naturalista sobre o qual muitas vezes o corpo é observado, explicado, classificado e tratado. Uma necessidade porque ao desnaturalizá-lo revela, sobretudo, que o corpo é histórico. [...] o corpo é uma construção sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, etc.

Nos anos 1960 do século passado, surgiu no mundo da moda a modelo Twiggy³⁶, que vem romper com o corpo modelo de mulher “gostosa”. Magérrima, com aspecto doentio e cabelos curtos, a modelo andrógina chega às passarelas, o que é suficiente para ser copiada pela mídia e pela indústria da moda, como corpo padrão da época. Mais uma vez o corpo da mulher entra em sofrimento, tentando se ajustar àquele modelo de corpo em voga. As dietas e regimes dos mais temíveis, entram em cena. Junto com o modismo do corpo magro, o mercado negro da indústria farmacêutica oferece como solução para a obesidade, a ingestão de anfetaminas. As mulheres, desesperadamente, buscam o corpo ideal da época. Inúmeras fórmulas mágicas e dietas mirabolantes foram criadas: ingestão de laxantes e diferentes espécies de chás e porções para emagrecimento eram testados por mulheres ansiosas em ter o corpo da moda. Em breve tempo, jornais e revistas começaram a destacar o aparecimento de duas doenças de cunho psicológico, que até hoje fazem parte do universo feminino e que é o resultado do desespero de mulheres em adquirir o corpo proclamado pela mídia. Destacamos a bulimia³⁷ e, mais agressivamente, a anorexia nervosa³⁸. O fato tornou-se um caso de saúde pública. O poder da mídia e da moda subjuga o corpo das mulheres. Conforme Foucault (1979, p. 146), “o poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo”.

³⁶ Lesley Lawson é uma modelo, atriz e cantora britânica. Considerada uma das primeiras supermodelos do mundo, sua imagem quase andrógina, magérrima, pequena, com cabelos loiros muito curtos e imensos olhos realçados com camadas de rímel e cílios postiços, a tornaram um ícone da moda e de estilo dos anos 60.

³⁷ BULIMIA é um distúrbio alimentar, no qual uma pessoa oscila entre a ingestão exagerada de alimentos, com um sentimento de perda de controle sobre a alimentação, e episódios de vômitos ou abuso de laxantes para impedir o ganho de peso. Pessoas com bulimia estão sempre preocupadas com a aparência e, principalmente, com o peso.

³⁸ Anorexia nervosa é um distúrbio alimentar que provoca uma perda de peso acima do que é considerado saudável para a idade e a altura. Pessoas com anorexia podem ter um medo intenso de ganhar peso e por isso, recusam-se a comer e, quando se olham no espelho, sua imagem projetada é diferente da real. Geralmente, se veem com um corpo que não aceitam (obesas), provoca ainda a ansiedade e a depressão. As pessoas acometidas por esse distúrbio podem abusar de dietas ou exercícios, ou usar outros métodos para emagrecer. Se não for tratada com seriedade por uma equipe multidisciplinar, pode causar a morte por inanição ou suicídio por depressão.

Nos tempos atuais vemos um novo corpo de mulher surgir, e esse não vem da ditadura das passarelas, está surgindo nas academias de ginástica e nas revistas esportivas. A moda passa a ser o culto aos músculos atrofiados e, mais uma vez, vemos os perigos cercando a vida das mulheres com a ingestão de substâncias anabolizantes e hormônios masculinos, como a testosterona, que turbinam e fazem surgir em pouquíssimo tempo o atrofiamento muscular. Os efeitos colaterais dessa droga para ambos os gêneros são devastadores, destacando-se nesse caso o câncer de fígado, a esterilidade, o atrofiamento dos órgãos sexuais, problemas cardiovasculares entre outros. Em nome da ditadura do corpo belo, todo sacrifício é válido, principalmente, se for para ostentar um corpo erótico e sexualizado. Foucault (1979, p. 147) considera que,

O corpo se tornou aquilo que está em jogo numa luta entre os pais, entre a criança e as instâncias de controle. A revolta do corpo sexual é o contra-efeito desta ofensiva. Como é que o poder responde? Através de uma exploração econômica (e talvez ideológica) da erotização, desde os produtos para bronzear até os filmes pornográficos...como resposta à revolta do corpo, encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação: “fique nu...mas seja magro, bonito, bronzeado!”.

O mundo *fitness*, a moda e o consumo encontraram na contemporaneidade um campo em expansão que é o universo infantil. *Shoppings*, lojas de departamento e supermercados já expõem e comportam um departamento infantil, onde inúmeros produtos de beleza são criados, especialmente, para atender a esse público. Imagens de crianças (meninas) maquiadas e em poses erotizadas são veiculadas em *outdoors*, vitrines e veículos de comunicação. A preocupação com o próprio corpo, por parte de crianças, já adentra os consultórios de psicólogos e terapeutas infantis, havendo em suas falas e comportamentos uma grande preocupação com a aparência. Felipe (2010, p. 55), assinala que “recentemente uma menina de seis anos disse à mãe que queria comer apenas alface para não engordar”. “Outra criança de apenas dois anos recusou-se a colocar um casaco para não parecer gorda”. Percebemos que, ao abandonar ainda na infância, as brincadeiras nos parques e nas praças, e as aulas de educação física e esportes, as crianças e adolescentes estão procurando as academias de musculação mais cedo em busca do corpo proclamado como ideal.

O corpo feminino é considerado frágil e mais suscetível aos reveses da vida e às tentações, enquanto que o corpo masculino deve ser forte e másculo o suficiente para

ser capaz de enfrentar as mais duras intempéries e adversidades. Em Goellner (2010, p.28) percebemos que,

O corpo é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológicos de cada cultura bem como suas leis, seus códigos morais, as representações que cria sobre os corpos os discursos que sobre ele produz e reproduz.

O patriarcado sugere que o corpo feminino deve ser sempre comedido e educado para ser apresentado em sociedade de forma discreta. Deve ser um corpo que não desperte olhares de cobiça e desejo, mulheres devem ser educadas para que passem despercebidas ou mesmo invisibilizadas. Essa construção histórica responsabiliza as mães pela “honra” de suas filhas. Por esse motivo, crianças do gênero feminino sofrem a vigilância constante de suas responsáveis.

A descoberta do prazer ocorre quando a criança ainda é um bebê e se prolonga até por volta dos dezoito meses, fase essa que Freud (séc. XIX) denominou de oral, pois a fonte de prazer encontra-se na boca. Aos dois anos ela inicia a outra etapa que é a fase anal, quando consegue ter o controle do esfíncter anal. Aos quatro anos, através da auto manipulação corporal, ela descobre o prazer dos toques corporais e, principalmente, os prazeres provocados por carícias no órgão genital. A partir de então, a manipulação dos órgãos sexuais se tornará constante, sem que isso seja um desvio de conduta ou malícia, mas somente uma curiosidade. Cabe ao adulto, mãe ou pai, responsável pela criança, estar preparado para intervir nesses momentos, sem causar possíveis traumas. No mesmo período, meninos e meninas descobrem as diferenças de gênero. As construções a partir dessa idade serão determinantes para a fase adulta.

A partir dos seis anos, as crianças trocam a exploração dos corpos pela exploração do mundo, deixando os pais mais tranquilos e menos vigilantes. A entrada na escola, a socialização com outras crianças, a prática de atividades esportivas e as brincadeiras, desviarão o foco da exploração corporal, o que não caracteriza problema de nenhuma ordem, pois tudo ocorre a seu tempo. É necessário que, nesse período em que a criança amplia seu mundo de exploração, as mães estejam vigilantes frente à aproximação de adultos (pai, tios, primos, vizinhos etc.), pois, muitas das tentativas de abuso sexual infantil ocorrem justamente no seio familiar. Abreu (2015, p.34), destaca que desde o período colonial, “no despertar da juventude, as meninas passavam a ser olhadas e cobiçadas como mulheres, as transformações corporais do corpo menina para

o corpo mulher passa a ser foco e objeto de desejo para o homem. Geralmente, esse homem estava dentro ou próximo ao lar”. Pensamos que pouca coisa ou nada mudou do período colonial para o atual, pois o abuso, às vezes, acontece com a anuência da vítima que se envolve afetivamente com o vitimizador, e esta se torna cúmplice no crime. Em relato, Hortência (24 anos), um dos sujeitos que participou da pesquisa, revela o seguinte:

Tinha por volta de 10 anos, quando meu vizinho...(não lembro a idade), mas já era homem feito, começou a me chamar e me alisar os cabelos. Eu sentia um negócio bom no meu corpo e deixava ele me alisar, com pouco tempo eu já fazia de tudo para estar perto dele para eu poder sentir aquela sensação gostosa. Um dia, ele começou a dar carinho nos meus peitinhos e cada vez ia me dando aquele negócio mais ainda, e continuava sentindo necessidade de sentir aquilo. Até que um dia, ele pegou na minha (você sabe!), eu me tremi todinha! E gostei muito! Só sei dizer que aquilo se tornou um vício e não conseguia ficar sem os agrados dele. Ele ficava também todo... (hummm, tenho vergonha de falar). Demorou um tempo, que não tenho ideia quanto tempo. Mas, nunca achei ruim, era bom e eu gostava. Não sei nem como terminou...(pensando), acho que mudamos de casa (entrevista, 2017).

Na fase da pré-adolescência, os hormônios já começam a se manifestar no corpo, associando-se aos desejos. A presença da censura e do senso do pecado ainda não havia sido instaurada na mente dessa criança. Algumas pessoas tendem a ter medo de suas reações frente ao afloramento de sua sexualidade. É ainda muito forte a ideia de que sentir desejo e prazer é pecado. De acordo com Sant’Anna (2006, p.16), “existem os devassos e os castos. Ser casto exige um controle do corpo e do pensamento, não permitindo que apareça nenhuma ideia impura, já os devassos podem dar vazão ao descontrole corporal e mental”. Na atualidade, as discussões sobre corpo e sexualidade assume importância crítica e questionadora no campo da moral, daquilo que é certo ou errado, falso ou verdadeiro, natural ou artificial.

Crianças e adolescentes afirmam sua sexualidade nas experiências cotidianas, e essas experiências podem ser boas ou ruins. Aos pais e cuidadores cabe a tarefa de entender as diferentes fases do desenvolvimento humano e fazer com que a relação sujeito-sexualidade destas, seja estabelecida dentro da normalidade. No caso de Hortência, as lembranças do passado são boas. Hoje ela encontra-se casada e reafirma o fato que nunca carregou traumas em relação ao aliciamento e ao abuso que sofreu.

Os adolescentes, em geral, estabelecem características comuns, tanto corporais quanto comportamentais, tanto meninas quanto meninos. É o que podemos perceber nos estudos de Bueno (2013, p.83), a saber:

A busca de si mesmo e de uma identidade, tendência grupal, necessidade de intelectualizar e fantasiar, crises religiosas, atividade social intensa e diferenciada com seus pares e isolamento no âmbito privado, contradições sucessivas em diversas manifestações de conduta, separação progressiva dos pais, constantes flutuações de humor e estado de ânimo e uma evolução sexual que vai do autoerotismo até a heterossexualidade genital e a homossexualidade.

As meninas adolescentes, quando recebem os primeiros carinhos dos namorados ou eventuais “ficantes”³⁹, têm os hormônios em erupção e sentem uma agradável sensação de prazer e desejo pelo outro. Nessa fase, é extremamente difícil segurar a libido sem se preocupar com os riscos de uma gravidez indesejada ou de adquirir doenças sexualmente transmissíveis. Muitos dos adolescentes, no afã de se satisfazer, não controlam os seus desejos e esquecem a prevenção. Uma gravidez indesejada pode acontecer. Caso isso ocorra, sonhos de um futuro promissor como os estudos e a carreira profissional podem ser comprometidos. Um momento de prazer pode demandar em vários anos de perdas, pois algumas das adolescentes abandonam os estudos. Frequentemente, os meninos que passam por este tipo de problema abandonam a menina com medo de uma responsabilidade que não estão preparados para enfrentar. Dependendo do parceiro essa primeira tentativa de sentir o prazer orgástico pode ser frustrante.

Se os indivíduos saírem incólumes da fase adolescente, estarão aptos a enfrentar a vida adulta com responsabilidade. O caminho para a maturidade é espinhoso e vai depender do empenho, da vontade e da persistência do adulto jovem. Torna-se pertinente assumir uma profissão, casar e ter filhos, pois é o momento em que homens e mulheres estão no ápice das atividades sexuais.

Geralmente, o casal passará fases críticas com algumas cenas de ciúmes, divergências em questões banais e na criação dos filhos. Sem grandes problemas familiares nem financeiros esse tipo de casal poderá chegar junto à terceira idade adulta.

³⁹ Ficante é um grau intermediário entre amigo (a) e namorado (a). Pessoa que você dá uns beijos e, até, pode ter relações sexuais, mas não está namorando. Relação não muito séria. Relacionamento liberal e eventual, sem qualquer compromisso.

No final dessa fase, começa a arrefecer da atividade sexual com o aparecimento da menopausa. Nesse processo, as mulheres sofrem com o aparecimento de vários fatores que irão comprometer o seu desempenho no sexo e na sexualidade. Esse período de enormes perdas indica o declínio da fertilidade feminina e, contundentemente, o declínio da libido, que vai interferir na sexualidade da mulher. Essa etapa tão importante é aguardada com temor por mulheres ativas sexualmente. O declínio hormonal irá intervir negativamente na vida dela em todos os aspectos. No estético, com o aparecimento das rugas, a sinalização dos cabelos brancos mais acentuadamente, a obesidade, a flacidez da pélvis, a falta de hidratação da pele, entre outros. No biológico e fisiológico, os fatores mais significativos são a perda dos hormônios progesterona, testosterona e estrógenos, que promovem a perda da libido, a frigidez, a secura vaginal, os suores excessivos, aumento dos níveis de colesterol e triglicerídeos. No emocional, a tristeza, o mau humor, agressividade, a baixa autoestima e a carência afetiva são os sintomas mais comuns.

Nesse período, para muitas mulheres, há uma negação do seu corpo. Achem-se velhas e que não podem usufruir do prazer. Nesse estado de ânimo, deixam de viver um período próspero de suas vidas, em que não há mais necessidade do cuidado com os filhos, nem a obrigação do trabalho. Essas mulheres se fecham para as delícias dos prazeres sexuais e o convívio em sociedade. Algumas se fecham para uma vida solitária, caindo em depressão. Enquanto que o corpo masculino na mesma idade parte para novas conquistas.

A mulher sofre na sua condição de “estar” mulher. Em Beauvoir (1974, p.24), verificamos que a mulher fisiologicamente é escrava da espécie, a saber:

No corpo feminino "adaptado para a necessidade do óvulo ao invés de suas próprias necessidades", os seios são irrelevantes para a saúde pessoal, a menstruação é desconfortável e às vezes dolorosa, a gravidez canaliza vitaminas e minerais para o feto e exaure as forças da mulher e o nascimento é doloroso e perigoso (BEAUVOIR, 1974, p. 24).

É nesse período da vida das mulheres que vários casamentos e uniões são desfeitos. Talvez, os homens desconheçam ou não se interessam em saber das inúmeras e severas transformações pelas quais as mulheres passam na menopausa. As mulheres, nessa fase, ficam mais nervosas, irritadiças e perdem a libido. É nesse período que os homens procuram nos braços de mulheres mais jovens e fogosas a chama da paixão e da

volúpia. Algumas mulheres partem para outros relacionamentos, e outras se fecham para a vida dedicando-se mais à vida no lar. É comum encontrarmos mulheres financeiramente consolidadas atuando como provedoras das necessidades de homens mais jovens e acham extremamente natural essa situação, fato criticado pela moral burguesa. Na sociedade ocidental é comum o homem prover a mulher e mantê-la como amante. Mas, a mulher que mantém um amante está fadada a ser mal interpretada.

Mulheres modernas investem boa parte dos seus recursos para que os efeitos nocivos da terceira idade adulta sejam minimizados. Essas mulheres, financeiramente bem resolvidas, não medem esforços para estar bem com seus corpos, e todos os meios da ciência médica são utilizados para afastar os incômodos desse período de decadência física do corpo.

Como citado anteriormente, os avanços tecnológicos da medicina estética têm contribuído para o embelezamento do corpo, com poderosíssimos cremes antirrugas, com as tinturas de cabelos, com os tratamentos de pele ionizados e a laser, com as academias de ginástica e de musculação, assim como com as cirurgias plásticas. Mulheres que recorrem à essa tecnologia, aparentam ter menos idade e estão aptas e dispostas aos prazeres sexuais, independente dos corpos que possuam. Existe uma fronteira que precisa ser rompida na mente das mulheres de meia idade e de terceira idade: a fronteira entre o corpo real e o ideal. Conforme Cunha e Silva (1999, p. 24),

É certo que o lugar de fronteira é um lugar de fratura, é um lugar de suspensão de sentido, onde o eu-forma acaba, mas é também um lugar de desejo, o lugar onde o outro-forma emerge. Por isso, a fronteira pede para ser explorada na multiplicidade das suas apresentações e na angústia da sua incompletude. Pede para o Eu se precipitar no lugar que o separa do Outro. Pede ao corpo para se mover, se deslocar, e assim reconfigurar o lugar, transformar o lugar de desejo em lugar de prazer.

O desejo é uma realidade intermitente na vida de mulheres e homens, mas precisa ser estimulado e buscado por aqueles que o almejam. Ficar na passividade indica que o sujeito desistiu de buscar o prazer. Vários produtos lançados no mercado dão a possibilidade a mulheres e homens de terem uma vida sexual ativa, mesmo na terceira idade. As mulheres, mais do que os homens, estão mais conformadas em passar a

velhice na solidão⁴⁰. Os homens, dificilmente, se deixam abater por um amor não correspondido e não desistem no primeiro contratempo. As mulheres idosas passam, geralmente, a cuidar dos netos, dedicando suas vidas aos cuidados com a família, abandonando assim sonhos acalentados.

É extremamente difícil para as mulheres da terceira idade livrarem-se dos seus tabus e preconceitos frutos de uma educação doméstica castradora, enveredando pelos caminhos prazerosos do sexo. Isso implica em exposição de um corpo que já não responde aos seus anseios. A genital flácida, a pele seca e enrugada impede que as mulheres tentem encontrar um consorte nessa fase da vida. A vergonha do corpo é um dos maiores empecilhos. Estas se conformam com o “pouco” ou o “nada” que gozaram nas suas experiências sexuais anteriores. Outras se arrependem amargamente de não ter aproveitado enquanto podiam. Para muitas, é muito difícil começar uma vida sexual plena após a menopausa. Algumas dizem: “agora virei homem!”, e se fecham para os prazeres sexuais.

Devemos considerar, também, que as mulheres modernas e financeiramente independentes, já não admitem a dominação masculina. Lutam por seus direitos e não admitem a submissão. O medo de perder o consorte não as intimida, pois estão prontas a reiniciar uma nova relação que seja mais prazerosa. Elas buscam nesse momento, abrir-se para aquilo que de bom a vida lhes oferece: viajar, estar em boa companhia, dançar, viver e estar feliz.

Com tantas prioridades, antes de ter o cuidado de si, a mulher das camadas subalternizadas tem que estar cuidando dos outros. Quando não está nas atividades domésticas, encontra-se em atividades laborais de sol a sol, além das atividades como cuidadora do lar e dos filhos. Dificilmente essa mulher tem um tempo para si. Seu corpo não apresenta o mesmo viço de outrora. Os cabelos, as unhas malcuidadas e o corpo apresentam o cansaço hodierno. Dificilmente conseguem manter um casamento por muito tempo, as relações são pontuais e nada duradouras. Em relato, Jasmin (27 anos) revela o seguinte:

Sou de Codajás, casei muito novinha, porque queria morar em Manaus e meu namorado estava vindo tentar a vida aqui. Quando cheguei em Manaus, estava com 16 anos e logo fiquei grávida. Quero lhe dizer

⁴⁰ Ver Abreu (2015)

que quando estava com 6 meses de grávida, meu marido sumiu. Eu não conhecia nada daqui e fiquei quase louca, desesperada mesmo! Andava pelas ruas atrás dele de manhã até de noite. Não tinha dinheiro para pagar o aluguel do quarto e não queria pedir ajuda da minha família em Codajás que já passava por várias necessidades. Um dia, desmaiei na rua de tanta fome que estava. Então, me levaram para a maternidade. Lá, comi como há muito não fazia e conheci uma enfermeira, para quem contei minha história. E, ela com pena, resolveu me ajudar. Fui morar com ela até meu filho nascer. Trabalhava como doméstica, sem receber salário. Mas, só em ter onde dormir e comer, pra mim já estava ótimo. Fiquei lá por cinco anos e ela adorava meu filho. Com o tempo, o marido dela começou a me olhar de forma diferente e ela foi percebendo também. Ela mesma arranhou um outro lugar para eu trabalhar e fiquei ajudando num mercadinho. Meu filho ficou com ela. Disse que quando eu tivesse condições de criar ele que fosse buscar. Nunca fui! Achei melhor pra ele ficar lá. Pelo menos ia ter uma vida melhor que a minha. Trabalhando no mercadinho, conheci um rapaz muito bom! Voltei a estudar e consegui concluir o ensino médio. Depois, nos juntamos e vivemos juntos até hoje. Tenho mais dois filhos e sou vendedora dessa loja há quase três anos. É um trabalho muito cansativo, estressante mesmo. Mas, graças a Deus, tenho um emprego de carteira assinada (JASMIN, 27 anos, entrevista/2017).

A educação doméstica castradora é um dos maiores empecilhos para a vida sexual da mulher. Os tabus e os medos, geralmente, são gerados por mães que sofreram algum abuso sexual, que foram maltratadas pelo companheiro, ou que tiveram mães rigorosas com relação à sua sexualidade. Essas mulheres/mães não desejam que suas meninas passem pelo mesmo sofrimento pelo qual passaram. Orientam suas filhas relacionando o sexo com algo ruim e imoral. Flor (48 anos), nos relatou que,

Tive uma educação doméstica castradora. Minha mãe é muito religiosa e estudei em colégio de freira. Falar em sexo lá em casa era tabu e, tudo que aprendi sobre o tema, foi nas conversas de meninas. Não sabia o que era homossexualidade e achava que só podia haver amor entre um homem e uma mulher. Cresci em meio a vários mistérios sobre a sexualidade, e pasme! Casei virgem! ... A noite de núpcias foi uma decepção! A tal lua de mel, também. Só não foi pior, porque fomos para um lugar lindo! O que compensou todo o resto. Depois dessa experiência, vamos dizer assim, frustrante (pausa), acho que fiquei traumatizada de manter relações. Tive somente um filho sem saber o que era gozar. Não culpo o meu marido, culpo a educação da minha mãe, onde tudo era pecado (Entrevista/ 2017).

Diferentemente das meninas, os meninos são incentivados pelo pai a buscar uma mulher e manter relações sexuais no despontar da adolescência. O pai até os levam para a primeira relação sexual, quando esta não é realizada com a namoradinha.

Diferentemente das mães, os pais só adjetivam o sexo com pontos positivos. Algumas meninas, entretanto, têm uma vida familiar menos rígida e castradora. Podem conversar abertamente com os pais sobre sexualidade, têm acesso a leituras educativas sobre, e o encaram com muita naturalidade. Um exemplo disso é Rosa (35 anos), que é secretária de um grande empresário e diz que nunca teve problemas com sua sexualidade e acha-se resolvida. Em relato revela que,

Nunca casei, porque não quis. Tenho curso superior e ganho muito bem. Os homens que me pediram em casamento eram uns pulhas, só queriam saber da vida boa que podia dar a eles. Sei que não sou feia e vivo na retaguarda com esses ‘caras de pau’. Eles se aproximam cheios de interesse para usufruir do que conquistei com muito suor. Desses, eu quero é distância! (Entrevista/ 2017).

Mesmo dizendo-se resolvida sexualmente, percebemos no discurso de Rosa uma resistência com relação ao gênero masculino. Não é uma revolta contra o que eles podem ou devem fazer no ato sexual, mas o que eles podem tirar das posses que ela possui. O poder monetário afasta-a do sexo oposto. É como uma barreira, e todo pretendente é um salteador. O que os atrai não é ela, mas o poder econômico que ela possui. Por uma experiência mal sucedida, algumas mulheres não se dão uma nova oportunidade. A experiência serve como lição para o resto da vida e, assim, as mulheres se negam a ter uma vida a dois mais prazerosa.

Geralmente, cabe ao homem toda a culpa quando uma relação é mal resolvida ou encerrada. Dificilmente, há uma atitude reflexiva da mulher, juntamente com o homem, para haver um entendimento sobre onde, como e quando cometeram o engano. Frequentemente, as relações se encerram com ressentimentos de ambas as partes. Quando é a mulher que fica com o homem por interesse e é sustentada por ele, a sociedade aceita naturalmente. Quando acontece o inverso, o homem é criticado. Mesmo que a mulher tenha condições de prover o homem, quando isso acontece, ela é mal interpretada e repreendida pela sociedade.

A mulher vem lutando na busca de sua afirmação como indivíduo. Rejeita o estigma de sexo frágil e através do poder do conhecimento e da ascensão na carreira e, conseqüentemente, melhoria econômica e financeira vem conquistando, paulatinamente, sua liberdade. Debate, discute, analisa e reivindica seu lugar de direito na sociedade.

Com relação ao seu corpo e sua sexualidade vem derrubando barreiras erguidas ao longo da história com coragem e determinação. Conquistou o direito ao prazer

anteriormente reservado apenas ao gênero masculino. Tem liberdade de escolher com quem se relacionar e qual a melhor maneira de atingir o prazer orgástico.

CAPÍTULO III - O EROTISMO COMO EXPRESSÃO DA SEXUALIDADE

A humanidade profunda só se revela a nós se reconhecemos a unidade do sentimento divino, do estremecimento sagrado e do erotismo liberado da imagem grosseira imposta pela pudicícia tradicional.

Georges Bataille

3.1 O jogo de sedução em busca do príncipe encantado

Nos contos infantis, as mulheres são representadas por princesas de olhos azuis, com longos cabelos loiros e tez branca, aos moldes da mulher europeia. As mulheres princesas dos contos de fadas habitam castelos no meio das florestas, tendo como companhia os animais domésticos e criaturas habitantes dos bosques. Em meio ao ambiente bucólico, vivem uma vida solitária e sem sentido aguardando a chegada do príncipe encantado⁴¹ que as levará para o castelo onde serão felizes para sempre. As princesas, geralmente, são órfãs e seu principal talento é cantar para atrair o amado. Nesse contexto, o canto atua como arma de sedução, assim como acontece na lenda das sereias⁴² dos Argonautas, de Odisseu e no mito Amazônico da Iara,⁴³ cujo canto atrai, encanta e enlouquece os homens incautos.

⁴¹O mito do “príncipe encantado”, na atualidade, não está relacionado ao cavaleiro montado em seu cavalo branco que irá desposar a donzela. Mas sim, às qualidades que o homem transmite em suas ações. Essa imagem do “príncipe encantado” é mais antiga do que podemos imaginar, pois em tempos antigos, as mulheres eram criadas para ser donas de casa exemplares, para realizar todas as tarefas de casa e educar os filhos, enquanto o marido trabalhava para sustentar a casa e a família. O principal disso é observar que esses mitos não são criados do nada, mas, fazem parte da educação que as mulheres recebem. Veja as histórias infantis, como Aladdin, A bela adormecida, Branca de Neve e Cinderela, por exemplo, todas narram que as mulheres esperam que um dia um príncipe apareça em suas vidas e que sejam felizes para sempre.

⁴²Na Mitologia Grega, são seres metade mulher e metade peixe capazes de atrair e encantar qualquer um que ouvisse o seu canto. Viviam em uma ilha do Mediterrâneo, em algum lugar do Mar Tirreno, cercado de rochas e recifes ou nos rochedos entre a ilha de Capri e a costa da Itália. A sedução provocada pelas sereias era através do canto. Os marinheiros que eram atraídos pelo seu canto e se aproximavam o bastante para ouvir seu belíssimo som, descuidavam-se e naufragavam. São consideradas filhas do Deus rio Aquelo e da musa Melpômene ou de Terpsícore.

Na lenda de Odisseu e dos Argonautas, eles resistiram ao seu canto. Os argonautas, por causa da música de Orfeu, e Odisseu por causa do conselho recebido de ser amarrado ao mastro e ordenar à tripulação tapar os ouvidos com cera para não escutarem o canto das sereias.

Há muitos mitos na Grécia Antiga sobre sereias, alguns dizem que elas seriam mulheres que ofenderam a Deusa Afrodite (deusa da beleza e do amor) e como castigo foram viver em uma ilha isolada. Em outros,

O príncipe encantado é aguardado montado num corcel branco e o amor à primeira vista faz vibrar o coração dos eleitos. O príncipe dos contos infantis é um modelo de homem da herança europeia e busca uma bela, inocente, virgem, recatada, submissa e prendada moça para desposá-lo. O “felizes para sempre” acontecerá desde que a princesa esteja disposta a realizar os desejos do amado, sendo obediente e fiel. Para Alberoni (1988, p. 38),

Toda mulher espera que o príncipe encantado venha despertá-la. É uma verdade e uma falácia ao mesmo tempo. O seu verdadeiro propósito é que o príncipe encantado a veja e deseje. É sua estupenda beleza adormecida que o fascina, que o faz parar, que o distrai do seu caminho. A estória conta que a bela desperta com o beijo do príncipe. Mas também o príncipe só começa a ver e a sentir na presença dela. É ela que o espera para mostrar-lhe uma beleza que ele desconhecia e fazer com que ele experimente desejo e paixão.

O importante a observar nos contos são as qualidades que estes homens possuem. Coragem, determinação, ousadia, confiança, certeza do que querem e, principalmente, vontade de buscar o que querem, são as virtudes fundamentais do “príncipe encantado”. Zampiere (2004, p. 33), considera que essas características se devem ao fato de que “a testosterona é o hormônio belicoso porque deflagra agressividade, competitividade, segurança e até violência”, a autora credita ao homem essas peculiaridades tendo como responsável a testosterona. No caso específico, são pontuados os atributos esperados que todo homem possua, não só pelas mulheres, como

conta-se que elas eram ex-companheiras de Perséfone, filha de Zeus e Deméter, que foi raptada por Hades, Deus dos Infernos. As sereias representam na cultura contemporânea o sexo e a sensualidade. Em nossos dias, utiliza-se ainda a expressão "canto da sereia" que designa algo que tem grande poder de atração em que as pessoas caem sem resistência. Na literatura moderna, as sereias inspiraram muito poemas e numerosas obras.

⁴³ Iara ou Yara, do indígena *Iuara*, significa “aquela que mora nas águas”. Trata-se de um mito de origem indígena, oriundo da região Norte. Iara é uma sereia metade mulher, metade peixe, que vive nos lagos e rios amazônicos. Com longos cabelos pretos e olhos castanhos, a sereia Iara emite uma melodia que atrai os homens, os quais ficam rendidos e hipnotizados com seu canto e sua voz doce.

O mito da Iara narra que ela é dona de uma beleza invejável. Uma das versões da lenda diz que os irmãos sentiam inveja de Iara, também considerada corajosa guerreira e, por isso, resolvem matá-la.

Todavia, no momento do embate, pelo fato de possuir habilidades guerreiras, Iara consegue inverter a situação e acaba matando seus irmãos.

Diante disso, com muito medo da punição de seu pai, o pajé da tribo, Iara resolve fugir, mas seu pai consegue encontrá-la. Como castigo pela morte dos irmãos, ele resolve lançá-la ao rio. Os peixes do rio resolvem salvar a bela jovem transformando-a na sereia Iara. Desde então, Iara habita os rios amazônicos conquistando homens e depois levando-os ao fundo do rio, os quais morrem afogados. Acredita-se que se o homem consegue escapar dos encantos de Iara ele fica louco, num estado de torpor e somente um pajé poderá curá-lo.

também, pela sociedade. Há séculos, a sociedade patriarcal espera que todo homem assuma o seu papel de macho, que não seja dominado por inseguranças, incertezas ou frustrações, sendo esse poder masculino passado de geração em geração. Algumas mulheres já não aceitam a submissão. Quando possuem um companheiro que não aceitam sua independência, esse comportamento é tido como um desafio, uma afronta ao poder do homem gerando no lar e nas relações familiares, uma instabilidade emocional acarretando consequências psíquicas e sociais nos membros da família. Gutierrez e Dewet (2010, p. 148), consideram que,

A violência contra a mulher se insere nesse quadro como uma das mais deletérias para o convívio familiar e o desenvolvimento psicológico saudável dos filhos, tendo-se em vista o papel central atribuído a mulher na família. A ela cabe o provimento do afeto, da proteção, o dar conforto, o carinho, o elogio, o relaxamento e o bem-estar das brincadeiras e do riso, que são marcas de uma relação saudável. Caso contrário, em atos de violência persistente, o desenvolvimento do bem-estar e segurança ficam seriamente comprometidos.

Era uma vez... As histórias de princesas que aguardam a chegada do príncipe que as levará para um reino encantado onde serão “felizes para sempre” faz parte do sonho das mulheres, permeando o imaginário feminino desde a infância. As meninas desde tenra idade são levadas pelos contos infantis a acreditar na figura do homem “príncipe”. O homem que é amoroso, delicado, honesto, fiel, respeitador, digno, belo, branco, louro e de olhos claros, ou, moreno, de olhos azuis. Para Castoriadis (1982), “a sociedade constitui seu simbolismo, mas não dentro de uma liberdade total. O simbolismo se crava ao natural e se crava no histórico (ao que estava lá), participa, enfim, do racional”. No entanto, ainda nos primeiros anos da infância, a menina que tem nos seus sonhos a imagem do “príncipe” pode, inadvertidamente, se defrontar com a figura do “lobo mau⁴⁴”, aquele homem que não mede esforços para comer a menina

⁴⁴ O simbolismo de lobo possui sentidos antagônicos. De um lado representa o bem e, nesse contexto, encontramos a astúcia, bem como alguns traços humanos que a esse animal são atribuídos, os quais incluem inteligência, sociabilidade e compaixão. Por outro lado, o lobo representa o mal, compreendendo nesse sentido, a crueldade, a luxúria, bem como a ambição.

Ao aspecto feroz e sinistro do lobo que vaga solitário pela escuridão da noite atribui-se o seu significado simbólico relacionado ao mal, pois evoca uma ideia de força sem discernimento e que não pode ser contida, impulsiva e de mal augúrio, tomando as formas da besta do Apocalipse. No cristianismo, o lobo representa o diabo, como um saqueador do rebanho. Como uma divindade diabólica, infernal, o lobo é uma ameaça feroz, um devorador de crianças. Foi da pele de um lobo que Hades, o Senhor dos Infernos, fez o seu manto. Também na tradição nórdica, o lobo simboliza a morte cósmica, pois são devoradores de astros.

inocente. Alberoni (1988, p. 34), indica que, “na sua forma benévola, suave, a masculinidade se apresenta no arquétipo do príncipe encantado. Na sua forma terrificante é representado pela fera”. Diferente do “príncipe”, o “lobo mau” pode estar inserido no próprio lar, disfarçado na figura do pai, padrasto, tio, primo, irmãos, parentes ou vizinhos, que fantasiados de “príncipes” podem frustrar os sonhos da criança abusando-a moralmente e sexualmente criando uma mulher perenemente em conflito com sua sexualidade. Quinet (2008, p. 75) adverte que, “ao se desconsiderar a criança como um ser-para-o-sexo colocando-a como objeto nas vitrines do mundo, a criança se torna ao mesmo tempo objeto de desejo e vítima do gozo do outro. Em suma: uma *latusa*⁴⁵ a ser consumida”. Desqualifica-se a criança como um ser sexualizado.

A maior consequência desse efeito devastador é a criança se sentir culpada por ter despertado o desejo do homem. Ao homem não cabe a culpa. Os instintos masculinos primitivos falaram mais alto. Esse comportamento é próprio do homem macho, herança do patriarcado. Sob a perspectiva do patriarcado, as características masculinas e femininas são binárias e dicotômicas, o que implica em relações conflituosas entre os gêneros gerando a submissão e o preconceito para com as mulheres. “Lembremo-nos de que diferença não significa desigualdade, construção social tão presente nas categorias de gênero do que seja feminino ou masculino”. ZAMPIERI (2004, p. 59).

Dentre essas características binárias destacam-se a inflexibilidade do homem em contraponto com a flexibilidade da mulher (fácil de ser controlada). Outra característica do patriarcado diz respeito à razão que prevalece no homem, enquanto que a mulher é comandada pela emoção. O homem usa o ataque através da agressividade, enquanto a mulher fica na defensiva, é medrosa, tem medo de mudanças.

Recorremos aos contos infantis para exemplificarmos como se estabelece na cabeça das crianças as relações entre homens e mulheres na sociedade patriarcal. Desde a infância, as meninas são envolvidas por vídeos, filmes e quadrinhos infantis

Mas a voracidade do lobo se expressa também em sua relação com o pecado, e da loba com o desejo sexual e a paixão. No imaginário europeu da Idade Média, o lobo era utilizado frequentemente para revistar os bruxos no Sabbath, enquanto as bruxas, durante o Sabbath, deviam levar tiras de pele de lobo. A sua maldade é, ainda, revelada mediante a tradição dos contos infantis, em cuja narrativa o lobo assume a figura má, tal como nas clássicas histórias de Chapeuzinho Vermelho e Os Três Porquinhos. No folclore, essa característica é também assumida especialmente na lenda do lobisomem - homem que se transforma em lobo em noite de lua cheia.

⁴⁵*Latusa*, termo utilizado por Jacques Lacan para designar produtos elevados à categoria de objetos-tampão da falta estrutural de forma a estimular o excesso de gozo.

mostrando o poder masculino e a submissão feminina estabelecendo uma relação de dependência da aceitação do homem em todos os aspectos, inclusive nas relações sexuais. Bataille (2017, p. 41) considera que, “no movimento de dissolução dos seres, o parceiro masculino tem em princípio um papel ativo, a parte feminina é passiva”. Na cultura ocidental, na qual o poder masculino ainda é pujante, continua difícil educar mulheres numa perspectiva libertária e com equidade de gênero, embora já tenha ocorrido um certo avanço. É preciso que as mulheres eduquem os filhos de ambos os gêneros com os mesmos deveres e direitos. “Ou seja, as leis mudam, mais o essencial continua intocado: mulheres continuam a educar seus filhos e tratar os maridos, reforçando a ideia de superioridade do gênero masculino. Filhos não lavam louça, maridos não arrumam a cama” DEL PRIORE (2013, p.07). Em casa, as atenções devem estar voltadas exclusivamente para o homem no afã constante de satisfazer seus desejos.

É possível que a insuficiência de políticas voltadas para a informação, a educação, a instrução e a cultura estejam presentes mais frequentemente nas camadas sociais subalternizadas. Não obstante, as desigualdades na criação dos gêneros masculino e feminino estão presentes nas diferentes camadas sociais, estabelecendo nesse caso um fator sociocultural. Dentro dessas diferenças estão o erotismo e a sensualidade que são totalmente diferentes entre os gêneros e provocam olhares e reações diferenciadas em homens e mulheres.

O erotismo masculino difere totalmente do feminino, e essa diferença estabelece atitudes incompreensíveis nas relações entre homens e mulheres. Para Alberoni (1988, p. 10), “o erotismo masculino é mais visual, mais genital. O feminino mais tátil, muscular, auditivo, mais ligado aos odores, à pele, ao contato”. O homem é movido pelo sentido da visão. Ele olha a figura da mulher estabelecendo o contato visual nas partes erógenas como os seios, as nádegas, o púbis. Ele deseja o corpo, mesmo que não tenha nenhuma relação com a mulher. As mulheres são erotizadas, principalmente, pelo sentido da pele através do contato; pelo olfato (cheiros e odores), assim como pelo sentido da audição (música, ritmos, sons, sussurros). Zampieri (2004, p. 25), indica que,

O olfato representa relevante papel na transmissão e recepção de mensagens sexuais na maioria dos mamíferos. Mesmo nos seres humanos, apesar de não percebermos muito, há a percepção de odores das secreções dos casais, como suor, da urina, da secreção vaginal e outros, esses odores exercem a influência no erotismo de várias pessoas. Assim também sabemos que alguns perfumes estão associados a lembranças de objetos sexuais desejados.

Na esfera feminina a indústria de cremes, loções, perfumes, bálsamos, espumas para banho, voltam-se para o erotismo das mulheres, que mesmo confinada em seus quartos ao utilizar esses produtos são tomadas por uma onda de sensações prazerosas. Às vezes, aproveitam esse momento de autoconhecimento corporal para masturbarem-se fantasiando uma relação com o príncipe sonhado. Alberoni (1988, p.12) assinala que, “no momento atual, homens e mulheres buscam o que os iguala, superando as diferenças. Possuem, entretanto, sensibilidades, desejos e fantasias diferentes. Ambos com frequência imaginam o outro como na realidade ele não é, e esperam dele coisas que o outro não pode dar”. Os sujeitos podem assumir diferentes identidades em situações e momentos diversificados, porém sua essência é imutável. Kanton (2009, p.17) sinaliza que, “à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar, ao menos temporariamente”.

Algumas mulheres não são consideradas por sua estética corporal e facial como belas porém, são extremamente sedutoras. Outras podem ser consideradas possuidoras de uma beleza extraordinária, todavia não despertam o desejo do homem, são as ditas “insípidas⁴⁶”. Ainda há outras que são e estão mulheres, com seus dotes naturais e transitam na sociedade com graça e simpatia, outras ainda que se destacam na multidão por portar um “*feeling majestic*⁴⁷” que atrai os olhares de homens e mulheres, sem contudo serem belas. Não pretendemos nesse estudo realizar uma classificação de mulheres, mas afirmar que cada pessoa é um sujeito que está inserido em sociedade de forma particular e individual. As mulheres ditas belíssimas são consideradas mais sedutoras e, por esse motivo, mais poderosas. Alberoni (1988, p. 37), considera que “a mulher muito bonita desperta desejo, mas também desconfiança e temor. Muitos homens inteligentes, competentes, bonitos e atraentes com muita frequência se unem a mulheres menos belas, porém agradáveis”. As mulheres ditas belas possuem uma certa segurança, que conforme Vitória Régia (20 anos), um dos sujeitos da pesquisa, assusta realmente os homens. Em relato nos conta que:

⁴⁶ Em sentido figurado, insípida quer dizer sem graça, desprovida de atrativos, enfadonha, monótona, sujeito insípido.

⁴⁷ *Feeling majestic* – palavra de origem inglesa que significa a pessoa que possui um sentimento de majestade, de atitude de poder, andar portentoso.

Sei que sou bonita e me aproveito disso para brincar com os homens, mas vejo também que eles se assustam com a minha ousadia, com a minha forma de agir. Aprendi a me virar sozinha, sou despachada e gosto de tomar a iniciativa. Vejo que alguns homens se inibem diante disso e sinto que, muitas vezes, eles somem por conta disso. Acho que tenho que mudar minhas estratégias, senão não vou conseguir o meu objetivo (casar com um homem rico). (Vitória Régia/entrevista, 2017)

Vitória Régia busca o príncipe encantado, usa o seu poder de sedução para atrair um homem rico, o qual a levará para um castelo onde serão felizes para sempre. A sedução feminina provoca no homem o desejo. Para ele, satisfazer esse desejo é seu principal objetivo. Não é necessária uma permanência, um amor, basta a satisfação sexual. Dependendo do desfecho do ato sexual, pode ser que jamais essa mesma mulher possa lhe reacender o desejo. No caso das mulheres, a maioria necessita do enamoramento, do envolvimento amoroso. É necessário além do desejo, que o homem desperte nessa mulher o desejo da continuidade, da permanência. Para Alberoni (1988, p. 39), “a mulher aprecia os atos que significam a continuidade do interesse. Um telefonema, um elogio, flores. Em geral, a mulher ama também as conversas amorosas, as carícias, os abraços, o interromper e o recomeçar”. Algumas mulheres conquistaram sua independência e buscam em alguns momentos sair desse modelo de mulher que persegue um amor perene. “Afinal, essa mulher competitiva, participante ativa do “*logus*” masculino de nossa sociedade, pode ser percebida almejando um relacionamento amoroso cujo processo de construção descarta a descontinuidade, a impessoalidade e a coisificação das relações” (BURNS, 2010, p.16).

Resguardadas as exceções, há mulheres que antes de conquistar seu objetivo que é casar e, de preferência, com um homem rico. Gostam de brincar com o desejo masculino, fazem de tudo para seduzir o homem e, quando conseguem, se afastam. Às vezes, são mulheres que não desejam uma relação amorosa concreta, mas experimentar o seu poder de sedução suscitando o desejo e, talvez, um apaixonamento por parte do homem. Para Burns (2010, p. 14) “o apaixonamento é um estado de ser que nos lança a uma experiência extraordinária, transgressora de valores e normas”. A suposta vítima desse poder de sedução arrebatador pode ser o homem que não estiver dentro dos padrões ideais traçados pela mulher para levá-la ao altar. Ao iniciar esse jogo, a mulher deve estar segura de seus propósitos. Não obstante, elas serem vítimas de sua própria cilada, apaixonando-se também. Burns (2010, p. 15), adverte que “essa viagem de descoberta é vivida a dois, pois, ao permitir o desvelar da pessoa amada, desvelamo-nos

também diante dela. Nessa fusão, nos completamos e, [...], experimentamos a eternidade. São momentos de beleza incontestável”. Após o apaixonamento, a mulher retorna ao primeiro estágio que é o desejo da continuidade da relação.

Na erotização dos corpos, a beleza é o cartão de visita que atrai os olhares dos homens poderosos, que tendem a monopolizá-la. “Existem apenas algumas categorias de homens que possuem mulheres belíssimas: os líderes carismáticos, os milionários, os astros famosos, os grandes atores, os grandes diretores e os *gangsters*” (ALBERONI, 1988, p. 37). Esse é outro ponto de vista que está inculcado no pensar do homem e da sociedade machista. Um olhar que insiste em dizer que a mulher bela se vende por riqueza e poder. Essa mulher usa sua beleza e poder de sedução para atrair homens ricos e poderosos no cenário mundial, mesmo que para eles, ela represente apenas um objeto de valor a ser exibido. Bataille (2017, p. 155) diz que, “pelo cuidado que tem com seus adereços, pela preocupação com sua beleza, que seus adereços acentuam, uma mulher tem a si própria como um objeto que incessantemente propõe à atenção dos homens”. Indica ainda que, “não há em cada mulher uma prostituta em potencial, mas a prostituição é a consequência da atitude feminina” (IBIDEM, p.155). Essas atitudes geram leituras erradas sobre as mulheres, criando na sociedade inúmeros preconceitos contra a mulher que deseja se libertar das amarras do patriarcado. Assim acontece com as mulheres amazônicas que, por apresentar grande receptividade, afabilidade e simpatia podem ser consideradas “fáceis”.

As exóticas mulheres amazônidas são apreciadas por sua beleza peculiar e particular, são cobiçadas como produto para venda de seus corpos no mercado europeu. As mulheres, sujeitos da pesquisa, possuem essa beleza peculiar e natural da mulher amazônica. A cor da pele é morena ou parda, os cabelos negros alguns lisos, outros encaracolados, olhos negros e amendoados, rosto redondo. Nessas mulheres o destaque está no corpo *mignon*, pernas grossas e glúteos proeminentes. Para Torres (2012, p. 16), “trata-se de um suposto exotismo do corpo *mignon*, bronzeado, com curvas convidativas para a cópula”. Dotadas de grande brejeirice, não precisam ser belíssimas e com características europeias para serem visualizadas com olhares de desejos por parte do gênero masculino. Seu modo de agir, tendo como estratégia uma timidez disfarçada dá o tom necessário à sedução. Talvez, por esse motivo, seja tão assediada no espaço público. Essa timidez, quase caracterizada como inocência e falta de atitude, provoca no homem a vontade e o desejo da investida. Margarida (27 anos) pode ser considerada uma dessas mulheres. Extremamente tímida, em relato, nos conta que, “não sei o que os

homens veem em mim, sei que não sou bonita, mas também não sou feia e na rua eles mexem comigo. Fico morrendo de vergonha, se tivesse um buraco eu me metia dentro”. (Entrevista, 2017). “A escolha de um objeto depende sempre dos gostos pessoais do sujeito: mesmo se ela recai sobre a mulher que a maioria teria escolhido, o que está em jogo é muitas vezes um aspecto inapreensível, não uma qualidade objetiva dessa mulher” (BATAILLE, 2017, p. 53).

O erotismo é inerente ao ser humano, o que o diferencia dos animais, assim como a sexualidade humana que é diferente da sexualidade dos animais. Bataille (2017, p. 35), considera que “a atividade sexual de reprodução é comum aos animais sexuais e aos homens, mas, [...], apenas os homens fizeram de sua atividade sexual uma atividade erótica”. Há no erotismo o fascínio das relações interpessoais, do poder, do controle, da submissão, da subjugação, do descontrole e do desfalecimento. O erotismo tem por finalidade atingir o ser no seu âmago, no ponto onde o coração desfalece.

Há um discurso corrente que indica serem as mulheres possuidoras e detentoras do erotismo, o homem tem a iniciativa, todavia é a mulher que seduz, é a mulher que acende o desejo do homem, é a mulher que leva o homem ao pecado. O erotismo é feminino, é rosa e armadilha. O homem que se deixa envolver e cair na sua trama estará perdido. Furlani (2009, p. 28) considera que:

Na espécie humana o jogo do poder entre os sexos, construído na cultura e não nos atributos biológicos, define quem deve agradar a quem, todavia mesmo com os avanços da revolução sexual no modelo heterossexual hegemônico de relacionamento é a mulher que deve agradar o homem.

No século XVIII, o ápice do erotismo era o cair do vestido, o tecido pesado deslizando sutilmente pelo corpo da mulher previa o encantamento do entrelaçamento dos corpos. Na atualidade, o desnudamento ainda é um ritual das relações sexuais. A mulher desnuda o homem e o homem desnuda a mulher. Perniola (2000, p. 84), assinala que, “o erotismo se manifesta nas artes figurativa como relação entre o vestido e o nu. A sua condição é, portanto, a possibilidade do movimento, de um trânsito de um para o outro: se aos dois termos for atribuído um significado primário e essencial em prejuízo do outro, faltará a própria possibilidade do trânsito e, logo, do erotismo. Neste caso, à veste ou o nu é atribuída uma dimensão absoluta.

Esse ritual pode ocorrer lentamente com o casal apreciando cada peça retirada, ou com o furor da paixão avassaladora que deseja ardentemente a fusão dos corpos. Os

corpos nus estão próximos do momento de fusão que a nudez anuncia. “É a nudez de um ser definido, mesmo se essa nudez anuncia o instante em que seu orgulho dará lugar ao monturo indistinto da convulsão erótica” (FURLANI, 2009, p. 28).

Com relação às atitudes desinibidas da mulher amazônica no espaço público, Dália (23 anos) em relato, nos conta que,

Na profissão que exerço tenho que ser simpática e estar sempre com um sorriso no rosto. Aí, de tanto você fingir estar feliz, você acaba se acostumando em manter esse papel. Quando eu vejo, estou rindo pra Deus e o mundo. Eu acho que, às vezes, os homens pensam que eu estou me oferecendo. Tô nem aí! A vida da gente é cheia de problemas, um monte de conta pra pagar, patrão enchendo o saco! Então, quando posso, brinco, sorrio, dou gargalhadas. Preciso viver! (entrevista/2017).

São recorrentes os comentários do público consumidor que as vendedoras do Centro da cidade de Manaus são grosseiras e antipáticas, que o atendimento nas lojas deixa a desejar, porque elas não fazem questão de vender o produto mostrando-se desinteressadas em atender bem a freguesia. Dália assegura, segundo suas próprias palavras, que esse fator não se aplica a ela, pois atende a todos com polidez e cortesia. De acordo com suas próprias palavras: “trato todos bem, porque se não fosse assim já tinha rodado desse emprego há muito tempo. O patrão exige sempre que a gente atenda bem o cliente” (Entrevista/2017). Algumas vezes esse “tratar bem” pode ser entendido pelo consumidor como uma forma de sedução, principalmente se o cliente for homem e estiver acompanhado de sua companheira. Dália reitera que:

Não gosto de atender casal, se atendemos bem, a mulher pensa logo que estamos dando em cima do homem dela. No entanto, se o homem está sozinho, ele geralmente fica mais solto, e nós também ficamos mais à vontade para atendê-lo. Prefiro muito mais atender os homens do que as mulheres, elas são muito chatas. As mais velhas então, nem pensar! (entrevista/2017).

As mulheres que atuam no âmbito do público sofrem maus tratos e preconceitos por pessoas que por estarem comprando acreditam-se superiores a elas. Há um exercício do poder de compra, o dinheiro compra a subserviência e o medo de perder o emprego impede uma reação por parte daquele que é oprimido. Para Foucault (1979, p. 149), “o enraizamento do poder, as dificuldades que se enfrentam para se desprender dele vem de vários vínculos. É por isso que a noção de repressão, à qual geralmente se reduzem

os mecanismos do poder, me parece muito insuficiente e até perigosa”. As relações entre empregado e patrão, vendedor e cliente são permeadas por conflitos em que o servir bem deve estar em primeiro lugar. É certo que nas últimas décadas as mulheres vêm ganhando vários benefícios nas suas lutas por direitos, o que tem lhes dado certa estabilidade no emprego, carteira assinada, 13º salário, fundo de garantia e aposentadoria, entre outros, são conquistas que merecem destaque nesse contexto. Na contramão, cresce a contratação de empregados temporários por patrões que visam somente lucros nos períodos de grandes festividades. Essas contratações diminuem os encargos sociais das empresas gerando maiores lucros, não criando vínculos empregatícios com os temporários. Algumas das contratadas temporárias podem cair na simpatia do patrão criando expectativas por parte de ambos. Hortência (24 anos) em relato, revela que:

Fiz curso de secretariado e sempre sonhei em ser secretária sênior de uma grande empresa. Quando surgiu a minha primeira oportunidade de emprego, não tive dúvidas, pequei meu currículo (que não era grande coisa) e logo cedinho estava tentando marcar uma entrevista com o patrão. Tomei um susto quando fiquei cara a cara com ele. Era um coroa muito charmoso, tinha uma voz linda e, de imediato, me encantei com ele. Não foi difícil eu me envolver com ele, me entreguei quase que de imediato, até descobrir que todas as outras funcionárias da empresa já haviam passado pelo mesmo *test drive*. A nossa relação foi intensa, mas teve o tempo de um espirro (risos). O amei intensamente (entrevista/2017).

Nas relações interpessoais, as trocas são inevitáveis. Essas trocas, geralmente, iniciam com o olhar. Um olhar deve abrir as portas de convencimento para que o outro aceite o prosseguimento do entendimento. O olhar vai indicar se o outro está disponível para a conversação. Talvez esse entendimento avance para um aperto de mão, um abraço, um beijo no rosto, um toque mais ousado. A partir daí, os corpos serão responsáveis pelo convencimento e pelas trocas. Burns (2010, p. 15), indica que “o toque erótico imanta para sempre o nosso corpo. Assim, o desejo de estar no corpo do outro permite mergulhar no fantástico mundo da criatividade, liberar os horizontes do imaginário e, numa viagem sem fronteiras, possibilitar à pessoa amada o seu desvelar”.

Nesse estudo, evidenciamos que o erotismo e a sedução permeiam e fazem parte do cotidiano. Ele está presente nos mínimos gestos que realizamos, mesmo inconscientemente.

3.2 A moda e a roupa como forma de erotização

A cidade de Roma, segundo a lenda, foi fundada em 753 a.C, por Rômulo e Remo, irmãos gêmeos que foram criados por uma loba que os amamentou em seus primeiros anos de vida. Buscamos Roma para iniciarmos uma viagem no tempo e entendermos qual a influência da moda e do vestuário na erotização dos corpos, desde os primórdios das civilizações até os dias atuais. Os habitantes da cidade de Roma receberam influências no modo de se vestir herdadas de etruscos e gregos. Nessa época, a moda da forma que conhecemos ainda não fazia parte da cultura dos povos antigos, como também a intenção da utilização do vestuário como forma de erotização. Do período em questão, a peça mais característica do traje romano era a toga, que dependendo do tamanho, volume e cor denunciavam o *status* social ou o prestígio daquele que a portava. As pessoas mais simples usavam apenas uma túnica. Por conseguinte, constata-se que o vestuário desde sempre foi um divisor entre as classes sociais.

As mulheres da elite romana trajavam-se com uma túnica longa e por cima da túnica, a estola. Esse figurino tinha como principal característica as mangas e era considerado um traje elegante e distinto. Uma característica da nobreza romana era o luxo dos seus vestuários, que mais tarde sofreu influência das culturas orientais. Para as mulheres romanas desse período histórico, ainda não havia a relação explícita do modo de vestir-se com o erotismo. Coelho (2003, p. 80), sinaliza que “uma das finalidades do vestir, entre tantas, como podemos constatar na história, parece ser a demonstração de poder e autoridade: se revestir de riqueza, de dignidade, de superioridade”. Para gregas e romanas, a maneira de trajar-se na antiguidade clássica estava mais relacionada ao *status* social e a divisão de classes.

Com a queda do Império Romano e a invasão dos bárbaros, a moda tendeu ao *modus vivendis*⁴⁸ dos trabalhadores dos campos correspondente a Alta Idade Média europeia. Nos últimos anos dessa época, surgiu o estilo gótico⁴⁹, imponente, urbano e

⁴⁸*Modus vivendis*, maneira de viver, modo de se portar na vida e em sociedade, de conviver, sobreviver. Característica marcante da modernidade que marca grandes transformações no modo de viver do homem. No campo jurídico, indica o acordo em que as partes que estão em litígio chegam a uma solução temporária.

⁴⁹Este movimento cultural e artístico desenvolve-se durante a Idade Média, no contexto do Renascimento do Século XII e prolonga-se até o advento do Renascimento italiano, quando a inspiração clássica quebra

verticalizado. Nesse estilo arquitetônico sobrepunha o poder das catedrais católicas, irradiando-se para a escultura, pintura e, no final da Idade Média, até o vestuário sofreu sua influência. Tudo era para o alto. Havia uma altivez nesse estilo que o diferenciava dos demais.

Na Baixa Idade Média ocorreu o restabelecimento da economia urbana, a solidificação das monarquias europeias, além do crescimento do poder da Igreja na autoridade suprema do Papa. A ida do europeu ocidental ao Oriente influenciou a indumentária desse período, passando a existir um aspecto de orientalização nos figurinos europeus. Se as roupas do período anterior pouco ou quase nada marcavam a silhueta dos corpos, fossem femininos ou masculinos, nesse momento elas começam a delinear um pouco mais a estrutura corporal do gênero feminino, especialmente a parte superior dos vestidos que passaram a ter abotoamento lateral delineando a cintura, acentuando os seios. “A moda usaria a estratégia da sedução: estar lá – não estar lá, construindo um ‘pisca-alerta’ hipnótico” (COELHO, 2003, p. 80). A silhueta do corpo feminino realçada no novo modelo de vestido aguçava os sentidos masculinos. A partir de então, o modo das mulheres vestirem-se passou a aguçar a libido masculina de forma discreta e disfarçada, instigando a erotização dos corpos. Nesse contexto, a igreja tratou de frear a libido de homens e mulheres. Dabhoiwala (2013, p. 27), considera que “A alta Idade Média presenciou uma considerável aceleração na teoria e na prática da disciplina sexual. Entre os séculos XI e XIII, a igreja ocidental expandiu vastamente seu poder nesta esfera”. Era necessário punir os transgressores para que o corpo não caísse em pecado e a alma em desgraça.

O princípio do Renascimento vem trazer o conceito de moda a partir da corte de Borgonha. Com as Cruzadas, aumentaram as trocas comerciais entre Ocidente e Oriente. Dessa forma, surgiu a chamada classe de mercantilistas ou burgueses, uma nova classe social endinheirada que com condições financeiras passaram a reproduzir

a linguagem artística até então difundida. Os primeiros passos são dados em meados do século XII, na França, no campo da arquitetura (mais especificamente na construção de catedrais) e acabando por abranger outras disciplinas estéticas. Estende-se pela Europa até ao início do século XVI, já não apresentando então uma uniformidade. A arquitetura, em comunhão com a religião, vai formar o eixo de maior relevo deste movimento e vai influenciar profundamente todo o desenvolvimento estético do período. O termo *gótico* vai ser referido pela primeira vez por Giorgio Vasari, considerado o fundador da história da arte. Aos olhos deste autor e dos seus contemporâneos, a arte da Idade Média.

O estilo Gótico é, para a sociedade da época, extremamente contagiante e persuasivo, ultrapassando por isso as barreiras da arquitetura religiosa e transpondo-se para outras tipologias, como os palácios, moradias da burguesia, câmaras municipais, hospitais e outras construções citadinas. Ao mesmo tempo, elementos característicos do estilo vão impregnar todas as artes visuais da época, incluindo o trabalho em metal, a pintura, a escultura, o vestuário, a mobília e objetos utilitários decorados.

cópias fieis das roupas que os nobres usavam. Os nobres não aprovaram essa ideia e como estratégias, criam a cada modelo reproduzido pelos burgueses, um modelo novo de indumentária cada vez mais elaborada para dificultar a cópia, sustentando um ciclo de criação, reprodução, nova criação. Coelho (2003, p. 19), considera que “moda: é uma maneira passageira de se vestir”.

Considera-se que nesse período, o Oriente estava em condições gerais bem superiores às do Ocidente. Os orientais abusavam das sedas, brocados e bordados em suas vestes, ostentando considerável luxo. As roupas da família imperial eram bordadas com fios de ouro, prata, pérolas e pedras preciosas. A seda era, na época, monopólio do governo e só poderia ser usada pelos altos funcionários da corte. As mulheres exibiam belas e valiosas joias, além de vestidos luxuosos aumentando o seu poder, erotismo e sedução. As luvas que escondiam mãos delicadas eram objetos de captura de homens embevecidos. Não era de bom tom mãos desnudas. O corpo em seus mínimos detalhes deveria estar longe dos olhares indiscretos. “Não apenas os dedos eram alvo de interesse, mas seu toque ou gestos daí derivados eram reveladores da pudicícia de uma mulher” (DEL PRIORE, 2013, p. 203). Nota-se a clara preocupação das mulheres em se destacar das demais, não obstante, a preocupação de manter-se no nível da decência, também tão comum na alta sociedade atual.

Ainda no Renascimento, foram redescobertos os valores do humanismo greco-romano. Artistas e filósofos tentaram recuperar referências da Grécia e Roma Antigas. Porém, as referências antropocêntricas ganharam um lugar de destaque no pensamento renascentista dando origem a era moderna. A indústria e o comércio expandiram-se, a religião católica foi abalada pelo protestantismo, a vida cultural da cidade ganhou forças nas mãos dos mecenas que eram homens ricos que protegiam artistas, letrados e cientistas patrocinando a criação e a pesquisa no campo do saber e das artes. No que diz respeito ao vestuário, a indústria têxtil alavancou de vez a produção. Surge para os homens a moda do gibão e os calções bufantes. Nas pernas usavam meias coloridas, muitas vezes com características diferentes (cores e/ou listras) para cada perna, o que simbolizava um código de pertencimento ao seu respectivo clã, uma espécie de heráldica⁵⁰. Um comparativo desse momento na atualidade são as roupas de marcas que delimitam o território do poder de ostentar ou não, simbolizando a “tribo urbana” de pertencimento e objeto de desejo de adolescentes de ambos os gêneros que não medem

⁵⁰Heráldica - arte ou ciência cujo objeto é o estudo da origem, evolução e significado dos emblemas blasônicos, assim como a descrição e a criação de brasões nas roupas (HOUAISS).

esforços para obtê-los, mesmo que isso signifique a venda ou troca de seus próprios corpos. Propósito do assunto em pauta, Cravo (25 anos) revela o seguinte:

Vejo aqui na academia coisas bem interessantes, pois têm rapazes e moças que frequentam aqui, que são bancadas por homens mais velhos. Os idosos aqui gostam de pagar de garotão, dão em cima das meninhas, botam pra cima mesmo! E elas aproveitam para eles darem tudo o que elas desejam. Quando conseguem o que querem, largam o velho babando. Pode olhar professora, essas meninas de *i-phone*, não têm condições de comprar um aparelho desse e, também, de frequentar uma academia desse nível. Tudo é bancado pelos velhos (Entrevista/2017).

É interessante frisar que mesmo tendo troca e pagamento de serviços, as mulheres envolvidas nesse contexto, não consideram essa forma de relação como prostituição ou amasiamento. Elas se consideram namoradas, dependendo do tempo de envolvimento com o homem do momento. Brigam pelos mesmos direitos das esposas, sem que a maioria deseje ocupar o lugar delas. Tulipa (20 anos) em entrevista, nos relata que:

Me considero uma moça bastante ajuizada e confesso que já tive um envolvimento com homem casado. Ele me mimava de todo jeito, queria por força largar a mulher dele para ficar comigo. Foi aí que larguei tudo! Jamais iria carregar esse peso na consciência, ainda mais que amava meu namorado (entrevista/2017).

Note-se, também, que algumas moças que se relacionam com homens mais velhos que as sustenta, possuem um namorado jovem e, supostamente, amam e desejam tal namorado para esposo.

No caminhar histórico, na América recém-descoberta, as indígenas andavam nuas e eram consideradas criaturas inocentes. Sua nudez e despudor estavam longe de ser considerados fatores de erotismo. Aos “olhos dos colonizadores, a nudez do índio era semelhante à dos animais; [...], como as bestas, ele não tinha vergonha ou pudor natural. Vesti-lo era afastá-lo do mal e do pecado. O corpo nu era concebido como foco de problemas duramente combatidos pela igreja” (DEL PRIORE 2014, p. 17). Há nas raízes culturais e étnicas das mulheres amazônicas a questão reveladora do despudor e da falta de vergonha em expor corpos nus ou seminus. Quiçá esse detalhe seja o ponto fulcral que nos leve a entender o preconceito que transpassa a imagem da mulher amazônica considerada lasciva sexual. A moda na Amazônia, por seu clima quente e úmido, é basicamente exibida em corpos que expõem minúsculos shorts (independente do horário do dia), tops e camisetas curtas com decotes generosos e barriga à mostra, além das minissaias. Deste modo, é possível apontar que não é: “uma roupa que está na moda, é uma mulher que está na moda. Isto porque a roupa nos fala de quem a veste. O vestir feminino fala de classe social, [...], cultural, faixa etária, [...]; lembra-nos sedução,

narcisismo, castração, bissexualidade, erotismo, [...] e tempo” (COELHO, 2003, p. 27). Esse tipo de vestuário revela uma mulher independente da idade, sem problemas em exibir seus corpos sendo eles ectomorfos⁵¹, mesomorfos⁵² ou endomorfos⁵³. Flor (48 anos) relata que,

Mesmo trabalhando em academia, onde o narcisismo impera, sou gordinha para os padrões daqui. Com tudo isso, eu não tenho frescura com o meu corpo não. Me alimento de tudo o que tenho vontade de comer e beber. Não me limito a usar nada. Visto short, camisetas cavadas, minissaia, só não gosto de mostrar minha barriga. Às vezes, as pessoas olham, mas eu não tô nem aí!

A forma como a mulher amazônica se traça e se comporta no âmbito do público produz nas pessoas que não habitam esse lugar, olhares preconceituosos sobre elas próprias. Essa situação gera a suposição de que as mulheres nortistas são oferecidas e prontas aos prazeres da carne. Dificilmente entende-se que essa maneira de se trajar está relacionado com o clima quente da região, como também com a herança cultural dos ancestrais indígenas na exposição de corpos seminus.

Na Renascença, para as mulheres europeias, o decote tornava-se cada vez mais acentuado, provocando olhares cobiçosos nos homens. Bustos opulentos davam o necessário tom erótico nas diversas ocasiões. “Em 1566, é dicionarizada na França pela primeira vez a palavra erótico” (DEL PRIORE, 2014, p. 15). Nesse período, as mulheres vestiam-se com um traje denominado de vertugado, que consistia em um vestido com partes rígidas para o tronco e, da cintura para baixo, abria-se em formato cônico com armações mais rijas ainda. As mangas desses vestidos eram longas, largas e pendiam quase até o chão. Com o passar dos tempos, o vertugado acabou se transformando na “*farthingale*⁵⁴”. As armações eram de madeira ou barbatanas de baleia

⁵¹São os corpos magros. De maneira geral, esse tipo de corpo tem as pernas maiores e magras e seus músculos são mais fibrosos. Ossos pouco densos, peitoral plano, ombros curtos, dificuldade para ganhar peso e metabolismo lento.

⁵²Os mesomorfos apresentam um tipo físico que se encaixa melhor à maioria das pessoas. São aquelas que têm facilidade de ganhar e perder peso. Assim como, ganhar e perder musculatura. Esse tipo físico apresenta um corpo atlético, forte, com músculos definidos se estiverem preocupados na constante vigilância com o consumo exagerado de alimentos e com a prática de atividade física.

⁵³Os endomorfos apresentam uma musculatura flácida. O corpo tem uma padronagem redonda, ganha facilmente gordura e tem dificuldade em adquirir músculos

⁵⁴*Farthingale* é a forma como é chamada uma das várias estruturas usadas sob a roupa das mulheres europeias no período compreendido entre o final do século XV até o final do século XVI. Sua origem é espanhola, consistia-se de um arco arredondado baixo na frente e alto atrás, alongando o torso e encurtando as pernas. A princesa espanhola Catarina de Aragão levou a moda para a Inglaterra, levando as armações se tornarem essenciais na moda europeia da época.

para sustentar o exagero do traje. De certo, esse tipo de vestuário escondia mais que mostrava, por esse motivo os decotes eram sempre apreciados.

Após o auge do decote, surge o corpete. Esse afunilava a cintura feminina, aumentava o busto, proporcionando grande voluptuosidade ao corpo feminino. Para Coelho (2003, p. 41), “a moda, desde a sua primeira estilista Eva, com a folha de parreira, até nossas altas tecnologias têxteis, de modelagem e acabamento, ajuda a mulher a se tornar mulher, vivenciar suas emoções e tentar descobrir sua forma feminina de ser e de sonhar”. A moda feminina foi ganhando um significativo compromisso de sedução ao começar a evidenciar o colo, com o decote e, também, a cintura, com o corpete. Para Bourdieu (2011, p. 25),

A cintura é signo de clausura (aquela que mantém sua cintura fechada, que não desamarra, é considerada virtuosa, casta) e limite simbólico, pelo menos para a mulher, entre o puro e o impuro. [...] É um dos signos de fechamento do corpo feminino [...], ela simboliza a barreira sagrada que protege a vagina, socialmente constituída em objeto sagrado, e, portanto, submetido.

A partir de 1760, a burguesia campestre inglesa exerceu uma grande influência na moda, dando preferência à praticidade e à simplicidade nas roupas. No mesmo período, a aristocracia francesa começou a declinar em poderes políticos e econômicos; todavia, ainda demonstravam riqueza por meio de suas roupas no estilo decadente do Rococó⁵⁵(1770 a 1789). O Rococó foi vinculado aos penteados enormes e às cabeleireiras femininas. O exagero do estilo dava um ar caricato aos indivíduos.

No reinado de Luís XIV (1643-1715), nenhuma corte era capaz de ditar modos e modas; não havia unidade nas vestimentas na Europa, que variavam de acordo com cada país. A partir de 1660, a Corte de Versalhes impôs-se para o restante da Europa criando as boas maneiras e etiquetas, modos e moda. A moda dos cabelos longos masculinos alavancou o comércio de perucas e a praga de piolhos. Os comportamentos sociais e sexuais de homens e mulheres transformaram-se. Houve uma maior aceitação da sexualidade e da exposição de corpos através das obras dos pintores e escultores renascentistas. O corpo desnudo passou a ser artístico e não pecaminoso. Dabhoiwala (2013, p. 482) sinaliza que:

As origens das nossas atitudes modernas em relação ao sexo estão nas grandes mudanças que varreram a sociedade ocidental no fim do

⁵⁵ Rococó é um estilo artístico que surgiu na França no século XVIII (1720 a 1780) e difundiu-se por toda a Europa por volta de 1770, principalmente na parte católica da Alemanha, na Prússia e em Portugal. Foi utilizado primeiramente na decoração de interiores. Ficou vigoroso até o advento do neoclássico. O termo deriva do francês *rocaille*, por seus traços parecerem com uma concha.

século XVII e em todo século XVIII, o colapso da autoridade religiosa, o irromper do Iluminismo, e o surgimento em grande escala de vozes femininas na vida pública.

A década de 1850 foi marcada, especialmente, pelo uso da crinolina⁵⁶ para aumentar o volume das saias, os profundos decotes deixavam o colo, os ombros e os braços desnudos, deixando as mulheres mais sedutoras. Furlani (2009, p. 27) indica que, “os seios podem conferir grande importância no processo de atração para a grande maioria das culturas, o que tem sido explicado pela biologia evolutiva como um comportamento adaptativo selecionado pela espécie humana”. A relação dos seios com a sexualidade varia de cultura para cultura, eles podem estar relacionados à saúde, à procriação e à amamentação, assim como sua exposição pode ser considerada atrativo sexual.

Em Paris irrompe, nessa efervescência, a alta costura para que os nobres pudessem diferenciar-se dos burgueses. No mesmo período, surge para os homens os uniformes de trabalho, reflexo de uma sociedade produtiva. As roupas masculinas tornam-se cada vez mais sóbrias e discretas, enquanto que as mulheres mostravam-se mais enfeitadas, carregando no corpo o poder financeiro do marido. “A história da moda revela o dia a dia das pessoas, o que usam, como se enfeitam, com o que se cobrem e se vestem e como os fatos políticos, econômicos, religiosos, culturais, vão refletir no seu trajar” (COELHO, 2003, p.45). O quarto e último período distinto da moda do século XIX foi denominado de moda da *Belle Époque*⁵⁷, que vai corresponder à última década do século XIX, primeira do século XX e o princípio da década de 1910, até antes do início da Primeira Guerra Mundial.

No início do século XX, o corpo feminino tornou-se também um verdadeiro repositório de linhas curvas. O ideal de beleza da mulher era o de ter, aproximadamente, 40 cm de circunferência de cintura, 90 cm de quadril e 90 cm de busto. Para atingir tais proporções, algumas delas se submetiam às cirurgias para serrarem suas respectivas costelas flutuantes e poder se apertar, demasiadamente, em seus espartilhos. Del Priore

⁵⁶ Crinolinas eram armações usadas sob as saias para lhes conferir volume, sem a necessidade do uso de inúmeras anáguas.

⁵⁷ A *Belle Époque* foi um período de cultura cosmopolita na História da Europa que começou no fim do século XIX, com o final da guerra Franco-Prussiana, em 1871, e durou até a eclosão da Primeira Guerra Mundial em 1914. Mudanças profundas acontecem na vida dos cidadãos como a invenção do telefone, o telégrafo sem fio, o cinema, a bicicleta, o automóvel e o avião, entre outras criações. Paris torna-se o centro cultural mundial, com seus cafés-concertos, balés, operetas, livrarias, teatros, *boulevards* e a alta costura. No Brasil, esse período tem início em 1889, com a Proclamação da República, e começa a declinar com a Semana da Arte Moderna em 1922, exaurindo-se em 1925, minada por outros movimentos culturais.

(2013, p. 29) ressalta que, “modificar a aparência ou melhorá-la com artifícios implicava aumentar a inclinação pecaminosa. Mas, significava também, alterar a obra do criador”. Alterar a obra de Deus era pecado mortal.

No mesmo período, as saias eram bastante ajustadas e mal dava para caminhar. Também usavam botas para cobrir as pernas e golas altas para cobrir o colo. Escondendo o corpo, tentava-se frear a sexualidade feminina e manter a mulher longe dos pecados da carne. “O pudor aumentava a cobiça que deveria atenuar” (IDEM, p. 30). Todavia, a Primeira Guerra Mundial, em 1914, muda o vestuário feminino mais uma vez. A necessidade de trabalhar para suprir a falta do marido que estava em combate fez com que as mulheres adotassem roupas mais práticas e confortáveis. Aderem-se, então, ao uso das calças compridas que, em princípio, eram as do próprio esposo. Nesse momento de mudanças, ocorre em nome da praticidade o encurtamento das saias. Durante a década de 1910, mais exatamente entre 1914 e 1918, iniciam-se as primeiras manifestações da emancipação feminina. Uma necessidade durante a guerra e, depois dela, um hábito.

A década de 1920 ficou conhecida como “os anos loucos”. As mulheres continuaram seu projeto de emancipação e criaram modas e tendências de cunho libertário. “Era o começo do fim da excitação provocada pela mão na luva; pelos cabelos com véus e chapéus; por pés recobertos com sapatos finos; pelo corpo submerso por toneladas de tecidos” (DEL PRIORE, 2013, p. 106). Surgem os cortes de cabelo Chanel, em homenagem a ícone da moda Coco Chanel, que foi a primeira mulher a usar esse penteado, os vestidos no estilo melindrosa, dirigir automóveis e fumar em público. “Em 1903 na França as mulheres reclamavam os direitos de voto, as ‘suffragettes’⁵⁸, e suas roupas passam a ter uma influência masculina; ensaiam participar da sociedade ativa e politicamente como os homens” (COELHO, 2003, p. 51). A mulher que adotava

⁵⁸O termo *Suffragette* originou-se do termo “*suffragist*” ou sufragista em português, para dar nomes às feministas que ficaram conhecidas no movimento sufragista do século XIX. O movimento começou em 1897, com a fundação do “*National Union of Women's Suffrage*” pela Britânica Millicent Fawcett que argumentava que as mulheres têm direitos de políticos na sociedade, pois se elas são obrigadas a obedecer leis, elas também devem fazer parte do processo de criação dessas leis. Fawcett argumentava assim, que as mulheres devem ter os mesmos direitos dos homens. Assim, em 1903, Emmeline Pankhurst e suas filhas Christabel e Sylvia criaram o “*Women's Social and Political Union*”, uma organização militante que buscava o direito a voto para as mulheres.

Com o início da Primeira Guerra Mundial, as *Suffragettes* pararam a campanha para dar suporte ao governo Britânico na guerra. Somente em 1918, mulheres acima de 30 anos poderiam votar. Mas a igualdade só veio em março de 1928 quando todas as mulheres conseguiram direito a voto (WALTERS, 2005). Além do mais, os finais do XIX e durante todo o século XX, o movimento feminista se desenvolve em uma rede de contatos e diálogos internacionais com a homogeneização do debate acerca da igualdade entre mulheres e homens.

esse tipo de comportamento era temida por suas atitudes rebeldes, o que provocava no homem o desejo de conquistar essa mulher para depois domá-la. Para Bourdieu (2011, p. 43):

As próprias estratégias simbólicas que as mulheres usam contra os homens, como as da magia, continuam dominadas, pois o conjunto dos símbolos e agentes míticos que elas põem em ação, ou os fins que elas buscam (como o amor, ou a impotência, do homem amado ou odiado), tem seu princípio em uma visão androcêntrica em nome da qual elas são dominadas.

Era necessário ter convicção do suposto poder feminino para não cair nas armadilhas do poder masculino. Na efervescência da década de 1920, as mulheres passaram a ser consumidoras e a querer sair para se divertir. Uma das diversões mais apreciadas era a dança que contribuiu para algumas mudanças na moda. Del Priore (2013, p. 105) sinaliza que, “o esporte, o cinema e a dança foram manifestações primordiais no nascimento da sociedade do espetáculo, diretamente articuladas com o imaginário da modernidade por estarem plenamente adequadas aos significados de um novo *modus vivendi*”. Havia a roupa para estar em casa, para sair, para trabalhar e as usadas em ocasiões especiais. “Uma roupa para cada ocasião, sagradas e profanas, um vestir para cada ritual: *habillé* – esporte, luto, batizado, casamento, rigor...” (COELHO, 2003, p. 27). As mulheres esperavam com ansiedade tais eventos para exibirem o que tinham de mais sofisticado nos seus guarda-roupas. Agora, era saber e adequar a roupa para dançar. As danças mais apreciadas eram o *Charleston*, o foxtrote e o *jazz*. Nessa erupção de acontecimentos, as roupas precisavam adaptar-se à nova onda. As bainhas das saias e dos vestidos continuaram subindo e, em 1925⁵⁹, a mulher mostrou de fato as pernas com o comprimento logo abaixo dos joelhos, fazendo explodir o comércio das meias de seda naturalmente claras para, de fato, dar ideia de cor da pele das brancas. Com pernas à mostra, a mulher se tornava, a cada passagem de tempo, mais sedutora e disposta a ter liberdade de ir e vir. Com o afrouxamento do controle, tanto pelo patriarcado quanto pela igreja, o corpo feminino descobriu-se. Zampieri (2004, p. 132), considera que “há um desrespeito à condição humana, quando normas,

⁵⁹Paris, 1925, exibiu a Exposição de Artes Decorativas e Industriais onde oficializou o estilo *Déco*, privilegiando as formas geométricas e esses aspectos não só influenciaram o vestuário, como também a joalheria.

regulamentações e formações de expectativas irreais quando à sexualidade eliminam ou impedem que o ser humano conheça mais profundamente seus desejos, interesses, suas iniciativas e criatividade”. Havia no corpo da mulher desse período uma vontade latente de desconstruir, de transgredir, de sair das amarras do que estava imposto.

O teatro com companhias estrangeiras vindas, principalmente, de Paris, exibia em seus espetáculos mulheres sedutoras, com braços e seios de fora e sem meias grossas. Um delírio para a sociedade masculina. “Apelando para o olhar masculino, a nudez feminina erigia-se numa forma de poder: o de dar prazer a alguns homens, membros de uma sociedade profundamente moralista” (DEL PRIORE, 2013, p. 111). Uma das grandes aliadas da moda, na época, foi a indústria do lingerie ou “roupa de baixo”, que trouxe para a mulher o uso da combinação leve que valorizava a silhueta esguia exaltando a elegância e a beleza feminina. O lingerie foi e é uma grande aliada no jogo de sedução. Vestir-se com uma roupa transparente, excita a libido masculina e reveste a mulher de poder. No universo do íntimo e privado há um ritual de preparação e de expectativa quando a mulher marca um encontro com o homem desejado. Miosótis (23 anos) nos diz que:

Conheci um rapaz belíssimo na Academia, passamos alguns dias em trocas de olhares, porque o meu patrão não gosta que a gente se envolva com os clientes. Porém, não resisti e marcamos primeiramente, um encontro num barzinho para conversarmos melhor. Bebida vai, bebida vem, daqui a pouco estávamos nos beijando e o fogo acendendo. Ele tinha um beijo muito gostoso. Logo depois, ele sugeriu irmos para um lugar mais reservado. Aí, eu lembrei que estava com um sutiã e uma calcinha muito escrota, aí esfriou tudo!...(gargalhadas). Inventei uma desculpa (disse que minha mãe estava me esperando) e combinamos de marcar um novo encontro. No novo encontro, vesti uma lingerie belíssima que custou uma nota. Mas, deu tudo certo... (risos). (entrevista/2017).

Em 1929, a queda da bolsa de Nova York deixou o mundo inteiro com sérios problemas econômicos e financeiros. Parece ser um paradoxo, pois enquanto o mundo vivia um sério problema, em Hollywood, as divas ditavam uma moda feminina de elegância, sofisticação e luxo. Fica claro a partir daí a influência das mídias nos ditames da moda. Nos anos seguintes, as mulheres negaram a androginia das roupas e comportamentos tão em voga nos anos 1920, que caracterizava a praticidade para focar seus padrões na feminilidade. Os vestidos encompridaram-se novamente. Para o dia,

prevaleceu o comprimento a 25 cm de altura do chão, o então chamado “*mi-molet*⁶⁰”; para a noite, os longos, pouco usados na década anterior, voltaram a fazer parte do guarda-roupa feminino. Mesmo com a recessão, o aspecto das roupas era de elegância sofisticada. Toques sedosos, brilhos e silhueta marcada foram a tônica da década. O cetim reinou absoluto. Época de dar vazão à sedução, ao erotismo e à sexualidade marcada pelas costas desnudas de forma disfarçada.

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) mudou os rumos da História. A partir desse fato, as roupas femininas sofreram uma masculinização. O uso da calça comprida e blusa minimizou a exposição dos corpos desse período. A erotização ficou em baixa. Nesse momento de conflito, as mulheres voltaram a substituir os homens na indústria. Por medida de segurança, o uso de turbantes, chapéus, redes e lenços foram usados amplamente como forma de proteção dos cabelos. Esconder os cabelos foi considerada uma (des) erotização, pois o cabelo era considerado a moldura do rosto. Representando a beleza e a sedução feminina Carmem Miranda⁶¹ (1909-1955), desponta como ícone da música mundial. Vestida de baiana com lindos turbantes e fendas nas saias, mostrando as pernas e coxas bem torneadas, levava os homens ao delírio. Zampieri (2004, p. 135), socializa que “as pedras fundamentais do erotismo são desejo e expectativa; violação de proibições; busca do poder e, por fim, superação da ambivalência”. O poder de sedução contido em uma mulher, a forma de relacionar-se com o público, a sua representação na sociedade torna-a nessa sociedade, um símbolo sexual.

O fim da guerra trouxe de volta ao guarda-roupa feminino as meias finas de “*nylon*”. Para as mulheres, as três grandes satisfações do pós-guerra foram: a invenção do inseticida, o uso da penicilina e a volta do consumo das meias finas. Após o fim da

⁶⁰ *Mi molet*, em francês quer dizer comprimento do vestido ou da saia no meio da panturrilha.

⁶¹ Maria do Carmo Miranda da Cunha (1909-1955), conhecida como Carmen Miranda, nasceu em Marco de Canaveses, no Distrito de Porto, Portugal, no dia 9 de fevereiro de 1909. Foi uma cantora, atriz e dançarina luso-brasileira. Ficou conhecida como a Pequena Notável, por ter apenas 1,52cm de altura. Nas horas vagas, cantava e dançava para animar pequenas festas. Seu grande sucesso veio com a marchacção “Pra Você Gostar de Mim” (1930), que ficou conhecida por “Tai”. Em 1933, foi a primeira mulher a assinar contrato com uma rádio. Carmen lançou outros discos e se transformou na principal estrela do Cassino da Urca no Rio de Janeiro. Em 1937, a cantora apresentou-se na Casa Branca para o presidente Roosevelt. Em 1940 estreia nos Estados Unidos com o filme “Serenata Tropical”. No dia 24 de março de 1941, foi a primeira sul-americana a receber uma estrela na Calçada da fama, em Hollywood. Carmen Miranda casou-se em 1947, com o americano David Sebastian. Sendo alcoólatra, ele levou-a a beber também e não conseguiu administrar seus contratos. O casamento entrou em crise e Carmen caiu em depressão, se tornando dependente de remédios. Sofrendo, ficou internada durante 4 meses para desintoxicação. Recuperada, de volta para casa, em Los Angeles, foi para seu quarto e na manhã do dia seguinte foi encontrada morta vitimada por um ataque cardíaco. Faleceu em Beverly Hills, Califórnia, Estados Unidos, no dia 5 de agosto de 1955.

guerra, em 1946, o estilista francês Louis Réard inventou uma roupa de banho de duas peças e, devido ao bombardeio atômico no atol de Bikini, no Oceano Pacífico, deu-lhe o nome de bikini. Escândalo para a sociedade da época que não viu com bons olhos a exposição do corpo feminino em trajes minúsculos. A igreja decretou que usar tal roupa era pecado mortal. Nessa época, as mulheres que utilizaram o biquíni foram consideradas transgressoras. Entre os criadores dessa época, destacou-se o francês Christian Dior, lançando em 1947 uma nova proposta de roupas femininas resgatando toda a feminilidade perdida durante os anos de guerra. Coelho (2003, p. 53) ressalta que, “finda a guerra, uma excitação de alívio se reflete pela criação de Dior, o *new look*, trazendo de volta a feminilidade exagerada porém, graciosa, cintura fina, saias muito armadas, rodadas e muito tecido”, vem trazer a verdadeira mulher de volta. Com o retorno dos homens aos seus lares após meses, e/ou anos longe de casa, as mulheres sentiram necessidade de estar próximas daqueles que conseguiram voltar. Então, a mulher que trabalhava fora para suprir as necessidades do lar, percebeu que o momento precisava que ela se mantivesse em casa para cuidar com esmero do marido e da criação dos filhos. A mulher passou a ser valorizada como a rainha do lar, a companheira fiel, obediente, submissa e mãe exemplar. Zampieri (2004, p. 134), indica que no casamento, “em qualquer formação social, [...], é possível distinguir duas realidades no domínio da sexualidade: o amor socializado que cristalizam a aliança e o parentesco, e a sexualidade libidinal: os prazeres da carne, das experiências eróticas e das paixões”. Nesse contexto, as mulheres solteiras não eram bem vistas. Eram consideradas prováveis amantes. Era necessário arrumar um bom casamento para que fosse considerada uma “mulher de verdade”. Sobre a expectativa dos homens esperarem que toda mulher seja a mulher de verdade, Crisântemo (36 anos) revela que,

É muito difícil agradar o marido. Desde o tempo do meu pai, lembro que minha mãe fazia de tudo pra agradar ele e nunca ele estava satisfeito. Reclamava da comida, da roupa que estava mal lavada ou passada, da nossa criação, tudo tinha algum defeito. Vejo a mesma coisa no meu marido, nunca está satisfeito com o que eu faço. Ele reclama de tudo! Da roupa que eu visto à comida que faço. Todo o dia penso em ir embora de casa, só não vou por causa dos meus filhos (CRISÂNTEMO, entrevista/2017).

A moda dos anos 1950 foi repleta de novidades, era seduzida pelo romantismo e pela feminilidade. Podemos dizer que as mulheres daquela época eram bastante

vaidosas, utilizavam roupas bastante discretas e o sonho de grande parte delas era casar, ter filhos e ser uma ótima dona de casa. Houve um arrefecimento da mulher fatal, da sexualidade e do erotismo das mulheres. O modelo de mulher em voga eram as donas de casa, cuja profissão era “do lar”. No mundo da sensualidade e sexualidade vão brilhar as grandes divas do cinema americano como Marilyn Monroe, Greta Garbo, Jane Mansfield com seus vastos seios, entre outras. Essas mulheres passam a ser conhecidas como símbolos sexuais e têm seus corpos e rostos estampados nas principais revistas do mundo, sendo cobiçadas como objetos de desejos. Foi um momento em que as mulheres ditas comuns tornaram a manter-se mais no aconchego do lar. Del Priore (2014, p. 161), assinala que “as esposas dos ‘anos dourados’ eram valorizadas por sua capacidade de responsabilizar-se pela felicidade doméstica, conquistando o homem pelo coração, mas conservando-o pelo estômago”.

Os anos dourados marcaram o início de um mundo de *glamour* no cinema que brilhava com a década de ouro dos musicais. A Broadway fervilhava com inúmeros espetáculos. No Brasil, o Cassino da Urca vivia anos de frenesi com seus *shows* criados por artistas famosos, importados para abrilhantar as noites cariocas. A elite brasileira deleitava-se com grandes espetáculos e as mulheres exibiam os mais belos figurinos desenhados pelos grandes estilistas europeus. Os anos 1950 foram marcados por grandes avanços científicos, tecnológicos e mudanças culturais e comportamentais. Grandes acontecimentos ocorreram que mudaram a sociedade da época. Dentre estas mudanças, destaca-se o início das transmissões de televisão, cujo apelo comercial vem dar valor à mulher no âmbito do lar, lançando nessa mídia os utensílios domésticos como geladeiras e fogões de última geração. Na área da política internacional, os conflitos entre os blocos capitalista e socialista (Guerra Fria) ganhavam cada vez mais força. Em 1952, Elisabeth II torna-se rainha da Inglaterra. Dois anos depois, a população brasileira é sacudida com a notícia sobre o suicídio de Getúlio Vargas e, no ano seguinte, Juscelino Kubitschek é eleito presidente do Brasil. No campo esportivo, a realização da Copa do Mundo, no Brasil, o primeiro mundial de automobilismo, os primeiros Jogos Pan-Americanos e o Brasil sagrando-se pela primeira vez campeão mundial de futebol em 1958. Na Ciência e Tecnologia, o *Sputnik II* coloca em órbita da Terra, a cadela Laika, Francis Crick e James Watson apresentam a descrição da estrutura do DNA e ainda a criação da NASA. Em 1959, a revolução cubana levou ao poder como presidente, o líder da revolução Fidel Castro. No mesmo ano, iniciou a Guerra do Vietnã. Na música, Elvis Presley, Bill Halley e seus cometas e os Beatles

enlouquecem as cabeças adolescentes com o “*rock and roll*”⁶². A música frenética movia a juventude num ritmo enlouquecedor e, nesse contexto, o modo de trajar e se comportar em público sofreram mudanças radicais. Era o tempo da “juventude transviada”. No campo da sexualidade não importavam os desejos ou a vontade da mulher de agir espontaneamente. Del Priore (2014, p. 163/164) adverte que, “aquelas que permitissem liberdades, acabavam sendo dispensadas ou esquecidas, pois o rapaz não se lembrará da moça a não ser pelas liberdades concedidas”. O lema era: não ao sexo antes do casamento. Era preciso casar virgem!

A década de 1960 caminhou pela linha do elegante. Nesse período, foram desenvolvidos os modelos de sapato “*scarpin*”⁶³, os vestidos em forma de tubo e cortes de cabelo diferenciados. Houve uma diversificação no modo de vestir, de pensar e de agir. Foram anos de rebeldia com os movimentos da contracultura, como os *hippies* que levantaram a bandeira da paz e do amor junto ao movimento do psicodélico. A maquiagem passou a fazer parte do cotidiano das jovens. As roupas no estilo indiano começavam a entrar no mercado. As calças boca de sino se encontravam no auge. Surge a minissaia, um deleite para os homens e uma preocupação a mais para os pais das adolescentes. “Há uma insatisfação de busca na moda, quando surge Mary Quant com a minissaia, traduzindo um pedido feminino: ação. A erotização do corpo que era feita à altura do busto ou dos quadris, desce evidentemente para as pernas” (COELHO, 2003, p. 52). O jeans não pode ser esquecido. Ficou como sinônimo de roupa de jovem, prática e confortável até os dias atuais. Foi também o período da conquista espacial: no início da década, astronautas soviéticos voaram para o espaço e, no fim do mesmo decênio, astronautas norte-americanos pisaram no solo lunar.

É importante comentar que a rebeldia foi a tônica da época e a semelhança das roupas impedia de classificar as pessoas em diferentes classes sociais. Era um tempo de “cabelos longos e ideias curtas”, lema adotado por jovens que se rebelavam contra a vida de seus pais, contestando-os e agredindo-os com um visual inusitado. Não havia grande diferença entre o modo de vestir de homens e de mulheres. Calça jeans e camiseta eram suficientes para um visual moderno e descolado.

Os anos 1970 ficaram conhecidos como a década do “eu”. Não houve pessoas que reinaram na época, mas movimentos diversos que se dirigiam a um só ponto: o homem

⁶² É um estilo musical que surgiu nos Estados Unidos no final dos anos 1940 e início dos anos 1950, com raízes nos estilos musicais norte-americanos como: o *country*, *blues*, *rhythms and blues* e, que rapidamente, se espalhou pelo mundo.

⁶³ Calçado feminino com salto e bico finos.

deixou de se preocupar com os outros. Os indivíduos começaram a investir em si, cultivando a paz de espírito, curtindo o corpo e a sabedoria oriental. O corpo passou a ser visto por três prismas divergentes: sexo livre, mutilação e danças frenéticas. Há um aumento significativo do consumo de drogas lícitas e ilícitas. O estilo *hippie* virou modismo e eles e elas vestiam-se e comportavam-se, praticamente, iguais: calças pantalonas, blusa indiana, cabelos longos, pele bronzeada e pouca ou nenhuma vaidade com o visual. Foi uma época de sexo livre apartado da sedução. O *slogan* “faça amor, não faça guerra”, espalhou-se pelo mundo. Na segunda metade da década, decaiu a moda *hippie* e iniciou-se a onda da “*disco music*”. O exagero toma conta das pistas de dança, embaladas pelo som dos Bee Gees e dos requebros de John Travolta, no filme *Saturday Night Fever*. O erotismo e a sedução são expostos nos requebros de Tony Manero, copiados por todos, globalmente. No Brasil, a novela *Dancing Days*, lança a moda dos tecidos brilhosos, *gliter*, calças boca-de-sino, gel no cabelo, corte estilo pantera, meias de lurex. A lei era: excesso!

Na década de 1980, a onda era a tribalização. A juventude reunia-se em grupos que vão determinar as suas preferências e estilos. As tribos urbanas surgiram em número significativo, principalmente, na Europa e nos Estados Unidos. Já nos anos noventa, as barreiras entre os grupos se romperam e as pessoas poderiam ser aquilo que bem entendessem: com um visual *hippie* ouvindo *punk rock* e andando com a turma *clubber*. Nos anos dois mil, os resgates começaram e releituras como o *hippie-chique* retomam às inspirações de períodos passados. “O que vemos no século XX é um movimento para libertar as mulheres dos ditames da moda, liberar sua sexualidade, permitir os movimentos do seu corpo, do seu espírito e de sua emancipação” (COELHO, 2003, p. 53). Com relação ao modo de vestir-se da mulher amazônica na atualidade, Vitória Régia (20 anos) nos relata que:

Gosto de usar e abusar dos shortinhos e camisetas *baby-look*. Uso muita minissaia também, sei que tenho as pernas bonitas e gosta de exibi-las. Gosto de ter dinheiro para me arrumar bem, porque os homens me secam em qualquer lugar que eu vou e as inimigas babam de inveja... (risos). Adoro! (entrevista/2017).

Nos dias atuais, os indivíduos urbanos seguem a moda ditada pelas mídias, principalmente a televisão, através das novelas e as redes sociais. Tudo é possível de ser usado e a forma de como a moda é utilizada depende mais do fator econômico dos

usuários do que dos ditames sociais. Moda e comportamento estão, basicamente, atrelados ao contexto da cultura e da sociedade do século XXI.

3.3 O cabelo e a maquiagem como forma de erotização

As pinturas e as escarificações estão presentes nos corpos ancestrais, desde a era primitiva. Por essa época, ainda não havia o conceito de belo da forma como entendemos na atualidade. No entanto, já era um atributo indexado ao homem como forma de sobressair-se dos demais membros da sociedade. Na caverna de Cro-Magnon, em Dordogne, na França, diversos achados foram encontrados do paleolítico superior, tais como: adornos de conchas, ossos perfurados e colares confeccionados com dentes e garras de animais. Sobressair-se, destacar-se e causar admiração no outro é inerente à raça humana, independente da época e da sociedade de pertencimento.

Com o avançar das eras, as diferenças sociais vão ser estabelecidas através dos feitos e bravuras aos quais guerreiros e homens mais bravios e destemidos vão se destacando. O exímio caçador é aquele que vai chefiar a tribo e ter o privilégio de ostentar os adornos maiores e mais sofisticados. É necessário que o chefe se destaque dos demais membros da sociedade. Vita (2008, p. 14), indica que “a pintura corporal e as tatuagens, que eram privilégio dos chefes e dos feiticeiros, definiram bem essa separação por um bom tempo”. Ainda no tempo contemporâneo, essas distinções são feitas na quantidade de ornamentos e adereços que enfeitam o vestuário dos pajés, na cabeça coroada de um rei, na faixa presidencial, no capelo do juiz, entre outros.

As modificações corporais ocorrem em todas as sociedades tendo como principal objetivo, tanto para o gênero masculino, quanto para o feminino, destacar-se entre os demais. Esse destaque poder ser implementado por meio do acúmulo de bens materiais, pela beleza física ou ainda pelo nível de intelectualidade e sapiência. As distinções corporais de beleza física são diferentes de cultura para cultura. As mulheres girafas⁶⁴ da tribo *Karen*, *Kayan* ou *Padaung* do norte da Tailândia utilizam várias

⁶⁴A Tribo *Karen Long Neck* refugiou-se do regime militar de Miammar, no norte da Tailândia. As famílias vivem em espécies de assentamento de refugiados. Os homens cuidam das plantações e as mulheres e crianças produzem os artesanatos que são vendidos aos turistas. As argolas de latão podem ser usadas ao redor do pescoço, punhos e canelas. Ao contrário do que muitas pessoas imaginam, as argolas não alongam o pescoço. A ilusão é dada, porque as argolas afinam o pescoço e o peso da peça, que pode chegar a 10 kg, exerce pressão sobre os músculos do trapézio, forçando-os para baixo. Eles acabam desaparecendo entre a clavícula, que dá a impressão que o pescoço cresceu. As argolas são

argolas douradas no pescoço como símbolo de embelezamento, quanto mais argolas, mais belas. Para a tribo indígena conhecida como “beijos de pau⁶⁵”, o rapaz mais belo é o que expõe o maior alargamento dos lábios. Da mesma forma, é bela a tortura impingida às chinesas “pés de lótus⁶⁶”, que tinham seus dedos e pés fraturados na infância para que não crescessem, pois pés pequenos eram sinônimos de sedução e beleza. Bataille (2017, p. 167), indica que “a beleza não deixa por isso de ser subjetiva, ela varia de acordo com a inclinação daqueles que a apreciam”. Destacamos que a beleza é um conceito ambíguo, o que para o olhar de alguns pode ser bizarro, para outros pode ser belo. Vita (2008, p. 17) assinala que, “os soldados romanos se assustavam ao ver os corpos dos soldados gauleses, tatuados com símbolos estranhos”. Alguns tipos físicos, penteados, cortes de cabelos, maquiagens e, até mesmo, algumas tatuagens podem causar estranhamento nos sujeitos contemporâneos.

Na Idade Média, a tatuagem foi considerada demoníaca e banida dos corpos cristãos. No tempo presente, a tatuagem faz parte do contexto das tribos urbanas, artistas, literatos, pesquisadores e pessoas do povo. Ainda é discriminada, não sendo aceita por uma parte significativa da população ocidental. Essas “obras de arte são usadas por homens e mulheres, independente da classe social, da raça ou do grau de

colocadas desde a infância, normalmente a partir dos oito anos de idade, a troca ocorre todos os anos. São colocadas no máximo vinte e cinco argolas por mulher. As peças não são separadas e, sim, uma única argola (parecido com uma mola). Quando é hora de acrescentar um novo aro, removem-se todas as argolas num processo que pode demorar até duas horas. Quando as mulheres girafas tiram as argolas, precisam evitar movimentos bruscos, pois o pescoço que ficou muito tempo numa única posição pode sofrer fratura. Existem três teorias para a origem dessa tradição. A primeira afirma que os colares foram projetados para proteger as mulheres dos ataques de tigres. Outra versão diz que as argolas eram colocadas para diminuir a beleza das mulheres e evitar que fossem raptadas pelos homens das tribos rivais. A terceira versão diz que seria justamente para embelezar as mulheres girafas. Quanto mais longo o pescoço, mais bonita seria a mulher! E, assim, elas passaram a usar as argolas douradas como um acessório, pois quanto mais argolas, maiores eram suas chances de conseguir um bom partido para casar.

⁶⁵Os Tapaiúnas, também conhecidos como Beijo de Pau, Suyá Novosou Suyá Ocidentais e autodenominados Kajkwakratxi são um grupo indígena que habita o estado brasileiro do Mato Grosso, mais precisamente, o Parque Indígena do Xingu.

⁶⁶Essa prática teve início na China no século X, durante a dinastia Tang. Tudo começou quando o imperador Li Yu se apaixonou por uma dançarina de pés bem pequenos, durante uma dança tradicional: a dança de lótus. A partir daí, a tradição virou moda e as mulheres de toda a China queriam ter os pés pequenos para também conquistar o imperador. O procedimento começava por volta dos seis anos de idade. Os dedos eram quebrados e dobrados em direção à sola dos pés, criando um formato côncavo triangular. Os pés eram firmemente amarrados com tiras de tecido para impedir o crescimento e cicatrizar as fraturas naquela posição. Com essa prática, os pés ficavam bem pequenos, em forma de um botão de flor de lótus. Ter pés pequenos era visto como um passaporte para um melhor casamento e um melhor modo de vida. Numa visão convencional, isso existia para agradar e seduzir os homens, pois eles foram condicionados a se atrair por pés pequenos.

educação. Encontram-se pessoas tatuadas em presídios e nas classes sofisticadas. O tabu de que a tatuagem é um costume marginal não existe mais” (VITA, 2008, p. 17). Entende-se que o preconceito ainda existe, principalmente, no seio da comunidade judaico-cristã. Enquanto algumas religiões ainda a condenarem, sua aceitação será, quase, unânime. Em nossa pesquisa, percebemos nitidamente a democratização da tatuagem, pois a encontramos presente tanto nos corpos das vendedoras, como nos corpos das instrutoras e das clientes da Academia e nas Secretárias. Algumas estavam aparentes, e outras, sob as vestes. A maioria tinha algum significado para a portadora e pouquíssimas eram somente para ostentar, embelezar ou se destacar.

Em relato, Crisântemo nos conta que:

Gosto muito de estar bonita e aprecio muitas coisas. Gosto de andar na moda, usar muita maquiagem, apesar do filho da mãe do meu marido reclamar sempre! Fiz uma tatuagem antes de me casar, escondida, porque minha mãe é evangélica e acredita que é coisa do demônio, marca da besta (risos). A minha é bem em cima do cofrinho da bunda. Era doída pra fazer outra, mas meu marido não deixa de jeito nenhum. Já pensei em fazer escondido, mas ele vai descobrir de qualquer jeito né? Então, vou ficando só na vontade e admirando a dos outros. Um dia eu convenço ele (Entrevista/2018).

Mesmo com grande aceitação, algumas pessoas ainda não entendem o conteúdo artístico e cultural das tatuagens, seus significados e simbologias para algumas sociedades. No ocidente, ela tem um valor mais artístico e sentimental do que em outras culturas. Nas antigas civilizações, os gregos marcavam seus escravos com a figura de um mocho (coruja), símbolo da deusa minerva. Os príncipes taitianos, os chefes maoris e todos os papuas há séculos são tatuados. No Ocidente, até o fim do século XIX, as pessoas tatuadas trabalhavam em circo. Depois passou a ser uma marca dos marinheiros. Nos dias atuais, estão presentes nos diversos corpos liberais circulantes da sociedade contemporânea.

Os ideais de beleza mudam conforme a época, os modismos e a cultura de um povo. Na Mesopotâmia, Suméria e Egito a preocupação maior estava nos cuidados com os cabelos por ambos os gêneros e no zelo com a barba pelo gênero masculino. A vaidade não era prerrogativa somente feminina. Os homens enfeitavam-se tanto quanto as mulheres. Eles utilizavam óleos aromáticos nos cabelos e na barba para deixá-los brilhantes, sedosos e perfumados. Os cabelos são uma preocupação constante desde a antiguidade. Originalmente, homens e mulheres raspavam a cabeça em virtude da praga

crescente dos piolhos. A solução encontrada para disfarçar a calvície quase obrigatória, foi a confecção de perucas cada vez mais aprimoradas. Vita (2008, p. 19), indica que “acreditamos que o problema dos piolhos deve ter se agravado com o passar do tempo, porque observamos que todos aparecem de cabeça e barba raspadas. Para resolver o problema de estarem sempre de cabeça raspada apelavam para as perucas”.

Além da preocupação com os cabelos, a maquiagem é outro item de beleza que está presente desde a era primitiva, além de estar presente por todo o corpo, o realce maior era dado ao rosto. No Egito, destaca-se, principalmente, a maquiagem marcada nos olhos de homens e mulheres. Vem dessa época o uso do “*Kohl*” (carvão) para delinear-los⁶⁷. A maquiagem bem alongada dos olhos egípcios inspira-se no “olho de Hórus”, o Deus que enxerga além e é o símbolo da clarividência. Algumas mulheres sujeitos da pesquisa comentaram que por trabalhar com o público é imprescindível que, pelo menos, estejam sempre com um batom e um lápis preto ao redor dos olhos. As vendedoras de produtos cosméticos e as secretárias apresentaram-se nos dias das entrevistas sempre bem maquiadas, diferentemente das instrutoras de academia que atentaram para o detalhe de que suam muito e não é interessante a máscara ficar escorrendo no rosto. Usam, esporadicamente, somente o brilho labial e deixam para “grelhar⁶⁸” quando vão para a balada. Mesmo assim, com o forte calor manauara ainda correm o risco de ter sua maquiagem borrada, assim como todas as mulheres que habitam os trópicos úmidos.

O reino da Babilônia ficou retratado na história por sua opulência, riqueza, vaidade, esbanjamento, luxo e prazeres. Maquiagem carregada e penteados extremamente bem elaborados encantavam a corte babilônica, que não fazia economia quando o assunto era vaidade⁶⁹. Vita (2008, p. 21) sugere que:

⁶⁷No livro “Costume e cultura dell’antico Egitto: da Narmer a Cleópatra”, de Ermano Zoffili, há uma série de escalas de cores que mostra detalhadamente a ordem das cores que os egípcios usavam, enfatizando a gama e as misturas feitas para conseguirem os efeitos desejados e o formato de cada traço que delineava os olhos e as sobrancelhas. Havia uma coordenação entre as joias, a maquiagem, as vestimentas e o penteado, cuja harmonia cromática era estudada, não gratuita.

⁶⁸Gíria atual que significa arrasar, bombar, estar muito bom, excelente.

⁶⁹Os murais e esculturas expostos no British Museum de Londres, no Metropolitan Museum de Nova York e no Louvre em Paris, detalham a extrema vaidade desse povo. Ricos trajes trabalhados e bem talhados, usado por homens de barba impecáveis, bonitos até para a concepção moderna, com músculos bem delineados, corpos bem feitos, esbeltos e altos. Os rostos detalham olhos pintados, sobrancelhas grossas, mas bem delineadas. Infelizmente, não era usual fazer imagens de mulheres. As poucas referências indicam alguns penteados semicobertos por um toucado plissado ou cabelos longos deixado à mostra, caindo sobre os ombros; há também cabelos cacheados que descem até o meio das costas com uma fita ao redor da cabeça. A maquiagem é praticamente igual a dos homens, com os olhos enfatizados pelo “*Kohl*” (kajal ou lápis de olho árabe), principalmente nas pálpebras.

As perucas, os rostos embranquecidos pela base de cera de abelha e carbonato de chumbo, os olhos pintados e as maçãs do rosto enrubescidas por tintas vegetais, surpreendiam os guerreiros de outros países, que chegaram a referir-se a corte babilônica como um ambiente no qual os homens pareciam afeminados e não possuíam aspecto de guerreiros.

Talvez esse seja um dos comentários mais antigos sobre o preconceito homossexual. Babilônia, principalmente, no reinado de Nabucodonosor II, foi considerada a mais bela de todas as cidades da época, conhecida por ter como seu patrimônio uma das sete maravilhas do mundo, “os jardins suspensos” criados para a sua amada esposa Amiitis que, segundo alguns historiadores, era extremamente bela e sedutora.

Diferentemente de outras culturas, as mulheres gregas tinham bastante liberdade, participavam de várias tarefas, inclusive dos jogos desportivos. Usavam roupas longas com o decote deixando os seios à mostra. Possuíam longos cabelos que eram tratados e bem penteados incluindo as tranças e abusavam da maquiagem pesada. Corpos harmoniosos e esbeltos denunciavam a preocupação com os hábitos alimentares e a prática desportiva. Vita (2008, p. 39) indica que,

Essas miúdas e delicadas mulheres de membros finos e longos, finamente trajadas, estão nos murais e nas esculturas deixadas pelos cretenses e encontradas no século XIX por exploradores. Seus penteados e maquiagem em perfeita harmonia com o tipo físico e corpos exóticos e bem femininos, além do detalhe dos seios à mostra que marcou o período Minoano Médio de 1200 à 1900 a. C. Como usavam brincos grandes, procuravam sempre deixá-los aparecer penteando os cabelos para trás das orelhas. Seus imensos olhos eram valorizados pelo “*Kohl*” e por pós-coloridos.

Mulheres miúdas e exóticas lembram as referências sobre as mulheres amazônicas. Ao coletarmos os relatos das instrutoras de academia todas foram unânimes em afirmar que hoje em dia se elas não estiverem dentro dos padrões corporais estabelecidos pela academia elas são despedidas do emprego. Flor (48 anos), que gerencia uma das Academias de Ginástica, *locus* da pesquisa, em relato, conta que,

Quando fazemos treinamento com o candidato a (o) instrutor (a) para nosso espaço, de antemão informamos que somos exigentes com relação ao corpo, que deve estar dentro dos padrões estéticos exigidos por nós, assim como a higiene impecável, cabelos e barbas bem feitas, e o uniforme deve estar sempre limpo. Outro ponto primordial é ser

inteligente e falar muito bem o português. Se o candidato souber inglês é contratado na hora (entrevista/2018).

Percebe-se que a concorrência de emprego no mundo *fitness* se torna cada dia mais exigente, provocando com isso a busca do empresário por mão de obra mais qualificada, principalmente nas empresas consideradas de ponta. Do outro lado encontra-se algum (a) jovem em busca de destaque no meio da multidão de tantos outros (as) concorrentes. Por esses motivos, muitas (os) utilizam drogas na esperança de conquistar um corpo padrão, exigido por uma clientela ávida por um corpo invejável. Na conquista desse corpo, os ergogênicos⁷⁰, o lipostabil⁷¹, o stanozolol⁷², entre outras, são a solução rápida para a aquisição do corpo perfeito e a segurança da garantia do emprego. Neste aspecto, Dama da Noite nos relatou que,

Existe muita cobrança por parte dos empregadores e eles são claros quando dizem que é necessário no mínimo um “*shape*”⁷³ apresentável, pois ninguém quer ir num dentista que tenha mau hálito e seja banguelo. Eles afirmam que um corpo gordo e mal feito não é referência para a profissão. Já estive várias vezes acima do peso. Hoje, faço tratamento e uso ergogênicos e lipostabil, além de malhar muito e fazer dieta *low carb*. Por isso, tenho esse corpo maravilhoso! Gosto de exibi-lo. Sei que chamo a atenção de homens e de mulheres (DAMA DA NOITE, entrevista/2018).

A preocupação com a aparência física está demarcada nas estátuas e esculturas gregas, assim como com os cuidados higiênicos, com os cabelos e com a maquiagem. A higiene do corpo estava atrelada à prevenção da saúde, regra que está presente até hoje. Assim como os exercícios físicos estão ligados à beleza do corpo esculpido a base de sacrifícios, drogas e dietas, não é admissível exercer a função de instrutor de academia num corpo obeso, não obstante, haver uma ambivalência no corpo obeso. “O primeiro é um homem roliço, extrovertido, dotado para as relações sociais, bancando [...] o brincalhão. O segundo é bem diferente. É um doente ou um depressivo, um egoísta

⁷⁰ Conhecidos popularmente como esteróides anabolizantes são substâncias utilizadas com o objetivo de melhorar o desempenho esportivo e a recuperação após o exercício. A palavra ergogênico é derivado do grego *ergos* (trabalho) e *gen* (produção). O intuito da utilização de ergogênicos é aumentar o desempenho através da intensificação da potência física, da força mental ou do limite mecânico, retardando a fadiga muscular na obtenção de massa muscular com menor esforço num curto espaço de tempo. Todos de origem farmacológica são proibidos pelo Comitê Olímpico Internacional (COI).

⁷¹ É um fármaco injetável usado para eliminação da gordura localizada.

⁷² Droga utilizada em ciclos para a redução da gordura corporal e definição muscular.

⁷³ Na linguagem das academias, diz respeito ao corpo do indivíduo, sua forma física.

desenfreado ou um irresponsável sem controle sobre si mesmo” (FISCHLER, 1995, p. 50).

Os gregos foram os criadores do “ideal de beleza” absorvido pela cultura ocidental. A preocupação com o cabelo era outra vaidade dos povos da antiguidade. Os louros, de olhos azuis, eram admirados por ser minoria, pois a maioria da população grega era composta por morenos (as), de olhos castanho-escuros ou negros. Para clarear os cabelos, eles (as) usavam água de lixívia, um descolorante natural, ou enxaguavam os cabelos com flores amarelas, macela e camomila. Assim, aproximavam-se da beleza invejada do loiro, de olhos claros.

Na cidade de Manaus é comum encontrarmos nos lugares públicos morenas com os cabelos tingidos de louro de variados matizes, tons de mel, cobre e avermelhados, principalmente, nas mulheres mais jovens. Nos adolescentes do gênero masculino, a moda é pintar os cabelos de loiro, modismo lançado pelos jogadores de futebol com adesão maciça, principalmente, pelos jovens dos bairros periféricos. As mulheres, sujeitos dessa pesquisa, em sua maioria têm os cabelos pintados ou matizados. As tonalidades mais usuais são as mechas loiras e os tons avermelhados. Dália, uma das entrevistadas, nos reportou o seguinte: “Pinto meus cabelos desde os quinze anos, sempre nesse tom avermelhado. Sei que meu cabelo está muito estragado, mas essa cor já é minha marca registrada. Já tentei ficar na minha cor natural, mas não gostei. Perdi o meu charme todo” (risos) (DÁLIA, entrevista/2018).

Na contramão, Margarida, outra das mulheres entrevistadas, nos conta que:

Quando cheguei em Manaus, fui procurar emprego. Em uma das lojas que fui, a mulher de lá disse que uma das exigências do dono era que a menina aprovada para o cargo, deveria ser loira ou então pintar o cabelo de louro. Lá só aceitam esse tipo de vendedora. Dei meia volta e fui embora (MARGARIDA, entrevista/2018).

Percebe-se que na contemporaneidade, há ainda presente o conceito de que belo é o indivíduo, branco, de cabelos loiros e olhos azuis. Sant’Anna (1995, p. 122) adverte que:

É, igualmente, na crescente valorização dos produtos e métodos de beleza, que assistimos ao desfile de nossas inquietações e à emergência das estratégias que forjamos para responder aos nossos medos e ultrapassar nossos limites. Além disso, através das imagens e dos discursos criados com o intuito de embelezar a mulher, segundo os interesses econômicos, os padrões morais e os argumentos

científicos de cada época, cruzamos outras histórias paralelas ao sonho de ser bela.

Então, copia-se o modelo hegemônico de que belo é o europeu. Os romanos identificavam a classe social, profissional e a faixa etária dos seus cidadãos de acordo com o penteado e as vestes que portavam. Vita (2008, p. 50), assinala que “o feitio, o tamanho e as cores da peça do vestuário colocavam cada um em um degrau, separando muito detalhadamente legisladores de aristocratas, burgueses, soldados, mercadores e prostitutas e também a faixa etária de cada um”. Além do penteado e das vestes, a maquiagem também funcionava como um identificador das classes sociais. As mulheres ricas de Roma possuíam uma espécie de dama de companhia. Essas precisavam ser exímias maquiadoras e cabeleireiras. Segundo Vita (2008, p. 51), “essas senhoras chamavam-se *“cometae”* e eram comandadas por uma mulher mais velha, a *“ornatrix”*”. Com o tempo e a escassez dessas profissionais que eram escravas das senhoras da nobreza, elas passaram a realizar os seus serviços em domicílio de outras nobres que não as possuíam. Com esse trabalho, elas recebiam um pagamento pelos serviços prestados. A maioria guardava o dinheiro recebido para comprar sua liberdade e tornava-se profissional autônoma. Dessa forma, encontram-se registradas como as primeiras cabeleireiras da história.

Na Idade Média, os cabelos das mulheres deviam ficar escondidos embaixo de toucas. Cabelo era sinônimo de sedução e pecado, assim como a maquiagem, obra do demônio. Vita (2008, p. 55), indica que:

A igreja queria esquecer e apagar o paganismo. Arte, moda e beleza são fortemente influenciados pela mudança de pensamento, que baseava-se na religiosidade extrema. Homens e mulheres passaram a usar roupas bem fechadas; a maquiagem não pode mais aparecer, e os penteados rebuscados das romanas não eram mais vistos.

A igreja passou a regular, atos, atitudes e comportamentos. O desejo deveria ser reprimido, os sentidos contidos e o corpo vigiado. O Renascimento trouxe de volta a liberdade, os cabelos das mulheres voltaram a aparecer e a maquiagem volta a colorir os rostos anteriormente macerados. Durante o Renascimento, os cabelos estavam voltados para uma releitura dos penteados gregos e romanos, adereços como fitas, pérolas e véus são utilizados. Vita (2008, p. 70), aponta que curiosamente: “os cabelos ruivos da rainha Elizabeth entraram na moda, e, por isso, as aristocratas apelaram para misturas que

levava urina a fim de deixar os cabelos bem vermelhos, outras ficavam horas no sol com os cabelos embebidos em uma infusão”. A maquiagem era realçada com o alvaiade que era passado em todo o rosto para deixá-lo extremamente pálido, escondendo as sardas e outras marcas da *cútis*, muita das vezes provocadas por doenças como a catapora. O rosto era realçado com o *ruge* nas maçãs do rosto. O batom escarlate nos lábios e o lápis preto (*Kohl*) contornando os olhos.

Refinamento, elegância e luxo são as palavras de ordem no reinado de Luís XV, que junto com sua amante e conselheira Madame Pompadour ajudou a fazer da França e, principalmente, de Paris, a cidade da etiqueta, do luxo e dos bons modos. Tudo que ela usava era na medida certa. Do vestir-se ao pentear-se havia muita elegância e desvelo com os cuidados corporais. Segundo alguns historiadores, ela foi considerada uma das mulheres mais belas de toda a França. O século XVIII foi um período em que homens e mulheres usavam cabelos longos para que fossem feitos penteados bem altos e elaborados. Criou-se também a técnica do empoamento, que consistia em cobrir com pó de arroz ou farinha de trigo, cabelo, rosto e colo para deixá-los absolutamente brancos. A técnica era usada por homens e mulheres.

O reinado de Luís XVI foi marcado pelo esbanjamento e exagero nos gastos com festas regadas a muita orgia. Imensas perucas femininas empoadas, homens usando perucas empoadas e maquiagem pesada, mulheres com decotes que mal cobriam os mamilos e sexo desenfreado entre os membros da aristocracia, tudo isso transformou Versalhes numa verdadeira Babilônia (VITA, 2008, p. 77). Sexo sem controle, traições, filhos bastardos, entre outros, marcou esse período. No Brasil, os filhos dos ricos que viajavam para a Europa para estudar, voltavam trazendo os modismos de Portugal, e como Portugal copiava a moda parisiense, aqui também seguiram à risca a moda francesa. Talvez pelo calor escaldante do Brasil, as perucas não fizeram muito sucesso.

No século XIX, os cabelos continuam presos, com penteados mais simples, evidenciado e utilizados com tiaras, com flores e chapéus de variados tamanhos e modelos, marcando o período romântico. As mulheres deveriam apresentar um aspecto frágil, por esse motivo a maquiagem era imperceptível. Abusavam do pó de arroz e o *ruge* era muito discreto. As maquiagens pesadas eram características das damas da noite. “Havia uma regra seguida à risca pelas mulheres: jamais ser confundida com aquele ‘tipo de mulher’, ou seja, mulheres da noite, que frequentavam os cabarés e que dançavam o can-can” VITA (2008, p. 89). As moçoilas solteiras eram proibidas por seus pais de usarem maquiagem, eram vigiadas pela parentela masculina. O puritanismo

estava no comportamento e era visível no modo de vestir. Era inconcebível uma mulher de classe andar sozinha na rua. Ela deveria estar obrigatoriamente, acompanhada da mãe, irmã, dama de companhia ou se estivesse acompanhada de um cavalheiro, deveria estar também de um parente próximo.

Na *Belle Époque*, Paris continua sendo a capital dos prazeres. Os cabelos presos continuaram em voga, adornado com fitas, pérolas e chapéus. O destaque desse período são os chapeleiros que criavam verdadeiras obras de arte. A maquiagem continuava discreta, porém acentuada por uma camada generosa de ruge e batom. O século XX marcou o surgimento das empresas de cosmético como Helena Rubinstein, Elizabeth Arden, Max Factor, entre outras. Nas décadas de 1920 e 1930, o destaque são os lábios em formato de coração que as melindrosas lançaram e que se tornou sucesso. Na cabeça, o encurtamento dos cabelos com os cortes “Chanel e a *La garçonnette*”. Nas décadas de 1940 e 1950, as atrizes da indústria cinematográfica se tornam as criadoras de modas e modismos, tanto no modo de vestir, quanto no modo de pentear e maquiar-se. Alguns truques de maquiagem eram feitos para que essas atrizes parecessem mulheres belíssimas. Foi o caso de Marlene Dietrich, atriz alemã que arrancou seus molares para o rosto ficar mais encovado, raspou totalmente as sobrancelhas para que fosse delineada em arco, cílios postiços bem finos e lápis preto marcando bem os olhos para evidenciar um olhar misterioso e sobrenatural, marca registrada da grande estrela.

Nos dias atuais, é difícil encontrar no perímetro urbano das grandes cidades, uma mulher com beleza natural. Há sempre um detalhe artificial auxiliando ou destacando algum ponto não apreciado por ela. Esse artifício pode estar presente numa lente de contato colorida, nos cílios postiços, na sobrancelha redelineada em outro formato, num glamuroso “*megahair*⁷⁴”, num salto quinze para disfarçar a altura, maquiagem definitiva, próteses de silicone nos seios e nas nádegas, abdominoplastia, cirurgia para afinar o nariz, prótese de porcelana nos dentes, entre tantos outros artifícios que vieram auxiliar a mulher a ter sua beleza natural destacada pelos artifícios da modernidade. É necessário que se destaque que alguns desses artifícios já estão presentes na cultura ocidental há algumas décadas. Primeiramente, somente as mulheres, esposas ou concubinas de homens endinheirados, tinham acesso aos processos de embelezamento que eram onerosos.

⁷⁴No Brasil, é um termo usado para se referir a alongamento de cabelo ou extensão de cabelo. Na prática refere-se à interações de cabelos naturais para aumentar comprimento e volume ao cabelo de homens e principalmente de mulheres.

Nos dias de hoje, vemos mais e mais métodos de embelezamento em propagandas nas redes sociais. Dos remédios milagrosos para emagrecer, passando pelos cremes de bronzeamento artificial até as mais diferentes técnicas de cirurgias plásticas, *botox* e preenchimento cutâneo, sendo aplicado por profissionais, às vezes, não habilitados, que se aproveitam dos modismos para amealhar riqueza, pondo em risco a saúde e a vida das mulheres. Procedimentos menos invasivos também são utilizados em grande escala e estão sendo utilizados com frequência pela clientela popular. As mulheres com menores condições financeiras optam pelo realinhamento das sobrancelhas, tintura nos cabelos, lentes de contato coloridas e maquiagem mais elaborada. Em nosso estudo, as mulheres entrevistadas sempre tinham algum artifício presente no corpo. Os mais frequentes foram às sobrancelhas redefinidas e a tintura nos cabelos.

Os cabelos para todas as entrevistadas deste estudo são a principal arma de sedução das mulheres e a maior preocupação relacionada à beleza. Elas podem estar com unhas malfeitas ou ter pêlos para aparar, mas cabelos mal arrumados, assanhados, nunca! O atrativo de um belo rosto ou de uma bela roupa, atua na medida em que esse belo rosto anuncia aquilo que a roupa dissimula (BATAILLE, 2017, p. 169). O cabelo, como arma de sedução, inicia com o comprimento que deve ser longo e volumoso, vejamos:

Cabelo curto não é sexy, não é erótico, não dá tesão. Desde criança uso os cabelos compridos, não me lembro nunca de tê-los cortado. Acho o meu cabelo lindo! Gosto de usá-lo sempre solto, é o meu ponto forte. Só quando está sujo é que uso rabo de cavalo. Mesmo assim, faço um topete, coloco alguns fios soltos para dar um 'tchan'. Se não for pra grelhar, nem saio de casa (risos). (Vitória Régia, entrevista/2018).

Os cabelos longos são comuns nas cabeças das mulheres mais jovens. Mulheres de meia idade e idosas adotam um corte Chanel ou curtos. Talvez uma negação da sensualidade, do erotismo e da sexualidade num período em que os hormônios estão em queda. Nessa fase da vida, já não é necessário o jogo de sedução, pois não existe mais a possibilidade da reprodução, que anteriormente estava atrelada a sexualidade. Bataille (2017, p. 36), adverte que “a reprodução se opunha ao erotismo, mas, se é verdade que o erotismo se define pela independência entre gozo erótico e a reprodução como fim, o sentido fundamental da reprodução não deixa de ser a chave do erotismo”. Dessa forma,

e, mesmo de modo descontínuo, as mulheres mais velhas vão se afastando do desejo de sentir prazer auto-negando sua sexualidade. Existe em algumas mulheres de meia idade o medo de transgredir, de se sentir viva, de se fazer mulher, de namorar, de gozar, de sentir prazer. Flor, uma de nossas entrevistadas, em relato, nos conta que:

Optei pelo cabelo curtinho, porque é mais prático. Como sou muito aqui na Academia, posso lavá-lo todos os dias sem nenhum problema. Quando tinha o cabelo comprido, dava um trabalhão. Para não dormir de cabelo molhado, para não dar sinusite, ainda tinha que secar o cabelo antes de dormir. Era um saco!. Hoje não, lavo ele rapidinho, gasto muito menos *shampoo* e só com a toalha ele já seca. Também já entrei na menopausa e o cabelo curto diminui o calor.

A mulher quando quer seduzir, usa de várias estratégias para conseguir o seu intento. Assim como põe em estado de alerta outras tantas para não ser conquistada por quem não lhe interessa. Não existem limites para o jogo de sedução e a utilização das armas, inclusive, mesquinhas. Elas podem ser aliadas estratégicas para enredar o escolhido (a). Para uma mulher, missão dada é missão cumprida se o intento for deixar o alvo enlouquecido (a). Ela vai usar todo o seu charme para conquistar a atenção da pessoa pretendida. Olhos, boca e, principalmente, o cabelo são as principais ferramentas de conquista utilizada para a sedução ser um golpe fatal.

Desde a época da pré-história, os cabelos longos eram sinal de feminilidade, juventude, fertilidade e atrativo para o gênero masculino. Com a modernidade, as mulheres do tempo atual não precisam manter as madeixas longas e retas. Cortes bem elaborados e modernos, porém longos ou semi-longos, podem contribuir para facilitar uma abordagem de sedução. É necessário impor um estilo próprio. Garantir um corte, estilo e cor de cabelo que combinem com a sua postura, ideias e atitudes pode ser um grande diferencial. Há no mercado atual especialistas em colorações, tipos de cabelo e visagistas que analisam a pessoa no aspecto geral para escolher qual a aparência que mais combina com ela. Os cabelos, em alguns momentos na história, foram importantes na luta das mulheres pelo empoderamento. Hodiernamente, a ditadura do liso tem dado lugar para cabelo afro natural e cachos muito bem esculpido e assumido. O corte curto pode ser sinal de segurança e autoconfiança, deixando, à mostra, áreas extremamente sensuais, como o colo e a nuca. Esse pode ser um diferencial da mulher moderna.

CAPÍTULO IV – TRAJETÓRIAS DE SEXUALIDADE DE MULHERES COMERCIÁRIAS

Um destino indelével pesa sobre a sedução, ela foi a estratégia do diabo, quer tenha sido feiticeira ou amorosa. A sedução é sempre do mal. Ou a do mundo. É o artifício do mundo.

Jean Baudillard

4.1 Magnólia, a amante e a outra

Ele é casado e eu, a outra, a amante traída. Essas foram as primeiras palavras ditas por Magnólia. A traição por parte do homem é considerada por ele próprio uma condição natural do indivíduo viril. O homem que se envolve com uma mulher que não é sua esposa legitimada por lei e essa conquista envereda por uma relação mais séria tendo como fruto dessa união a geração de filhos, independente do envolvimento e comprometimento que essa relação possa ter. Ele persevera no pensamento de que a amante é aventura, não é mulher para ser levada a sério. Não é digna de compartilhar socialmente da sua vida. A infidelidade para o gênero masculino é natural. Trair é da natureza do macho, ela só é significativa quando o homem se torna a vítima. Quando o homem é que sofre a traição, ele usa da prerrogativa do macho afrontado e vilipendiado em sua honra, contra-atacando com violência física, psíquica e moral a mulher que ousou transgredir. No pensar do homem para comportamento tão vil e amoral, a mulher deve ser punida.

Os discursos machistas e as atitudes violentas são notícias hodiernas nos meios de comunicação orais, escritos e televisivos e nas mídias sociais da época atual. Homens abusadores geralmente foram violentados durante a infância no seio doméstico. Ao chegarem à fase adulta, reproduzem os comportamentos apreendidos no lar. Saffioti (2004, p. 18), indica que:

A vítima de abusos físicos, psicológicos, morais e/ou sexuais é vista por cientistas como indivíduos com mais probabilidades de maltratar, sodomizar outros, enfim, de reproduzir, contra outros, as violências sofridas, do mesmo modo como se mostra mais vulnerável às investidas sexuais ou violência física e psíquica de outrem.

Pessoas do gênero feminino, abusadas ou maltratadas, quando crianças tendem a ser mulheres subjugadas por homens machistas e violentos. A vingança por parte do

gênero masculino através da violência física continua exacerbada. No seio das sociedades ditas liberais como artistas, literatos, acadêmicos, ou seja, nas camadas sociais intelectualizadas, a infidelidade é aceita com mais naturalidade e a troca de casais é relativa. Nessas camadas, é possível aceitar homens e mulheres que traem seus pares. O divórcio é comumente encarado sem grandes consequências e os acordos relacionados aos bens aquinhoados são divididos equitativamente para cada uma das partes, gerando o equivalente ao valor correto pelas perdas e ganhos dos anos de convivência.

Com certa frequência a traição torna-se uma rotina e o casal vive por anos juntos, fazendo de conta que desconhecem a infidelidade do outro, demonstrando aparente felicidade. As relações ditas abertas também estão sendo uma constante para alguns casais da atualidade. Giddens (1993, p.18), considera que a “sociedade separada e divorciada de hoje aparece aqui mais como um efeito de emergência do amor confluyente do que como causa. Quanto mais o amor confluyente consolida-se em uma possibilidade real, mais se afasta da busca da pessoa especial”.

A mulher quando trai é mais discreta e o homem tem mais dificuldade em descobrir que está sendo enganado. Ela praticamente não muda sua rotina e seus encontros furtivos são em horários em que ninguém desconfia que ela esteja mantendo um relacionamento extraconjugal. O homem, diferentemente da mulher, não consegue esconder por muito tempo que está traindo. Menos cuidadoso, ele muda completamente sua rotina. Passa a se cuidar mais, preocupa-se mais com a aparência física e com os cuidados corporais. Caso esteja acima do peso, faz dieta e frequenta academia. Inventa desculpas pelos atrasos aos compromissos domésticos, como também outras tantas, para justificar suas ausências: reuniões, encontros com os amigos, engarrafamento, pneu furado, celular descarregado está também no rol das escusas. Alguns homens, entretanto, conseguem manter em sigilo os seus compromissos extraconjugais, tentando a qualquer custo manter esse relacionamento afastado do olhar da esposa. Geralmente, esses contatos permanecem no ambiente de trabalho e é bem frequente entre secretárias e patrões.

Magnólia, um dos sujeitos da pesquisa, que exercia a função de secretária numa empresa do ramo da saúde, passou por uma situação insólita. Vejamos:

Nunca me casei, passei minha vida inteira esperando que o ‘fulano de tal’ deixasse a mulher para casar comigo. Eu o amava muito e sei que

ele me amava também. Ficamos quase vinte anos juntos e eu sempre acalentando o sonho de ele, enfim, casar comigo. O que não aconteceu (entrevista/2017).

Promessa de casamento para com seus casos extraconjugais é um dos engodos preferidos dos homens para com as mulheres amantes iludidas. Para mulheres que trabalham em ambientes fechados e muito próximas ao patrão é muito difícil resistir ao assédio do chefe. As promessas de uma vida melhor são inúmeras e as ameaças de demissão também. Soma-se a isso o constante assédio moral. Abreu (2015, p. 92), considera que “as pessoas movidas pela paixão ou por amor ao outro fingem e procuram não ver o óbvio, ou seja, passam a acreditar naquilo que elas desejariam que fosse a realidade, enganando a si mesmas na intenção de encontrar a felicidade e o prazer ao lado da pessoa”. Prosseguindo em seu relato, Magnólia revela a seguinte situação:

Gastei vinte anos da minha vida na esperança de casar com ele. Eu o conhecia profundamente, mais do que a própria mulher dele. Satisfazia seus mínimos desejos, tanto na cama quanto na mesa. Éramos felizes na nossa relação. Não havia cobrança de ambas as partes. Eu tinha muito ciúme dele com as outras mulheres, mas não tinha ciúme nenhum da esposa dele. Sei que ele passava mais tempo comigo do que com ela e isso me satisfazia. Eu acreditava ser tudo o que ele precisava e acreditava piamente nas suas promessas (MAGNÓLIA, entrevista/2017).

Algumas mulheres são como Magnólia. São mulheres que idealizam um casamento perfeito, com um homem que as ame e aguardam que esse entrelace de corpos e sentimentos dure eternamente. No entanto, o tempo avança inexoravelmente e quando notam, os anos escoaram-se. Ao fazer uma leitura de suas vidas, percebem que estão no limiar da juventude, a meia idade avança e sem o folego e a energia de engrenar um novo relacionamento para recomeçar, sucumbem ao destino comum da maioria das mulheres: a solidão. As pessoas passam a vida acreditando que o sentido real da vida está em alguém, procuram agradar e desejam o mesmo em troca, querem que seus mínimos anseios sejam satisfeitos pelo outro, não respeitam a sua própria liberdade e nem a do par. Não obstante, fazem questão de estar atrelados e vivendo em (co) dependência física, social, sexual e moral.

Para algumas mulheres ter marido e estar oficialmente casada é uma meta a ser conquistada e garantia de um futuro garantido. Goldenberg (2009, p. 56) assinala que:

No Brasil, ter um marido é uma verdadeira riqueza, especialmente em um mercado afetivo-sexual em que os homens disponíveis para o casamento são escassos. Criei o conceito de ‘capital marital’ ao perceber que as mulheres casadas sentem-se poderosas e satisfeitas por terem um marido e, mais ainda, por acreditarem que ele é fiel e completamente dependentes delas.

O sonho do casamento é acalentado ainda na época atual e independe da idade da mulher, “ter a posse” de seu homem ainda é o objetivo da maioria. Magnólia esperou a realização do seu sonho por quase duas décadas e o mesmo não se concretizou. Em relato, nos revelou o início do vínculo afetivo com o patrão⁷⁵. Vejamos:

Quando conheci o ‘Narciso’, estava com vinte e dois anos, fiz um curso de secretariado e consegui o emprego nessa empresa hospitalar. Comecei a trabalhar conferindo notas fiscais. Por ser bem organizada logo fui promovida ao escritório central e comecei secretariando um dos chefes do setor de compras. Após dois anos, fui promovida a secretária sênior. Estava há algum tempo na empresa e poderia assumir qualquer setor que daria conta. Já havia terminado a faculdade e me sentia bastante preparada para assumir qualquer posto ali dentro MAGNÓLIA (entrevista/2017).

Interessa-nos salientar que Magnólia é uma mulher ainda jovem, bem conservada. Seu rosto tem os traços bem delicados, uma boca média de lábios carnudos, um olhar seguro e firme, onde duas contas verdes dão o toque de sedução, cabelos louros pastel, cortado ao estilo Chanel. Tem boa postura, um corpo bem delineado por cuidados que vão dos cremes aos exercícios físicos na academia. Além dos atributos físicos, fala e escreve em inglês e espanhol. Diríamos que tem todos os requisitos de uma boa secretária. Não é difícil entender a atração recíproca entre ela e o patrão. Certa de suas memórias nos conta que,

Quando vi ‘Narciso’, foi amor à primeira vista. Até aquele momento não tinha sentido amor por ninguém, Já tinha namorado alguns garotos, mas nada de importante. Quando vi aquele homem, senti um frêmito percorrer meu corpo, Alguma coisa me dizia que estava correndo perigo (risos) e que perigo! Passei dois meses me dedicando exclusivamente a aprendizagem do trabalho, procurava não pensar nele que, a cada dia, mais e mais me incomodava. Da parte dele não percebi nenhum interesse de imediato, mas frequentemente nossos olhos se cruzavam. E eu procurava sem sucesso desviar (MAGNÓLIA, entrevista/2017).

⁷⁵A título de mantermos a identidade do amante preservada, utilizamos para nominá-lo um nome de flor para não fugirmos a ordem dos outros pseudônimos dos sujeitos da pesquisa.

Nas empresas é comum um estágio em departamentos variados e a avaliação por parte dos chefes desses setores dos seus funcionários imediatos. Então, após três meses nesse setor, houve uma avaliação para uma seleção dos melhores funcionários, o intuito era diminuir o contingente humano para contenção de despesas. Dessa forma, das três secretárias que havia no atendimento da diretoria, foi necessária a redução para somente uma e a escolhida foi Magnólia. “Selecionada, passei a atendê-lo mais frequentemente e nossa relação foi estreitando-se. Não tardou eu ficar totalmente apaixonada por Narciso” (MAGNÓLIA, entrevista/2017).

Apaixonar-se pelo chefe ou chefe não é raro nas empresas de grande ou pequeno porte. Os funcionários de um conglomerado empresarial passam muito tempo juntos, no mesmo ambiente, passando pelas mesmas dificuldades, rindo das mesmas piadas, compartilhando os problemas e auxiliando na resolução destes. Nesse sentido, passam a ter um relacionamento muito estreito, onde tristezas, alegrias, decepções, conquistas e derrotas fazem parte do cotidiano dessas pessoas que se encontram nos intervalos das refeições para juntos dividirem suas inúmeras preocupações. No âmbito laboral pessoas de diferentes faixas de idade frequentam o mesmo ambiente. Mulheres mais velhas orientam as mais jovens, as casadas aconselham as solteiras, os homens dividem a opinião de como uma esposa deve agradar o marido. Geralmente, nesses ambientes, “trabalha-se muito, ganha-se pouco, pelega-se contra os cabelos brancos e as rugas, enfrentam-se problemas com filhos. Esgrime-se contra a solidão, a depressão, as dores físicas e espirituais que fustigam os corpos de todas as idades” (DEL PRIORE, 2013, p. 280).

Relatando suas experiências Magnólia fecha os olhos para, com mais clareza, lembrar dos momentos em que foi feliz no seu relacionamento, a saber:

A cada dia que passava, ficava mais difícil eu esconder o meu interesse por ele. Já não conseguia segurar a ansiedade que se apossava de mim aguardando ele me chamar. Quando a campainha tocava, meu coração acelerava e parecia que ia saltar do peito. No dia 22 de julho de 1998... (pensando), essa data é inesquecível para mim. Eu estava triste, porque tinha brigado com meu pai (descobrimos que ele estava traindo minha mãe... não quero lembrar disso), ele chegou por trás de mim e perguntou o que eu tinha. Respondi até onde deu e comecei a chorar, ele me abraçou, alisou meus cabelos e disse que não gostava de me ver sofrer. Ficamos um tempo abraçados, porque eu não queria me desvencilhar daquele abraço. Até que ele me afastou delicadamente, pediu que tivesse calma e me convidou para jantar após o expediente (Entrevista/2017).

Muitas das relações afetivas no ambiente de trabalho nascem dessa forma, um problema, um consolo e o encontro da cara metade. No caso de Magnólia já havia uma predisposição e um enamoramento dos dois. A situação formada serviu apenas como um estopim para o início de uma relação. Alberoni (1988, p.25) considera que, “para a mulher, a ternura e a doçura combinam com o erotismo, inserem-se nele harmoniosamente”. Para alguns homens a fragilidade da mulher é uma forma de sedução. Representar o papel de protetor é prazeroso para eles.

Ao lembrar de sua vida pregressa, Magnólia segue o seu relato:

Evidentemente que aceitei imediatamente o encontro para jantar. Esqueci completamente que ele era casado. Pensei comigo mesma: vai ser só um jantar, mais um momento para eu estar perto dele, sentir seu olhar, receber suas palavras de carinho, me confortar naquele dia que tinha começado péssimo e que poderia terminar bem melhor (entrevista/2017).

A maioria dos encontros amorosos quando iniciam geram uma ansiedade, uma expectativa e num momento de carência e desconforto o melhor para se receber é o carinho.

Pensava em que roupa usar, como me maquiar, precisava estar belíssima para o momento. Porém, a imagem da esposa dele, de vez em quando, vinha embaçar minha mente. Nunca tinha vivido algo tão louco. A partir daquele convite, fiquei numa ansiedade insuportável! Às vezes, queria que chegasse logo. E, outra hora, queria declinar do convite. Estava sem saber o que fazer. Pensei em desistir ao mesmo tempo (Magnólia, entrevista/2017).

As loucuras estão sempre presentes na vida dos jovens. Viver intensamente ou viver responsabilmente. Deixar passar oportunidades de viver uma aventura e se arrepende depois ou viver a loucura e se arrepende da mesma forma? Magnólia queria viver um amor que a estava consumindo, pensava em ficar com aquele homem, constituir uma família e ser feliz para sempre. Planejava uma vida feliz, mesmo que naquele momento tivesse que fazer outra mulher e outra família infeliz. Abreu (2015, p. 87), pondera dizendo que “com relação aos parentes próximos, tanto a família de um quanto do outro rejeitará o novo companheiro (a) principalmente se não for benquisto(a). Ele(a) será o intruso(a) a que se intrometeu no ninho do casal”.

Na hora marcada estava lá! Linda, plena, cheirosa, pronta para fazer daquela noite a mais feliz da minha vida. Fui recebida com um olhar de ‘hoje te como’ e me derreti toda. No início, o papo foi meio estranho, ainda estava com vontade de sair correndo. Todavia, a bebida foi me deixando relaxada e o papo foi fluindo mais tranquilamente. Eu estava ansiosa com o término da noite (Magnólia, entrevista/2017).

Ansiedade com relação a atitude e o comportamento do outro é comum nos primeiros encontros. As expectativas geradas podem ser sucesso total ou um fracasso que pode deixar marcas profundas. No caso de Magnólia, a noite saiu como o esperado. “Após o jantar, saímos do restaurante e, dessa vez, ele fez questão de me deixar em casa. Pedi para ele me deixar na esquina para que não fosse alvo das fofocas dos vizinhos. Morava num conjunto residencial e todos se conheciam, pois morávamos há muito tempo no mesmo endereço. No meio do caminho, ele perguntou:

Você quer mesmo ir para casa? Pensei um pouquinho e perguntei de volta, tremendo toda por dentro: qual é a sugestão? Ele disse: não sei! Vamos rodar por aí, sem rumo. Achei isso a coisa mais linda do mundo. Ele não estava ali só para me comer (risos). Paramos na Ponta Negra, andamos na beira do rio abraçados e nos beijamos muito. Foi uma noite que jamais esquecerei. E lá se vão vinte anos (Entrevista/2017).

O tempo é um termômetro de medição da relação. Quando são sinceras e são baseadas no amor, elas podem ser duradouras. Quando é só uma aventura, dificilmente se estabelece. Magnólia viveu por quase vinte anos uma relação amorosa onde havia uma afetividade muito forte de ambas as partes. Contudo, o seu parceiro nunca deixou a sua esposa para viver plenamente esse amor. Isso machucava muito Magnólia. As desavenças entre o casal tinham como principal motivo a vontade de ser a esposa e não a outra. Magnólia em relato revela que: “jamais imaginei, na minha vida, amar um homem casado. Sempre pensei que jamais destruiria uma família, e, muitas vezes, tive vontade de escancarar nossa relação para todo mundo, não obstante, ele me falar para ter paciência que tudo ia se arranjar”. Os anos foram passando e Magnólia aguardando o dia de enfim poder gritar seu amor para o mundo, o que não aconteceu. Alberoni (1988, p. 42), assinala que “o encantamento tem sobre o homem, [...], duração limitada, o que constitui, para as mulheres, perene fonte de desilusão e reprovação. Os homens que não ficam prisioneiros do amor, [...], parecem-lhes frios, desumanos, cruéis”.

Após quase dez anos juntos, e em segredo, algumas pessoas do escritório desconfiavam, mas não tinham certeza. Os encontros às escondidas já faziam parte da rotina e nos finais de semana Magnólia acostumou-se a ficar sozinha. Fizeram algumas viagens juntos e nesses momentos e nos lugares que visitaram podia, enfim, se sentir atuando como esposa. Nesse papel do outro, nessa representação de um outro personagem Goffman (1985, p. 29) indica que:

Quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles. Pedem-lhes para acreditarem que o personagem que veem no momento possui os atributos que aparenta possuir, que o papel que representa terá as consequências implicitamente pretendidas por ele e que, de modo geral, as coisas são o que parecem ser.

Nas férias, quando o consorte viajava com a família e a esposa, postava as fotos. Ela sofria, mas não se revoltava, porque sabia que ela, como amante, havia escolhido aquela vida. Vejamos: “tinha ciúme da vida de casal que os dois levavam. Porém, ciúme dela eu não tinha. Alguma coisa me dizia que com ela, ele podia tudo. Afinal, era a esposa, vivia muito conformada e não me incomodava” (Magnólia, entrevista/2017).

O papel da outra de um homem casado é difícil de ser interpretado. A pessoa vai estar sempre na segunda posição, apesar de intimamente se sentir na primeira. Mesmo tentando não mudar drasticamente de vida e situação, inúmeras vezes os imprevistos acontecem. De acordo com a nossa personagem:

Durante todo o tempo de nossa relação sempre tomei cuidado para não engravidar, não queria que meu filho (a) fosse criado longe do pai e ele também não queria saber de filhos. Ele sempre dizia que bastavam suas duas filhas, apesar de sempre ter sonhado com um filho homem. Mas, não passava na sua cabeça ter um filho fora do casamento. Uma certa manhã, acordei com uma sensação estranha e enjoo no estômago. Jamais imaginaria o que estava acontecendo e após um exame simples de farmácia foi detectado que eu estava grávida. Não sei como aconteceu, o que não deu certo e aí nós tivemos realmente a nossa mais séria e contundente D.R. (Entrevista/2018).

É fácil perceber quando um sonho começa a se transformar em pesadelo. A relação que estava morna e tranquila foi interrompida por uma avalanche de sensações novas e estranhas para os dois. Vejamos:

Após a discussão, o clima entre nós dois ficou estranho, nos falávamos muito pouco, fomos ficando cada dia mais afastados. Os encontros eram intensos e emagreci bastante. Além do meu emocional estar bem comprometido, levava a vida tipo, um dia atrás do outro. Estávamos quase separados totalmente quando após o quarto mês de gestação fui fazer o exame de ultrassom para saber o sexo. Fiquei surpresa e feliz quando o médico falou que tinha um pintinho aparecendo. Enfim, tinha conseguido dar ao meu amor, o seu filho homem (Magnólia, entrevista/2017).

“É preciso, dentro da sociedade moderna, resgatar a ideia de indivíduo, mas de indivíduo como sujeito e objeto de sentimentos e não de sensações” (AMENO, 1999, p. 41). No relato de Magnólia é perceptível a vontade e a esperança do amor ser renovado com o nascimento do filho. Narciso poderia voltar a ser o homem apaixonado a partir dessa gravidez e, principalmente, por estar esperando o filho homem tão desejado por ele.

Fiquei por quase um mês guardando o segredo, até que o convidei para jantar em casa. Nessa época, já estava morando sozinha, pois quando ainda estávamos muito amarrados ele alugou uma casa para eu morar. Me vesti toda de azul e enfeitei nosso quarto de azul também. Quando ele entrou, eu apresentei: bem vindo ao nosso mundo azul! Ele ficou quieto por uns momentos e depois começou a berrar. Nunca tinha visto ele tão feliz como naquele momento. A partir daí tudo voltou às mil maravilhas entre nós e nunca fui tão mimada, meus menores desejos eram prontamente atendidos. Estava vivendo o meu sonho novamente e estava muito feliz! Nosso menino nasceu lindo! E minha vida voltou aos eixos (entrevista/2017).

Uma vida aguardando a atenção de outra vida. Uma vida de dedicação ao outro. Para Magnólia, a sua felicidade estava em realizar as vontades e os desejos de Narciso. Mesmo com os avanços dos últimos cinquenta anos, algumas mulheres ainda passam suas vidas ao lado de um homem como serviçais, anulam-se para que ele se destaque como o senhor da casa, repetindo um comportamento da época colonial vivendo uma grande tradição machista. Ou seja, “as leis mudam, mas o essencial continua intocado: mulheres continuam a educar seus filhos e tratar os maridos, reforçando a ideia de superioridade do sexo masculino” (DEL PRIORI, 2013, p. 7).

Retornando às reminiscências, Magnólia retoma seu relato nos seguintes termos:

Consegui, por conta de ele ser um dos diretores, ficar quase um ano de licença para tomar conta do nosso filho. Ele havia colocado outra

secretária no meu lugar e, quando retornei, ocupei novamente o secretariado da diretoria. A vida não foi fácil nesse período. Vivia ocupada e não tinha tempo de estar com ele, de atendê-lo em suas necessidades quando estávamos em casa (entrevista, 2017).

Percebe-se mais uma vez nos relatos de Magnólia, que a preocupação maior e angustiante é o pouco tempo que ela conseguia dispor para prover as necessidades do amante. Em nenhum momento, ela comentou que ele se dispôs em ajudá-la nos cuidados com o filho. No entendimento de ambos essa é uma tarefa exclusivamente feminina. E prossegue dizendo que,

Durante todo esse nosso tempo de relação, a mulher dele nunca apareceu para fazer escândalo. Não sei se ela nunca soube ou, se sabia, fazia questão de pensar que não sabia. Dificilmente aparecia na empresa e quando ia, me tratava cordialmente. Meus parentes mais próximos descobriram quem era o pai e minha mãe ficou feliz, porque pelo menos era um cara rico. Após alguns meses de volta ao trabalho, Narciso pediu para eu deixar de trabalhar para dar mais atenção a mim mesma, a ele e, principalmente, ao bebê. Realmente eu estava muito cansada daquela vida e achei a proposta maravilhosa. Mas, aí foi onde eu errei. Me afastar de tudo transformou a minha vida numa eterna espera. Esperava por ele chegar e, às vezes, nem vinha. E, quando vinha, tinha a certeza que ele só vinha até minha casa para ver o filho. Os dias passaram, os anos passaram, nosso filho crescendo e ele cada vez mais se afastando de mim. Senti que há muito tempo ele não me amava mais e o único elo entre nós era o nosso menino (Magnólia, entrevista/2017).

A eterna espera da promessa de casamento que comumente é utilizada por homens que não pretendem assumir um compromisso mais sério, principalmente se é casado, é queixa de uma parcela significativa de mulheres que se dizem ludibriadas. As mulheres anseiam por uma união. Não somente a união de corpos. Desejam a união de corações, de pensamentos, de desejos, de fuga da solidão. “União porque é exatamente o que homens e mulheres procuram ardentemente em seu desespero para escapar da solidão que já sofrem ou teme estar por vir” (BAUMANN, 2004, p.30). Alguns homens para suprir sua ausência e justificar seu gradual afastamento e provável desinteresse pela mulher, para diminuir sua culpa, cercam as amantes ou esposas de presentes no intuito de manter a consciência tranquila. Com relação a este fato, Magnólia relata que,

Fui presenteada com um apartamento de três quartos num bairro nobre de Manaus. Ele disse que nosso filho precisava de mais conforto e, principalmente, segurança. Nunca faltou nada para nós dois. Apesar de não trabalhar, ele continuava pagando o meu salário. Entrei numa

zona de conforto e ali fiquei. Já não me cuidava como antigamente e meus dias eram dedicados ao meu filho. Ele vinha constantemente visitar o filho e não passava disso. Nossos encontros para namorar e fazer amor foram rareando e ele começou a inventar mil desculpas para não estar presente na minha casa (Entrevista/2018).

Magnólia estava passando pelo mesmo sofrimento de uma esposa que ama o seu marido e se percebe enganada. No caso dela, diz que nos quase vinte anos de amasiamento, ele nunca falou que a esposa tivesse descoberto. Como ele era médico e proprietário de uma empresa do ramo da saúde, não tinha horários fixos. Ele sempre se desculpava em casa, que estava ocupado em uma urgência, de plantão ou outro compromisso no trabalho. Para as viagens que fizeram, ele inventava que estava indo para Congressos, cursos ou encontros.

Percebemos que as histórias de vida das secretárias entrevistadas tinham um dado em comum, todas haviam tido um envolvimento amoroso ou sexual com o patrão. Não obstante, a de Magnólia ser totalmente diferente das demais. Pelo tempo de duração, a relação dos dois tinha claramente os componentes de um casamento. Em Baumann (2004, p. 13), verificamos que a seriedade de um compromisso não impede que “um relacionamento significativo termine em dificuldades e amarguras quando um dos parceiros mantém o compromisso de levar a relação adiante enquanto o outro está ávido por caçar em outras pastagens”.

Magnólia estava preocupada com o tempo e a situação precária na qual se encontrava o seu relacionamento. Em relato, ela afirma que:

Após quase dois anos nessa situação, encontrei com uma amiga do escritório que me confidenciou que corria um boato de que ele estava tendo um caso com a nova secretária. Fiquei louca de ódio e resolvi investigar. Descobri que era verdade. Aquilo caiu em mim como uma bomba, Desabei num choro incontido. Queria bater, queria matar os dois, mas não fiz absolutamente nada! Fiquei apática. Só pensava no tempo que eu tinha perdido. Entrei em depressão e fiquei muito mal. Depois desse triste episódio, virei uma mulher sem vontade. Os dias e as noites eram iguais. Lutava para ter energia para cuidar do meu filho. Ele continuava vindo me visitar, fazia carinho e até sexo, mas eu travava. Depois de algum tempo as coisas ficaram insustentáveis e a separação foi inevitável. Eu sou a amante que foi traída por outra amante. Tive vontade de escancarar tudo para a mulher dele. Mas, ela não merecia. Nos tempos que ficamos juntos, sabendo ou não, ela sempre foi uma *lady*. Devo ter aprendido alguma coisa com ela. Ver, ouvir e calar (entrevista/2018).

Magnólia sentiu no próprio corpo a dor da traição a qual Abreu (2015, p. 86), indigita que “independente da forma como a traição acontece, de quem trai e é traída, a dor que se apossa do corpo do indivíduo traído é suficientemente forte e provoca muitos estragos na vida pessoal, profissional e particular”.

Magnólia viveu um grande amor, foi intenso e duradouro para um caso de concubinato. Não houve nessa relação a intenção por parte dela de ter um hoje que a provesses das necessidades diárias. Houve, realmente, muito amor e paixão, o esquecimento de si mesma para a satisfação do outro. Assim, conclui seus relatos da seguinte forma,

Hoje, me sinto frustrada. Ao olhar para trás vejo que perdi minha juventude apostando nesse amor. Ele nunca teve a intenção de casar comigo, assim como nunca irá casar com a atual amante e nunca irá se separar da mulher. Os homens são assim, mulher fora de casa é só para diversão. Meu filho que era a paixão dele, aos poucos, foi abandonado. Nós dois vivemos sozinhos no apartamento. Nunca tive grandes amizades, o que me faz muita falta. Me afastei de todos para viver esse amor de ilusão. Ainda tentei segurá-lo, mas o amor tinha acabado (Magnólia, entrevista/2017).

Bering (2013, p.189), aponta que, “amantes abandonados dedicam-se em geral a reconquistar seus amados. Eles dissecam obsessivamente a relação, tentando estabelecer o que deu errado; e empenham-se obstinadamente na criação de estratégias destinadas a reacender o romance”.

As mulheres apostam seriamente no amor. Elas desejam sempre que um homem honesto e fiel apareça em suas vidas e que juntos possam permanecer até o fim da jornada terrestre. Nas relações modernas, dificilmente isso acontece. As uniões passionais, imediatas e descontínuas estão crescendo em número de adeptos em detrimento das relações perenes. Encerrando a entrevista, Magnólia adverte que: “não sou mais nenhuma mocinha e não sei nem paquerar. Fujo de homem com medo de uma nova decepção. Assim vou vivendo a vida” (entrevista/2017).

As histórias de vida das mulheres amazônicas nos revelam o quanto são aguerridas e que, mesmo contra as forças contrárias, não se abatem, permanecem de pé.

4.2 Hortência e a violência moral enfrentada

Amor, paixão avassaladora, drama, ciúme, intrigas, um quantitativo de sensações exacerbadas permeia as relações extraconjugais, reverberando na família, no trabalho e nas relações sociais. Alguns amantes quando envoltos pela paixão, deixam de lado os cuidados inerentes ao sigilo de uma relação proibida e mergulham nas águas turbulentas e revoltas de uma sociedade que condena o amasiamento.

Nenhuma mulher ou homem concebe ser traída (o). Quando isso ocorre, é possível que o casamento sofra uma interrupção de imediato. Contudo, antes do rompimento, os corpos atingidos sofrem a dor moral que reverbera no físico e prova a dimensão dos transtornos que podem ser causados pela traição. A dor de quem é atacado pela perfídia é similar à dor da perda de um parente muito próximo. Não obstante, de alguma forma, a sensação sentida é que se perdeu uma parte própria. Algumas separações possuem um rompimento tão contundente que mesmo o casal tendo filhos, pode nunca mais manter um diálogo. Uma palavra jamais será dita de um para o outro.

Em nossa pesquisa de mestrado, cuja temática envolvia a dor da traição, Turmalina (18 anos) revelou que já havia sentido dores físicas. Porém, a dor mais profunda por ela experimentada foi a separação de seus pais, por traição do pai para com sua mãe.

Quando ele e a mamãe decidiram se separar, eu e meus irmãos não acreditamos muito que ele ia ter coragem de ir embora. Mas, quando eu vi que ele estava com a mala na mão dizendo que ia embora e se aproximou de nós e foi se despedindo eu quase morri. Era uma dor tão grande ardendo dentro do meu peito que eu pensei que não ia aguentar (Turmalina, entrevista/2012).

É possível identificar, porém não separar, a dor física da dor psíquica ou emocional, pois, quando a dor física ocorre reverbera no emocional e vice-versa. Saffioti (2004, p. 19), comenta que “feridas do corpo podem ser tratadas com êxito num grande número de casos. Feridas da alma podem igualmente ser tratadas. Todavia as probabilidades de sucesso em termos de cura são muito reduzidas e, em grande parte dos casos, não se obtém êxito”. Enfim, há uma combinação simbiótica entre marido e mulher, onde principalmente a esposa acredita que “não vivo sem você”. Contundentemente, quando o homem se torna o oxigênio da mulher, o rompimento da

relação se torna mais difícil para ela e um empurrão porta afora para o homem. Enquanto isso, a amante vai ganhando espaço na vida do casal. “No passado, o casamento foi o grande divisor entre a casa e a rua, os que se casavam perante a Igreja e os que viviam amasiados. Ou entre esposas e as outras” (DEL PRIORE, 2013, p.11).

Na pesquisa de campo, entre todas as secretárias entrevistadas, apenas uma delas relatou que não havia tido relações com o patrão, porque é homossexual, bem casada, tem um filho de 03 anos concebido através de inseminação artificial por sua esposa e se considera uma pessoa feliz. Violeta (28 anos) em relato nos revela que:

Não dou pinta de ser homossexual. Mas, por minhas atitudes e meu comportamento muito sério de não dar confiança, acho que os homens percebem e nem se aproximam de mim. Já sou secretária há dois anos e nunca meu patrão tentou me seduzir. Nossa relação é de respeito total.

Bourdieu (2011, p. 107), indica que “o surgimento de novos tipos de família, como as famílias compostas e o acesso à visibilidade pública de novos modelos de sexualidade (sobretudo os homossexuais), contribuem para quebrar a doxa e ampliar o espaço das possibilidades em matéria de sexualidade”. As novas constituições familiares estão sendo ampliadas e visibilizadas nos vários setores da sociedade atual.

No início dos relacionamentos extraconjugais, as contendas entre o triângulo amoroso não aparecem de imediato. O patrão e a secretária têm um período de jogo de sedução que, dependendo de ambos, pode acontecer de forma rápida ou se prolongar por alguns meses. “Investimentos, contra investimentos, eis a economia psíquica das pulsões e do sexo. Jogo, aposta e desafio são as figuras da paixão e da sedução”. (BAUDRILLARD, 1991, p.160). Em princípio, manter os encontros em sigilo absoluto é regra inviolável, principalmente por parte do patrão que teme por sua dignidade e respeito frente aos funcionários e a esposa. Ainda nos tempos atuais há um pensamento por parte de alguns homens que a esposa é a respeitável e a amante é a que pode e deve fazer de tudo na cama. Até o século passado, só a mulher casada era a mulher respeitada. Na atualidade, homens e mulheres vivem em concubinato ou união estável antes de contrair matrimônio. É como se fosse um período de estágio para o casamento.

Hortência (24 anos) é uma jovem com ânsia de viver tresloucamente. Não importa se o homem que conhecesse tivesse compromisso ou não, precisava de homens que contribuíssem para com sua vida financeira. Por algum tempo, vivia entre um emprego e outro, não conseguia se estabelecer por muito tempo em nenhum em virtude

de suas atitudes irresponsáveis: chegava atrasada, faltava muito, demorava a entregar uma tarefa e vivia conectada nas redes sociais. Assim, era sempre despedida do emprego. Quando conseguiu ser contratada na empresa para exercer a função na secretaria, resolveu levar a sério o serviço e fazer o possível para se estabilizar. Imbuída de grande determinação iniciou em mais um desafio. Em relato nos conta que, “já não era nenhuma criancinha e precisava tomar um rumo na minha vida. Precisava terminar o ensino médio, ingressar num curso superior e me fixar num emprego. Com esse pensamento, terminei realmente o ensino médio, fui aprovada no vestibular em uma faculdade particular e, mais do que nunca, precisava me estabilizar num emprego para poder arcar com as despesas do curso” (entrevista/2018). Mesmo com esse objetivo em mente, Hortência não conseguia se afastar dos prazeres e chamamentos da noite. Gostava de passear, frequentar barzinhos, flertar com vários homens, terminar a noite nos motéis da cidade. Paquerava os professores e os alunos mais velhos com o intuito de ter seu curso pago por um deles. Vejamos:

Eu gostava do joguinho de sedução. Às vezes, me fazia de difícil para valorizar o passe. Me ligavam e eu não atendia, afrouxava a corda e depois puxava para eles se enforcarem, eu adorava essa brincadeira. Eu sentia uma coisa estranha dentro de mim. Aquilo me dava tanto prazer que era quase uma droga. Por falar em droga, eu gosto muito de beber, mas nunca usei droga apesar de muitos caras com quem saí usarem. Eu gostava porque eles ficavam tão noiados que acabavam não fazendo nada e ainda por cima me davam uma boa grana (Hortência, entrevista/2018).

Hortência é de estatura mediana e chama atenção por possuir curvas voluptuosas. Gosta de usar vestidinhos curtos e colados ao corpo. Tem um olhar brejeiro e um rosto não muito bonito, mas gracioso. Tem um jeito moleque de quem vive brincando com a vida e um ar bem saudável. Esbanja energia. É uma mulher naturalmente sedutora. Baudrillard (1991, p.11):

Existe uma alternativa ao sexo ao poder que a psicanálise não pode conhecer porque sua axiomática é sexual e, sem dúvida, efetivamente da ordem do feminino estendido fora da oposição masculino/feminino, sendo masculina no essencial, sexual por destinação e não podendo ser subvertida sem propriamente deixar de existir. Esse poder do feminino é o da sedução.

O autor conclui que a sexualidade é fundamentalmente masculina e a sedução é arma exclusivamente feminina. Nesse jogo de esconde-esconde, de se expor e de se reservar, algumas mulheres conquistam homens que se tornam seus provedores. Baudrillard (1991, p. 113) sugere que, “a sedução calculada é o espelho da sedução natural, alimenta-se dela como de uma fonte, mas é para melhor exterminá-la”. As mulheres que buscam um provedor para suas necessidades não desejam casar-se ou manter um relacionamento sério, preferem ter seus programas de finais de semana garantido, a ida ao cabeleireiro e manicure, a ginástica em uma Academia elitizada, os figurinos da última moda e de “*grife*” famosa. Essas mulheres precisam estar sempre prontas para “matar”. É interessante pontuar que essas mulheres não se consideram prostitutas, garotas de programa e, muito menos, amantes. Elas consideram o provedor um amigo que as ajudam a ter uma melhor qualidade de vida em troca de alguns parcos carinhos. Em relato Hortência revela que,

Antes de trabalhar na Instituição de ensino na qual estudava, conheci um senhor muito bondoso que me ajudou muito e poderia dizer que devo o que sou hoje a ele (sqn). Estava num momento muito difícil da minha vida, desempregada e sem ter como me manter, tinha um rolo mal resolvido com um cara mais ou menos. Não gostava dele, mas não podia deixá-lo, porque não tinha nem o que comer e o que me salvava era estar morando com ele. Esta foi a pior época na minha vida e isso aconteceu porque meu pai, cansado das minhas loucuras, me colocou para fora de casa. Na época, não liguei porque estava trabalhando. Foi o tempo que eu conheci esse rapaz. Ele se apaixonou por mim e queria casar. Ainda bem que não fiz essa loucura (Hortência, entrevista/2018).

Quando os jovens vivem sob a dependência dos pais, irmãos ou parentes próximos, precisam obedecer as regras de convivência do lar ao qual estão sob proteção. Em alguns lares, ainda há regras rígidas como a proibição do uso de álcool e drogas, o horário de chegada das saídas noturnas, a contribuição mensal para as despesas da casa. Alguns jovens mantidos sob esse regime se rebelam contra a atitude dos pais acreditando que estão sendo explorados. Hortência, em relato, revela ainda que,

Trabalhava o dia inteiro e, nos finais de semana, gostava de sair para me divertir. Ia durante o dia para os flutuantes e passeios diversos e, à noite, para as baladas. Confesso que nesses passeios eu bebia muito, fazia coisas que depois nem me lembrava, e saía com um e com outro. Passava noites em motéis e só voltava para casa no dia seguinte. Então, todo final de semana tinha guerra lá em casa (entrevista/2018).

É pertinente informar que os pais de Hortência são evangélicos e, ela própria quando criança frequentava a igreja, porém não concordava com a vida que era exigida pelos dogmas da religião cristã. Nesse contexto, reportamo-nos ao século XVIII que Del Priore (2013, p. 20) indica que:

A família era inteiramente subordinada à figura do pai. Rei em casa, ali ele representava o Estado e a Igreja. Da mulher, além da submissão, esperava-se que exercesse plenamente a função de procriar e transmitir aos filhos valores morais e éticos; dos filhos, que aceitassem todas as regras, tanto afetivas quanto disciplinares, sem procurar questioná-las.

Configura-se que mesmo no século XXI, o patriarcado ainda encontra-se efetivamente presente. Em relato, Hortência nos revela sua relação com o namorado, o qual nomeamos como Jacinto (pseudônimo que será utilizado para preservar e garantir o sigilo do sujeito da pesquisa). Vejamos:

Quando conheci Jacinto estava desesperada, meu pai tinha me colocado para fora de casa, logo depois fui mandada embora do emprego e não tinha como me manter. O conheci numa dessas minhas idas para as baladas. Estava sem ter o que comer, mas precisava caçar alguém para me dar. É muito fácil encontrar alguém que lhe dê comida e bebida na noite. Você se aproxima, usa todo o seu charme e pronto! O cara cai que nem um patinho. Logo que eu o conheci, o achei um cara legal, mas era liso que nem eu. Ele trabalhava no Distrito Industrial e o que ganhava mal dava para se manter. Mesmo assim, sem ter para onde ir, fui morar na casa da família dele. Ninguém na casa dele gostava de mim. Então, quando ele saía de casa, eu também saía e passava o dia fora vagando nas ruas (Hortência, entrevista/2018).

Além de não gostar de seguir regras, muitos adolescentes não têm ideia do amanhã. Viver o hoje é o que importa. Quanto mais ela se afastava dos compromissos domésticos e teimava em contrapor-se com a família do namorado, mais angustiava antipatias e mal querências. Nesse conflito, buscava nas ruas da cidade provedores que lhe dessem um prato de comida. Nesse momento de desespero, um senhor de 58 anos a qual denominamos de Alecrim para mantê-lo sob o véu do anonimato da pesquisa, lhe estendeu a mão. Observemos:

Parece que o Alecrim caiu do céu. Eu estava sem saber o que fazer para resolver aquela situação. As brigas com Jacinto eram diárias, brigávamos por tudo. Como estava com ele por conveniência e não

por amor, eu fazia sexo com ele sem vontade nenhuma, pensava que tinha que aguentar aquilo para ter onde dormir. Sinceramente, algumas vezes me sentia sendo estuprada. Para completar, a família dele queria a todo custo me botar para fora. Nessas brigas, confesso que o irritava tanto que ele ameaçava me bater e ainda levei alguns empurrões e puxões de cabelo” (Hortência, entrevista/2018).

“No Brasil, felizmente, não há especificação do estuprador. Nesse caso, pode ser qualquer homem, até mesmo o marido, pois o que importa é contrariar a vontade da mulher, mediante violência ou grave ameaça” (SAFFIOTI, 2004, p. 57). Apesar da lei brasileira proteger as mulheres vítimas de maus tratos, muitas abstêm-se de denunciar o companheiro ou marido agressor por viver em dependência, principalmente financeira. Retornando ao relato de Hortência, voltamos ao homem “anjo que caiu do céu” na figura benévola de Alecrim. De acordo com suas próprias palavras,

Ele sentou-se do meu lado e conversamos durante todo o almoço. Falei de como andava minha vida e de tudo o que estava passando. Abri minha vida para um desconhecido, uma pessoa que se propôs a me ouvir como se fosse um pai. Trocamos números de telefone e, ao despedir-me, fiquei tão agradecida pela atitude de Alecrim que resolvi dar-lhe um beijo no rosto. Ao sair por detrás dele, dei um beijo na nuca. Ele me lançou um outro olhar. Vi que estava novamente me arriscando e que um novo joguinho se iniciava (entrevista/2018).

Esse gesto de agradecimento que partiu tão naturalmente de Hortência, pode ter sido percebido por Alecrim como um gesto de abertura e infinitas possibilidades de aproximação. Alberoni (1988, p. 141) adverte que:

A mulher jamais se entrega eroticamente de uma só vez. O seu entregar-se é sempre gradual. Já de longe examina o homem. Desde o primeiro olhar experimenta sensações favoráveis ou negativas. Deixa-se abordar somente quando o desconhecido que causou boa impressão, quando seu cheiro lhe agrada, enfim, quando a interessa.

Já Schmitt (1995, p.152), lembra que “os movimentos exteriores do corpo traduzem os movimentos interiores da alma”. Como abordado já anteriormente, a entrevistada Hortência gostava de ousar, rebelar-se, aventurar-se. Sua motivação de viver vinha da adrenalina provocada por sua vida sem amanhã. Vivia em busca de fortes emoções. Hortência nos revela que: “assim que tomei o ônibus de volta para casa o telefone tocou, era Alecrim me dizendo que tinha uma grande surpresa e que eu ia ficar muito feliz com a notícia. Mas, ele não podia falar por telefone. Marcamos um encontro

para o dia seguinte” (Hortência, entrevista/2018). A curiosidade é uma das armas mais poderosas para a conquista de um ser humano. É quase impossível resistir ao apelo tentador de ser pego por uma surpresa totalmente inesperada. Conforme palavras de Hortência, ela mal conseguia conter tanta ansiedade.

A promessa de ajuda veio de imediato por parte de Alecrim. Ele solicitou que Hortência deixasse a casa do namorado que ele se encarregaria de pagar um aluguel para ela e prometeu também arrumar-lhe um emprego. Vejamos:

De repente, minha vida tinha mudado da água para o vinho. Foi difícil convencer o Jacinto que eu precisava ter meu canto. Então, mudei para uma casa de um quarto, próximo onde eu morava com ele. Alecrim me dava de um tudo, fazia o rancho, renovou meu guarda roupa que estava péssimo, me encheu de bijuterias, bolsas e sapatos. Passeávamos nos *shoppings*, saíamos para almoçar, entre outros programas. Ele só não estava disponível à noite e nos finais de semana, o que entendi de imediato que era casado. Mas, não me importei com o fato (Hortência, entrevista/2018).

Envolvida com as promessas e os presentes, só pensando no hoje, algumas mulheres deixam-se envolver pela oportunidade que o dia lhes apresenta. O hoje de Hortência estava em Alecrim, sua tábua de salvação. “Até então, ele não me pedia nada em troca. Se contentava com algumas carícias e alguns beijinhos” (entrevista/2018). “O que para o homem são apenas encontros eróticos descontínuos, julgados independentemente uns dos outros, na mulher são etapas, em cada uma das quais exigiu do homem a superação de uma prova [...], o que para ele é surpresa, para ela é escolha, é decisão”. (ALBERONI, 1988, p. 143). “Após dois meses nessa convivência ele, sem nem me perguntar, entrou num motel e me disse: a partir de hoje você é minha!”. (entrevista/2018). A carta estava lançada e o castelo de cristal de Hortência estava iniciando a trincar. Após uma breve pausa, Hortência continuou a relatar suas memórias:

Você pode se encontrar com Jacinto, porque já era seu namorado antes de eu te conhecer, não tenho ciúme dele. Assim como você não deve ter ciúmes da minha mulher. Não quero nunca ver você envolvida entre eu e minha esposa, assim como não quero que você se envolva com nenhum outro homem além de mim e do seu namorado. Nesse dia, ele se mostrou extremamente carinhoso, demorou nas preliminares. Porém, o seu tempo de ereção foi mínimo. Mas, fingi que tinha gozado (entrevista/2018).

Durante todo o período em que estive com Alecrim, os presentes e dengos se sucediam sem parar. Depósitos de até mil reais eram feitos na sua conta. Ele bancou um tratamento dentário e a carteira de habilitação para ela. Logo ela ganhou um cartão de crédito e todas as suas vontades eram realizadas.

Durante esse período, fui convidada por Alecrim para trabalhar na sua empresa, local que coincidentemente eu estudava. Passei a trabalhar na secretaria e ninguém desconfiava da nossa relação. As meninas do setor desconfiavam que eu tinha uma pessoa rica me mantendo, pelo modo com o qual me vestia, com roupas da última moda (Hortência, entrevista/2018).

Jovens quando atendidos nos seus anseios, esquecem que quando há dívidas, há cobranças e essas cobranças vão ficando tão incisivas ao ponto do pagamento se revestir de dor. Alecrim começou a mudar o seu comportamento. Já ficava furioso quando sabia que Hortência saía para a balada com o namorado. Começou a proibir o uso de muita maquiagem, reclamar das calças justas e das saias curtas. Paulatinamente, foi se tornando um déspota. Conforme Bourdieu (2011, p. 40):

Apesar de algumas mulheres romperem com formas e normas tradicionais de contenção, apontando sua atual exibição controlada do corpo como sinal de liberação, basta lembrar que o uso do próprio corpo continua, de forma bastante evidente, subordinado ao ponto de vista masculino.

O cerceamento da sua liberdade começou a incomodar Hortência, que em relato lembra: “sempre primei pela minha liberdade. Nunca gostei de repressão, nem do meu pai”. Hortência acostumara-se com sua liberdade, não dava satisfação para ninguém de suas idas e vindas, estar subjugada por alguém era inadmissível. “A liberdade das mulheres: eis o grande medo. Ela ameaça a ordem patriarcal, as relações milenares entre os sexos, a paz das famílias, os privilégios falocráticos, os papéis amorosos e a ordem da criação” (PERROT, 1995, p. 181). Conforme Hortência relatava os acontecimentos percebeu-se que, a pessoa que em princípio tinha sido um anjo em sua vida, paulatinamente se transformara.

Em muitos relacionamentos como casamentos, namoros, uniões estáveis entre outros, pode acontecer de o (a) companheiro (a) se manter sob uma caracterização, não revelando sua real identidade. Após alguns meses de convivência ele começa a se mostrar como realmente o é. Goffman (1985, p. 79), assinala que “o ator torna-se sua

própria plateia; ele vem a ser ator e assistente do mesmo espetáculo. [...] Ele interioriza ou incorpora padrões que procura manter em presença de outros, de tal modo que sua consciência exige que proceda de maneira socialmente adequada”. Em relato contundente, Hortência nos revela o que aconteceu nos seguintes termos:

Ele já não conseguia viver sem mim. Me pediu em casamento, queria ter um filho comigo. Pensei que ao casar com ele poderia ter tudo o que sempre sonhara, mas, ao mesmo tempo, achava um preço muito alto: a minha liberdade. Pensei muito e, enfim, o inesperado aconteceu. Após quase três anos nesse relacionamento, a esposa dele descobriu tudo! Chegou na empresa com um chicote e uma tesoura, pretendia me dar uma surra e cortar meus cabelos. Entrou na secretaria gritando! “Cadê essa vagabunda?” Meu santo é muito forte, porque justo naquele dia eu tinha faltado. Estava me sentindo mal do estômago e com a anuência de Alecrim tinha ido ao médico. Alguns funcionários interviram e a acalmaram. Nem eu e nem Alecrim estávamos presentes, o que suscitou em todos, que estávamos juntos (Hortência, entrevista/2018).

Cansada de estar mantendo essa relação com um homem que se mostrava a cada dia mais intransigente e as cobranças frequentes do namorado com perguntas as quais não poderia responder verdadeiramente, Hortência viu no escândalo um motivo para acabar de uma vez por todas com a relação. Contudo, o tiro saiu pela culatra, ao saber do caso a esposa o expulsou de casa. Qual não foi sua surpresa ao chegar em casa e dar com Alecrim esperando por ela. Queria trazer suas coisas para morarem juntos. Alguns homens quando não estão mais satisfeitos com o casamento aproveitam a descoberta da traição para abandonar de vez seus lares e constituir uma nova família. Com relação a essa situação, vejamos o que Hortência relatou:

Eu não acreditava no que estava vendo: ele de mala e cuia na porta de casa querendo ficar. Falei que eu precisava me preparar, que Jacinto não ia gostar, que poderia haver outro escândalo, que eu não merecia isso, usei todos os argumentos possíveis e imagináveis. Acho que usei até os impossíveis para tirar aquela ideia da cabeça dele. Depois de muito papo, convenci que ele fosse passar a noite num hotel. Ele concordou desde que eu fosse com ele. Para não piorar minha situação, fui. Inventei para Jacinto que precisava trabalhar no meu TCC e, por isso, precisava dormir na casa de uma colega. Assim feito, fui com Alecrim (entrevista/2018).

Muitas vezes, as pessoas entram num “beco sem saída”, esmagadas por sua falta de intemperança. Hortência foi obrigada a seguir por um caminho que a cada passo se estreitava. Na vida de todos há o livre arbítrio. As escolhas e as trilhas a serem

percorridas vão depender dos nossos desejos e atitudes pensadas ou impensadas. Ao dar continuidade ao relato, Hortência em tom de exaltação narra nos seguintes termos:

Algumas surpresas desagradáveis estavam me aguardando naquela noite. Sabia que uma parte da fortuna de Alecrim era oriunda da esposa dele, mas não sabia que toda a fortuna deles era herança do pai dela. Ele tinha muito dinheiro, porque administrava a herança da esposa. Separado dela, ficaria sem nada! Inclusive sem o emprego. Eu já estava pensando em abandoná-lo com dinheiro. Imagina se eu ia querer um velho liso (entrevista/2018).

Algumas mulheres são como Hortência, procuram no homem o sustento e uma melhor situação financeira. Investem nesse tipo de relação no afã de adquirir e acumular bens materiais. O amor recíproco dificilmente faz parte desse contexto. Geralmente, um tenta tirar o melhor proveito do outro. As trocas dos objetos palpáveis pelo prazer de manipular um corpo são os termos que regem essas relações. Há décadas passadas, até a segunda metade do século XX, “o casamento era concebido primordialmente como união de dois patrimônios familiares com vistas à constituição de uma descendência, não requerendo dos cônjuges, portanto, nada além de que mutua compreensão e estima” (SOUZA, 1999, p. 26). Na atualidade, o que rege as relações são, principalmente, as trocas sexuais e os interesses pessoais. Hoje competindo na luta por um lugar ao sol, a mulher não aceita as imposições e injustiças que, no passado, marcaram presença na sociedade familiar. Por um lado, ela aceita as imposições masculinas e, por outro, ela rejeita.

Com relação às imposições de Alecrim, Hortência se rebelou. Disse que não o aceitaria na sua casa, que quem pagava era ele. Discutiram, passaram a noite conversando e não chegaram a um acordo. Em relato Hortência pondera que:

Eu não podia revelar um segredo que até aquele momento eu estava escondendo. Há uns dois meses antes dessa D.R. eu tinha conhecido um rapaz numa dessas baladas que eu ia. Nesse dia, Jacinto não pôde me acompanhar e eu fui só com as minhas amigas. Ele é um rapaz muito lindo, moreno, alto, os olhos castanhos claros, um Deus grego, como dizem. De imediato, ele chamou minha atenção. Após algumas doses de tequila, eu já estava nos braços dele. Ele tinha um beijo muito gostoso e não resisti. Passamos a noite juntos e passamos a nos encontrar esporadicamente. Era difícil driblar Jacinto e Alecrim. Só sei que no final das contas, a tal dor de estômago que sentia era gravidez. Fiquei grávida de um negro e precisei fazer aborto. Como explicar para os dois, que eram brancos, que aquela criança que com certeza ia nascer negra era filho de um dos dois? (Entrevista/2018).

Os gestos e as atitudes impensadas, geram desconfortos e problemas. Até para Hortência que não levava nada a sério, a vida tomou um rumo que fugiu ao seu controle. Era necessário utilizar estratégias e encontrar soluções para transpor mais um obstáculo que se apresentava à sua frente. “Na espécie humana todos os estímulos funcionam como estímulos condicionados, necessitam de um reforço. O prazer não pode ser uma repetição do prazer passado. A repetição do passado é somente tédio. A vida tem horror a repetição” (ALBERONI, 1988, p. 141). As aventuras de Hortência para lhe causar prazer precisavam, a cada tempo, ser inovadoras. As emoções diferenciadas provocavam nela o desejo de transgredir. Analisemos os relatos de Hortência,

Após o aborto, entrei numa depressão muito séria. Me arrependi do que tinha feito, mas, ao mesmo tempo, achava que tinha feito a coisa certa, porque se eu não tinha nada para mim, imagina criar uma criança sozinha. Com certeza, nenhum dos dois iria querer assumir o filho de um terceiro. Não conseguia nem olhar para a cara de Alecrim, me enojei dele e de suas atitudes. Como estava reclusa em casa, Jacinto veio morar comigo. Ele passava o dia no Distrito e eu estirada numa cama. Ele tinha sido promovido e passou a pagar o aluguel da casa. Aos poucos e com a depressão consegui me afastar de Alecrim. O tempo que passei doente me fez refletir muito na vida desregrada que eu levava (Hortência, entrevista/2018).

Ao atingir uma certa idade, os indivíduos procuram fazer uma leitura de suas vidas, o momento de reflexão é primordial para a elaboração de um novo rumo, um novo caminho na vida. Passada a adolescência, inicia-se a fase adulta em que o futuro apresenta-se ameaçador, caso algumas atitudes maduras e sábias não sejam tomadas. No caso de Hortência, essa reflexão chegou num momento de dor, desesperança e medo do futuro. Eram necessárias medidas urgentes para que o “mergulho ao fundo do poço” não se transformasse em uma tragédia grega.

Precisava dar um novo rumo na minha vida. Me dedicar ao Jacinto que, entre altos e baixos, demonstrou o quanto me amava sem cobrar nada em troca. Ele sempre estava lá para me apoiar e com esse jeito dele, eu percebi que sempre gostara realmente dele e que minhas loucuras e minha ânsia de viver perigosamente com muita adrenalina, tinham sufocado meus sentimentos (Hortência, entrevista/2018).

“A ligação amorosa é impossível se não existir uma forma qualquer de futuro. O futuro mais simples, aquele que pode ser experimentado diretamente no presente, é algo mais. Algo mais que ontem, algo mais que imaginamos uma hora atrás. Algo mais que

dizer adiante, movimento, crescimento” (ALBERONI, 1988, p. 140). Hortência percebeu que era extremamente necessário sair do marasmo no qual se encontrava. Vejamos:

Precisava urgentemente trabalhar, concluir minha faculdade, sair daquela inércia. Com muita força de vontade e a ajuda de Jacinto consegui sair daquela apatia. Consegui arrumar um emprego na minha área, dou aulas à noite em uma faculdade, fiz um concurso público e fui aprovada. Minha vida tomou outro rumo. Continuo gostando de festas e shows. Diminuí em muito o consumo de álcool, procuro evitar fazer muitas besteiras como fazia antes. Agora estou mais velha, mais consciente, mas ainda meio maluquinha. Dei um tempo no meu relacionamento com Jacinto, mas ele continua sendo meu amigo, quem sabe no futuro? Estou com a vida mais ou menos estabilizada. Consegui fazer as pazes com meu pai e já voltei a frequentar a nossa casa. Porém, prefiro continuar morando sozinha. Não consigo mais viver tendo que obedecer a ordens e cumprir regras. Enquanto isso, vou tocando a vida, me divertindo e esperando nunca mais encontrar outro Alecrim na minha vida. Mas, nunca se sabe, né? (risos) (entrevista/2018).

Ao encerrar seu relato, percebemos que apesar de tantos contratempos numa vida tão jovem, tantas aventuras e decepções sofridas, Hortência não demonstrava arrependimento. Não havia a censura contra si própria. Falou, inclusive, que faria tudo de novo, mas de outra forma. Estava consciente de seus erros e acertos. Encerrando a entrevista ela parafraseando Roberto Carlos, me diz: o importante é que emoções eu vivi!

4.3 Notas (in) conclusas

Dúvidas, interrogações e algumas (in) conclusões marcam esse estudo. Reconhecer que as mulheres amazônicas trazem no seu corpo uma gama de intenções vistas pelo viés do preconceito e das más intenções que buscam denegrir a imagem do seu corpo estigmatizando-o como objeto à disposição do homem é uma falácia iniciada nos primórdios da colonização cujos respingos são sentidos até os dias atuais. De acordo com Carvalho Júnior (2011, p. 40),

Registros e relatos se multiplicavam na medida em que os europeus se debruçavam sob os mistérios dos ‘novos’ mundos fossem eles o ocidental ou o oriental; fossem eles a representação dos continentes africano, asiático ou americano. Aquele mundo ampliado pelas

descobertas marítimas ainda estava se libertando paulatinamente do imaginário povoado de monstros e encantamentos.

O paraíso amazônico causou grande impacto no olhar do viajante ao se deparar com a exuberância da floresta, da fauna, da flora e dos atributos naturais da mulher indígena. Em relato, Tulipa, que exerce a função de vendedora durante o dia e, à noite, cursa Educação Física, nos revela que:

Para aumentar minha renda mensal, nos fins de semana atuo como bailarina de um grupo de boi bumbá. Às vezes, quando aporta algum navio no Porto de Manaus trazendo turistas estrangeiros, também somos convidados a dançar a bordo. É impressionante o fascínio que causamos nos gringos. Até as penas do nosso figurino que caem no chão eles pegam para guardar de lembrança. Alguns mais enxeridos, até nos convidam para sair. Tenho conhecimento do básico de inglês e sei quando isso acontece. Se dermos confiança mesmo, eles nos levam para fazer programa. Eu nunca fiz isso, mas sei de alguns colegas homens e mulheres que já fizeram. (Tulipa, entrevista/2017).

Salientamos que as bailarinas dos grupos folclóricos de bois são, geralmente, mulheres morenas, de corpo malhado que chama a atenção por sua beleza plástica. Erotismo e sedução exalam desses corpos bronzeados, pintados e adereçados com penas e plumas. Uma novidade para o estrangeiro que se deixa contaminar pelo fascínio que é exercido por essas mulheres.

Desde o século XVII, época em que os primeiros viajantes chegaram a Amazônia, as mulheres dessa região são estereotipadas como pessoas de sangue quente e lascivas sexuais. Torres (2008, p.171) considera que, “tanto o determinismo geográfico do clima quente que tornava as pessoas preguiçosas e lascivas sexuais, quanto o infernismo das doenças tropicais e mesmo o edenismo que concebeu a Amazônia como o jardim das delícias, colocou os indivíduos amazônicos em suspensão, desarticulado do contexto histórico que o formou”. Ao encontrar mulheres que andavam despidas, os viajantes não entenderam que a nudez do indígena é um elemento constitutivo cultural do modo de ser e estar no mundo. Complementamos a fala da autora ao inserir que, na época atual, ainda estão presentes olhares atravessados e moralistas que condenam a forma como a mulher nortista se traja. Em relato, Tulipa revela que,

Como sou da dança e da Educação Física, uso muito shortinho curto, camiseta e top. Meu corpo fica sempre à mostra. Ando de ônibus pra

cima e pra baixo. Passo o dia todo com o uniforme da loja e quando saio de lá, já saio de shorts e camiseta. É só botar o pé na rua que a coisa começa: são assobios, gritos de gostosa, boazuda, aquele nome horrível que eu odeio, convite para dar “uma” e outras putarias que a senhora já sabe. Em Manaus, tem muito homem mal-educado, parece que nunca viu mulher (Tulipa, entrevista/2017).

As mulheres entrevistadas se sentem ofendidas com o assédio no âmbito público pelo gênero masculino. É importante observar que muitas retrucam e tomam satisfação com o assediador. Outras, porém, calam-se. Principalmente, por vergonha. Ficam constrangidas com a situação, acreditam que é melhor deixar para lá. É imprevisível a reação contrária do agressor. O medo de uma represália as detém.

A partir dos estudos da sexualidade do gênero feminino na Amazônia, percebeu-se quão necessário se faz a partir de um estudo à luz da cientificidade, entender quando essa peja começou. Na época da colonização, preconceitos de toda ordem foram lançados aos indígenas. Carvalho Júnior (2011, p. 74) assinala que, para alguns pensadores desse período “os índios eram excessivamente simples; sua razão não seria mais previdente e iluminada que a dos animais; seus olhos espelhariam uma alma sem função alguma; sua indolência seria extrema e sua imbecilidade tão visível que mal se diferiam dos animais”. Toda essa antipatia e esses olhares enviesados contra o nativo da Amazônia contribuíram para a construção negativa sobre esses indivíduos.

Fez-se necessário lançar mão do estudo de campo para que pudéssemos compreender a delicadeza do assunto, que foi e é merecedor de uma atenção especial. Entende-se que ao desembarcarem nas terras amazônicas e se depararem com mulheres sem vestes, os estrangeiros não poderiam entender que elas eram culturalmente desnudas. Desse primeiro olhar do branco europeu pode ter surgido a ideia de que a intenção dessas mulheres era atizar a libido e o desejo dos homens do além mar. Vimos anteriormente que, na Amazônia, o uso de roupas leves como, saias, shorts e camisetas é natural durante os doze meses do ano, pois o calor escaldante e o clima tropical favorece a exposição de corpos bronzeados pelo tórrido sol do norte do país.

Seria fácil ao nativo da terra entender o modo de ser das mulheres amazônidas. Todavia, há uma dicotomia sobre o que está posto e o que deveria ser posto em regra. Em relato, Dália (23 anos), um dos sujeitos da pesquisa, revela que, “não entendo esses homens de Manaus, onde a gente passa tem mulher de coxa, bunda e barriga de fora. Mas, parece uma coisa, se você for feia ou bonita, não interessa, eles vão mexer. Me dá

uma raiva tão grande, porque eles não se mancam. Não veem que eu não vou dar confiança pra esse monte de caboco” (entrevista/2017).

É perceptível também, a rejeição da mulher amazônica para com o homem nativo. Algumas foram incisivas em taxá-los com adjetivos depreciativos. Inversamente proporcional é o fascínio que os homens do sul e sudeste do país exercem sobre essas mulheres. Acredita-se que, no imaginário feminino da mulher brasileira, ainda se encontra a marcante presença do eurocentrismo. O sonho de ter nos braços um príncipe branco, loiro e de olhos azuis ainda é acalentado nos dias atuais.

Mesmo tendo conhecimento dos usos e costumes e entendendo da questão cultural, o próprio homem amazônico busca satisfazer seus desejos abjetos assediando as mulheres no espaço público. A grosseria vai das palavras obscenas aos assobios e o apalpamento das partes pudendas, tanto do próprio assediador, quanto da vítima.

É muito difícil para as mulheres manauaras transitarem livremente pelo espaço público, principalmente se forem jovens, belas e sorridentes. Sempre os homens imaginam que as mulheres estão seduzindo-os ou os convidando para atividades íntimas, engendrando em suas cabeças inúmeros atos e atitudes libidinosas. Alberoni (1988, p. 12) considera que “os homens, ficam excitados com a nudez da mulher e fantasiam um relacionamento sexual com ela. Há alguns anos, antes da legitimação da pornografia, havia fotografias e desenhos que os homens passavam de mão em mão, secretamente”. A masturbação é a forma mais rápida de satisfazer esses desejos. É relevante imaginar como os viajantes ficavam ao ver a figura desnuda da mulher amazônica. “Na pornografia masculina as mulheres são imaginadas como seres fabulosamente sensuais, arrastadas por um impulso irresistível de atirar-se sobre o pênis masculino, isto é, do mesmo modo como os homens fantasiam comportar-se com elas”. (IBIDEM, p. 13). Nos relatos coletados, a maioria das mulheres comerciárias mostrou-se incomodada quando assediadas no espaço público.

Na pesquisa, fez-se necessário atentar para as mulheres desta terra com um olhar desviado do preconceito e da moralidade exacerbada, entendendo-se que, na atualidade, várias regras ditas morais como por exemplo falar “palavrões”, já foram incorporados ao linguajar corriqueiro também das mulheres.

Na tentativa de entendermos os caminhos que as mulheres percorreram durante séculos trazendo em suas bagagens esses estigmas, percebemos que, mesmo com toda resistência, a bagagem do preconceito que paira sobre a mulher amazônica de ser lasciva sexual não foi descartada. Nesse contexto, coletamos as falas de várias mulheres

urbanas da cidade de Manaus, estando, pois, atentas às questões norteadoras do estudo, procurando compreender sem o olhar da censura, que as raízes dessas mulheres são da terra, do mato, da selva e, também, do asfalto.

Cada mulher é uma mulher única, específica, própria e nela pode conter uma infinidade de mulheres. Perrot (1995, p. 179), aponta que:

A mulher é ao mesmo tempo o sangue e os lírios, branca madona, lilial jovem das auroras transparentes e cheias de promessas pérfidias, Salomé das tardes púrpuras; a vítima e o carrasco; amazona liberta e guerreira, rainha dos bosques e das fantásticas cavalgadas, a criança ingênua e carinhosa; a água e o fogo, a liberdade das florestas e o afundar dos pântanos nauseantes; a Virgem e a prostituída.

Pode-se dizer que na alma de cada mulher existam os diversos espectros citados pela autora, inclusive na alma das mulheres amazônicas. Não foram as falácias dos colonizadores que as envergarão, nem os preconceitos gerados até os dias atuais que as envergarão. Pelo contrário, essas mulheres teimam em não se dobrar. O pensamento da mulher amazônica é de luta em favor da sua liberdade de ser e de agir, independendo dessa sua suposta facilidade em atrair e seduzir o gênero oposto. Com seu jeito peculiar de ser, não indica que estejam prontas às tentações e prazeres luxuriosos. De acordo com Baudrillard (1991, p. 14):

Ora, a mulher nada mais é que aparência. E é o feminino como aparência que põe em xeque a profundidade do masculino. Ao invés de se insurgirem contra essa forma injuriosa, as mulheres fariam bem em se deixar seduzir por essa verdade, pois aí reside o segredo do seu poder, que estão quase a perder, levantando a profundidade do feminino contra o masculino.

Acreditamos que na citação do autor encontre-se uma verdade que, após duas décadas, as mulheres começaram a incorporar no seu ser e estar mulher. Após a constatação desse poder, pensamos que no momento esse insurgimento está sendo estabelecido.

As mulheres do espaço amazônico possuem uma atitude de molequice misturada com uma essência marota, um toque de inocência aflora no olhar e no sorriso, não obstante, com dados claros de esperteza. Algumas dessas mulheres estão abertas às comunicações fáceis. Por isso, talvez, as entendam como prontas aos prazeres sexuais. Entendemos que, por outro lado, essa abertura de comunicação possa ter concebido uma

leitura errada por parte das mulheres e de homens de outras paragens. Os preconceitos gerados contra as mulheres amazônicas desde os tempos coloniais vieram conduzir as falácias e as informações inverídicas até hoje perpetradas contra as mulheres amazônicas de serem lascivas sexuais. De acordo com Torres (2005, p. 66 e 67), “o estigma da mulher exótica e disponível sexualmente, é uma imposição discriminatória [...] é sobre sua condição étnica que recai mais facilmente os pejos discriminatórios [...] a imagem da mulher fácil e exótica não passa de um rótulo”. Pode-se dizer que a lascividade e fogsidade da mulher amazônica é uma falácia, uma construção androcêntrica para depreciar a imagem da mulher indígena deixando-a em desvantagem na sociedade colonial.

A nossa intenção nesse estudo consistiu em compreender o que realmente aconteceu ou ainda iniciar um estudo investigatório de percepção e entendimento de como esse fato realmente aconteceu, para que se estabelecesse tão fortemente e tivesse folego para chegar ileso até a atualidade. A outra questão partiu sobre a associação das ideias do patriarcado na Amazônia, que indicava uma introjeção da inferioridade e da menoridade da mulher no Novo Mundo. Era preciso manter o domínio não só sobre o território, mas também sobre o pensar. Torres (2014, p. 17) explica que, “o olhar androcêntrico de verniz patriarcal se voltou para o Novo Mundo de forma alargada e exacerbada. Tem-se aqui uma urdidura de gênero que marca o olhar dos viajantes com relação às mulheres, vistas como canibais e lascivas sexuais”. Foram séculos de notas e comentários discriminatórios contra a integridade da mulher amazônica.

Sabe-se que não foram as mulheres que escreveram sua história. A mulher era impedida de aprender a ler e a escrever. As que conquistaram essa liberdade de expressão foram impedidas de divulgá-la ou mantinham-se sob pseudônimos masculinos. Durante séculos seus escritos foram mantidos em segredo ou destruídos por elas mesmas antes da chegada de sua morte. Diários e escritos romanescos foram queimados. Muito da literatura que esclareceria a posição da mulher na sociedade e nos recônditos dos lares foram levados nas suas escassas memórias para os túmulos. Ao escrever a história das mulheres, os homens omitiram, negligenciaram e mentiram, denegrindo a imagem da mulher, transformando, principalmente, a mulher amazônica num ser assaz incapaz, indigno e imoral.

Diferentemente do que está estabelecido na história, o estudo nos conduziu para um universo onde as mulheres amazônicas são como tantas outras mulheres do Brasil e do mundo, insatisfeitas com seu modo de viver abaixo dos desmandos masculinos, tanto

no âmbito do trabalho, quanto do lar. Ao tentar sair da prisão dos olhares preconceituosos, a mulher envereda por um campo minado, onde suas conquistas pessoais são tidas como alteração do comportamento social da mulher. Geralmente, se diz que determinada mulher conquistou esse ou aquele lugar ao sol, assim como sua independência financeira, porque saiu com um homem que lhe proporcionou essa escalada. No pensar do público, dificilmente a mulher atinge um patamar de excelência, levada por seus próprios méritos. Del Priore (2013, p. 177) sinaliza que, “no passado, o corpo da mulher era visto com as marcas da exclusão e da inferioridade”.

Entendemos que a luta é árdua e nossas notas (in) conclusas são colocadas dessa forma porque em nenhum momento da pesquisa, mesmo entrevistando mulheres extremamente ousadas, foi possível afirmar que as mulheres dessas *plagas* estejam sempre prontas às aventuras sexuais. É certo que, de um outro prisma, o campo apontava que existe sim essa mulher aventureira que procura manter-se financeiramente seduzindo os homens, o que não é exclusividade da mulher amazônica. Não obstante, percebermos que essa atitude também, não é regra geral. Que em alguns momentos e conforme a oportunidade algumas jovens se atiram dessa forma nos relacionamentos, na busca de oportunidade de melhoria financeira e social, e, por outro lado, se atiram, mas têm vergonha de estar nessa situação. Então, escondem-se, ficam a margem da sociedade, aguardando e sonhando com dias melhores. Muitas são guerreiras, sustentam sozinhas suas famílias, não dão chance aos desmandos dos homens, preferindo “estar só que mal acompanhadas”.

São mulheres comerciárias que saem para os seus trabalhos quando ainda o sol nem raiou e retornam com a noite alta após um dia todo de trabalho exaustivo e algumas horas de estudos. São mulheres que não se deixam abater com os problemas do dia a dia, pois no dia seguinte o sol nascerá novamente trazendo novas oportunidades. Conhecemos mulheres que sozinhas tentam encaminhar seus filhos para uma vida sem tantos sacrifícios, promovendo a eles acesso aos estudos, cobrando suas participações nas aulas, acompanhando de perto o desenvolvimento intelectual destes para que possam ter um futuro mais promissor com a garantia de emprego com renda suficiente para mantê-los. Existe uma preocupação constante com o bem-estar de suas famílias. As mulheres comerciárias passam os dias na luta e não sucumbem aos inúmeros reveses que a vida diuturnamente lhes apresenta.

A ciência tem uma dívida social para com as mulheres que, historicamente, foram invisibilizadas e silenciadas nos estudos. Os primeiros registros estão

relacionados há apenas algumas décadas passadas e, com relação a sexualidade da mulher amazônica, pouco ou nada tem sido pesquisado. Concordamos com Del Priore (2010, p. 9), no sentido de que “ainda faltam mais historiadores, homens e mulheres que interpretem com maior frequência o estabelecimento, a gênese e a importância dos fatos históricos que envolvem as mulheres”. É preciso, pois, que esclarecimentos como este, construídos à luz da ciência, justifiquem ou desmitifiquem a atual e forjada condição da mulher amazônica de carregar a falácia de ser lasciva sexual.

4.3.1 Algumas Considerações

Ao longo desta pesquisa, foi possível constatar que o patriarcado e o preconceito são o cerne das questões relacionadas às mulheres amazônicas e a aceitação de sua sexualidade e erotismo na sociedade. Este foi o parâmetro seguido pelo estudo para que fosse possível identificar o problema engendrado no contexto social sobre a falácia de as mulheres da Amazônia serem lascivas sexuais. Inicialmente, quando a abordagem inclinou-se para o assunto corpo, ficou clara a diferenciação existente entre o corpo e a corporeidade das mulheres de Manaus e as mulheres sulistas, ou mesmo, europeias. Para o estudo proposto, foram elencadas três categorias de análise que nos remeteram ao marco teórico de forma consistente e objetiva. Contudo, dentro dessas três categorias e com relação às diversas sexualidades contidas no corpo do gênero feminino, consideramos apenas a heterossexualidade, por entendermos que o estudo das diferentes sexualidades comportaria uma discussão profunda que poderia ser tema de uma dissertação ou outra tese. Não achamos pertinente enveredarmos por uma temática tão importante de forma superficial.

É possível encontrar indivíduos do mesmo gênero, porém diferentes. Causa disso é o reflexo da formação histórica, cultural e social destes. Tal relevância é dada pela constatação identificada na história de corpo e de gênero e pela formação dos indivíduos nas sociedades patriarcais, tanto em épocas passadas, quanto na atualidade. Além das relações sociais que estes estabeleceram com outros ao longo de suas vidas. Vale ressaltar, que as relações estabelecidas entre os indivíduos e seus pares, bem como com o lugar onde vivem, representam o sentimento de pertencer a um determinado grupo, seguindo costumes e crenças. Isso é o fundamento cultural que dá sentido ao seu modo de vida. No entanto, a mulher, de um modo geral, está vivenciando as transformações sociais decorrentes das constantes mudanças, dado a evolução da

humanidade e, principalmente, devido ao estabelecimento de novos modos de compreensão e aceitação de novas formas de relacionamentos e orientações sexuais diversificadas.

Ao fazer uma análise da sociedade atual sobre o meio em que se encontra inserido o gênero feminino, observamos que o efeito do sistema patriarcal de outrora ainda perdura até os dias de hoje, refletindo diretamente sobre o modo de vida das mulheres. Este fato é reafirmado através deste instrumento ora apresentado, formado pela contribuição de depoimentos reais, colhidos a partir da pesquisa de campo desenvolvida e, sobretudo, do referencial teórico selecionado com renomados autores. De fundamental importância, a constituição deste trabalho permitiu detectar e apontar a possível gênese do preconceito engendrado sobre a sexualidade das mulheres amazônicas, apontando as possíveis causas.

Respondendo aos questionamentos lançados por este estudo, comprovamos com a discussão de teorias e relatos verídicos que as mulheres amazônicas não se acham vítimas desse preconceito por não aceitarem que sua forma de ser ou agir seja considerada imoral ou amoral. As mulheres, sujeitos da pesquisa, rejeitaram a ideia de serem consideradas pessoas que vivem ou buscam desesperadamente os prazeres carnavais. Isso de todas as formas não tem sido um processo compartilhado com todas as mulheres dos diversos segmentos sociais, mas, evidentemente, ocorre com a maioria.

A pesquisa comprova que os efeitos deste preconceito podem se apresentar de diversas maneiras, algumas inclusive irreversíveis quando as mulheres sofrem abuso sexual na infância. Esse fato pode, além de aumentar os problemas sociais, prejudicar as práticas sexuais e a sexualidade das mulheres. Perceber na leitura dos corpos o sofrimento e a dor provocados pelo preconceito de gênero, em que a subalternidade das mulheres ainda é presente, foi deveras desafiador. Porém, conseguiu-se identificar que um indivíduo exposto à sua própria dor e à de outrem passa a se sentir melhor ao perceber que outro também sofre tal como ele, fato ocorrido nos casos de traição.

Em Manaus, lugar de nossa pesquisa, constatamos que as mulheres comerciárias vivem a sua condição de trabalhadoras de forma alegre, feliz, embora enfrentem problemas no âmbito dos sentimentos. Nesse contexto, constatamos que no comércio é comum a inveja e o ciúme provenientes da procura dos possíveis compradores (loja), clientes (academias) e patrões (secretárias). Cada uma das mulheres comerciárias quer se destacar entre as demais. Com isso, fazem aflorar rixas e conflitos. Por outro lado, apesar de todas as atribulações, conflitos e invejas, as mulheres, cada uma em sua

função, se aceitam e, aparentemente, se respeitam. Dentro de uma realidade onde atitudes preconceituosas como a censura no olhar do outro (a) está, principalmente, relacionado à forma como a mulher nortista se veste é uma constante. Constatamos nesse âmbito, que a violência doméstica praticada por meio de agressões físicas e morais é recorrente. As mulheres entrevistadas, dificilmente denunciam a agressão por temer o descaso das autoridades e de o agressor ficar mais violento ainda quando denunciado. A denúncia seria uma forma de punir esse tipo de agressão contra os que a praticam.

A partir dos relatos e entrevistas dos sujeitos que participaram dessa amostragem pode-se avaliar que os agressores, provenientes de uma herança patriarcalista, se assumem como detentores da força e do poder de homem agindo com violência através de atitudes que ferem a moral, o físico e o psíquico das mulheres. São inúmeros os casos de mulheres que sofrem esse tipo de violência.

As vendedoras do comércio de Manaus são mulheres que lutam para melhor conduzir as suas vidas e, também, as vidas de suas famílias. Geralmente, comandam seus lares por não possuírem a companhia masculina. Nesse contexto, muitas já tiveram várias relações com homens diferentes, com filhos gerados por pais diferentes. Esse, também, pode ser um dos motivos da fama de mulher fácil, o que não concordamos, não reprovamos e não comprovamos. Percebemos, também, que algumas mulheres preferem uma relação superficial, sem grandes comprometimentos, para escapar de ter ao seu lado homens déspotas que as impeçam de viver suas vidas com liberdade. As mulheres estão optando por não investir em um compromisso sério que demande na submissão delas aos homens.

Na academia de ginástica, as relações entre instrutores e frequentadores são de amizade, desde que se respeite o “eu pago, você me serve”. Casos amorosos e sexuais entre clientes e clientes, instrutores e clientes, proprietários e clientes, instrutores e proprietários é comum. Nas academias o clima entre os frequentadores é de cortesia e amabilidade. Laços de amizade e amorosos são construídos com certa facilidade, assim como podem gerar conflitos. Entendemos que na diversidade de corpos, cujo objetivo é a perfeição das linhas anatômicas, a inveja também se mostra presente, desencadeando naqueles menos favorecidos pela estética, baixa estima e depressão. A corpolatria é um fator contribuinte para algumas dissensões em tal ambiente turbinado pelo uso das drogas anabólicas. Observamos a vaidade e o orgulho com o qual algumas mulheres expõem seus corpos, enquanto que outras procuram timidamente esconder a obesidade

aparente. Os olhares que os homens lançam às mulheres com abundância de glúteos é de pura cobiça. A academia de ginástica, *locus* da presente pesquisa, é um local democrático, desde que se respeite o lugar do outro e todos mantenham uma aparente simpatia.

Nas relações entre patrões e secretárias o clima é mais tenso, porque as relações são extremamente conflituosas e, geralmente, envolvem um triângulo amoroso. O clima é de tensão e tesão. No ambiente mais fechado e particular, as intimidades se constroem quase que automaticamente, o convívio próximo proporciona o início das relações. É extremamente difícil não sucumbir às investidas dos patrões, mesmo porque a escolha destes por uma funcionária para atendê-lo particularmente, é sempre a eleição da mulher bonita e gostosa, pré-requisitos imprescindíveis para que a mulher secretária conquiste o seu emprego.

As mulheres amazônicas se relacionam bem com seus corpos, não se auto definem como lascivas sexuais. Elas possuem um jeito amazonense de ser que as tornam únicas na brejeirice, no poder de sedução com ares de menina inocente, com certo erotismo e exotismo peculiar e natural de raízes indígenas.

Nos seis anos em que mergulhamos no estudo de gênero e sexualidade, em princípio com o mestrado e, depois, com o processo de doutoramento, é perceptível o nosso crescimento, como pesquisadora da área. Mas, principalmente, como pessoa. A cada encontro com os sujeitos da pesquisa, voltávamos aos estudos com maior tenacidade e fixidez na ânsia de atingir os objetivos propostos no projeto. Os diversos autores consultados e referendados, além de outros que não estão nas referências, mas que auxiliaram no desvelar do problema, nos deram o suporte para que, à luz da cientificidade, pudéssemos entender o preconceito que paira sobre a mulher amazônica com relação a sua sexualidade. Acredito que essa seja uma pesquisa inédita no âmbito das comerciárias de Manaus. Dessa forma, é necessário, pois, mais pesquisas que adentrem no mundo das mulheres que, por séculos, foram invisibilizadas e negadas no seu direito de ser e estar mulher.

REFERÊNCIAS

ABREU, Jeanne Chaves. **Dor e prazer no entrelaçamento dos corpos**. São Paulo/SP: Ed. All Print, 2015.

ALBERONI, Francesco. **O Erotismo**. Trad. Élia Edel. Rio de Janeiro/RJ: Ed. Rocco, 1988.

AMENO, Agenita. **A função social dos amantes, na preservação do casamento monogâmico**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

ARAÚJO, Emanuel. **A arte da sedução: sexualidade feminina na Colônia**, in História das Mulheres no Brasil. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

BATAILLE, George. **O Erotismo**. Trad. Fernando Scheibe, 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BARBOSA, Ierecê. **Chão de Fábrica: ser mulher operária no Pólo Industrial de Manaus**. Manaus: Valer, 2007.

BAUDRILLARD, Jean. **Da sedução**. Trad. Tânia Pellegrini. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1991.

BAUMANN, Zygmund. **Amor líquido**. São Paulo/SP: Ed. Zahar, 2004.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo 2: a experiência vivida**. São Paulo: Ed. Nova Fronteira, 1949.

_____. **A Velhice, a realidade incômoda**. São Paulo: Ed. Nova Fronteira, 1970.

BERING, Jesse. **Devassos por natureza: provocações sobre sexo e condição humana**. Trad. Maria Luzia X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BORDO, Susan. **Feminismo, cultura ocidental e corpo**. Trad. Brita Lemos de Freitas. Rio de Janeiro/RJ: Record: Rosa dos Ventos, 1993.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kuhner. 10ª Ed. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro/RJ: 2011.

_____. **Esboço de uma teoria da prática**. Trad. Paula Montero e Alícia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983.

BUENO, Jocian Machado. **Psicomotricidade teoria e prática: estimulação, educação e reeducação psicomotora, contribuições para as atividades aquáticas**. São Paulo: Lovise, 2013.

BURNS, Maria Alves de Toledo e ALMEIDA, Sérgio. **Sexualidade, preconceito, tabus, mitos e curiosidades**. Campinas/SP: Ed. Átomo, 2010.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **O corpo na cotidianidade de diferentes culturas: contribuições das ciências sociais para uma reflexão fenomenológica**. In *Corpo e Existência*. Org. Dagmar Silva Pinto de Castro. São Bernardo do Campo/SP: Ed UESP/FENPEC, 2003.

CANCELA, Cristina Danza e SANTOS, Elayne de Nazaré Almeida dos. **Sexualidades, parcerias, trajetórias: relações homo-afetivas em Belém**. In: *Dossiê Sexualidade e gênero: reflexões teóricas e empíricas*. Ed. Letras e Margens, 2010.

CARVALHO JÚNIOR. Almir Diniz. **A Amazônia dos Viajantes, História e Ciência**. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2011.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Trad. Guy Reynaud. Rio de Janeiro/RJ: Paz e Terra, 1982.

CHURCHLAND, Paul M. **Matéria e consciência: uma introdução contemporânea a filosofia da mente**. Trad. Maria Clara Cescato. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

COELHO, Maria José de Souza. **Moda e sexualidade feminina**. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2003.

CONGRESSO NACIONAL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília / DF, 1990.

COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o corpo, pensar com Foucault**. Trad. Francisco Morás. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.

_____. **Os Stakhanovistas do Narcisismo: body building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo.** In: Políticas do Corpo. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

CUNHA, Euclides. **Amazônia, um paraíso perdido.** Org. Tenório Telles. 2ª ed. Manaus: Valer, 2011.

CUNHA e SILVA, Paulo. **O lugar do corpo: elementos para um cartografia fractal.** Lisboa/Portugal: Ed. Instituto Piaget, 1999.

DABHOIWALA, Faraméz. **As origens do sexo: uma história da primeira revolução sexual.** Trad. Rafael Montovani, São Paulo/SP: Ed. Globo, 2013.

DANIEL. Pe. João. **(1722-1776) Tesouro descoberto no máximo Rio Amazonas.** V. 1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

DEL PRIORE. Mary. **Histórias e conversas de mulher.** São Paulo/SP: Ed. Planeta, 2013.

_____. **Histórias Íntimas, sexualidade e erotismo na História do Brasil.** 2ª ed. São Paulo/SP: Ed. Planeta, 2014.

_____. **Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino.** In História das Mulheres no Brasil. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

DIAS, Edinea Mascarenhas. **A Ilusão do Fausto, Manaus-1890-1920.** 2ª ed. Manaus: Valer, 2007.

D'INCAO, Maria Ângela. **Mulher e família burguesa.** In: História das Mulheres no Brasil. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

DUARTE, Luís Fernandes Dias. **A sexualidade nas Ciências Sociais: leitura crítica das convenções.** In, Sexualidades e saberes: convenções e fronteiras. Org. Adriana Piscitelli, Maria Filomena Gregori e Sérgio Carrara. Rio de Janeiro/RJ: Garamond, 2004.

FEITOSA, Charles. **Alteridade na estética: reflexões sobre a feiura.** In: KATZ, Chaim (org). Beleza, feiura e psicanálise. Rio de Janeiro/RJ: Contracapa, 2004.

FELIPE, Jane. **A erotização dos corpos infantis.** In: Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo. 6ª ed. Petropolis/RJ: Vozes, 2010.

FISCHLER, Claude. **Obeso benigno, obeso maligno**. In: Políticas do Corpo. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. 40ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.

_____. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. 29ª ed. Rio de Janeiro/RJ: Graal, 1979.

_____. **História da Sexualidade 3: o cuidado de si**. Trad. Maria Teresa da Costa Albuquerque. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2014.

_____. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Trad. Maria Teresa da Costa Albuquerque. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1998.

FRAGA, Alex Branco. **Anatomias emergentes e o bug muscular: Pedagogias do corpo no limiar do século XXI**. In: Corpo e História. Org. Carmem Soares. Campinas/SP: Ed. Autores Associados, 2006.

FREITAS, Ricardo Ferreira. **Corpo e Consumo: a estética carioca**. In: Que corpo é esse? Org. Nízia Vilaça, Fred Góes, Esther Kosovski. Rio de Janeiro/RJ: Ed. Mauad, 1999.

FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. **Roma: vida pública e privada**. Rio de Janeiro/RJ: Ed. Atual, 1995.

FURLANI, Jimena. **Mitos e tabus da sexualidade humana**. 3ª ed. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2009.

_____. **Educação sexual: possibilidades didáticas**. Petrópolis: Vozes, 2010.

GIDDENS, Anthony. **Transformação da intimidade**. Sexualidade, amor e erotismo nas Sociedades Modernas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: EDUNESP, 1993.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **A produção cultural do corpo**. In: Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo. 6ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2010.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Trad. Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985.

GOLDEMBERG, Miriam. **A outra: a amante do homem casado**. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2008.

GOUCHER, Candice e WALTON, Linda. **História Mundial: jornadas do passado ao presente**. Trad. Lia Gabriele Regis Reis. São Paulo/SP: Ed. Penso/ARTMED, 2011.

GRAVES, Robert. **Os mitos gregos**. São Paulo: Ed. Dom Quixote, 2008.

GUTIERREZ, Denise Machado Duran. DEWET, Fabíola Mourão Sousa. **Dossiê Sexualidade e Gênero: reflexões teóricas e empíricas**. São Paulo/SP: Ed. Letras a Margem, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro/RJ: DP&A Editora, 2002.

HEILBORN, Maria Luiza. **Entre as tramas da sexualidade brasileira**. In Revista de Estudos Feministas, 14(1): 336, janeiro-abril / 2006.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. Aparecida. São Paulo: Ideias e Letras, 2006.

JOHNSON, Robert A. **She, a chave do conhecimento da psicologia feminina**. Trad. Maria Helena de Oliveira Tricca. São Paulo: Mercúryo, 1993.

KANTON, Kátia. **Corpo, identidade e erotismo, temas da arte contemporânea**. São Paulo/SP: Martins Fontes, 2009.

KERENYL, Karl. **A mitologia dos gregos**. Vol. II, a história dos heróis. Ed. Vozes, 1993.

LAGES, Monica. **Mulheres casadas, viúvas e amasiadas nos seringais do Amazonas**. In História das mulheres do Norte e Nordeste brasileiro. São Paulo/SP: Ed. Alameda, 2015.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Trad. De Fábio dos Santos Creder Lopes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. **A síndrome de Frankstein**. In: Políticas do Corpo. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

LORENCINI, Alvaro; DEL CARRATORE, Enzo. **Epicuro, Carta a Meneceu**. São Paulo: UNESP, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____, Guacira Lopes. FELIPE, Jane. GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 6ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2010.

MALHEIROS, Fernando. **Os laços conjugais e os novos rumos da família**. In: Laço Conjugal. Org. CALLIGARIS, Contardo et. Al. Porto Alegre/RS: Ed. Artes e Ofícios, 1999.

MARQUETTI, Flávia Regina. **Da sedução e outros perigos: o mito da Deusa Mãe**. São Paulo/SP: UNESP, 2013.

MATOS, Maria Helena Ortolan. **Barbosa Rodrigues e o indigenismo brasileiro: quando o naturalista viajante faz mais que olhar e anotar, ele incomoda**. In: Amazônia dos Viajantes, história e ciência. Org. Almir Diniz de Carvalho Júnior e Nelson Matos de Noronha. Manaus: EDUA, 2009.

MESQUITA, Otoni. **Manaus, história e arquitetura (1852-1910)**. Manaus: Valer, 1999.

MEYER, Dagmar Estermann. **Gênero e educação: teoria e política**. In: Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo. 6ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2010.

MORGA, Antônio Emilio. **O cotidiano das mulheres nos seringais do Amazonas**. In: História das mulheres do Norte e Nordeste brasileiro. São Paulo/SP: Ed. Alameda, 2015.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**. Neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

NUNES, César Aparecido. **Desvendando a sexualidade**. 7ª ed. Campinas/SP: Papyrus, 1987.

PAGLIA, Camille. **Personas Sexuais: arte e decadência de Nefertite a Emily Dickson**. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Cia. Das Letras, 1992.

PERNIOLA, Mário. **Pensando o ritual, sexualidade, morte, mundo**. Trad. Maria do Rosário Toshi. São Paulo: Studio Nobel, 2000.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Trad. Angela M. S. Correa. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **De Marianne a Lulu. As imagens da mulher**. In: Políticas do Corpo. Org. Denise Bernuzzi de Sant'Anna. Estação Liberdade, 1995.

PIMENTEL, Adelma e MONTEIRO, Evanildo. **Por que é tão difícil vivenciar a sexualidade na pós-modernidade?** In: Dossiê Sexualidade e gênero: reflexões teóricas e empíricas. Ed. Letras e Margens, 2010.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres dos anos dourados**. In: História das Mulheres no Brasil. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

QUINET, Antônio. **O sujeito: uma neo-latusa**. In: A Sexualidade no séc. XXI. Org. Sonia Alberti. Rio de Janeiro: Ed. Cia. De Freud: CAPES, 2008.

RAGO, Margareth. **As mulheres na historiografia brasileira**. Campinas/SP: Ed. UNESP, 1995.

RABINOW, Paul. **O D.N.A. Francês: biossociabilidade e politização da vida**. Trad. Messias Basques. São Paulo/SP: Ed. Scientiae, 1991.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar, a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista: Brasil 1890-1930**. 4ª ed. São Paul/SP: Paz e Terra, 2014.

RAMINELLY, Ronald. Eva Tupinambá. **In História das Mulheres do Brasil**. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

RAMOS, Jucelem Guimarães Belchior. **A representação social da mulher no contexto da violência conjugal na cidade de Manaus**. Recife/PE: Ed. Bagaço, 2003.

RANDON, Maria A. M. **Afrodite amores e traições**. São Paulo: Ed. Paulinas, 2007.

REICH, Wilhelm. **A função do orgasmo**. Trad. Maria da Glória Novak. São Paulo: Círculo do Livro/Ed. Brasiliense, 1989.

RODRIGUES Jr., O.M. **Parafilias. Das perversões às variações sexuais.** São Paulo: Zagodoni, 2012.

ROVERATTI, Dagmar. **Guia da Sexualidade.** Ed. Daikoku. São Paulo/SP, 2012.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado e violência.** São Paulo/SP: Ed. Perseu Abramo, 2004.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **É possível realizar uma história do corpo?** In: Corpo e História. Org. Carmem Lúcia Soares. 3ª ed. Associados: Campinas/SP, 2006.

_____. **Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil.** In: Políticas do Corpo. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SCHMITT, Jean-Claude. **A moral dos gestos.** In: Políticas do Corpo. Org. Denise Bernuzzi de Sant'Anna. Estação Liberdade, 1995.

SCOTT, Joan Wallach. **História das mulheres.** In: Burke, Peter (org) A escrita da História. Novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

SEGATO, Rita Laura. **Crimes de gênero em tempo de paz e de guerra.**In Gênero e Feminismos: Convergências (in)disciplinares. Org. Cristina Stevens et Aliae, Ed. Ex Libris, Brasília/DF, 2010.

SETENTA, Jussara Sobreira. **O fazer-dizer do corpo: dança e performatividade.** Salvador: EDUFBA, 2008.

SOIBET, Rachel. **Mulheres pobres e violência no Brasil urbano.** In: História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2010.

SOUZA, Octávio. **Uma visita ao amor e à conjugalidade na época de Freud.** In: O Laço Conjugal. 2ª ed. Porto Alegre/RS: Artes e Ofícios Ltda, 1999.

SOUZA, Osvaldo Rodrigues. **História Geral.** Ed. Ática, 1981.

SOUZA, Yeda Swirski de. **Até que a morte os separe.** In: O Laço Conjugal. 2ª ed. Porto Alegre/RS: Artes e Ofícios Ltda, 1999.

STRATHERN, Marilyn. **O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia.** Trad. André Villa Lobos. Campinas/SP: Ed. UNICAMP, 2006.

TELLES, Norma. **Escritoras, escritas, escrituras.** In: História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2010.

TORRES, Iraildes Caldas. **A formação social da Amazônia sob a perspectiva de gênero.** In: Ciências e saberes na Amazônia. Indivíduos, coletividades e etnias. Manaus: EDUA, 2009.

_____. **As novas Amazônidas.** Manaus: EDUA, 2005.

_____. **As primeiras damas e a assistência social: relações de gênero e poder.** São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Mulheres Saterê-Mawé, a epifania de seu povo e suas políticas sociais.** Manaus: Valer, 2014.

TORRES, Iraildes e OLIVEIRA Márcia. **Tráfico de mulheres na Amazônia.** Florianópolis/SC: Ed. Mulheres, 2012.

VANRELL, Jorge Paulete e ALCANTARA, Nilzeth Lourenço. **Lésbicas no divã.** 3ª ed. Leme: J. H. Mizuno. São Paulo/SP, 2012.

VARELLA, Dráuzio. **Ejaculação precoce.** <http://drauziovarella.com.br/sexualidade>, 2010.

VASCONCELOS, Naomi. **Os dogmatismos sexuais.** Rio de Janeiro/RJ: Ed. Paz e Terra, 1971.

VAZ, Paulo. **Corpo e Risco. In: Que corpo é esse?** Org. Nízia Vilaça, Fred Góes, Esther Kosovski. Rio de Janeiro/RJ: Ed. Mauad, 2012.

VITA, Ana Carlota R. **História da maquiagem, da cosmética e do penteado. Em busca da perfeição.** São Paulo: Ed. Anhembi Morumbi, 2008.

ZAMPIERI, Ana Maria Fonseca. **Erotismo, sexualidade, casamento e infidelidade: sexualidade conjugal e prevenção do HIV e da AIDS.** São Paulo/SP: Ed. Ágora, 2004.